



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FÍSICA UFJF/UFV**

ALINE LAILA GOMES

**DISCURSOS E EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE GÊNERO
NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO**

Juiz de Fora
2015

ALINE LAILA GOMES

**DISCURSOS E EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE GÊNERO
NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO**

Dissertação de Mestrado submetida ao PPGEF – Mestrado em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Movimento Humano e Cultura.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ludmila Nunes Mourão

Juiz de Fora
2015

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de
geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pela autora

Gomes, Aline Laila.

Discursos e Experiências Pedagógicas de Gênero no Programa
Segundo Tempo / Aline Laila Gomes. -- 2015.

220 f. : il.

Orientadora: Ludmila Nunes Mourão

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de
Juiz de Fora, Universidade Federal de Viçosa, Faculdade de
Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Educação Física,
2015.

1. Gênero. 2. Políticas Públicas de Esporte e Lazer. 3.
Programa Segundo Tempo. 4. Experiências Pedagógicas. I. Nunes
Mourão, Ludmila, orient. II. Título.

ALINE LAILA GOMES

**DISCURSOS E EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE GÊNERO
NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO**

Dissertação de Mestrado submetida ao PPGEF – Mestrado em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Aprovada em ____ de _____ de 2015, pela Banca Examinadora composta por:

Prof^ª. Dr^ª. Ludmila Nunes Mourão (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Prof^ª. Dr^ª. Lídia dos Santos Zacarias
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Prof^ª. Dr^ª. Angela Brêtas Gomes dos Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

À minha mãe, dona Vera, por me acompanhar nesta caminhada, me escutar nos momentos de dificuldade e euforia, na maioria das vezes sem entender nada. Por todas as orações e dificuldades que passou para poder me ajudar, pelo incentivo e o amor incondicional. A ela, pelo carinho e cuidado, devo esta dissertação.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, fonte de amor e vida, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e pelas pessoas tão especiais que colocou a meu lado e no meu caminho, sem as quais certamente não teria dado conta.

A minha orientadora, **Ludmila Mourão**, pelo suporte, pelas suas correções e incentivos. Sem a sua paciência de me escutar, de enxugar minhas lágrimas e de ouvir minhas inquietações, certamente não teria conseguido organizar as ideias que borbulhavam na minha cabeça. Obrigada pela amizade e atenção.

A esta **Universidade**, seu corpo docente, direção e administração, que oportunizaram a janela pela qual hoje vislumbro um horizonte superior.

Aos meus pais, **Vera** e **Guido**, pelo amor incondicional.

Ao meu irmão **Hermínio**, que apesar de sempre reclamar nunca deixou de me ajudar nos momentos em que mais precisei.

Ao **Gabriel**, companheiro durante todo esse processo, pelo apoio e paciência nos momentos de inquietação e cansaço. Obrigada, amor.

A todos os meus **familiares**, que sempre se preocuparam e torceram por mim, em especial minhas primas **Pricila** e **Claudia** e seus respectivos maridos, **Guilherme** e **Felipe**, sempre presentes nas alegrias e, nos momentos difíceis, dispostos a ajudar.

A meus amigos do mestrado –**Ayra, Vera, Marcelo, Letícia, Igor** e **Tayane** – pelos momentos compartilhados, especialmente ao **Marcelo**, que se tornou verdadeiro anjo e fez mais leve meu trabalho. E a **Letícia**, que me socorreu inúmeras vezes. Obrigada por dividir comigo as angústias e alegrias, me ajudar nas partes burocráticas e também pelas caronas. Foi muito bom poder contar com vocês!

Ao amigo e professor **João Paulo**, presente desde a licenciatura. Foi quem despertou em mim o gosto pela pesquisa, me motivou e sempre incentivou. Sem você, nada disso seria possível.

A todos os professores da licenciatura e do bacharelado na **Faculdade Governador Ozanam Coelho**, em especial à **Leililene**: mais que professora, sempre foi amiga, sempre acreditou em mim e me incentivou de todas as formas possíveis.

Às minhas amigas lindas que sempre torceram por mim, sempre me perguntaram como as coisas estavam, sempre disseram que eu conseguiria e entenderam minha ausência neste período. Eu adoro vocês, **Kátia, Elaine, Glenda, Fernanda** e **Lia**: E também aos meus amigos **Felippe** e **Pablo**.

À **Escola Estadual Senador Levindo Coelho**, para a qual fui nomeada e assumi o cargo no mesmo ano em que iniciei o mestrado. Agradeço à diretora **Déia** e aos vice-diretores **Haroldo** e **Soninha**, que, dentro das suas possibilidades, sempre me ajudaram durante esse processo.

A **Corina**, por abrir as portas de sua casa e me receber com tanto carinho.

A todos os **motoristas** e **trocadores** de ônibus urbanos de Juiz de Fora, pelas informações sempre muito gentis, que me ajudaram todas as vezes em que estava perdida.

Ao professor de inglês **Richarlison**, que foi de suma importância nesse processo. Ao vereador **Isaiás**, pelo apoio. Agradeço também à **CAPES**, pelo apoio financeiro.

A todos os **participantes** da pesquisa, coordenadores (geral e de núcleos) do Programa Segundo tempo em Ubá/MG. A **Aline** e **Luana**, pela ajuda na transcrição das entrevistas. E a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação e estiveram presentes durante essa etapa, o meu “obrigada”.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

Arthur Schopenhauer

“Deus não escolhe os capacitados, capacita os escolhidos. Fazer ou não fazer algo só depende de nossa vontade e perseverança.”

Albert Einstein

RESUMO

O presente estudo discute a relação entre o Programa Segundo Tempo (PST) e a temática de gênero. O PST é um programa do Ministério do Esporte que desenvolve, há mais de uma década, ações de esporte educacional voltadas a atender crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Os objetivos foram: analisar a inserção e permanência de meninas e meninos nos núcleos do PST de Ubá/MG, bem como os processos sociais que resultam em discrepância na participação entre os gêneros; e identificar de que formas os discursos sobre gênero se materializam nas intervenções pedagógicas dos coordenadores de núcleo. Esta pesquisa de natureza qualitativa realizou-se em quinze núcleos do PST na cidade de Ubá/MG, em funcionamento entre 2012 e 2014. O grupo de participantes da pesquisa compôs-se de quinze coordenadores de núcleo, que responderam a entrevistas temáticas individuais semiestruturadas. Foram também realizadas observações exploratórias em quatro dos quinze núcleos, assim como uma entrevista com a professora Silvana Vilodre Goellner, autora do capítulo que discorre sobre Gênero e Sexualidade no livro de Fundamentos do PST. A análise e o tratamento dos dados foram feitos a partir da análise de conteúdo, que permitiu o recorte das falas de acordo com os conteúdos mais significativos. Verificou-se que todos os coordenadores de núcleo do PST/Ubá/MG, durante sua formação acadêmica, discutiram a temática de gênero. Os coordenadores valorizam a capacitação do programa e dos seus temas, em especial do tema “gênero”, para suas práticas pedagógicas nos núcleos; entretanto, destacam a necessidade de agregar mais experiências práticas a essa reflexão. A maioria dos coordenadores apontou dificuldades para inclusão de gênero em seus núcleos e acredita que o gênero do professor não interfere na inserção e permanência dos sujeitos no programa. A maioria absoluta dos núcleos tem mais meninos do que meninas. Todos trabalham com o futsal. O trabalho com turmas separadas acontece no programa, entretanto o critério para as separações não se resume ao gênero, mas também à idade e ao grau de habilidade. A maioria aponta as tarefas domésticas como principal motivo para a dificuldade de inserção e permanência das meninas nos núcleos. Refletir e problematizar as questões de gênero no PST atende as demandas e os objetivos do programa, na medida em que se busca minimizar as desigualdades entre meninas e meninos nas práticas corporais e esportivas.

Palavras-chave: Gênero, Políticas Públicas de Esporte e Lazer, “Programa Segundo Tempo”, Experiências Pedagógicas.

ABSTRACT

This study discusses the relationship between Programa Segundo Tempo - PST (Second Half Program) and gender issues. The PST is a program created by the Brazilian Ministry of Sports, that has been developing educational sports actions for more than a decade to assist children and teenagers in situations of social vulnerability. The aim of this work is to analyze the insertion and retention of girls and boys in the PST center in Ubá/MG, Brazil, as well as the social processes that result in discrepancies in participation between genders. It is also intended to identify in what ways the discourse on gender materializes in the pedagogical interventions of the coordinators of the center. This research of qualitative nature was conducted in 15 PST centers in the city of Ubá/MG in operation between 2012 and 2014. The group of participants was composed of 15 center coordinators who answered semi-structured individually-themed interviews . Exploratory observations were also carried out in 4 of the 15 centers, as well as an interview with teacher Silvana Goellner Vilodre, author of the chapter that discusses Gender and Sexuality in the book "Fundamentos do PST" (PST Basics). Data analysis and processing was made from content analysis, which allowed the choice of discourses according to the most significant content. It was found that all center coordinators of the PST/Ubá/MG during their education, discussed gender issues. The coordinators value the training program and the themes, in particular the theme of "gender" for their teaching practices in the nuclei, however, they highlight the need to add more practical experience to this reflection. Most coordinators pointed out difficulties for the inclusion of gender in their centers and believe that the gender of the teacher does not interfere with insertion and retention of subjects in the program. The majority of the nuclei have more boys than girls. All of them work with futsal. Working with separate classes is common in the program, however the criterion for the separation is not limited to gender, but also age and level of ability. Most coordinators point housework as the main reason for the difficulty of entering and keeping girls in the nuclei. Reflecting and discussing gender issues in the PST meets the demands and objectives of the program in so far as it seeks to minimize the inequalities between girls and boys both in physical and sports activities.

Keywords: Gender, Public Policy in Sports and Leisure, “Programa Segundo Tempo”, Educational Experiences.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Artigos científicos publicados sobre PST 2006-2014	18
Figura 1 - Mapa da cidade de Ubá/MG com os núcleos do PST	31

LISTA DE ABREVIATURAS:

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEME - Centro de Memória do Esporte

CGAPAP - Coordenação Geral de Acompanhamento Pedagógico e Administrativo do Programa Segundo Tempo

FAGOC - Faculdade Governador Ozanam Coelho

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ME - Ministério do Esporte

MG – Minas Gerais

NEE - Núcleo de Esporte Educacional

PELC - Programa Esporte e Lazer da Cidade

PPC – Planejamento Pedagógico para Convênios

PPGEF - Programa de Pós Graduação em Educação Física

PROETI - Programa de Educação em Tempo Integral

PST - Programa Segundo Tempo

SNEED - Secretaria Nacional de Esporte Educacional

SNELIS - Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UFV - Universidade Federal de Viçosa

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CGAPAP - Coordenação Geral de Acompanhamento Pedagógico e Administrativo do Programa Segundo Tempo

SUMÁRIO

1)	INTRODUÇÃO	14
2)	CONSTITUIÇÃO DO ESTUDO	17
2.1)	O Centro de Memórias do Esporte e o PST	17
2.2)	Apresentando o PST	19
2.3)	Gênero e práticas corporais	25
3)	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
3.1)	Os participantes do estudo	31
3.2)	Os instrumentos e a coleta de dados do estudo	32
3.3)	A entrevista	33
3.4)	A tabulação e a organização dos dados	33
4)	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	35
4.1)	Caracterização dos participantes	35
4.2)	Inserção e permanência de meninos e meninas no PST	35
4.2.1)	<i>“Mais fracas e mais frágeis”</i>: a inclusão de gênero nos núcleos do PST	36
4.2.2)	A permanência e predominância dos meninos e a evasão das meninas no PST	42
4.3)	Os discursos dos coordenadores sobre gênero e sua prática pedagógica	50
4.3.1)	Descortinando o gênero no PST	54
4.3.2)	Episódios marcantes durante as observações de Campo	58
5)	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
	REFERÊNCIAS	63
	ANEXO A – Parecer CEP	66
	ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	68
	APÊNDICE A – Ficha de Observação 1	70
	APÊNDICE B – Ficha de Observação 2	71
	APÊNDICE C – Ficha de Observação 3	74
	APÊNDICE D – Ficha de Observação 4	76

APÊNDICE E – Ficha de Observação 5	78
APÊNDICE F – Ficha de Observação 6	79
APÊNDICE G – Ficha de Observação 7	82
APÊNDICE H – Ficha de Observação 8	84
APÊNDICE I – Ficha de Observação 9	87
APÊNDICE J – Ficha de Observação 10	89
APÊNDICE K – Ficha de Observação 11	90
APÊNDICE L – Ficha de Observação 12	92
APÊNDICE M – Roteiro de Entrevista	93
APÊNDICE N – Entrevistado 1	95
APÊNDICE O – Entrevistado 2	100
APÊNDICE P – Entrevistado 3	107
APÊNDICE Q – Entrevistado 4	114
APÊNDICE R – Entrevistado 5	120
APÊNDICE S – Entrevistado 6	127
APÊNDICE T – Entrevistado 7	134
APÊNDICE U – Entrevistado 8	144
APÊNDICE V – Entrevistado 9	158
APÊNDICE W – Entrevistado 10	165
APÊNDICE X – Entrevistado 11	174
APÊNDICE Y – Entrevistado 12	185
APÊNDICE Z – Entrevistado 13	191
APÊNDICE AA – Entrevistado 14	201
APÊNDICE AB – Entrevistado 15	208
APÊNDICE AC – Entrevistada – Prof^ª. Silvana Vilodre Goellner	214

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo discute a relação entre o Programa Segundo Tempo (PST) e a temática de gênero. Ambos os temas ganharam espaço social e acadêmico na área da Educação Física nas últimas décadas. A motivação da pesquisa é compreender as relações de gênero nas atividades físicas e esportivas desenvolvidas no interior do Programa Segundo Tempo, uma política pública¹ de esporte e lazer voltada para crianças e jovens.

Desde os anos 1980, estudos no Brasil e no exterior vêm discutindo questões de gênero na Educação Física, no esporte e no lazer. É interessante destacar que programas governamentais que privilegiam práticas corporais de esporte e lazer vêm, desde a última década, se preocupando com as reflexões de gênero, e até mesmo propondo, em seus documentos, uma abordagem que atenda a todos os segmentos sociais. Alguns exemplos são o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC²) e o PST, que contemplam, em seu material pedagógico, discussões relativas à temática de gênero no lazer e nas práticas corporais e esportivas.

Minha experiência com as políticas públicas de esporte e lazer se estabeleceu ainda no curso de graduação em Educação Física, quando, no ano de 2008, atuei como monitora no PELC no município de Ubá/ MG.

Participar de um programa em que as diretrizes e os objetivos estavam associados à democratização do acesso ao esporte e lazer como forma de construção de cidadanias foi um grande desafio e uma experiência singular na minha formação acadêmica. Como monitora do PELC, pude observar, nas intervenções pedagógicas com os grupos de idosos, que havia uma predominância de mulheres nas atividades, o que não se repetia com os grupos de crianças e jovens, em que a participação era majoritariamente masculina.

As reflexões que realizei sobre o cotidiano do programa, os estudos e debates na área da Educação Física, e em especial a pesquisa que desenvolvi como trabalho de conclusão de curso, na graduação, sobre o PELC e sua implementação na cidade de Ubá, foram fundamentais para a consolidação do meu entendimento de que o esporte e o lazer são bens

¹ O conceito de política pública que será utilizado neste estudo diz respeito a “um conjunto formado por um ou

² É um programa que corresponde a uma política pública e social do governo federal, criado em 2003, que se desenvolve por intermédio da Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social do Ministério do Esporte e que tem como finalidade proporcionar a prática de atividades físicas, culturais e de lazer para todas as faixas etárias, incluindo as pessoas portadoras de deficiência. Disponível em: <http://portal.esporte.gov.br/arquivos/snelis/esporteLazer/diretrizesPELCEdital2013.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2015.

culturais historicamente construídos e fazem parte do rol de direitos sociais³, dos sujeitos em sociedade. Nesse contexto, especificamente sobre os grupos de crianças e jovens, pude perceber que as atividades desenvolvidas, em sua maioria, atendiam aos interesses do gênero masculino, o que me fez questionar: por que alguns grupos são privilegiados no acesso ao esporte e ao lazer? E por que outros, como as meninas, as jovens e as mulheres, ficam muitas vezes à margem desses direitos? Nesse sentido, o que se observa é que a concretização dos direitos passa por inúmeras “barreiras” culturais, sociais e políticas, que têm nas diferenciações de classe social, gênero, geração, etnia, deficiências, dentre outras, sua materialização social.

A partir dessas experiências e inquietações, o interesse em investigar as relações de gênero no contexto de uma política pública de esporte e lazer ganhou força. Nesse sentido, optou-se pela investigação do PST, criado em 2003, que é gerido pela Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (SNELIS), do Ministério do Esporte (ME), e tem como objetivo geral “democratizar o acesso ao esporte educacional de qualidade, como forma de inclusão social de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social” (BRASIL, 2014, p. 6). O programa está em desenvolvimento, e completa 12 anos de funcionamento, o que nos coloca diante de sua consolidação no cenário nacional.

Considerando a relevância desse programa em nível nacional e especificamente no município de Ubá, no estado de Minas Gerais (MG), onde se desenvolveu a pesquisa, interessa-nos também corroborar com as ideias de Goellner *et al.* (2010), no sentido de ampliar o debate na literatura sobre as tensões presentes para a inserção e permanência das crianças e jovens nas atividades de esporte e lazer, contribuindo para aprofundar a compreensão desse processo, os desafios impostos e as alternativas para superar possíveis dificuldades de inclusão de segmentos sociais marginalizados por questões de gênero nas políticas públicas de esporte e lazer. Nesse sentido, objetivamos com o estudo:

- a) Analisar a inserção e permanência de meninas e meninos nos núcleos do PST de Ubá/MG, bem como os processos sociais que resultam em discrepância na participação entre os gêneros; e
- b) Identificar de que formas os discursos sobre gênero se materializam nas intervenções pedagógicas dos coordenadores de núcleo do PST de Ubá/MG.

³ A Constituição Federal de 1988 trouxe o esporte e o lazer como direitos sociais tipificados nos artigos 6º e 217 (BRASIL, 1988).

Um dos desafios para a investigação do tema é compreender “gênero” como marcador identitário, que interdita ou promove oportunidades desiguais de acesso às práticas corporais no PST. Por isso, entendemos ser importante dar voz aos coordenadores de núcleo que atuam diretamente com os beneficiários na oferta das atividades, para revelar o posicionamento deles diante do contexto.

Para tal, organizamos a dissertação em cinco capítulos, a partir desta “Introdução”. No segundo capítulo, “Constituição do Estudo”, começamos a apresentar o Programa Segundo Tempo a partir do Centro de Memória do Esporte, fundamentado no seu manual de diretrizes 2014 e das reformulações realizadas ao longo dos anos; em seguida, discutimos a categoria analítica “gênero” e sua relação com as práticas corporais. No capítulo três, “Procedimentos Metodológicos”, descrevemos o caminho metodológico percorrido pela pesquisa. “Análise e Discussão dos Dados” e “Considerações Finais” integram o quarto e o quinto capítulos, respectivamente. Por fim, são apresentados a lista das referências, os anexos e os apêndices.

2 CONSTITUIÇÃO DO ESTUDO

2.1 O Centro de Memória do Esporte e o PST

O PST é uma iniciativa do ME que há 12 anos vem desenvolvendo ações de esporte educacional voltadas a atender crianças, jovens e adolescentes a partir de 06 anos de idade, especialmente aqueles matriculados nas escolas públicas e em situação de vulnerabilidade social (BRASIL, 2014).

A relevância desse programa junto à política de esporte para crianças e jovens no Brasil provocou, no ano de 2010, a parceria do Ministério do Esporte com o Centro de Memória do Esporte (CEME⁴) da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), através das ações do Projeto Memórias do Programa Segundo Tempo.

O objetivo dessa parceria é registrar as memórias acadêmicas, históricas e de divulgação do programa. Durante os anos de realização desse projeto, uma das ações realizadas foi a de disponibilizar, baseados no movimento de acesso livre à informação, as publicações que se relacionam e\ou são fruto de estudos do PST.

Uma das formas encontradas pela equipe do CEME para divulgar o PST caracteriza-se pelo mapeamento da produção científica, seja ela oriunda do programa ou que verse sobre ele, ressaltando-se a importância de catalogar o que vem sendo produzido sobre o PST como registro da memória do programa e de seus impactos nas políticas públicas.

Na guia publicações do Centro de Memória do Esporte/Programa Segundo Tempo podem ser identificados 42 artigos, 14 anais de congressos, 1 tese, 2 dissertações, 183 monografias e trabalhos de iniciação científica e 4 outras publicações realizadas sobre e no PST, perfazendo na totalidade 246 itens.

Em um levantamento realizado nos artigos científicos publicados, os temas abordados foram relacionados no gráfico a seguir, apontando para a diversidade de temas que são explorados nesses trabalhos.

⁴ Disponível em: <https://memoriaspst.wordpress.com/2014/01/21/monografias-e-tccs-do-programa-segundo-tempo/>. Acesso em: 24 mar. 2015.

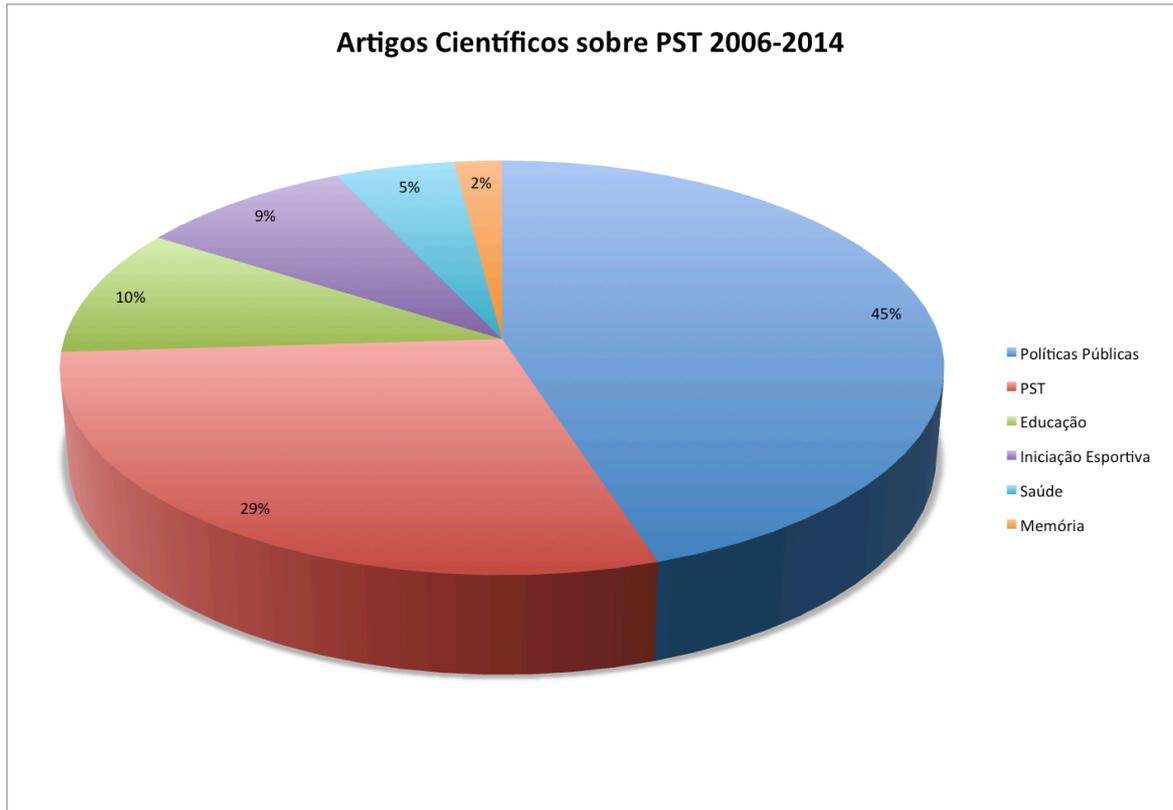


Gráfico 1: Artigos Científicos sobre PST 2006-2014.
Fonte: elaborado pela autora.

Ao converter suas atividades em produção científica, o PST demonstra sua relevância e seu impacto nas políticas públicas de esporte e lazer, além de mostrar a confiabilidade de suas atividades, fomentando e subsidiando trabalhos de ensino, pesquisa e extensão produzidos nas universidades brasileiras.

Durante uma das buscas que realizei sobre a produção acadêmica acerca do PST, deparei-me com a escassez de estudos que pesquisavam e discutiam as questões de gênero no PST. Por outro lado, pude observar que uma das preocupações do programa é justamente refletir sobre as questões de gênero. Apesar de a temática do gênero não estar presente nos objetivos e/ou em suas linhas estratégicas, o programa tem buscado olhar com muita atenção para essas questões. Prova disso é que, dentre os vinte e dois livros⁵ publicados desde 2004, quinze abordam, de algum modo, as questões de gênero, seja em forma de atividades que buscam problematizar o gênero nas práticas corporais e esportivas, ou mesmo na forma de textos que apontam a importância de se abordar a temática durante as atividades do programa.

⁵ Disponível em: <https://memoriaspst.wordpress.com/2014/05/01/programa-segundo-tempo-e-as-questoes-de-genero/>. Acesso em: 29 abr. 2015.

Isso também foi relatado na fala da professora Silvana⁶, que destacou como o ME assumiu a importância dessa discussão nos seus programas.

A seguir, apresentamos o Programa Segundo Tempo a partir do seu Manual de Diretrizes (2014). O PST como programa de referência, da SNEIS/ME, é desenvolvido de forma abrangente e continuada, para que seus resultados possam ser avaliados e mensurados quanto à qualidade, à eficácia e à efetividade de seus objetivos. Nesse sentido, ao longo de mais de uma década de experiência, o programa tem passado por reformulações e aprimoramentos.

2.2. Apresentando o Programa Segundo Tempo

O PST é um programa do Ministério do Esporte que desenvolve, há mais de uma década, ações de esporte educacional voltadas a atender crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

O programa se desenvolve por meio da formalização de convênio entre as entidades públicas e o ME, com vigência pré-estabelecida de 24 meses, dos quais 4 são destinados para estruturação do convênio, 1 para recesso e 19 para a execução das atividades⁷. As atividades são ofertadas nos núcleos⁸ e desenvolvidas no contraturno escolar. O núcleo é composto por um grupo de 70 a 100 beneficiados, e a cada um são ofertadas, no mínimo, 3 modalidades esportivas, de caráter educacional, sendo 2 coletivas e 1 individual até os 15 anos completos; a partir dessa idade, pode-se ofertar apenas uma modalidade, de acordo com o interesse dos beneficiados (BRASIL, 2014).

Os profissionais que integram a equipe do programa são: coordenador-geral, coordenador-pedagógico, coordenador-setorial (sendo este último somente em convênio a partir de 20 núcleos) e o profissional/professor de Educação Física ou Esporte (coordenador de núcleo).; e ainda o acadêmico de Educação Física ou Esporte (monitor) (BRASIL, 2014).

⁶ A professora Silvana Vilodre Goellner concedeu uma entrevista informal à Pesquisadora. Os detalhes dessa entrevista encontram-se descritos no capítulo 3 - “Metodologia”.

⁷ O ideal é respeitar o calendário escolar e, durante o período de férias escolares, oferecer a Atividade Concentrada, que é opcional e trata-se da oferta de “opções de lazer que preencham o tempo livre de forma prazerosa e ao mesmo tempo construtiva, por meio do desenvolvimento de atividades lúdicas, esportivas, artísticas, culturais, sociais e turísticas, essencialmente diferenciadas daquelas que o núcleo desenvolve durante o ano” (BRASIL, 2014, p. 13).

⁸ O núcleo não se refere ao espaço físico onde são desenvolvidas as atividades, mas à sua composição, podendo funcionar em um ou mais espaços físicos, desde que estejam sob a mesma coordenação e tenham como referência a sede do núcleo (BRASIL, 2014, p. 8).

A carga horária de atendimento nos núcleos é de 20 horas semanais, com a presença do acadêmico durante todo o tempo, das quais 18 horas se destinam a atividades e 2 horas a planejamento (BRASIL, 2014).

O ME tem um cuidado especial com os materiais esportivos e preza pela sua qualidade, disponibilizando o recurso e a sugestão dos itens para aquisição desses materiais. Além disso, também fornece um kit de uniformes para cada núcleo.

Dentro do PST, um processo que se destaca é o da Capacitação e Acompanhamento Pedagógico. O ME, através da parceria firmada com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e seus projetos especiais, mantém “uma rede de inteligência por meio de equipes nacionalmente constituídas e coordenadas por professores mestres/doutores ligados a Instituições de Ensino Superior, denominadas Equipes Colaboradoras” (BRASIL, 2014, p. 14). A função dessa equipe é promover

Acompanhamento pedagógico do trabalho desenvolvido nos núcleos; assessoria aos profissionais/professores dos núcleos na construção de suas propostas pedagógicas de forma a atender às diretrizes do PST; visitas de avaliação “in loco”; plantão permanente à distância; a capacitação dos recursos humanos envolvidos. (BRASIL, 2014, p. 15).

Essa parceria possibilita a oferta obrigatória da Capacitação Gerencial (destinada ao Coordenador-Geral e Pedagógico) e da Capacitação Pedagógica (destinada ao Coordenador Pedagógico, Setorial e Professor de Educação Física e/ou Esporte). “Ao final da capacitação, os coordenadores e professores devem reconhecer os princípios centrais do PST, suas bases de fundamentação teórica e dominar como essas orientam as práticas pedagógicas no atendimento aos beneficiados” (BRASIL, 2014, p. 15).

A capacitação é realizada em 2 dias. São apresentados 8 temas: 1) Fundamentos do PST; 2) Fundamentos do lazer e da animação cultural; 3) Corpo, gênero e sexualidade; 4) Desenvolvimento e aprendizagem motora; 5) Questões da deficiência e as ações no PST; 6) Organização e desenvolvimento pedagógico do esporte no PST; 7) Procedimentos metodológicos para o PST; e 8) Planejamento do PST. O acompanhamento das ações é feito através de

Visitas presenciais – realizados por um avaliador da equipe colaboradora, designado pela Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social; Relatórios de Acompanhamento – elaborado semestralmente pela coordenação do núcleo; Relatório da Entidade de Controle Social - elaborado anualmente pela entidade indicada no projeto. (BRASIL, 2014, p. 15).

Sobre as diretrizes e as orientações pedagógicas do PST, Garanhan e El Tassa (2013, p. 283) falam que elas

[...] se apresentam como uma forma inovadora de contribuir para uma proposta de Educação Física que atenda às exigências presentes nos projetos sociais. Para isto, propõem-se práticas esportivas interessantes, as quais contribuem para a formação da cidadania [...].

Em seu estudo sobre o papel das prefeituras na difusão do PST, Santos et al. (2014) inferiram que, em dez anos de implantação do programa (2003 a 2012), apenas 435 municípios do território nacional assinaram termo de convênio com o ME, o que representa menos de 10% do total. Os autores têm algumas hipóteses para isso: “as prefeituras tiveram poucos estímulos à adesão (ganhos pouco atrativos à adesão), algumas dificuldades (principalmente operacionais) de aderir ao programa ou ele (o PST) não compõe o pacote de preferências dos governos municipais” (SANTOS *et al.*, 2014, p. 4). Observaram ainda que as regiões mais desenvolvidas, Sul e Sudeste, foram responsáveis por mais de 62,53% da difusão, considerando apenas aquelas prefeituras que se conveniaram ao programa. Esse resultado acabou por reproduzir a desigualdade distributiva regional, a qual se propõe a combater. Vale ressaltar que muitas vezes o programa torna-se alvo de disputas políticas nas prefeituras e tem concorrência com outros projetos já em execução nas cidades, o que atrapalha a formalização e muitas vezes interfere na execução do convênio.

O PST, ao longo desses 12 anos de existência, passou por diversas reformulações, e encontra-se em permanente evolução. Muitas foram as mudanças, com a preocupação não só de ampliar o número de beneficiados, mas também de qualificar o atendimento oferecido às crianças, aos adolescentes e aos jovens que integram os núcleos. Essas mudanças dizem respeito à concepção do programa, à sua gestão, a aspectos operacionais e também administrativos da execução dos convênios (OLIVEIRA; PERIM, 2009).

Uma dessas mudanças já foi citada anteriormente: é a parceria com as Instituições de Ensino Superior. Essa parceria teve como objetivo “dar um novo significado à Política de Esporte Educacional, promovendo discussões conceituais e a produção coletiva de sua nova concepção” (OLIVEIRA; PERIM, 2009, p. 13). Outra mudança ocorreu em 2007, quando estabeleceu-se como obrigatória a graduação em Educação Física ou Esporte para os profissionais que coordenam os núcleos, exigência esta extensiva aos monitores de atividades esportivas.

No ano de 2008 foi publicado o livro “Fundamentos Pedagógicos para o Programa Segundo Tempo”⁹. Esse material foi elaborado com base nas vivências dos profissionais e nos resultados obtidos no experimento de capacitação para o PST, desenvolvido nas regiões de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, por meio de um convênio com a Fundação de Apoio à UFRGS. A partir desse material, foi desenvolvido o novo desenho para a capacitação dos recursos humanos (OLIVEIRA; PERIM, 2009). Em 2008, ocorreu o 1º Ciclo Nacional de Capacitação dos coordenadores de núcleo do PST.

Enquanto o 1º Ciclo de Capacitação se desenvolvia, foram sendo identificadas lacunas no processo de formação, entre as quais destacou-se a necessidade de revisão e aprofundamento dos fundamentos pedagógicos estabelecidos inicialmente. (OLIVEIRA; PERIM, 2009, p. 16).

A partir das avaliações realizadas pelas equipes colaboradoras, percebeu-se que existia uma diversidade no PST (condições estruturais; atuação dos recursos humanos envolvidos; conteúdo e estratégias do trabalho realizado; características e envolvimento dos participantes; e os resultados obtidos junto à comunidade atendida). Assim, conclui-se que “essa realidade plural necessita de múltiplos olhares para ser compreendida e de diferentes estratégias de atuação para dar conta de sua complexidade” (OLIVEIRA; PERIM, 2009, p. 16).

Esse aspecto promoveu uma reflexão coletiva sobre os fundamentos do PST, que resultou na segunda edição do seu livro de fundamentos. Alguns dos autores iniciais, com a ajuda de outros que a eles se juntaram durante o processo, desenvolveram a nova proposta pedagógica. Esse novo material buscou adequar a proposta pedagógica inicial à realidade do programa, além de aprofundar algumas temáticas que apareceram como essenciais no desenvolvimento das ações pedagógicas. Oliveira e Perim (2009) destacam que

Embora a essência da proposta tenha sido mantida, todos os temas foram aprimorados, e alguns como o Gênero e a Sexualidade, bem como as Questões da Deficiência, mereceram capítulos próprios, aprofundando os conceitos e oferecendo possibilidades reais de acolhimento das diferenças. (p. 16).

Sobre a inserção do tema “gênero” e o aprofundamento da discussão dessa temática no PST, foi realizada uma entrevista informal com a professora Silvana Vilodre

⁹ OLIVEIRA, A. A. B.; PERIM, G. L. (Orgs.). **Fundamentos pedagógicos para o Programa Segundo Tempo**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2008.

Goellner (Apêndice AC), que é a responsável pela escrita do capítulo “Corpo, gênero e sexualidade” na reformulação do livro de fundamentos do programa. Nessa conversa, questionou-se a inserção da discussão dessa temática no livro de fundamentos, as capacitações e a aceitação do tema, bem como o retorno dessas discussões percebido pela professora nas capacitações em que ela participou. Além disso, refletimos a respeito da importância dessa discussão no currículo dos cursos de Educação Física.

A professora Silvana nos explicou que, em uma apresentação da qual participou sobre os fundamentos do PST realizada na UFRGS, ela mesma chamou a atenção para a necessidade de se ter uma discussão mais aprofundada sobre as questões de gênero no programa. Em suas palavras¹⁰:

“[...] nessa apresentação eu perguntei e chamei a atenção que achava que tinha que ter uma discussão mais aprofundada sobre as questões de gênero porque existia um número de meninas muito menores que o número de meninos acho que aproximadamente não chegava a trinta por cento e que eu achava que a discussão tinha que ser potencializada no sentido de tentar estratégias pedagógicas que as meninas aderissem ao programa e permanecessem no programa.”

Conforme mencionado anteriormente, já existia a discussão da temática no primeiro livro de fundamentos do PST. No entanto, na segunda edição do livro, essa discussão foi ampliada. Nesse sentido, a professora Silvana relata que, paralelo ao livro do PST, foi desenvolvido um material pedagógico para o PELC: “Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer”, em parceria com Sebastião Josué Votre, Ludmila Mourão e Márcia Luiza Machado Figueira. A partir disso, ampliaram-se as ações do PST com outras publicações de livros, além de vídeos para as capacitações de todos com discussões relativas à temática de gênero. Conforme ressalta a professora Silvana: “o que eu acho legal assim de ressaltar é como que o Ministério do Esporte assumia discussão de gênero como uma discussão de importância nos seus programas sociais, então tanto o PST quanto o PELC fazem, tem a discussão”.

Quanto às capacitações, a professora Silvana explica que, devido à grandeza do programa, é difícil avaliar de forma geral como o tema está sendo abordado, bem como a maneira como ele é aceito. Segundo ela, as equipes colaboradoras fizeram um exercício de ir a alguns núcleos e avaliar como alguns temas têm sido trabalhados. Nesse processo, foi

¹⁰ As falas dos entrevistados serão destacadas com o uso de itálico e aspas duplas.

possível identificar que a discussão sobre gênero e sexualidade apareceu como importante, mas ainda com dificuldades para trabalhar.

“A discussão sobre gênero e sexualidade foi uma discussão que apareceu como importante, porém com dificuldades para trabalhar ‘tinha que ter mais exemplos’. [...] mas não tem uma avaliação sistemática assim, tem um exercício avaliativo que foi feito e que foi considerada uma discussão importante, mas que precisa enfim ser mais aprofundada, ou ser mais... não tanto ser aprofundada do ponto de vista teórico, mas como então fazer com que as meninas permaneçam lá? Como que eu faço quando chega um aluno com problemas de assédio sexual ou que sofreu violência sexual... essa dificuldade que eles tem, me parece.” (Professora Silvana).

Quanto à elaboração do material sobre o tema, a professora Silvana relata:

“Eu sinto que uma discussão de sexualidade incomoda não é uma discussão fácil, mas assim não tem nenhuma, tipo ‘não pode fazer’, mas ao mesmo tempo talvez ela não seja trabalhada nas capacitações porque não é fácil de se trabalhar porque implica muitas coisas, implica preconceito, implica conceitos historicamente construídos né, implica suas próprias crenças, [...] mas assim nem um momento a equipe pedagógica disse ‘olha, esse tema tu não pode abordar’, não... sempre tive muita liberdade pra escrever aquilo que eu queria escrever pra dizer aquilo que eu quero dizer”.

Perguntamos também sobre as possíveis limitações no currículo de Educação física e a repercussão na prática pedagógica dos profissionais do PST. A professora Silvana destaca que muitos cursos não trabalham com essa temática e que os livros do PST são os documentos mais baixados no CEME. Em suas palavras:

“[...] os livros do PST são os documentos, mais baixados da universidade toda, isso tem um impacto, ou seja, quem que recebe o livro do PST? ele não é um livro que é vendido, ele é entregue gratuitamente pelo ME para os núcleos que tem o PST, então não está nas universidades, mas a temática ela é referência para as universidades então os muitos alunos, professores, baixam, fazem o download, desses materiais, e é isso, essa formação, essas discussões não passam na formação, grande medida não passam se não tem algum pesquisador ou pesquisadora que trabalha com essas temáticas no corpo docente, mesmo as questões, a questão com raça e a etnia, não passa, não passa, passa batido; não existe a discussão, não existe; então acho que mostra claramente a deficiência dos currículos de formação pra trabalhar com essas temáticas, porque elas não estão colocadas, eu tenho clareza [...]”.

A professora Silvana destaca também a relevância e a importância dos legados deixados pelo PST: *“[...] eu acho, de novo, que o PST tem um legado importante, uma*

contribuição importante, que é produção destes materiais, que eles estão, eles ficam para além do projeto porque a gente inclusive os disponibiliza pra que eles possam ser acessados e não se pague por eles [...]”.

Para concluir essa conversa, gostaria de deixar registrada a fala da professora sobre o respeito às diferenças e o efeito das discussões sobre gênero na participação dos sujeitos no PST:

“[...] é pensar que as diferenças no mínimo precisam ser respeitadas e não toleradas só, quando eu tolero o outro e me sinto ainda melhor que o outro eu apenas te tolero e não te respeito esses são temas que eu acabo trabalhando goste ou não goste, pactue ou não pactue; não posso simplesmente evitar que alguma pessoa participe de um projeto social gratuito para crianças em situação de vulnerabilidade que não tem acesso as práticas corporais e muitas vezes o lanche que eles comem é lá porque enfim, não atendem as normas de gênero ou sexualidade, então um pouco dessa discussão que a gente vai fazendo...”

O PST busca atender as demandas sociais de acesso ao esporte e ao lazer independentemente de condições socioeconômicas e tem como um dos seus princípios a democratização da participação. Nesse sentido, o programa faz reflexões sobre as questões de gênero. O próximo item trata da conceituação de gênero e das práticas corporais.

2.3 Gênero e práticas corporais

Historicamente, o conceito de gênero surgiu para desestabilizar a afirmação de que homens e mulheres são masculinos e femininos somente pelas diferenças corporais e que estas poderiam justificar desigualdades e lhes atribuir funções e papéis na sociedade.

Autores como Joan Scott (1995), Guacira Louro (1997) e Silvana Goellner (2009) colocam o gênero como uma construção cultural. Isso significa que o gênero está relacionado a diferentes discursos em determinado contexto social e tempo. Ou seja, está em constante mudança e não está acabado.

Araújo (2005) explica que o termo “gênero”, anteriormente usado somente para diferenciar indivíduos ou coisas sexuadas, como masculino ou feminino, nas últimas décadas vem sendo usado, pela literatura feminista, com outras características: “ênfatisa a noção de cultura, situa-se na esfera social, diferentemente do conceito de ‘sexo’, que se situa no plano biológico, e assume um caráter intrinsecamente relacional do feminino e do masculino” (p. 42).

Para Scott (1995), o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social. Nas palavras da autora, “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais”. Assim, o que seria adequado aos homens e às mulheres são criações inteiramente sociais.

A construção do gênero e da sexualidade é um procedimento circunstanciado, sutil e inacabado que acontece ao longo de toda a vida por meio de diversas aprendizagens e práticas escancaradas ou mascaradas que são incentivadas por diversas instâncias e espaços sociais, que têm o poder¹¹ de decidir e inscrever em nossos corpos marcas e normas que devem ser seguidas (LOURO, 2008). Nesse sentido, Goellner et al. (2009a, p. 10) definem gênero como:

Condição social através da qual nós nos identificamos como masculinos e femininos. Não é algo natural que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os sujeitos a partir daquilo que se identifica como masculino e feminino.

Dessa forma, “gênero” melhor explica o que a sociedade representa sobre masculino e/ou feminino. Não se nega a biologia, mas se coloca que o conceito é muito mais fundamentado na cultura do que na anatomia dos corpos.

Conforme Deive *et al.* (2011), os estudos sobre a temática de gênero na Educação Física brasileira acentuam-se após a década de 1980, com o surgimento dos primeiros Programas de Pós-Graduação *Stricto-Sensu*. Nessa época passou-se a questionar o argumento da biologia que sempre foi utilizado como justificativa para excluir as mulheres de determinadas práticas esportivas. Os autores mapearam os estudos de gênero na Educação Física brasileira e identificaram

a existência de grupos de pesquisa consolidados na Educação Física (EF), intelectuais com doutoramento na área Gênero na EF e no Desporto, além de um número significativo de dissertações e teses defendidas desde a década de 1980. Foi possível identificar na literatura da EF, 14 livros publicados sobre a temática, sendo pioneira a obra “Corpo, Mulher e Sociedade”, organizada por Elaine Romero (1995) (p. 100).

¹¹ O poder é inerente às relações sociais dos sujeitos. Estes são micropoderes difusos, constantemente subvertidos e alternados. Dessa forma, nenhum poder exerce tão alto grau de coerção que não abra espaço para subversões cotidianas e alternâncias desse mesmo poder (FOUCAULT, 1992).

No entanto, como alerta Goellner (2001), os estudos de gênero na Educação Física estão ainda em construção e, como tal, apresentam equívocos epistemológicos, analíticos, conceituais e políticos, nem sempre se referindo ao gênero como construção cultural, social, histórica e relacional.

Nesse sentido, Meyer (2005) expõe que o conceito de gênero indica que nós aprendemos a ser homens e mulheres do momento em que nascemos até o dia em que morremos, e essa aprendizagem se processa em diversas instituições sociais, a começar pela família, passando pela escola, pela mídia, pelo grupo de amigos e pelo trabalho, entre outros.

Na visão dessa autora, como nós nascemos e vivemos em tempos e lugares específicos, o gênero reforça a necessidade de se pensar que há muitas formas de sermos mulheres e homens ao longo do tempo, ou no mesmo tempo histórico, nos diferentes grupos e segmentos sociais. Ou seja, é um conceito que procura enfatizar a construção relacional e a organização social das diferenças entre os sexos, desestabilizando dessa forma o determinismo biológico e econômico vigente, até então, em algumas das teorizações anteriores. Essas ideias são reforçadas por Louro (2008, p. 01), que coloca que

gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado.

Assim, conforme Sousa e Altmann (1999), são inúmeros os conflitos e as dificuldades dos educadores no enfrentamento das questões de gênero presentes na cultura escolar, especialmente nas aulas de Educação Física, pois trata-se de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente.

Helena Altmann (1998) buscou analisar as relações de gênero entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física, nos recreios e eventos, como jogos e competições. Um dos pontos abordados pela autora são as formas de exclusão, as quais se constituem a partir de quatro categorias que formam um emaranhado de exclusões vividas em aulas, recreios e eventos, a saber: gênero, idade, força e habilidade. Corroborando com as análises da autora, Dornelles (2006) reitera que

vários fatores possibilitam a participação de meninos e meninas nas aulas, entretanto as suas diferenças construídas cultural e historicamente ainda são, muitas vezes, utilizadas como argumentos na sustentação de práticas, atividades e conteúdos que constituem desigualdades de oportunidades e vivências motoras entre estes grupos nas aulas de Educação Física entendendo que as aulas separadas entre meninos e meninas não apenas operam uma

separação física entre dois grupos, mas são espaços que ensinam masculinidade(s) e feminilidade(s), sobre o que é adequado para meninos e meninas na Educação Física escolar. (p. 5).

Chan-Vianna, Moura e Mourão (2010) – em um estudo que objetivou analisar as argumentações que sustentam a afirmação de discriminação das meninas nas aulas de educação física, na produção das pesquisas dos programas *sensu stricto* em Educação Física do banco de teses da CAPES – identificaram e analisaram cinco estudos a partir das categorias analíticas: propostas das pesquisas; discriminação nas aulas de educação física; a esportivização e o sexismo; e o conceito de sexismo. Em seus resultados, os autores mostram que as pesquisas, de um lado, denunciam o sistema escolar por reforçar o sexismo, mas, por outro, apontam que o gênero não é o único fator de inclusão e exclusão.

Dessa forma, é importante reforçar como as problematizações sobre as relações de gênero na Educação Física vêm se estruturando como uma relação produtiva, possível e necessária.

No contexto das políticas públicas, em um estudo acerca da produção científica sobre políticas públicas para a Educação Física, com abordagem sobre gênero e raça, Monteiro *et al.* (2012) perceberam que a discussão sobre políticas públicas que considera a temática de gênero ainda é pequena quando contempla as atividades físico-esportivas e o lazer, e que o tema “raça” ainda não foi discutido sob essa visão. Os autores destacam que os estudos sobre gênero e raça nas políticas públicas, publicados no período 2001 a 2010, ainda despertam tímido interesse dos pesquisadores e pautam-se em visões de exclusão e inclusão de grupos que ainda carregam a denominação de discriminados e minoritários.

Sobre a formação e atuação dos professores em projetos, Garanhani e El Tassa (2013, p. 276-277) colocam:

Sua ação em projetos sociais é a de **formador** ao contribuir com a educação de crianças, adolescentes e jovens que se encontram em situação de risco social. Sua intervenção profissional se traduz em: acesso aos saberes, conceitos e práticas de nossa sociedade que poderão se transformar em ferramentas de trabalho, possibilidades educacionais e, por fim, conquistas de autonomia pessoal e profissional das crianças, adolescentes e jovens do nosso país (Grifo dos autores).

Ainda sob a ótica das políticas públicas voltadas para o esporte e lazer no Brasil, Goellner *et al.* (2009a) destacam que a desigualdade de oportunidade nas relações de gênero é uma questão que, muitas vezes, não aparece contemplada na proposição dessas políticas públicas. De acordo com os autores,

para fazermos uma intervenção de qualidade no que diz respeito à democratização ao acesso às práticas esportivas e de lazer, bem como à educação dos sujeitos envolvidos nestas atividades, precisamos problematizar os discursos e questionar as práticas que circulam no seu entorno muitas das quais, historicamente, têm reforçado atitudes sexistas e racistas. (GOELLNER *et al*, 2009a, p. 05).

Estudos como os de Pyrlo e Rossetti (2005), Salles-Costa *et al*. (2003) e Goellner *et al* (2009b) têm mostrado que as mulheres ainda têm menor participação, em relação aos homens, em atividades esportivas e de lazer. Esses estudos evidenciaram que a menor participação feminina deve-se à limitação do tempo das mulheres em virtude das obrigações com tarefas domésticas e familiares. Nesse aspecto, Werle (2011, p. 47) ressalta:

Apesar das novas concepções resultantes de toda uma teorização e discussões sociais acerca das questões de gênero, dos discursos políticos e politicamente corretos em favor da igualdade de gênero, e da incorporação dos direitos civis e sociais, incluindo homens e mulheres sob a mesma perspectiva de cidadãos pela constituição, alguns estudos mostraram que ainda persistem fatores que dificultam o acesso feminino ao esporte e ao lazer, especialmente deste como manifestação cultural.

Goellner *et al*. (2009a) encontraram na literatura uma lacuna quanto à análise e à interpretação dos vieses de gênero nas atividades de esporte e lazer, ou seja, há uma carência de estudos refletindo sobre o processo de desigualdade de oportunidade nas relações de gênero em políticas públicas de esporte e lazer, o que nem sempre fica explícito na formulação dessas políticas. Conforme os autores,

Existe a percepção de que, em vários programas sociais, existem diferenças de acesso e permanência ao esporte e ao lazer entre meninos e meninas, homens e mulheres; brancos, pardos, negros e índios, crianças, jovens, adultos e velhos, heterossexuais e homossexuais, deficientes físicos e não deficientes, ricos e pobres. Constatamos também que, em função desses marcadores identitários, alguns sujeitos são excluídos, da prática de atividades corporais e esportivas ou, quando incluídos, não tem as mesmas condições de permanecerem nas atividades. (GOELLNER *et al*., 2009a, p. 4).

No trabalho com políticas de inclusão¹², é necessário, primeiramente, levar em conta que essas rejeições e exclusões advêm de preconceitos de diferentes ordens. É preciso considerar também que esses preconceitos acabam por limitar o acesso ao esporte e ao lazer, ou restringir tal acesso às pessoas que buscam aderir às diferentes formas de vivenciá-los (GOELLNER *et al.*, 2009a).

Quando nos deparamos com situações como essas, estamos diante daquilo que chamamos de discriminação, que decorre de diferentes fatores, entre eles: gênero, orientação sexual, raça/etnia, classe social, habilidade, idade e padrão corporal. Nesse sentido, o presente estudo relaciona-se à temática das relações de gênero tendo como campo empírico o PST, que é gerido pela SNELIS do ME.

Os núcleos do PST apresentam integrantes de diferentes contextos socioculturais e econômicos, e os coordenadores responsáveis por eles também apresentam diferenças, principalmente no que se refere à formação profissional. Esse fato faz concluir que implantar pedagogicamente diretrizes educacionais públicas requer um empenho para lidar com diferentes formações, com a falta de experiência profissional e, principalmente, a fragilidade de conhecimentos para concretizar ações pedagógicas (GARANHANI; EL TASSA, 2013).

¹² Como definição de inclusão, usamos o conceito exposto por Goellner *et al.* (2009a, p. 12): “Direito de convivência das pessoas que se afastam do padrão dominante, em diferentes espaços sexuais e étnico-raciais, independentemente das diferenças face ao padrão”.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo (BAUER; GASKELL, 2002), do tipo descritivo. O lócus investigativo é o Programa Segundo Tempo, na cidade de Ubá, município do estado de Minas Gerais (MG). A pesquisa de campo¹³ deste estudo realizou-se em quinze núcleos do PST existentes na cidade de Ubá/MG, em funcionamento entre 2012 e 2014. O programa se desenvolveu no município de Ubá através da formalização do convênio entre o Ministério dos Esportes e a prefeitura municipal.

O PST foi implantado em sete escolas públicas, dois clubes, três quadras poliesportivas de bairros e ainda contou com dois núcleos na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE)¹⁴ e um núcleo no Centro de Assistência Integral à Criança (CAIC), no município de Ubá.

O município de Ubá fica localizado na mesorregião da Zona da Mata mineira, a 297 km da capital, Belo Horizonte. Tem como principal atividade econômica a produção moveleira e possui uma população de 101.519 habitantes (IBGE, 2010).

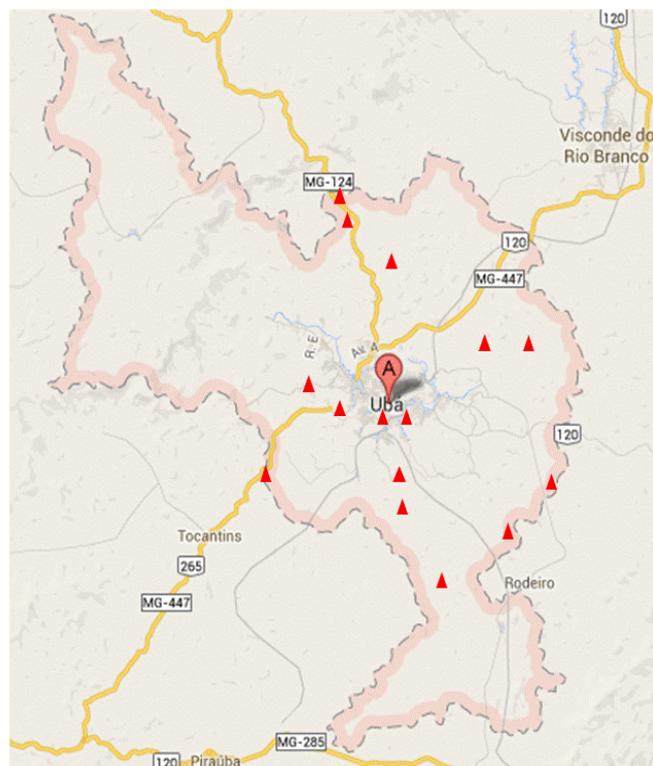


Figura 1: Mapa da cidade de Ubá/MG com os núcleos do PST.

Fonte: Google Maps.

¹³ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisas com Seres Humanos da UFJF sob o parecer nº 718.341.

¹⁴ A sede da APAE de Ubá é no centro da cidade, mas são realizadas atividades na zona rural de Córrego Alegre.

Os bairros contemplados com núcleos do PST são: Jardim Esperança; Primavera; Louriçal; Bom Pastor; Inês Groppo; Olaria; Diamante; Vila Regina; Vitória; Caxangá; Centro; Santa Cruz e Povoado São Domingos.

3.1 Os participantes do estudo

O grupo de participantes da pesquisa foi composto por quinze coordenadores de núcleo, sendo 6 homens e 9 mulheres, com idades entre 23 e 35 anos. Por questões éticas, a fim de manter o anonimato dos entrevistados, os participantes foram identificados nesta pesquisa por números de 1 a 15, seguindo a ordem em que as entrevistas foram realizadas.

3.2 Os Instrumentos e a coleta de dados do estudo

As “observações sistemáticas” ocorreram em quatro núcleos, escolhidos de forma aleatória, e foram feitos registros em caderno de campo¹⁵. Observamos nove aulas do projeto no período de abril a junho de 2014, Esse número de observações deveu-se ao período restrito entre o calendário de execução do convênio do programa no município de Ubá e o desenvolvimento desse estudo.

Como instrumento de pesquisa, utilizamos “entrevistas temáticas individuais”¹⁶ semiestruturadas (BAUER; GASKELL, 2002). Foi elaborado um roteiro composto por quatro blocos de questões que versavam sobre: I) caracterização dos participantes; II) formação acadêmica/curricular, capacitação profissional no PST e o tema “gênero”; III) a intervenção pedagógica dos coordenadores e os aspectos relacionados à inserção e permanência dos sujeitos nos núcleos; e IV) inserção e permanência de meninas e meninos, bem como os processos sociais que resultam em uma possível discrepância na participação entre os gêneros nesse processo. Na análise e discussão dos dados foi feita a união dos blocos II e III para uma melhor exposição e discussão dos dados.

Esses blocos de questões buscaram caracterizar os participantes do estudo, analisar a formação acadêmica e a formação continuada para atuar no PST, identificar e analisar de que formas as temáticas de gênero são trabalhadas nas intervenções pedagógicas do PST/Ubá.

¹⁵ As fichas de observação sistemática que compõem o caderno de campo constam nos Apêndices de A a L desta dissertação.

¹⁶ O roteiro de entrevista temática encontra-se no Apêndice M e passou pelo processo de validação por pares.

As entrevistas, previamente agendadas com os participantes e realizadas em locais indicados por eles, foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas na íntegra. No momento que antecedeu a entrevista, os participantes autorizaram a gravação de suas entrevistas e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹⁷ (TCLE).

3.3 A entrevista

Destaca-se que neste processo foi também realizada uma “entrevista informal” com a professora Silvana Vilodre Goellner, que foi transcrita na íntegra e consta no Apêndice AC deste trabalho. A entrevista informal, também chamada de não estruturada, objetiva levar a uma visão geral do problema pesquisado e é quase uma conversa. Nesses casos, comumente recorre-se a informantes-chave, especialistas no assunto (GIL, 1999).

Nosso foco foi compreender a inserção e o aprofundamento da discussão do tema “gênero” no material pedagógico do PST, processo em que a professora Silvana participa ativamente como consultora. Perguntamos também sobre a participação dela nas capacitações e sua percepção a respeito da aceitação relativa ao tema, assim como sobre os currículos dos cursos de Educação Física.

3.4 A tabulação e a organização dos dados

A tabulação dos dados começou a partir das perguntas e respectivas respostas. Para cada pergunta foi elaborado um quadro com os nomes dos quinze coordenadores listados à esquerda e suas respectivas respostas, à direita. A análise desses conteúdos possibilitou o recorte das falas de acordo com os conteúdos mais significativos.

De posse das respostas já organizadas nos quadros, procuramos estabelecer relações entre os fatos e os discursos¹⁸ da maioria dos coordenadores, considerando as exceções e/ou divergências de respostas, sempre fazendo o contraponto com os documentos e fontes bibliográficas. Quando isso não foi possível, estabelecemos o confronto entre os discursos coletados, alimentando a discussão e ampliando o conteúdo dos dados levantados.

¹⁷ O modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) encontra-se no Anexo II.

¹⁸ Os discursos podem ser entendidos como sistemas e códigos de significação que constituem o conjunto de enunciados de um determinado campo de saber, construídos historicamente dentro das relações de poder (FOUCAULT, 2011).

As fases da análise de conteúdo foram organizadas em três momentos: a pré-análise, que objetivou tornar operacionais as ideias iniciais e sistematizá-las; a exploração do material, que correspondeu à fase de aprofundamento na leitura e análise; e o tratamento dos resultados, que foi realizado a partir da inferência e da interpretação da pesquisadora à luz da literatura (BARDIN, 2011).

Por fim, fizemos o tratamento dos resultados, resgatando o que é significativo e válido. Para isso, elaboramos quadros de resultados que condensavam as informações obtidas pela análise. A partir daí, propusemos inferências e interpretações com base nos objetivos previstos e até mesmo os que se revelaram como descobertas inesperadas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise e a discussão dos dados deste estudo serão apresentadas em grandes blocos temáticos e seus subtemas que atendem aos objetivos da pesquisa, a saber: 1) caracterização dos participantes; 2) inserção e permanência de meninos e meninas no PST; e 3) a formação, o discurso dos coordenadores sobre gênero e sua prática pedagógica no PST.

4.1 Caracterização dos participantes

Nossa pesquisa contou com a participação de 15 coordenadores de Núcleo do PST, sendo seis homens e nove mulheres. A faixa etária dos participantes desta pesquisa está entre 23 e 35 anos. Todos possuem formação superior em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura).

Quando questionados sobre os motivos que os levaram a escolher o curso de Educação Física, a maioria respondeu que se identificava com a prática de esportes, e apenas duas coordenadoras responderam que cursaram Educação Física por terem sido beneficiadas com bolsa de estudos; contudo, declararam ter se identificado com a carreira ao longo da formação.

Todos entraram no programa PST através de processo seletivo. Dos quinze participantes, nove atuam desde o início do programa na cidade, em 2012. Os demais atuam há menos tempo e/ou no momento da entrevista não atuavam mais. Estes haviam deixado o programa quando a coleta de dados deste estudo já estava em curso, entretanto mantivemos a sua participação na pesquisa, valorizando a sua experiência no programa.

Dos quinze coordenadores entrevistados apenas três não haviam atuado em outros programas inseridos nas políticas públicas de esporte e lazer. Dos doze que já atuaram, dez foram monitores no PELC. Logo, é possível inferir que estes coordenadores acumulam alguma experiência no trabalho com programas de esporte e lazer.

4.2 Inserção e permanência de meninos e meninas no PST

Neste tópico abordamos os aspectos relativos à inserção e permanência dos meninos e das meninas nos núcleos do PST-UBÁ e, para isso, fizemos perguntas acerca das dificuldades que os coordenadores tinham para inclusão de gênero em seus núcleos e a possível interferência do gênero do professor para essa inclusão.

4.2.1. “*Mais fracas e mais frágeis*”: a inclusão e o gênero nos núcleos do PST

Para atender ao nosso primeiro objetivo do estudo, perguntamos aos coordenadores se eles enfrentavam dificuldades para inclusão de gênero em seus núcleos e, em caso afirmativo, solicitamos que identificassem essas dificuldades.

Dentre os quinze coordenadores, nove (9/15) admitira encontrar dificuldades ligadas a barreiras culturais para a inclusão das meninas em seus núcleos. As principais dificuldades apontadas pelos sete coordenadores foram relacionadas ao gênero, a saber:

- i) Concorrência com atividades extras na escola que seriam “*mais voltadas para as meninas*”;
- ii) Predominância dos meninos nos núcleos e o alto nível de competitividade deles;
- iii) Resistência dos meninos a praticarem determinadas modalidades junto com as meninas e vice-versa;
- iv) Falta de interesse das meninas e até mesmo dos meninos por determinadas modalidades; e
- v) As barreiras que os pais colocam para as meninas participarem do programa.

Destacamos abaixo a fala do coordenador 1, que traz algumas dessas dificuldades:

“[...] o meu núcleo é muito competitivo, os alunos já vem de uma escola, que inclusive era ministrada por mim as aulas, de escolinha de futsal de handebol, um projeto voltado para o esporte, próximo do rendimento, então eles já estão inseridos nesse meio. Fica às vezes monótono, chato, para as meninas que não gostam de esporte. O outro problema é as atividades extras da escola que tem atividades voltadas para dança, teatro, artesanato que teoricamente são coisas mais de meninas, então por isso esse choque de horário deixou o núcleo mais vulnerável por esse fato.”
(Coordenador 1, grifos meus).

Na visão de Tubino (2001, p. 57), “o esporte é um fenômeno social que atingiu níveis muito complexos de desenvolvimento nas diversas sociedades”. Segundo o autor, “constitui-se na efetiva dimensão do esporte: a) O esporte-educação; b) O esporte-participação ou esporte popular; c) esporte performance ou esporte de rendimento” (2001, p. 34).

A Lei n. 9.615, de 1998, conhecida como “Lei Pelé”, define as três possibilidades de manifestações do esporte: a) **esporte de rendimento**: aquele que tem como referência normas, regras e a finalidade de obter resultados de alta performance; b) **esporte de**

participação: voltado para a prática do esporte como possibilidade de lazer na busca da integração social, da saúde e da qualidade de vida; e c) **esporte educacional:** aquele praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade e a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e da inclusão (BRASIL, 1998). Nesse sentido, o PST se configura em um programa de Esporte Educacional.

Pela fala reproduzida acima, percebemos que esse coordenador distancia a experiência do esporte da perspectiva do PST, que é educacional, trabalhando com a concepção do esporte de rendimento. Sob essa perspectiva, as atividades competitivas propostas vão ao encontro de uma abordagem metodológica que, por privilegiar os mais aptos e habilidosos, exclui os demais sujeitos da prática.

Observamos também que o discurso do coordenador veicula a ideia de que apenas os meninos são competitivos, pois “*já estão inseridos nesse meio*” do esporte. As meninas muitas vezes iniciam mais tarde as práticas esportivas e são menos incentivadas. Nesse sentido, foi possível constatar que o coordenador acaba por privilegiar aqueles que têm mais domínio e demonstram mais habilidade e desvirtua o princípio do programa, que é educacional, partindo para uma experiência mais técnica e competitiva.

Narrativas como essa reafirmam a representação recorrente em vários espaços de práticas esportivas e de lazer, em que o futebol e o futsal são modalidades normalmente mais apropriadas aos meninos do que as meninas. Isso leva a uma naturalização dos interesses e das manifestações dos participantes no PST, conforme observamos. E, assim, não são problematizadas pelos interventores/coordenadores, com o intuito de modificar essa situação, objetivando agregar mais meninas a essa prática, ensinando-lhes os fundamentos e inserindo-as na experiência pedagógica.

Verificamos que o campo esportivo é concebido como um dos lócus culturais de construção de masculinidades e feminilidades, e que algumas modalidades esportivas de contato e confronto são entendidas como “naturalmente” masculinas, como foi o caso do futebol e do handebol citados pelo coordenador 1.

Entretanto, de acordo com Goellner *et al.* (2009a, p. 18), devemos “recusar e denunciar a naturalização que se faz acerca dos gêneros bem como as noções tradicionais de que determinados esportes são para os meninos e outros para as meninas”, para superar essas dicotomias. Contudo, isso não foi observado nas práticas e nos discursos dos coordenadores.

Werle (2011) expõe que o processo de naturalização aparece como justificativa para explicar as desigualdades referentes aos gêneros nas práticas corporais, e que esta é

reforçada quando sujeitos relacionam algumas modalidades com a identidade sexual das praticantes. Alguns discursos que comumente circulam por várias instâncias sociais, inclusive pedagógicas, justificam as dificuldades de inserção de meninas e mulheres em algumas modalidades esportivas de contato e confronto, como o futebol, o futsal e as lutas, por conceberem que estas práticas seriam mais adequadas para os homens. Essa representação tem promovido consequências negativas, se pensarmos na possibilidade de o esporte ser vivenciado como uma prática educativa, de lazer, saúde e sociabilidade para todos os sujeitos.

No aspecto relativo à resistência dos meninos e das meninas a praticarem determinadas modalidades juntos, devemos lembrar que o processo de socialização de meninos e meninas não é simples, nem pode ser considerado de modo direto e fácil. Pelo contrário, é complexo, cheio de resistências e contradições. Contudo, ainda encontramos, como afirma Dornelles (2006), as diferenças culturais e historicamente construídas sendo utilizadas como argumentos na sustentação de práticas, atividades e conteúdos que constituem desigualdades de oportunidades e vivências motoras entre os gêneros.

Quanto à falta de incentivo dos pais e as barreiras por estes impostas para a participação das meninas, Goellner (2009) alega que isso se dá por questões culturais e não naturais. O coordenador 11 nos fala das dificuldades com os pais das meninas:

*“[...] quando começou o projeto **eu tinha muitas meninas** estava muito legal foi uma coisa diferente porque eu nunca tive tantas meninas fazendo o projeto... **o problema foi a continuidade porque os próprios pais colocam barreiras para as meninas fazerem meu projeto e isso é uma questão muito ruim às vezes você quer conversar com o pai e o pai não quer nem conversar com você...é uma questão muito chata às vezes uma menina tá fazendo o projeto, gostando muito e depois a menina até chora porque o pai não quer deixar mais ela fazer, porque isso não é coisa de menina fazer... mesmo ela não fazendo nada demais, estava indo se divertir junto com outras meninas.**” (Coordenador 11, grifos meus).*

Por essa razão, acreditamos na importância de aproximar a família do programa e manter um diálogo com os pais para a reversão da discriminação de gênero na família, pois é negativa para a permanência das meninas no projeto.

O baixo nível de educação das famílias muitas vezes é um dos indicadores que interferem nas representações sobre as práticas corporais e esportivas de meninas, muito mais do que de meninos. De acordo com Beltrão e Alves (2009), segundo as abordagens de gênero, as diferenças nos níveis educacionais não decorrem de características biológicas, mas sim das condições históricas e estruturais da conformação de cada sociedade. Em quase todos os países do mundo, as mulheres sempre enfrentaram maiores barreiras no acesso ao esporte e às

práticas corporais. Alguns conseguiram derrubá-las, mas em outros ainda há uma longa batalha pela frente. Entretanto, para se chegar a um mundo mais justo e próspero, é preciso eliminar as discriminações contra as mulheres em todos os campos de atividade, especialmente na educação e na educação esportiva, propiciando maior status e autonomia, isto é, maior empoderamento das mulheres.

Logo, uma das iniciativas nesse campo pode ser a de incentivar as meninas a participarem do esporte, diversificando as atividades ofertadas, valorizando a sua participação, reforçando de maneira positiva as suas performances. Enfim, criando estratégias para que elas se sintam desafiadas e motivadas a aprenderem e, conseqüentemente, permaneçam no projeto desenvolvendo suas potencialidades corporais, esportivas e expressivas.

Entre os seis (6/15) coordenadores que disseram não ter problemas de inclusão de gênero nos seus núcleos, encontramos respostas como: *“aqui os meninos adoram fazer atividades com as meninas”* (coordenadora 3). A coordenadora (15) diz que todos socializam bem. O que essas coordenadoras fazem é incentivar a prática em conjunto, mostrando que os meninos e meninas têm direitos, deveres e também devem ter oportunidades iguais.

Entre essas respostas, o coordenador 12 relatou não ter problemas de inclusão no seu núcleo, mas a sua fala mostra contradições:

*“Olha dificuldade eu não vi... **não vi dificuldade nenhuma** porque quando começou aparecer uma ou outra eu já intervinha... eu já chegava, já conversava e sempre os alunos respeitando um ao outro... brincadeira sempre tem... apelido sempre tem... mas exclusão lá não... sempre cheguei trabalhar com eles junto... turma mista... ou uma ou outra turma só separada, turma mais velha assim... **quando as mulheres são mais fraquinhas que os meninos** às vezes a gente procurava dar um esporte que conseguia abranger todos como o voleibol... **agora no futsal eu não colocava não porque podia machucar mesmo...** voleibol conseguia adaptar pra jogar todo mundo junto.”* (Grifos meus).

Além de caracterizar as meninas como *“mais fracas”* e *“mais frágeis”*, o coordenador 12 usa esses aspectos como argumento para separar as turmas. Nota-se que, ao buscar justificar a separação dos corpos em suas intervenções pedagógicas, esse coordenador tem um discurso baseado na dicotomização sexual e no binarismo de gênero, geralmente apoiados em pretensas *“diferenças biológicas”*. Cabe pontuar que esse processo dicotômico é construído socialmente e pode ser alterado através de outras práticas pedagógicas, com foco na inclusão de gênero.

Segundo Santos (s/d), os primeiros ensaios e estudos sobre as desigualdades entre mulheres e homens buscavam posicionar-se sobre o aspecto feminino, sobre seu corpo e sexualidade. A autora destaca que

As características biológicas, entre elas a pouca força física e até mesmo o menor peso do cérebro, estavam no centro desta concepção. Na tentativa de explicar que é da “natureza” feminina ser frágil e da “natureza” masculina ser forte. Que o lugar “natural” da mulher é a casa, e o lugar “natural” do homem é a rua. Esta naturalização da condição humana nada mais é do que uma resposta para legitimação das desigualdades sociais. (SANTOS, s/d, p. 3).

De acordo com a autora, essa explicação biológica para a condição naturalmente subalterna da mulher vai durar até o avançar do capitalismo industrial, quando as condições históricas começam a se transformar. A partir do surgimento do movimento feminista, que tem o objetivo de opor-se à situação de subordinação das mulheres, surgem também opositores aos que defendem a inferioridade feminina. Estes fundamentam-se na ideia de que as desigualdades entre homens e mulheres não são consequência das desigualdades baseadas na biologia, mas sim resultado das desigualdades sociais e políticas impostas a elas em seu tempo.

Outras duas coordenadoras relataram que as dificuldades para inclusão nos seus núcleos estão mais relacionadas ao nível de habilidade dos alunos do que a gênero.

*“Eu acho que não seria a questão... gênero... **mas sim, menos habilidade a menina que tem menos habilidade e a menina que tem mais habilidade...**”*
(Coordenadora 5, grifos meus).

*“[...] no dia que era o futsal eu tinha problema porque os meninos por já conhecerem o esporte... por já terem mais vivência gostavam muito... faziam muito as aulas e as meninas mesmo as que tinham vontade tinham interesse por não ter tanta vivência não serem assim tão boas elas ficavam meio com vergonha não queriam fazer e a atitude que eu tomei pra poder incluir as meninas e os meninos de uma forma geral, assim mista nas minhas aulas foi, **eu separava os alunos que eram mais habilidosos não só os meninos mas as meninas também em um grupinho...** e dava atividade... o meu monitor dava atividade... e o grupinho dos que eram menos habilidosos tanto os meninos quanto as meninas eu também dava atividade () separando eu via que as meninas ficavam com menos vergonha e participavam mais...”*
(Coordenadora 6, grifos meus).

A coordenadora 6 justifica que não separa meninas e meninos e sim os grupos por habilidade, “*mais habilidosos e menos habilidosos*”. Sobre esses relatos, Sousa e Altmann (1999) ressaltam:

Não se pode concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas. Ademais, meninas não são as únicas excluídas, pois os meninos mais novos e os considerados fracos ou maus jogadores frequentam bancos de reserva durante aulas e recreios, e em quadra recebem a bola com menor frequência até mesmo do que algumas meninas (p. 56).

Quanto à questão da inclusão, pudemos perceber que nos núcleos do PST as desigualdades entre meninas e meninas são atribuídas às distinções de sexo, exclusivamente biológico. Existem formas de integração que podem ser utilizadas para aproximar meninos e meninas durante as práticas esportivas. Acreditamos que, inicialmente, eles e elas devem estar juntos, para em seguida fazerem as mesmas atividades.

Especialmente nesses casos há que se buscar outras maneiras de jogar esses jogos, discutindo com os participantes adaptações e desafios. A ideia é questionar conceitos pré-concebidos e determinações que rondam as práticas esportivas nos núcleos do PST.

Em relação ao gênero do(a) professor(a), na sua maioria, as respostas (11/15) mostraram que o gênero não interfere na adesão e permanência dos meninos e das meninas no PST. Eles acreditam que depende mais do perfil e da postura do(a) professor(a).

Essas respostas dos professores do PST corroboram a reflexão de alguns autores, como Altmann (1998, p. 101), quando afirma que “a postura docente é uma referência que define como meninas e meninos agem e se relacionam entre si”. Portanto, meninos e meninas têm diferentes formas de agir e de reagir à ação docente, independentemente do gênero do professor.

Acreditamos que o professor é o principal agente transformador na busca de soluções para superar as desigualdades. Concordamos com André *et al* (2010, p. 2), quando afirmam:

A atitude do profissional de Educação Física é importante, em relação à questão do gênero, pois ele pode em suas aulas afirmar as desigualdades ou proporcionar experiências onde meninos e meninas possam partilhar juntos a oportunidade de expressar suas capacidades.

No entanto, quatro (4/15) deles acreditam que interfere sim; que o gênero do(a) professor(a) pode aproximar ou distanciar os(as) alunos(as) da vivência nas atividades. Uma das coordenadoras entrevistadas ressalta que o trabalho conjunto da professora e do professor ajuda na participação de meninos e meninas:

“[...] eu já trabalhei no (Patronato) e os meninos tiveram resistência e só tinha meninas, mas aqui todos os meninos dançam, apresentam... porque o meu monitor também dança. Então... assim é importante ter um professor e uma professora juntos... e no futsal é a mesma coisa... quando ele não está... eu dou a aula... me respeitam... às vezes eu que apito o jogo e tem a uma aceitação bem legal.” (Coordenadora 3).

Foi possível verificar que os coordenadores que relataram dificuldades de gênero para a inclusão dos meninos e meninas em seus núcleos se posicionaram, em sua maioria, contrários à influência do gênero do coordenador. Apenas dois desses sete coordenadores acreditam que o gênero do professor interfere na aderência e permanência de meninos e meninas nos núcleos.

Altmann, Ayoub e Amaral (2011) relatam em seu estudo que a permanência nas atividades não é definida pelo gênero do discente, mas por fatores como o seu interesse, a metodologia empregada pelo professor e a sua criatividade na apresentação das aulas. Assim, é enfatizada a responsabilidade docente pelo interesse e envolvimento nas aulas.

4.2.2. A permanência e predominância dos meninos e a evasão das meninas no PST

Entre os quinze núcleos pesquisados, quatorze têm mais meninos, e apenas um (núcleo do coordenador 8, APAE) tem mais meninas. Cinco coordenadores (5/15) relataram que começaram com turmas cheias de meninas, e que no decorrer do programa as meninas se evadiram. Outros quatro coordenadores (4/15) disseram que têm turmas com mais meninas e/ou bastante equilibradas, com metade de cada público, mas geralmente são as turmas de crianças mais novas. E quando se trata das turmas de jovens e adolescentes, a predominância é sempre de meninos.

De acordo com as falas desses coordenadores, as meninas se inserem nos programas quando mais novas, porém, conforme ficam mais velhas, vão se desinteressando, se afastando e saindo. Essa prática é interpretada como sendo um “desinteresse natural”.

Vale ressaltar que muitas vezes os coordenadores de núcleo, mesmo sem perceber, colaboram para isso, pois alteram a proposta do programa, que é educacional, e trabalham com o esporte focando no rendimento ou restringindo o seu conteúdo – em especial ao futsal e ao futebol – o que facilita a exclusão das meninas.

Essa realidade de menor participação das meninas nos núcleos do PST já foi apontada no estudo “Sistema de monitoramento & avaliação dos Programas *Esporte e Lazer da Cidade e Segundo Tempo*” do ME, o qual identificou e pontuou que

o público beneficiado é predominantemente masculino, com 66,5%, sendo apenas 33,5% do sexo feminino. Essa situação reproduz a trajetória histórica do esporte moderno que se constituiu ao longo do tempo como um fenômeno essencialmente masculino. Nesse sentido, ao se considerar a inclusão das meninas e o seu acesso ao esporte como direito social, é necessário refletir sobre as modalidades oferecidas, as metodologias de ensino adotadas de modo a atender, também, a esse público (SOUSA *et al.*, 2010, p. 117).

Acreditamos que as meninas devem ter acesso a todas as modalidades esportivas. Ao escolher as modalidades para serem ofertadas nos núcleos do PST, estas também devem ser pensadas no que se refere às metodologias do trabalho pedagógico e às políticas de inclusão de gênero nas dinâmicas dos núcleos.

Ao perguntarmos quais conteúdos/atividades são trabalhados/as no núcleo, todos os quinze núcleos revelaram trabalhar com o **futsal**. Dez trabalham também com o **handebol**; cinco com **vôlei**; quatro com **basquetebol**; treze com o **atletismo** como esporte individual; um com a **natação**; e três com **dança**.

Cinco coordenadores de núcleo deixaram claro que não trabalharam somente as modalidades escolhidas no início do programa, diversificando o rol de atividades. Uma relata a dificuldade de manter dois anos com as três modalidades escolhidas a priori.

*“[...] no segundo tempo a gente foi orientado a escolher **duas modalidades de esporte coletivo que no meu caso foi handebol e futsal e uma de esporte individual que no meu caso foi atletismo**, mas, no decorrer do projeto, são quase dois anos de projeto... então se percebe que vai ficando maçante [...]. Então além desses que eu citei foi dado **ping-pong**... foi dado **tênis de quadra**... a gente baixava rede de **vôlei** e... e fazia... ensinamos pra eles; um pouco de **tênis de quadra**... foi dado voleibol, **xadrez**... Tinha muito lá na escola, os meninos gostam muito dessa parte de **cybercultura**, esses joguinhos de computador e tal... então assim... a gente tentou misturar isso tudo até pra não ficar aquela coisa também cansativo de dois anos futsal... handebol... e atletismo.”* (Coordenadora13, grifos meus).

Outro coordenador nos relata que só trabalhava com o futsal. Contudo, vale ressaltar que, no momento da entrevista, ele só tinha meninos em seu núcleo.

*“É... a gente trabalha com **futsal**. Com handebol e o atletismo, muito pouco, mais adaptado mesmo... brincadeiras, porque, como eu mencionei, os*

meninos aqui, os alunos meus, são voltados pro rendimento, então a gente acaba também tendo que... entrando no meio que é só futsal, só futebol, se não se perde aluno, porque eles não querem as outras atividades.” (Coordenador 1, grifo meu).

Conforme expõem Altmann, Ayoub e Amaral (2011, p. 497), “as oportunidades de conhecimento que vêm sendo historicamente oferecidas para meninas e meninos são diferenciadas e, não raro, marcadas por concepções restritas e estereotipadas”. Nesse sentido, depreendemos que a diversificação dos conteúdos nas práticas esportivas e de lazer nos núcleos do PST é um aspecto relevante a ser considerado para que os beneficiários possam ter a possibilidade de ampliar seus interesses e seu repertório de conhecimentos corporais.

Podemos considerar que o gosto pelas práticas esportivas e de lazer é construído nas relações sociais, não sendo possível gostar daquilo que não se conhece e nunca experimentou, portanto o maior domínio de conhecimentos ligados a essas práticas teria efeitos sobre o apreço que se tem em relação a elas (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011). Nessa perspectiva, Chan-Vianna e Mourão (2009 p. 152) ressaltam que “é preciso compreender os fenômenos que vinculam os esportes coletivos de confronto à identidade masculina e, assim, superar o tal ‘fato cultural’ que nos impede de perceber diferentes escolhas das mulheres no mundo do esporte”.

O esporte reflete a quem e de que jeito os significados culturais de feminilidade e masculinidade são atribuídos. Ao identificar a masculinidade e a feminilidade, podemos observar como elas operam em polos diferentes e contrapostos. Por um lado, temos aquelas atribuições do corpo feminino como a fragilidade, a beleza e a delicadeza. Por outro lado, temos a virilidade, a força e a agressividade atribuídas ao corpo masculino. Ao identificar a tensão das fronteiras de gênero, percebemos que, apesar dessas classificações, das restrições e dos cerceamentos, ao longo da história, as mulheres há muito estão presentes no universo cultural do esporte se adequando e resistindo a esse processo (WENETZ, 2013).

A predominância do futsal nos núcleos também foi verificada na pesquisa de Sousa *et al.* (2010, p. 126):

Em relação às modalidades esportivas mais presentes nos núcleos do Programa, as que apareceram com maior frequência foram futebol (35,4%) e futsal (22,3%). Para efeito de análise, é importante considerar que, de certa forma, as duas modalidades podem ser tratadas como uma só, pois nenhuma delas é ensinada estritamente com os equipamentos e regras oficiais nos núcleos do Programa. Essa situação, portanto, confirma a hegemonia do futebol/futsal no contexto educacional brasileiro. Em seguida, aparecem o voleibol (17,0%) e o handebol (9,2%). As demais modalidades ficaram

abaixo dos 5% e 72,7% dos entrevistados avaliaram positivamente as atividades esportivas realizadas.

Quanto ao planejamento das atividades dos coordenadores de núcleo, corroboramos o que Garanhani e El Tassa (2013, p. 280) afirmam:

O professor, no planejamento de suas práticas esportivas e de lazer, no âmbito do PST, deverá priorizar temas relevantes da Educação Física e/ou Esporte associando-os à realidade vivenciada pelas crianças. Para tanto, a implementação da proposta necessita extrapolar em suas atividades a **prática pela prática**, com uma ressignificação dos conteúdos para além dos procedimentos, em que é necessário explorar também aspectos relacionados aos conceitos, valores e atitudes.

As autoras ainda ressaltam que

o profissional de Educação Física e/ou Esporte, com a responsabilidade da docência em projetos sociais, deverá organizar práticas esportivas e de desenvolvimento da autonomia e identidade corporal de seus participantes, a socialização e, conseqüentemente, a ampliação de conhecimentos sobre práticas de movimento que compõem as diferentes manifestações esportivas e artísticas presentes em nossa sociedade (GARANHANI; EL TASSA 2013, p. 281-282).

No que se refere à predominância de meninos ou meninas em alguns conteúdos e atividades específicas, dos quinze coordenadores, apenas quatro (4/15) apontaram não haver predominância de gênero em determinados conteúdos e atividades. Enquanto no futsal se percebe a predominância de meninos, as meninas predominam na dança. Em modalidades como voleibol, handebol e atletismo, não se percebeu essa diferenciação, ou seja, o grupo se apresentou de forma mais homogênea.

Goellner (2009) chama a atenção para o fato de o esporte ser identificado como uma prática viril; assim, quando as meninas apresentam um perfil de habilidade e comportamento mais agressivo para o jogo, sua feminilidade muitas vezes é colocada em suspeição. Da mesma forma, o menino que não se adapta ao esporte, sobretudo às práticas coletivas, também tem sua masculinidade colocada em dúvida.

Essas atitudes precisam ser repensadas, questionadas e superadas, pois acabam por restringir a experimentação, a inserção e permanência de meninas e meninos nas mais diferentes possibilidades de vivenciar o esporte.

Um fato inovador foi identificado na experiência de dois coordenadores que usam estratégias de flexibilização dos horários para facilitar a participação das meninas nas atividades, conforme relatos abaixo:

“[...] as meninas ajudam a mãe a arrumar cozinha... a aula é à uma hora, aí eu deixo chegar uma e meia, entendeu? Porque eu criei regras aqui de horários, de uniforme, mas mesmo assim eu falo... que com bilhete pode chegar... então assim permito o atraso das meninas por causa de ajudarem em casa... os meninos, não” (Coordenadora 3, grifos meus).

“[...] eu trabalho de sete às nove da manhã com a turma de meninas e meninos menores mais por conta que elas não poderiam fazer em outro horário, porque em que ir pra casa fazer almoço, levar o irmão mais novo, que vem com elas, pro projeto... então como eu sei, pra não perder os meus alunos, pra não perder elas, adiantei o horário das aulas delas...” (Coordenador 11, grifos meus).

Conforme se observou nas aulas e de acordo com as falas dos coordenadores, as aulas nos núcleos do PST eram em turmas mistas. Segundo os coordenadores, é uma recomendação feita nas capacitações para o trabalho que os conteúdos sejam trabalhados da mesma forma com meninos e meninas; porém, logo adiante, veremos que alguns coordenadores separam as turmas e usam estratégias diferenciadas nas aulas com turmas mistas.

Quando perguntamos aos coordenadores como trabalhavam os conteúdos com meninos e meninas, indagamos também se faziam diferenciações e, em caso afirmativo, em que estas se baseavam.

Dez coordenadores (10/15) relataram que trabalham os conteúdos em turmas mistas, todos participando juntos. Uma coordenadora relatou que não separa as turmas por gênero, mas por “limitações” no aprendizado das técnicas da modalidade, ou seja, os que têm mais dificuldade recebem uma atenção diferenciada e não participam com os mais habilidosos, para não se sentirem constrangidos. Dois coordenadores relataram que separam por faixa etária, e outros dois separam as meninas nas aulas de futsal. Em suas palavras:

“[...] eu separava por idade porque a questão física, acho que é a mais importante tanto pra menina quanto menino.” (Coordenador 1, grifos meus).

“[...] os meninos são muito “fominha” tanto no futsal, no futsal ainda é mais, duas vezes mais. No handebol também, só que aí eles e as meninas jogam junto; no handebol eu coloco as meninas pra tá trabalhando junto com os meninos, mas no futsal geralmente eu deixo mais isolado, aí eu separo as turmas.” (Coordenadora 5, grifos meus).

*“[...] um pouco pro fim da aula eu costumo **separar os maiores dos menores** até pra eles poderem brincar mais à vontade... uma forma mais lúdica pra eles poderem brincar no fim da aula... por conta de perigo de contato... menino muito maior do que o outro menor, mas questão de gênero não tem... se você tem determinada idade você pode fazer junto com os meninos da mesma idade, se você não tem você vai fazer com os outros da mesma idade.”* (Coordenador 11, grifos meus).

*“[...] as mulheres são mais... fraquinhas que os meninos. Às vezes a gente procurava dar um esporte que conseguia abranger todos, como o voleibol... **Agora no futsal eu não colocava não, porque podia machucar mesmo...** voleibol conseguia adaptar pra jogar todo mundo junto.”* (Coordenador 12, grifos meus).

Em suas pesquisas sobre gênero e lazer, Goellner *et al.* (2010) identificaram que o grau de habilidade motora, por vezes associada ao gênero, também contribui para a ausência e evasão das pessoas em algumas atividades desenvolvidas nos núcleos do programa por eles estudados.

Eles verificaram que, segundo os próprios beneficiados do programa, esse fato contribui para o afastamento de interessados menos habilidosos. No estudo supracitado, o professor justifica dizendo que é muito difícil mesclar turmas de voleibol quando os meninos possuem mais habilidades e força física maior que as meninas.

Devemos ter muita atenção e cuidado ao fazermos qualquer tipo de distinção no sentido de mudar ou adaptar as regras dos jogos e/ou esportes para favorecer as meninas. Às vezes, na intenção de incluir as meninas, podemos na verdade estar excluindo-as ou até mesmo os meninos. Conforme afirma Louro (1997), modificar as regras do jogo pode representar uma forma de ajustar o jogo à “debilidade” feminina, mais uma vez consagrando-se a ideia de que o feminino é inferior ao masculino. Além disso, a exclusão é aí tratada como unicamente de gênero, e aqueles meninos ou meninas excluídos com as regras oficiais continuam a enfrentar o mesmo problema quando as regras são modificadas.

De acordo com Goellner (2009), é necessário pensar que também existem diferenças de habilidade entre os meninos e entre as meninas. Essas diferenças resultam não de uma anatomia distinta, mas, sobretudo, de vivências e experiências de movimento diferenciadas desde o nascimento. Por isso, devem ser elaboradas estratégias, a fim de incrementar a participação daqueles considerados menos habilidosos nas atividades.

Sobre a interferência de fatores externos na inserção e permanência das meninas nos núcleos do PST, a grande maioria – onze coordenadores (11/15) – apontou que as tarefas domésticas atrapalham a inserção e permanência das meninas. Sobre esse aspecto, três

coordenadores alegaram que, muitas vezes, os pais não incentivam as filhas a participar do programa. E ainda duas coordenadoras apontaram que a violência nos bairros com alta vulnerabilidade social – onde foi incentivado o desenvolvimento dos núcleos do PST – é um fator que atrapalha a participação não só das meninas, mas também dos meninos, no programa.

*“É... no meu caso eu posso falar por experiência própria que tem uma vizinha minha que era aluna minha e que a mãe dela foi lá em casa e falou, **“professor ela não vai poder ir porque ela tem que fazer as coisas aqui em casa, porque eu trabalho, então ela vai ter que parar”**, aí eu falei tudo bem né, então eu, no meu núcleo eu acho que isso acontece sim, muito.”* (Coordenador 1, grifos meus).

*“[...] as meninas não participavam porque... começa dentro de casa... **tinha que ficar ajudando a mãe a arrumar casa, olhar o irmão** e também às vezes os pais falam que é bobeira não sabem a importância da atividade física [...].”* (Coordenadora 2, grifos meus).

*“Sim, muitas vezes as meninas ou chegam ou pedem pra chegar atrasado, ou às vezes não vêm, por **tá ajudando a mãe em casa**, acontece direto isso.”* (Coordenadora 4, grifos meus).

*“Tem muito isso, tem ainda um estigma, um paradigma que **as meninas têm que ajudar mais em casa**. Igual tinha casos de alunas que saíram no meio da aula pra levar o irmão na creche, na escola e fazer tarefas domésticas e aí por isso paravam de vir”* (Coordenadora 7, grifos meus).

*“Sim, a questão do serviço doméstico sempre tem; em qualquer lugar que seja, infelizmente é **destinado apenas às meninas os afazeres domésticos, e a cobrança é muito maior encima delas...**”* (Coordenador 11, grifos meus).

Sob a perspectiva da divisão social do trabalho, Salles-Costa *et al.* (2003) e Goellner *et al.* (2009b) argumentam que o trabalho doméstico ainda é atribuído somente às mulheres, interferindo em seu tempo social de lazer. Goellner *et al.* (2010), em estudos sobre gênero e lazer, observaram que mais da metade das mulheres adultas não realizam qualquer tipo de atividade física, seja para lazer ou para cuidado com a saúde. Esse estudo revelou que as mulheres atribuem aos afazeres domésticos o principal motivo que as impede de ter uma atividade física regular, pois, com as demandas exigidas no lar, não sobra tempo para cuidarem de si e da própria saúde.

No nosso caso, é perceptível que as meninas desde bem cedo já carregam uma responsabilidade muito grande em relação às tarefas domésticas, e os pais ainda contribuem para restringir a participação delas, seja pelo excesso de responsabilidades atribuído a elas ou

pela falta de incentivo à prática de atividades físicas e esportivas, resultando em interferências em suas participações no PST.

Outro fator que chama a atenção na fala dos coordenadores é a questão da violência urbana, que figura como um das barreiras para a participação dos beneficiados, sejam meninas ou meninos, como podemos ver no discurso de duas coordenadoras de núcleo do PST:

“[...] o que acontecia lá na minha quadra é que ficavam uns adolescentes usando droga e mexendo com as meninas... incomodando as meninas...até comigo, também tive problemas, foi até o que me levou a abandonar o projeto antes da hora... porque a gente não tinha policiamento, eram adolescentes indo armados pra quadra... Se eu falava que hoje é handebol e não ia dar futsal, eles me ameaçavam... então com certeza aí as próprias mães ouviam esses acontecimentos que estavam tendo na quadra e começavam também a proibir os filhos de participarem do projeto.” (Coordenadora 6, grifos meus).

“[...] quando a gente começava a aula alguém da rua chamava algum aluno para usar droga e ele queria sair de qualquer maneira e eu não pude ficar retendo ali, tive que deixar ir.” (Coordenadora 15).

Não é nosso objetivo na pesquisa discutir a categoria violência. Apenas fizemos os apontamentos, visto que essa categoria emergiu na fala de duas coordenadoras como sendo um dos problemas enfrentados para a inclusão e permanência dos sujeitos no programa.

Assim, faz-se relevante discutir com todos os sujeitos envolvidos as possibilidades de transformação que a prática esportiva e de lazer pode ter no campo das relações de gênero, contribuindo para a formação de homens e mulheres iguais, em que se desnaturalizem situações de assimetria entre os gêneros e se promova um ambiente de equidade¹⁹ e de desenvolvimento dos potenciais humanos individuais, respeitando-se as diferenças.

¹⁹ Os conceitos de *igualdade* e *equidade de gênero* não são sinônimos, eles não têm o mesmo significado. Equidade seria relacionado à “justiça”, mas não se trata de leis em específico. A equidade de gênero seria uma melhor aplicação do que entendemos por igualdade de gênero (PIAZZOLLA, 2008).

4.3. Os discursos dos coordenadores sobre gênero e sua prática pedagógica

Para elucidar nossas análises sobre os discursos de gênero e a prática pedagógica dos coordenadores, buscamos identificar as aproximações e distanciamentos com o tema “gênero” ao longo da formação acadêmica e da capacitação para o trabalho no PST.

Todos os quinze coordenadores afirmaram que a grade curricular do curso de Educação Física contemplava disciplinas que discutiam a temática de gênero. Os participantes da pesquisa afirmaram compreender que as questões de gênero devem ser discutidas e ampliadas no processo de formação dos professores, agregando novas propostas aos currículos e, conseqüentemente, possibilitando uma aplicabilidade concreta e produtiva nas práticas pedagógicas. Nesse sentido, Garanhan e El Tassa (2013, p. 277) ressaltam:

Um dos grandes problemas evidenciados na intervenção profissional dos professores de Educação Física e/ou Esporte é o distanciamento entre a teoria apresentada na formação universitária e o enfrentamento da realidade do cotidiano, nos espaços de trabalho. As lacunas existentes entre a formação inicial e a intervenção profissional ressaltam a necessidade de pensar uma formação diferenciada.

A fim de oferecer um suporte pedagógico e administrativo aos convênios, conforme abordado anteriormente, o ME implantou, desde 2008, as Equipes Colaboradoras para realizarem o acompanhamento administrativo e, em especial, pedagógico dos convênios.

Nesse sentido, a capacitação no PST caracteriza-se por ser um processo de troca de experiências e valorização dos conhecimentos historicamente produzidos na área. Dessa forma, estimula-se que os envolvidos reforcem suas bases teóricas com os conhecimentos selecionados pelos especialistas da SNEED, assim como apresentem e contribuam com suas experiências desenvolvidas nos núcleos.

Quando questionados sobre aspectos da capacitação²⁰ para a atuação no PST, foi possível identificar as impressões pessoais sobre o processo de capacitação para atuação no

²⁰ Segundo o ME, a capacitação dos (as) integrantes do PST acontece de acordo com o calendário, de forma a anteceder cada etapa de implementação do programa. Seguem-se as etapas que formam o processo de um ciclo de capacitação: a primeira é a Capacitação Gerencial direcionada ao coordenador geral, que acontece antes do convênio iniciar as atividades; a segunda, que é a Capacitação Pedagógica de responsabilidade das equipes colaboradoras, é presencial e regionalizada e direciona-se aos coordenadores de núcleo, com o objetivo discutir os fundamentos do PST e sua efetivação nos núcleos. A terceira e última é a capacitação de Formação Continuada direcionada aos monitores, a qual é de responsabilidade dos coordenadores de núcleo sob a supervisão do coordenador geral e do pedagógico.

programa. Percebemos que a principal crítica reside no fato de a capacitação com a equipe de colaboradores ser realizada em momento posterior ao início das atividades dos núcleos, quando alguns coordenadores ainda não faziam parte da equipe de trabalho, o que limitou o acesso aos conhecimentos transmitidos, segundo relatos abaixo:

“Para iniciar a gente não teve capacitação teve depois de quase um ano já praticando que a gente teve a capacitação, ela veio atrasada.” (Coordenadora 15).

“[...] a capacitação foi dada depois de um ano que o projeto já estava funcionando... a gente estava funcionando e depois de um tempão que vieram pra fazer essa capacitação.” (Coordenadora 6).

“A gente teve sim capacitação, não tivemos no início do projeto, depois do início do projeto a gente teve a capacitação, já funcionando e foi bastante marcante por conta que muitas coisas que a gente imaginava que seria foi totalmente diferente com a capacitação chegando porque coisas que não eram exigidas antes começaram a ser exigidas.” (Coordenador 11).

Segundo o relato dos coordenadores de núcleo, antes de iniciarem as atividades, eles passaram por um processo de capacitação, orientado pelos coordenadores pedagógico e geral. Nesse sentido, enfatizam Garanhani e El Tassa (2013, p. 284):

A atuação dos formadores, além de proporcionar o conhecimento sobre as diretrizes e orientações pedagógicas do PST, também ajuda os professores a contextualizá-las, adaptá-las e ressignificá-las na elaboração de propostas que atendam aos diversos aspectos socioculturais e econômicos, que apresentam os diferentes núcleos do programa. Para isso é necessário não somente uma formação no formato de cursos, os quais no PST são denominados **capacitação**, mas uma formação em contexto (Grifo do autor).

Os coordenadores reconheceram a qualidade do material pedagógico e a importância da equipe de colaboradores, mas ressaltaram a necessidade da ampliação das vivências práticas dos conhecimentos.

“Passaram os DVDs pra gente e muitas vezes ficaram só no DVD, se eles quisessem poderiam ter sido mais abrangentes, poderiam ter dado uma dimensão maior aos temas que foram escolhidos, mas foram capacitações interessantes. Geralmente são professores que atuam há muito tempo nesses projetos e a gente percebe que eles tem muito conhecimento, muita experiência, muita vivência, mas eu acho que poderia ter sido mais abrangente.” (Coordenadora 13).

“Olha, a nossa capacitação foi muito enjoada, porque só foi através de vídeo-aulas. E no dia mesmo da capacitação, nós fizemos as críticas

construtivas: que tinha que ter mais prática, tinha que ter mais, como é que vou falar... é... mais assim... histórias, mais exemplos, mais vivências do que a video-aula. Video-aula é muito chato é muito maçante. Os professores usaram uns livros com capítulos que trabalhavam até mesmo a questão do gênero; é muito bom, só a forma que foi passado é que eu não achei adequada.” (Coordenadora 6).

Em seus estudos sobre formação e atuação pedagógica nos convênios do PST, Araújo *et al.* (2012) questionaram a relevância dos momentos que compuseram a capacitação, e os profissionais destacaram, dentre outras coisas, as vivências práticas como relevantes nesse processo de capacitação. Tais achados são corroborados com os dados de nosso estudo, em que foi revelada a necessidade de uma formação voltada para a prática pedagógica, valorizando as questões cotidianas dos núcleos e propiciando a aplicabilidade dos saberes tratados na capacitação.

A grande maioria dos coordenadores disse que conhecia o livro de fundamentos do PST. Ao avaliarem o livro, eles ressaltam a qualidade do material. Entretanto, fazem a ressalva de que este material deve ser adaptado à realidade de cada núcleo.

“Sempre ajuda, qualquer material a gente sempre filtra pra tirar os fatores mais importantes, o que eu vejo de crítica no livro é que ele não tem a peculiaridade do núcleo acho que cada núcleo tem sua característica e no livro ele é geral.” (Coordenador 1).

“Eu acho que o livro é muito bom, as temáticas ali abordadas são importantes. Porque é o que a gente encontra na prática, a maioria daqueles temas ali a gente encontra só que a forma ali que eles dão para gente lidar com o aluno, com aquelas atividades nem sempre funciona, serve de direcionamento, mas não pode ficar só naquilo ali a gente tem que buscar mais coisa.” (Coordenadora 7).

“Todo material que venha para agregar conhecimento é sempre importante a gente tem que saber sempre ler, sempre pensar no seu núcleo à medida que você está lendo você pensar o que você vive na realidade.” (Coordenador 11).

“Tanto o livro quanto as palestras que foram passadas pra gente eu acho que muitas vezes confrontam com a realidade, entendeu? O que eles passam pra gente é muito diferente de você tá lá no núcleo na hora da prática. Então assim realmente é um pouco utópico eles passam muito o que deveria ser e muitas vezes não consegue aplicar. Então muitas vezes o professor tem que ter essa sensibilidade pra pegar a parte pedagógica que foi passada, seja o que você recebeu na faculdade, seja o que você aprendeu na capacitação ou no livro e vamos dizer assim, adaptar pra realidade que você tá inserido porque senão fica realmente aquela coisa que a teoria é de um jeito e na hora da prática completamente diferente.” (Coordenadora 13).

“Avalio positivamente, só que tem a questão das diferenças de lugar pra lugar; tem que adaptar isso aí. Lá pede que o programa seja padrão, mas não é padrão, cada lugar tem uma diferença uma peculiaridade mais dificuldade, menos dificuldade, funciona dentro de escola ou só em bairro em bairro não tem o amparo da escola então o menino faz o que quer com os professores, mais riscos porque o fundamento é trabalhar com as crianças em risco; muitas vezes usuários de drogas vão ameaçar o professor. Lá tá padrão, mas não é padrão, deveria adaptar isso aí. (Coordenadora 15).

Essa visão coaduna com o posicionamento dos profissionais capacitados em todo o Brasil. Segundo Araújo *et al.* (2012), com base em dados extraídos do Relatório das Capacitações desenvolvidas no ano de 2008, consolidado pela Coordenação Geral de Acompanhamento Pedagógico e Administrativo do Programa Segundo Tempo – CGAPAP, da SNEED, houve 93,2% de aprovação em relação aos temas e sua relevância para o exercício da coordenação frente aos núcleos do PST.

O coordenador e a coordenadora dos dois núcleos da APAE relataram o distanciamento entre a realidade dos alunos de seus núcleos e o exposto no material. Uma outra coordenadora chama a atenção para o fato de acreditar que o livro limita o trabalho, uma vez que traz os modelos de plano de aula e estes devem ser seguidos.

“Tem críticas e tem coisas positivas. Nesses livros tem citando plano de aula as sugestões que eles deram nem sempre acontecem na prática e teve que acontecer do jeito que era, tanto que a gente foi fiscalizado para que tudo ocorresse conforme estava no livro e eu acho que se tivesse essa oportunidade de sair um pouco do livro a gente teria algo a contribuir também porque ‘meio’ ficou receita de bolo entendeu? Tipo... você vai fazer isso, isso e isso aquecimento isso, isso e isso... o que a gente pode dar. Igual eu comecei a dar dança, vôlei e futsal... e aí eu tive que tirar o vôlei e pôr o atletismo porque a dança foi considerado uma atividade coletiva e não individual, assim coisas que estavam dando certo no núcleo, mas que não tinha no livro era difícil de ser trabalhado entendeu? E então eu acho que limitou muitas coisas no Programa, limitou por causa disso, no PELC a gente tinha total liberdade de acordo com a idade, o lugar do espaço, entendeu?” (Coordenadora 3).

Embora se observe que a formação profissional requerida para atuar no PST contribui para que se obtenha a compreensão da proposta do Programa, é preciso que se promova o diálogo com uma formação que alerte para a sua especificidade.

4.3.1. Descortinando gênero no PST

Perguntamos também aos coordenadores se o capítulo que trata da temática de corpo, gênero e sexualidade foi trabalhado nas capacitações. Todos os coordenadores que participaram da capacitação com a Equipe de Colaboradores afirmaram que o tema foi abordado.

Já quando foi solicitado que identificassem o capítulo do livro que tratava da temática, apenas seis coordenadores (6/15) disseram conhecê-lo, dos quais dois afirmaram que o capítulo é bom, mas faltaram mais exemplos práticos.

“É um capítulo bom, se um profissional pegar ler e tiver alguma dificuldade ele ajuda bastante só falta exemplos mais práticos, da prática no dia-a-dia, mas avaliando assim de um forma geral ele é bom sim o material é bom.” (Coordenadora 6).

“Eu acho que ele até direciona, mas fala mais de crianças e de faixas etárias de crianças mais novas; igual no caso a gente que tinha os alunos fora de faixa e maiores eu acho que eles poderiam abordar situações de alunos mais velhos de faixas etárias de meninas de quinze a dezessete anos.” (Coordenadora 7).

A professora Silvana Vilodre Goellner, responsável pela escrita do referido capítulo, ressalta que o respeito à diversidade cultural, social e sexual deve ser o primeiro passo para uma política inclusiva. Segundo a professora, a diferença não justifica as desigualdades, e esses processos podem ser minimizados se houver iniciativas que promovam atividades co-participativas, nas quais as diferenças não sejam eliminadas, mas tratadas em suas especificidades. Ela orienta:

Para construir uma prática pedagógica inclusiva e diferenciada, é fundamental entender que existem muitos elementos de ordem cultural que historicamente têm privilegiado determinados indivíduos e grupos em relação a outros, inclusive, no campo do acesso e da permanência nas atividades esportivas. (GOELLNER, 2010, p. 80).

Por fim, qualquer prática pedagógica se faz por meio da intervenção de pessoas concretas, cujas ideias podem tanto reforçar as exclusões, os preconceitos, as violências, quanto minimizá-los. Privilegiar o respeito à diversidade, a aceitação das diferenças e o reconhecimento de que cada sujeito vale pelo que é, independentemente de sua aparência corporal, da cor de sua pele, das marcas de gênero ou da orientação sexual que adota, é tarefa

necessária a cada um de nós, o que, indubitavelmente, se traduz em um grande desafio (GOELLNER, 2010). Conforme ressaltam André *et al.* (2010, p. 5), “é importante que a formação do profissional de Educação Física seja de forma continuada, garantindo a ele e aos alunos uma visão crítica do assunto e proporcionando a igualdade de oportunidades”.

Entendemos que a prática pedagógica dos coordenadores do PST se faz a partir de um discurso plural. E a formação acadêmica, as experiências profissionais anteriores e a própria visão de mundo que cada um tem colaboraram na construção de práticas pedagógicas, argumentos e conhecimentos que os tornaram mais aptos a perceber, mesmo que minimamente, as questões de gênero nos seus núcleos.

Observamos nove aulas no período de abril a junho de 2014. Nessas observações, buscamos desvelar de que formas os discursos institucionais sobre o tema “gênero” foram/são apropriados pelos coordenadores e sua materialização na prática pedagógica nos núcleos do PST/Ubá/MG.

Em todos os núcleos observados, a predominância era de meninos; verificou-se ainda que um dos núcleos – o da escola municipal – não tinha meninas.. Nesse núcleo, o único conteúdo trabalhado era o futsal e, de acordo com o coordenador, os alunos não aceitavam outra atividade. Pude observar que são meninos de diferentes faixas etárias e são muito disciplinados.

A localização dos núcleos dos clubes é mais central. Já a escola municipal e a estadual estão em bairros mais afastados. No núcleo da escola estadual, observou-se que meninas e meninos fazem atividades juntos, e o que chama a atenção é o fato de as meninas participarem de forma intensa: elas gostam muito de jogar futsal e jogam de igual pra igual com os meninos, além de serem bastante competitivas.

Nos núcleos dos clubes são feitas separações. No clube A, o coordenador separa os meninos menores e as meninas, para fazerem atividades juntos. Além disso, para incentivar a participação das meninas, ele flexibiliza os horários, agendando as aulas para mais cedo, a fim de que as meninas pudessem participar e ainda conseguissem realizar as atividades domésticas deixadas pelos pais. No clube B, no dia em que observamos havia uma competição, em que os meninos jogavam futsal e as meninas jogavam queimada.

A partir dessas observações, foi possível inferir que, apesar da indicação do programa para que os coordenadores de núcleos trabalhem com turmas mistas, ainda são feitas separações. E também que, embora a proposta seja trabalhar o esporte educacional, o coordenador 1 da escola municipal trabalha com o esporte – de acordo com as palavras dele: “*próximo do rendimento*”. Além disso, esse coordenador só trabalha uma modalidade – o

futsal – e acredita que seu núcleo não tenha meninas devido à concorrência com as outras atividades da escola, as quais, segundo ele, são mais voltadas para elas.

Na escola estadual, foi observado que todas as atividades são feitas em turmas mistas, e que as meninas, em sua grande maioria, têm vivência com o futsal, gostam de jogar e jogam muito bem, não sendo excluídas em nenhum jogo.

É importante destacar que o PST privilegia profissionais com formação em esporte, Educação Física e/ou estudantes da área para aderirem aos recursos humanos do programa, e que esses profissionais são orientados para o trabalho, a fim de que sigam as diretrizes teórico-metodológicas do programa, através das capacitações sistemáticas realizadas pelo ME. É essa fusão de saberes advindos, entre outras, da formação acadêmica e da formação continuada nas capacitações para atuar no programa que pluraliza a aprendizagem constante da ação docente.

É necessário que os saberes sistematizados no cotidiano dos núcleos sejam socializados entre os professores para, numa espécie de validação e construção coletiva de um saber que é edificado pela prática, permitir a procura de referenciais teóricos que lhes possibilitem o aprofundamento de um diálogo reflexivo baseado não somente na experiência individual, por vezes limitada, mas, sobretudo, na discussão coletiva (ARAÚJO *et al.*, 2012). Nesse sentido, corroboramos o que André *et al.* (2010, p. 5) defendem:

Consideramos que é imprescindível que o profissional de Educação Física seja capacitado, para que proporcione atividades não somente nas escolas, mas em diversos espaços onde estes atuem, diminuindo as desigualdades e respeitando as diferenças de gênero.

Sousa *et al.* (2010, p. 141) propuseram uma avaliação do PST a partir de notas atribuídas pelos beneficiários ao programa e concluíram que

Quando os beneficiados foram questionados sobre qual nota dariam ao Programa *Segundo Tempo*, entre 0 e 10, apenas 3,1% atribuíram notas entre 0 e 4 (ruim ou muito ruim), 0,8% avaliaram o programa com notas 5 ou 6 (regular), enquanto 95,5% atribuíram notas entre 7 e 10 (muito bom ou bom). Em confirmação a essa boa avaliação geral, 86% dos participantes afirmaram que já tinham indicado ou que poderiam indicar o Programa *Segundo Tempo* a outra pessoa.

Rodrigues *et al.* (2012), em um estudo sobre o PST e seu processo de capacitação, incluíram inquietações oriundas dos resultados da capacitação de 10 convênios de municípios

do interior do estado de São Paulo que foram organizadas ou acompanhadas pela Equipe Colaboradora 21. Nos relatórios consolidados, que são construídos com base nas informações coletadas nas visitas, algumas características ficaram mais evidentes em relação às dificuldades encontradas pelos coordenadores e monitores no cotidiano dos núcleos:

uso demasiado de filas muito longas; ausência de processos de avaliação efetivamente implantados; falta de elaboração do planejamento dentro de uma visão orgânica, em que este deva ser utilizado efetivamente para programar as atividades dos núcleos e, desta forma, por muitas vezes, o planejamento acaba se tornando apenas uma tarefa burocrática; falta de preocupação em realizar atividades com o objetivo de explorar as três dimensões dos conteúdos (procedimental, conceitual e atitudinal), entre outras. (RODRIGUES *et al.*, 2012, p. 112).

Essas dificuldades são diferentes das relatadas pelos coordenadores de Ubá/MG, mas são semelhantes aos exemplos que Rodrigues *et al.* (2012) vislumbram como dilemas, dificuldades e problemas com que os coordenadores de núcleo vão se deparar durante o desenvolvimento de uma aula no PST,

os quais podem estar relacionados com os alunos (indisciplina, número reduzido, número elevado, poucos conhecimentos prévios sobre a modalidade, meninos e meninas na mesma turma, diferentes faixas etárias na mesma turma, entre outros), com o espaço físico (quadra poliesportiva precária, quadra descoberta, ausência dos equipamentos necessários ao esporte, etc.), com os materiais (materiais insuficientes, materiais inadequados para faixa etária, ausência de material específico para modalidade) com a sua própria formação (desconhecimento da modalidade, dificuldade no relacionamento com os alunos de determinada faixa etária, pouca experiências com o esporte educacional, etc.), entre outras categorias de dilemas. (RODRIGUES *et al.*, 2012, p. 116).

Concordamos com os autores que acreditam que, ao se deparar com essa realidade problemática de uma aula, o coordenador deve ser capaz de definir quais são os problemas mais relevantes, passíveis de serem avaliados em busca de uma solução. Para isso o coordenador deve: 1) definir o problema; 2) refletir sobre esse problema; 3) buscar estratégias para solucionar; 4) colocar em prática essa estratégia; e, por fim, 5) avaliar o resultado da sua ação. Ao longo desse processo o professor vai produzindo um conhecimento útil para resolver problemas que emergirem durante sua prática pedagógica.

4.3.2 Episódios marcantes durante as observações de campo

Resolvi inserir este subitem para registrar alguns episódios que me marcaram no decorrer das **observações de campo**: as visitas ao campo foram enriquecedoras para este trabalho. Acredito que seja ideal começar pela estranheza das crianças quando eu chegava e me posicionava perto delas sem falar nada. Todos queriam de alguma forma se aproximar e saber o que eu estava fazendo ali. Algumas iam diretamente ao ponto e perguntavam o meu nome e o que eu estava fazendo. Eu tentava explicar da forma mais simples, mas nem sempre elas entendiam que eu estava ali somente para observar. E me perguntavam de tudo, se eu estava anotando o nome dos alunos que estavam fazendo bagunça, se eu era professora, se eu queria ser professora deles, e assim por diante.

Os mais novos eram os mais curiosos e também os que queriam interagir mais. Pediam que eu tirasse foto deles, perguntavam se tinha joguinho e música no meu celular, pediam para segurar e guardar coisas e queriam mostrar que sabem escrever seus nomes com letra cursiva – e até escreveram no meu caderno de campo, Cheguei a ouvir – entre outras sutilezas e simplicidades que me marcaram nesse processo – que meu olho é muito bonito.

Dois episódios me chamaram a atenção nas observações de campo na escola estadual. O primeiro diz respeito a um jogo de futsal misto em que um menino fez o seguinte comentário “*e a maria-homem sai do gol*”. Esse menino se referia a uma menina, que por sinal joga muito bem, e está no gol. Apesar da pouca idade esse menino reproduziu uma prática comum em nossa sociedade que é a de relacionar a habilidade no futsal, esporte considerado masculino, como um opção sexual. Na ocasião, ele foi logo repreendido pela coordenadora.

Em outro dia de observação nesse mesmo núcleo, chego à escola e vejo os meninos brincando com uma pipa bem pequena e muito bem feita, que ficava a certa altura. Eu nunca tinha visto uma pipa tão pequena e nem imaginei que ela fosse se sustentar no ar. Pedi a um garoto que fizesse uma para mim, e de imediato ele me deu a dele, dizendo que eu podia ficar com aquela porque ele faria outra depois. Perguntei se ele fez a pipa sozinho ou se foi em uma atividade em aula. Ele me respondeu que fez sozinho e completou dizendo: “*Quem dera se as dona deixasse a gente fazer uma pipa dessa ou fizesse uma atividade assim comigo...*”. Alguns coordenadores criticaram o livro de fundamentos do PST, o qual julgavam restringir a prática dos meninos, não lhes dando abertura para fazerem outras atividades.

Ainda nesse núcleo, o professor do Projeto Escola em Tempo Integral e a coordenadora de núcleo do PST organizaram uma oficina de *cibercultura*. Na ocasião, o

professor levou um vídeo game para todos jogarem futebol, escolhendo times somente de seleções que estavam na copa do mundo de 2014. Na hora de começar, ele disse às meninas que deixaria os meninos jogarem primeiro, porque são mais “fominhas” (ou seja: gostam muito de jogar). Embora as meninas quisessem muito jogar, o tempo da aula acabou e elas não tiveram oportunidade de jogar. De certa forma, foram excluídas.

Por último, quero registrar um episódio no núcleo da escola municipal, que só tem meninos e só trabalha com futsal. O coordenador de núcleo havia recebido da cantina da escola uma bacia de bananas para distribuir para seus alunos. Após o jogo, ele começou a distribuí-las e ouviu um menino dizer: “*Somos todos macacos*”. Eles até brincam de simular uma cena de Daniel Alves, que ganhou repercussão mundial ao comer uma banana que lhe foi lançada durante um jogo, num ato de racismo. No momento, o coordenador não fez nenhuma ressalva.

Enfim, pude observar que o programa se faz relevante na vida dessas crianças e desses jovens, que muitas vezes não têm acesso à práticas esportivas e de lazer. Isso também foi perceptível na fala dos coordenadores, os quais ressaltaram a importância do programa para o município de Ubá. Sobre a influência do PST na vida dos beneficiados, Sousa *et al.* (2010, p. 137) fizeram o seguinte levantamento:

Para captar a influência do Programa *Segundo Tempo* na vida dos beneficiados, foi pesquisada a percepção deles sobre a relação entre o Programa e diversos aspectos de sua vida, ou seja, se após o ingresso nas atividades a vida deles melhorou. Nessa direção, 82,2% identificaram que o convívio social e a relação com os amigos melhoraram e 73% afirmaram que a convivência familiar melhorou. Quanto à capacidade de se comunicar e de defender suas ideias, 77% consideraram que melhorou; 74,9% afirmaram que perceberam melhorias na saúde; 71,4% consideraram que têm maior cuidado com a alimentação; e para 67,8% o sono melhorou após iniciarem sua participação no Programa.

Foi uma experiência singular, prazerosa e muito marcante. Apesar do pouco tempo, pude criar laços e perceber que, através do esporte e do lazer, é possível interferir na vida dessas crianças e jovens de forma positiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe ressaltar que as reflexões acadêmicas sobre gênero e políticas públicas de esporte e lazer no Brasil vêm aumentando e se qualificando substancialmente. Tal configuração emerge de um processo histórico de reivindicações populares pela universalização e concretização dos direitos sociais de acesso às práticas corporais esportivas e de lazer na sociedade brasileira.

Nesse sentido, repensar os mecanismos de implementação desses direitos – bem como refletir as possíveis “barreiras culturais” ao acesso dos sujeitos a essas experiências – se faz necessário, a partir da constatação de que tais oportunidades são balizadas pelo atravessamento de inúmeros marcadores identitários como gênero, classe social, geração, orientação sexual, dentre outros.

Quero destacar, neste estudo, o limite das entrevistas e a potencialidade das observações; nas entrevistas, ficamos no discurso, nas impressões pessoais dos coordenadores e em suas opiniões, visões de mundo, e isso às vezes pode ser limitante para compreender a realidade de trabalho nos núcleos, enquanto que as observações nos possibilitam identificar a prática pedagógica e as formas como esses discursos se materializam nas intervenções, daí a relevância da junção das entrevistas com as observações de campo.

Na atualidade brasileira, o PST se faz relevante na consolidação do esporte e do lazer como direitos sociais. A partir dos dados levantados, foi possível verificar que as meninas se inserem no programa no município de Ubá, mas a permanência delas é comprometida pelas tarefas domésticas, pela falta de incentivo dos pais e pela violência.

Todos os coordenadores de núcleo do PST/Ubá/MG tiveram, durante sua formação acadêmica, disciplinas que discutiam a temática de gênero. E a maioria já havia trabalhado em outros programas inseridos nas políticas públicas de esporte e lazer.

Os coordenadores de núcleo do PST/Ubá/MG valorizam a importância da capacitação do programa e dos seus temas, em especial do tema “gênero”, para a prática pedagógica nos núcleos, mas destacam que é necessário que se agreguem mais experiências práticas a essa reflexão e que sejam consideradas as peculiaridades de cada núcleo.

As dificuldades para inclusão de gênero nos núcleos também destacaram a diferença de habilidade entre meninos e meninas como um problema. Os gêneros dos (as) professores (as) não emergiu como fator preponderantemente determinante na inserção e permanência dos sujeitos no programa. O futsal é praticado na maioria dos núcleos, majoritariamente por meninos; as meninas são exceção nesse esporte.

Há predominância de meninos e/ou meninas em determinadas atividades. O trabalho com turmas separadas acontece no programa, mas nem todas essas separações são por gênero: são também por idade e habilidade. A maioria aponta que as tarefas domésticas são o principal motivo que interfere na inserção e permanência das meninas no PST.

Durante a prática pedagógica, esses coordenadores mobilizam conhecimentos advindos de fontes diversas como a formação inicial, acadêmica e continuada para trabalhar no programa, mas enfrentam dificuldades para trabalhar de forma coeducativa.

A formação continuada, dentro e fora do PST, possibilita diversas alternativas de pensar junto para solucionar um problema, que muitas vezes não é só nosso, e que contribuirá na qualidade das práticas pedagógicas desenvolvidas nos núcleos do PST. O cuidado com a capacitação do PST tem priorizado o diálogo entre as diretrizes conceituais e os encaminhamentos metodológicos. No entanto, realizar experiências práticas junto com estes coordenadores se torna imprescindível.

Nesse sentido, este estudo traz reflexões sobre as relações de gênero no PST e ressalta a importância do respeito à diversidade, a aceitação das diferenças e o reconhecimento de cada sujeito, independentemente de marcadores de cor, raça, gênero, classe social, entre outros.

A partir das falas dos coordenadores e das minhas observações, sinto-me à vontade para fazer algumas sugestões visando ao aprimoramento das intervenções nos núcleos do PST.

A primeira diz respeito à capacitação: os coordenadores sinalizaram que faltava dinamismo, assim como mais exemplos práticos em relação aos fundamentos e princípios discutidos nas capacitações. Nesse sentido, sugiro que sejam criados vídeos que tragam boas práticas sobre os temas a serem tratados pelos coordenadores no PST, balizando suas intervenções com experiências feitas em diferentes núcleos no Brasil, para que eles possam ver diferentes realidades da prática no PST. A troca de experiências entre os coordenadores também se faz fundamental; cada núcleo tem uma realidade, e compartilhar as experiências de trabalho em cada uma dessas realidades pode fortalecer e dinamizar o trabalho, além de diminuir dificuldades e limitações.

A segunda refere-se às modalidades: os coordenadores reclamavam de ter que manter, durante os dois anos de vigência do programa, as mesmas três modalidades escolhidas a priori. Acredito que a diversificação das atividades tornaria o programa mais atrativo e diminuiria a evasão dos participantes.

A terceira e última diz respeito ao foco do meu estudo, que é a inclusão de gênero, apontando que as meninas são ainda minoria nos núcleos. Acredito que as meninas devem fazer as mesmas atividades que os meninos e junto com eles; e que o professor deve sempre pensar em como contribuir para o desenvolvimento dos potenciais e das competências dos participantes do PST numa perspectiva coeducativa.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de Gênero: Marias (e) homens da educação física**. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte-MG, 1998.

ALTMANN, H.; AYOYB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336, maio/ago. 2011.

ANDRÉ, C. *et al.* Gênero e educação física escolar nas séries iniciais do ensino fundamental. **3º CONCENO**, Castanhal e Belém, 2010. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/3conceno/3conceno/paper/viewFile/4668/2269>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

ARAÚJO, A. C. *et al.* Formação e atuação pedagógica no Programa Segundo Tempo: reflexões sobre o fazer cotidiano do professor. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 38, p. 40-58, jun. 2012.

ARAÚJO, M. F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **PSIC. CLIN.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70 ed, 2011.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Diretrizes do Programa Segundo Tempo**. Brasília, DF: Ministério do Esporte, 2014.

_____. **Lei nº 9.615** de 24 de março de 1998. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 13 maio 2015.

_____. **Manual de orientação do Programa Esporte e Lazer da Cidade**. Secretaria Nacional de Educação, Esporte, Lazer e Inclusão Social. Brasília: SNEELIS, 2013.

_____. **Constituição Federal Brasileira**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

CHAN-VIANNA, A. J.; MOURÃO, L. A próxima fronteira: notas para uma compreensão das distinções do feminino no esporte. **Revista Gênero**, Niterói. v. 10, n. 1, 2009. p. 147-168.

CHAN-VIANNA, A. J.; MOURA, D. L.; MOURÃO, L. Educação física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 149-164, abr./jun. 2010.

DEVIDE, F. *et al.* Estudos de gênero na educação física brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, jan./mar. 2011.

DORNELLES, G. P. 'Distintos destinos': problematizando as relações de gênero nas aulas separadas entre meninos e meninas na Educação Física escolar. **Anais...** VII Seminário Fazendo Gênero. 28, 29 e 30 de 2006.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. 4-22.

GARANHANI, M. C.; EL TASSA, K. O. M. Formação profissional para atuação em projetos sociais: no foco a formação de professores no "programa Segundo Tempo". **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 04, p. 273-287, out./dez. 2013.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, p. 71-83, mar. 2010.

_____. Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade. In: OLIVEIRA, A. A. B.; PERIM, G. L. (Orgs.). **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo**: da reflexão à prática. Maringá: Eduem, 2009. p. 75-90.

_____. Gênero, educação física e esportes. In: VOTRE, S. B. (Org.). **Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: UGF, 2001. p. 215-227.

GOELLNER *et al.* **Gênero e raça**: inclusão no esporte e lazer. Porto Alegre: Ministério do Esporte/Gráfica da UFRGS, 2009a.

_____. Lazer e gênero: considerações iniciais a partir da experiência do Programa Esporte e Lazer da cidade. In: FRAGA *et al.* **Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos**. Porto Alegre: Gênese, 2009b. p. 53 - 61.

_____. Lazer e gênero nos programas de esporte e lazer das cidades. **Licere**, Belo Horizonte, Editora UFMG, v. 13, n. 2, abr. 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IBGE. **Cidades**, 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br/cidades>. Acesso em: 16 out. 2014.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56), maio/ago, 2008.

MEYER, D.; SOARES, R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.

MONTEIRO *et al.* Produção científica sobre políticas públicas para a educação física: abordagem sobre o gênero e raça. Rio de Janeiro-RJ: **Rev. Educ. Fís./UEM**, v. 23, n. 1, p. 141-153, 2012.

OLIVEIRA, A. A. B.; PERIM, G. L. (Orgs.) **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo**: da reflexão à prática. Maringá: Eduem, 2009.

PIAZZOLLA, M. S. A diferença entre igualdade e equidade de gênero. **Blog Espelho de Vênus**, 2008. Disponível em: <<https://espelhodevenus.wordpress.com/2008/07/24/a-diferenca-entre-igualdade-e-equidade-de-genero/>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

PYRLO, S. C.; ROSSETTI, C. B. Atividades lúdicas, gênero e vida adulta. **Psico-USF**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 77-86, jan./jun. 2005.

RODRIGUES, H. A. *et al.* O Programa Segundo Tempo e seu processo de capacitação: análise e proposições. **Motrivivência**, ano XXIV, n. 38, p. 108-122, jun. 2012.

SALLES-COSTA, R. *et al.* Gênero e prática de atividade física de lazer. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, sup. 2, s325 – s333, 2003.

SANTOS, J. A. **Gênero na teoria social**: papéis, interações e instituições, 20--?.

SANTOS, E. S. *et al.* Programa Segundo Tempo e o papel das prefeituras na sua difusão. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, out./dez. 2014.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n. 48, ago./1999.

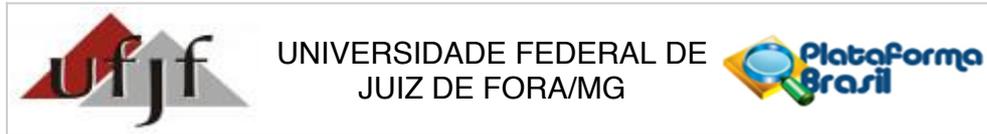
SOUSA *et al.* **Sistema de monitoramento & avaliação dos programas Esporte e Lazer da Cidade e Segundo Tempo do Ministério do Esporte**. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 2001.

WERLE, V. **Questões de gênero nas políticas públicas de esporte e lazer da Fundação Municipal de Esportes de Florianópolis**. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2011.

WENETZ, I. Meninas, meninos e futebol, quem brinca disso na escola? **Anais Eletrônicos...** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. Florianópolis, 2013.

ANEXO I PARECER CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Políticas Públicas de Esporte e Lazer: reflexões sobre a participação feminina no Programa Segundo Tempo

Pesquisador: Ludmila Mourão

Área Temática:

Versão:

CAAE: 33015514.0.0000.5147

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 718.341

Data da Relatoria: 10/07/2014

Apresentação do Projeto:

Apresentação do projeto esta clara e detalhada de forma objetiva. Descreve as bases científicas que justificam o estudo.

Objetivo da Pesquisa:

Apresenta clareza e compatibilidade com a proposta de estudo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Identificação dos riscos e as possibilidades de desconfortos e benefícios esperados, estão adequadamente descritos.

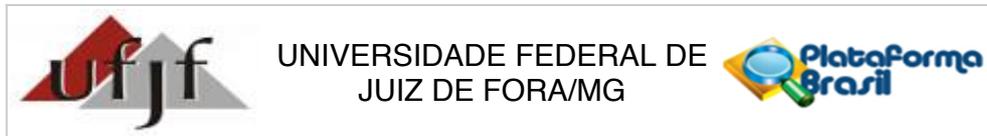
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e na Norma Operacional N° 001/2013 CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto está em configuração adequada e há apresentação de declaração de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa, assinada pelo responsável da instituição onde será realizada a pesquisa. Apresentou de forma adequada o termo de Consentimento Livre e

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N	CEP: 36.036-900
Bairro: SAO PEDRO	
UF: MG	Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788	Fax: (32)1102-3788
	E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 718.341

Esclarecido. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e na Norma Operacional N°001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: Maio de 2015.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e na Norma Operacional N°001/2013 CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

JUIZ DE FORA, 15 de Julho de 2014

Assinado por:
Paulo Cortes Gago
(Coordenador)

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **Fax:** (32)1102-3788 **E-mail:** cep.propesq@ufjf.edu.br

ANEXO II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **“Discursos e Experiências Pedagógicas de Gênero no Programa Segundo Tempo”**. Nesta pesquisa pretendemos analisar como os princípios do caderno pedagógico do Programa Segundo Tempo (PST) sobre as temáticas: corpo, gênero e sexualidade vêm sendo trabalhados nos núcleos do PST/Ubá-MG. O motivo que nos leva a estudar é a relevância da discussão de gênero dentro do PST, que tem como base a democratização do acesso às práticas corporais esportivas. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos de análise documental e entrevistas estruturadas, sem oferecer risco aos participantes e apontando redirecionamentos para a melhoria da prática pedagógica.

Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso seja identificado e comprovado danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito a indenização. Terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade Federal de Juiz de Fora e a outra será fornecida ao senhor. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **“DISCURSOS E EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE GÊNERO NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas

dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20 .

Nome	Assinatura participante	Data
------	-------------------------	------

Nome	Assinatura pesquisador	Data
------	------------------------	------

Nome	Assinatura testemunha	Data
------	-----------------------	------

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humano-UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Pesquisador Responsável: Ludmila Mourão

Endereço: RUA MARIO PERDERNEIRAS, N4, HUMAITÁ , APT 204

CEP: 22261020 RIO DE JANEIRO- RJ

Fone: (21) 8169 8117

E-mail: ludmila.mourao@terra.com.br

APÊNDICE A
FICHA DE OBSERVAÇÃO – 1

Pesquisador: Aline Laila Gomes	
Local: Núcleo do PST/Ubá (Clube A)	
Professor/ Coordenador de núcleo:	
Monitoras:	
OBS. Os nomes foram retirados para a preservação do anonimato dos participantes.	
Data: 09/04/2014	Local da aula: Ginásio coberto
Horário Início: Manhã	Horário Término: 11h
<p>Conteúdos da(s) aula(s): Torneio de futsal masculino. Quando cheguei ao local estava terminando o torneio de futsal masculino que o coordenador geral organizou com os meninos do núcleo. Após a aula conversamos e ele me explicou que as meninas fazem atividades com os meninos mais novos, menores de 11 anos, e a justificativa para isso é que geralmente essas meninas são irmãs desses meninos menores e eles vêm juntos para elas cuidarem deles. E o horário, é o mais cedo, das 7 às 9 horas porque as meninas precisam sair mais cedo para ajudar nas tarefas domésticas. Pela chamada do mês de março e abril, a turma tinha 28 alunos de 7 a 11 anos. Destes, eram 12 meninas e 16 meninos. A turma dos maiores, de 12 a 17, tinha 39 alunos, sendo 16 meninas e 22 meninos, e 1 aluno desistente.</p>	

APÊNDICE B
FICHA DE OBSERVAÇÃO – 2

Pesquisadora: Aline Laila Gomes	
Local: núcleo do PST/Ubá (Clube A)	
Professor/ Coordenador de núcleo: Monitoras: OBS. Os nomes foram retirados para a preservação do anonimato dos participantes.	
Data: 16/04/2014	Local da aula: Campo e piscina
Horário Início: 13h	Horário Término: 15h
<p>Conteúdos da aula: Cheguei ao núcleo às 13h. As crianças e o coordenador de núcleo esperavam do lado de fora. Nesse momento tinham 6 meninas e 14 meninos, separados em dois blocos, meninos conversando com os meninos e as meninas entre elas mesmas. O coordenador me diz que não vim num bom dia porque é véspera de feriado e muitas crianças faltam. Aos poucos vão chegando mais meninos e o coordenador pede que todos se direcionem a quadra. Esse núcleo funciona em um famoso clube da cidade e conta com uma belíssima estrutura: com dois campos de futebol, espaço cimentado e coberto, duas piscinas, ginásio de futsal coberto e quadra de peteca. Todos os alunos sentam-se na arquibancada da quadra de peteca. O coordenador começa fazendo algumas brincadeiras para descontrair e faz a chamada. Nesse momento, 13h:10min, temos 18 meninos e as mesmas 6 meninas. Após a chamada o coordenador avisa que o ginásio coberto, onde tem a quadra de futsal, não poderá ser utilizada porque haverá um evento/show e a estrutura deste estava sendo montada no momento da aula e que todos devem ir para o campo menor. Os meninos mais velhos não gostam e questionam qual será a atividade. O coordenador diz que vai explicar no campo e todos descemos para o local. A estagiária da prefeitura chega as 13h:19min. O coordenador pede que os alunos façam um círculo para fazerem os movimentos de alongamento. Logo após, ele pede que formem duplas, e que as meninas façam com meninos, e fiquem de mãos dadas. O coordenador explica que a atividade é um pique pega em dupla em que uma dupla é o pegador e as outras correm, não podem soltar as mãos, quem for pego vira o pegador. Uma dupla de meninos, mais velhos, fazem o seguinte comentário; “que boiolagem!”. Eles fizeram cerca de 4 minutos de atividade e falam com o coordenador que terminaram, que já pegaram todos, ele então muda a atividade para pique corrente que começa com dois meninos e quem é pego deve também dar as mão e aumentar a corrente. As meninas participam ativamente e em nenhum momento são excluídas.</p>	

Com 6 minutos de atividade o coordenador reduz o espaço da brincadeira para metade do campo e quem sair desse espaço está pego. Pouco depois ele chama a corrente de alunos e orienta eles a não correrem e sim a andarem juntos e mirarem na direção de um só para pegarem todos com mais facilidade. Às 13h:34min. chega a monitora desse núcleo. Uma menina pede para beber água e diz que está com gosto de vomitar e em seguida outra também vai. Ubá é uma cidade muito quente, marcada pelo intenso calor e sol quente, mas esse dia estava ameno e nublado. O coordenador reduz mais uma vez o espaço da brincadeira para torná-la mais complicada, agora só podem usar um quarto do campo. Às 13h:41min. a corrente pega todos. Acabou a brincadeira. O coordenador pede a todos que se sentem no chão e diz a eles que podem beber água e voltar para o campo. Alguns vão, outros não e aos poucos eles voltam e ficam conversando com o coordenador, perguntando se vai ter campeonato hoje. O coordenador brinca e diz que não está sabendo de nada. Ele diz que a atividade seguinte vai ser “bandeirinhas”. As crianças ficam brincando que as bandeirinhas são da cor do short da monitora, que é muito colorido. O coordenador divide dois times A e B e coloca 3 meninas em cada. O coordenador faz brincadeiras e pede para todos cantarem um refrão: “bandeirinha ‘estourou’ na careca do vovô, já começou”. Todos interagem muito bem inclusive as meninas, mas estas não se arriscam muito, preferem ficar no seu campo, vez ou outra arriscam entrar no campo adversário para pegar a bandeirinha. Ponto do time B e muita reclamação do time A, um menino faz o seguinte comentário; “um a zero para o time masculino”. Devido a muitas reclamações o coordenador chama a atenção e fala que quem não quiser brincar pode ir embora. Ele me fala da preferência dos meninos mais velhos por futsal e a resistência para fazer outras atividades. Chega mais um aluno e o coordenador coloca este num time e pede que a monitora fique no outro, ela reclama, parece não querer participar. As crianças fazem piadas com a monitora e o jeito dela correr. Às 14h:08min. a atividade termina e todos os alunos sentam no chão para ouvir o coordenador. Ele fala que os funcionários do clube vão limpar o campo e que todos vão para as piscinas. As meninas e os meninos menores, mais novos, ficam na piscina menor, mais rasa. Os meninos mais velhos não querem entrar na piscina, eles querem futsal e preferem ficar conversando com o coordenador. Uma menina menor quer ficar na piscina mais funda, mas o coordenador e a monitora não deixam, somente uma menina, mais velha, fica sozinha na piscina mais funda com os meninos. Então 5 meninos mais velhos ficam do lado de fora da piscina conversando com o coordenador,

na piscina pequena tem 9, sendo 5 meninas e 4 meninos, na piscina maior tem 5 sendo somente 1 menina, que depois de algum tempo, às 14h:29min. sai da piscina funda e vai para a mais rasa. A atividade na piscina é livre e eles ficam brincando. Às 14h:40min. eles e elas começam a sair da piscina para tomar banho, 3 meninas saem um pouco mais cedo por demorarem mais no banho. Aproveito para perguntar ao coordenador se o bairro é um bairro com histórico violento, o que impediria que as meninas participassem mais. Ele me diz que não, que é um bairro bem tranquilo, mas que tem outros bem violentos na cidade. Ele me diz mais uma vez que eu não vim num dia bom porque tinham poucos alunos. Às 15h todos estão liberados. Agradeço e me despeço de todos.

APÊNDICE C
FICHA DE OBSERVAÇÃO – 3

Pesquisador: Aline Laila Gomes	
Local: Núcleo do PST/Ubá (Clube A)	
Professor/ Coordenador de núcleo:	
Monitor (a) (s):	
OBS. Os nomes foram retirados para a preservação do anonimato dos participantes.	
Data: 07/05/2014	Local da aula: Ginásio coberto, parte externa e piscina.
Horário Início: 13h	Horário Término: 15h
<p>Conteúdos da aula: Chego às 12h:50min. e as crianças já estão esperando o coordenador de núcleo. Nesse momento temos 7 meninas e 4 meninos. Todos estão sentados no chão, em círculo, brincando de “bafo”, bater figurinha. Está um dia muito quente em Ubá: sol e calor. Vão chegando mais meninos e, às 13h:05min., o coordenador chega. Temos 8 meninas e 8 meninos. O coordenador pede que todos entrem e se dirijam para a quadra do ginásio coberto, para sentar e aguardar ele chegar. Lá ele explica que haverá um amistoso de futsal para os meninos maiores contra os meninos do núcleo da Apae, já os meninos menores e as meninas ficarão em outra atividade com a monitora e, às 14h, vão para a piscina. O coordenador começa com um alongamento, chega mais 1 menina. Depois do alongamento começa uma brincadeira de “Pique”. As meninas mais novas correm o tempo todo juntas e o coordenador comenta que elas gostam de fazer tudo juntas e se uma faltar as outras também não vem a aula. As duas meninas mais velhas não ficam junto com as meninas mais novas. Às 13h:20min. a estagiária da prefeitura chega e às 13h:26min. a monitora do PST. As meninas interagem bem na brincadeira, em momento nenhum são excluídas. Às 13h:30min. os meninos da Apae chegam. Do núcleo do clube A ficam em quadra 6 meninos mais velhos. Como o sol está forte, os meninos mais novos e as meninas não querem ficar no campo e pedem para brincar de “pique esconde” e a monitora deixa. Eles e elas usam todos os espaços do clube para esconder: são 9 meninas e 2 meninos na brincadeira todos interagindo muito bem na brincadeira. A monitora me relata que o projeto começou com 70 crianças e gradativamente foi diminuindo. Às 14h:02min. as crianças começam a pedir para mudar a atividade e ir para o campo brincar de</p>	

“bandeirinha”. Às 14h:05min. a monitora pede que todos bebam água para irem para piscina. A monitora me mostra a sala com os materiais do PST e diz que são excelentes. Nem todas as crianças querem entrar na piscina e outras a mãe não autorizou. Só 3 entram (2 meninas e 1 menino), as outras crianças ficam brincando de pular corda, peteca e reclamando que todos poderiam estar no campo. As crianças que estão fora da piscina pedem a monitora pra que ela faça alguma atividade com eles. Ela sugere bater corda para eles pularem. Uma menina que se chama Aline se aproxima de mim e pergunta o que eu estou fazendo ali e se eu vou ser professora, explico a ela que já sou professora e estou observando a aula deles. Às 14h:20min. as meninas saem da piscina e logo depois o menino que ficou também sai para pular corda. Uma outra menina entra na piscina e o menino volta. As meninas mais velhas vão embora. As crianças que estão do lado de fora da piscina voltam a brincar com as figurinhas. Às 14h:35min. a monitora chama para ir embora. Volto para a quadra do ginásio coberto, o jogo está bem divertido e os times misturando meninos dos dois núcleos (Apae e clube A). Pergunto ao coordenador se ele percebe algum tipo de preconceito dos meninos, e ele me diz que de jeito nenhum, que pelo contrário, eles gostam e se divertem muito quando jogam contra os meninos da Apae. Às 14h:50min. todos se juntam para as fotos e se enceram as atividades. Converso com o professor da Apae que me convida para visitar o núcleo e me diz que a maioria são meninos, mas tem muitas meninas também. Me despeço de todos e vou para o outro núcleo.

APÊNDICE D
FICHA DE OBSERVAÇÃO – 4

Pesquisador: Aline Laila Gomes	
Local: núcleo do PST/Ubá (Clube B)	
Coordenador de núcleo: OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.	
Data: 15/05/2014	Local da aula: Quadra aberta
Horário Início: 07h:30min.	Horário Término: 9h
<p>Conteúdos da(s) aula(s): Chego ao núcleo do clube B junto com as coordenadoras e as monitoras. Elas marcaram um amistoso de futsal e queimada para as crianças dos dois núcleos associados do clube e de uma escola estadual localizada perto do clube. A faixa etária das crianças dessa turma é de 8 a 10 anos. Neste momento temos 10 meninos brincando de bola e 6 meninas com 1 menino conversando em um canto da quadra. O jogo está marcado para as 7h:30min. O núcleo tem um estrutura muito boa, com quadra nova, bem pintada, piscinas, e campo, mas as coordenadoras me falam que só podem usar a quadra e o campo e raras vezes a piscina é liberada. Às 7h:26min. a coordenadora do núcleo da escola pede para todos fazerem um círculo e para alongarem. Após o alongamento ela explica que ganhou da prefeitura umas medalhas, mas não é suficiente para todos e vai dar a quem vencer as competições. Ela também explica as regras que ela vai cobrar no futsal e na queimada. Todos se organizam para tirar uma foto. Após a foto, todos se sentam para dividir os times entregando os coletes. A divisão começa pelo time das meninas: 3 azuis e 3 verdes. Depois divide o time dos meninos e começa o jogo de futsal deles, com 12 ao todo, 6 em cada time. As meninas aguardam do lado de fora e uma pede para trocar de time, mas a coordenadora não deixa. As meninas se sentam separadas, pelo time, azul em um canto e verde em outro. A coordenadora apita o jogo. As crianças desse núcleo, são mais tranquilas, não tem brigas e nem palavrões. As meninas se juntam agora para inventar gritos de torcida para os meninos. A monitora explica que não pode fazer músicas para ofender os colegas. As meninas vão todas juntas ao banheiro. Às 08h acaba o primeiro tempo do jogo dos meninos e começa o jogo das meninas, que é uma queimada. Elas vêm correndo do banheiro para começar. Serão 2 jogos, mas havendo empate serão 3. Como são apenas 6 meninas as professoras delimitam o espaço com cones, mas mesmo assim o jogo não flui bem. Então, uma menina sugere que alguém comece no cemitério, uma de cada time, e assim a coordenadora faz. Ela me diz que elas até jogam futsal, mas entendem</p>	

pouco das regras e nunca completa time para elas jogarem entre si. Diferente das meninas do núcleo da Escola estadual que estou observando, essas meninas são mais delicadas, vaidosas e meigas, mas a coordenadora me diz que também são crianças carentes: têm algumas sem pai, criadas por avôs. O jogo demora a se desenvolver e os meninos reclamam que já deu 15 minutos. Às 8h:23min. acaba o primeiro jogo com vitória do time azul. Começa o segundo tempo do futsal dos meninos. As meninas vão novamente todas juntas ao banheiro. Duas meninas vem falar com a coordenadora que as outras estão andando perto da piscina. A coordenadora diz que se elas não estão fazendo bagunça, não tem problema nenhum. As meninas ficam assistindo uma aula de natação que está acontecendo na piscina e depois começam a brincar perto do campo. O jogo dos meninos está empolgante com muitos gols e eles se divertindo muito. Placar final 6 para o verde e 3 para o azul. Às 8h:46min. a coordenadora acaba o jogo e pede que eles se cumprimentem e diz que todos mereciam medalhas porque jogaram muito bem. Começa a queimada das meninas. Uma menina fala um palavrão quando foi queimada e logo é repreendida pela coordenadora que manda ela pedir desculpa a todos as coleguinhas e as professoras. Quando acaba o jogo a vitória é novamente do time azul, é desolador a carinha de decepção das meninas e também dos meninos que perderam. A questão da medalha é muito importante para eles e para elas. Alinhados para receber a medalha, uma menina do time que perdeu retira o colete e se afasta, as outras 2 ficam perto e até aceitam entregar a medalha para os vencedores. Sobra duas medalhas e a coordenadora faz uma competição a parte com quem não venceu as disputas. Ela dá opções de atividades para eles e elas escolherem: disputa de pênaltis e corrida. Os meninos querem a disputa de pênaltis. A menina que tinha se afastado volta e veste o colete novamente para tentar ganhar a medalha que sobrou. Começa a disputa dos meninos e uma menina reclama que novamente vai começar com os meninos e elas serão as últimas de novo. Assim que acaba a disputa dos meninos, eles são liberados e começa a das meninas. Elas escolheram a brincadeira morto-vivo com a variação de liquidificador, que tem que girar e pipoca, que tem que pular além de agachar (morto) e levantar (vivo). A primeira eliminada é justamente a menina que mais sentiu por não ter ganhado a medalha e que se afastou durante a entrega. A coordenadora explica que nem sempre a gente ganha e que temos que saber perder também. Estão todos liberados.

APÊNDICE E
FICHA DE OBSERVAÇÃO – 5

Pesquisador: Aline Laila Gomes	
Local: núcleo do PST/Ubá (Escola Estadual)	
Professor/ Coordenador de núcleo: Monitor (a): OBS. Os nomes foram retirados para a preservação do anonimato dos participantes.	
Data: 07/05/2014	Local da aula:
Horário Início: 9h	Horário Término: 15h
<p>Conteúdos da(s) aula(s): Chego à escola às 11h a procura da coordenadora de núcleo. Me apresento, explico minha pesquisa e o que vou fazer: observações e anotações no caderno de campo. Ela me explica que por o núcleo funcionar dentro da escola, tudo está dependente da escola, inclusive todos os alunos do PST são também do PROETI (Projeto Escola em Tempo Integral). Ela começa a me relatar os problemas com a direção da escola que, segundo ela, atrapalha muito as atividades e até diz o que deve e o que não deve ser feito. Me apresento e novamente explico a minha pesquisa para a monitora. A vice diretora me pede que eu aguarde a diretora chegar para explicar o que eu vou fazer e antes não faça nenhuma observação. De acordo com a coordenadora e a monitora, é uma escola com muitos problemas de disciplina. Elas relatam que a maioria dos alunos não tem uma estrutura familiar e muitos são do “abrigo” (uma casa que cuida de crianças que os pais perderam a guarda ou mesmo que não tem pais). Segundo elas as crianças são muito agressivas, a escola só tem ensino fundamental. Sou informada que as atividades do PST que deveriam ir até julho, mas que nesse núcleo serão suspensas em junho, junto com o calendário da escola, que terá as férias antecipadas devido a copa do mundo no Brasil. Enquanto aguardo a diretora fico na sala dos professores conversando com eles. A diretora chega pouco antes do meio dia, me recebe, conversamos e ela teve um pouco de dificuldade de entender o que eu queria fazer. Ela entende que é uma forma de estágio e que eu preciso de um documento/declaração que justifique minha presença na escola. Questiono que não estou ali para interferir em nada relacionado a escola, que eu vou observar as aulas do PST, mas ela só autoriza minha presença e as observações com uma declaração. Concordo em voltar com uma declaração assinada pela minha orientadora na próxima quarta-feira. Para não perder tempo vou para o núcleo no Clube A, onde já realizei duas observações, sem nenhum problema, uma vez que esse núcleo funciona em um Clube.</p>	

APÊNDICE F
FICHA DE OBSERVAÇÃO – 6

Pesquisador: Aline Laila Gomes	
Local: núcleo do PST/Ubá (Escola Estadual)	
Professor/ Coordenador de núcleo: Monitor (a): OBS. Os nomes foram retirados para a preservação do anonimato dos participantes.	
Data: 14/05/2014	Local da aula: Sala de vídeo e quadra da escola.
Horário Início: 11h	Horário Término: 15h
<p>Conteúdos da(s) aula(s): Chego à escola às 11h. Deixo a declaração que justifica minha presença na escola com a vice diretora e vou conversar com a coordenadora geral e com a monitora que estão na sala dos professores. As crianças estão almoçando. Para entender: as crianças que fazem as atividades do PST são as mesmas que participam do PROETI (Programa de Educação em Tempo Integral), por isso, as crianças estão almoçando, mas não tem nenhum tipo de lanche no PST, e é também por isso que as turmas são divididas nas atividades e coordenadora faz algumas atividades com os professores do PROETI. Às 11h:27min. a coordenadora e a monitora arrumam a sala de vídeo para as crianças do terceiro e quarto anos (faixa etária de 6 a 10 anos) assistirem um filme: é a parte final porque eles começaram assistira no dia anterior. O filme é: “Jack, o caçador de gigantes”. O filme é uma releitura do clássico infantil, João e o pé de feijão. Jack é um fazendeiro que adquire grãos de feijão com a única recomendação de que não devem ser molhados. Obviamente, isto acaba ocorrendo e criando um enorme pé de feijão que vai dar em um mundo de gigantes. Em meio a tudo isso, a princesa Isabelle é sequestrada pelos gigantes e Jack se unirá ao rei numa cruzada para a salvar a jovem. As crianças terminam de escovar os dentes e vão para a sala. Um dos meninos me diz que sou bonita, agradeço e vou com eles para a sala. Algumas meninas me perguntam quem eu sou e qual meu nome, digo que me chamo Aline e que vou assistir o filme com eles, as crianças demoram para fazer silêncio. São 7 meninas e 10 meninos. As meninas são mais falantes e estão todas sentadas juntas na fila de trás. A coordenadora me diz que há, mais ou menos um mês, as atividades estão suspensas na quadra para essa turma. Devido a indisciplina a diretora suspendeu as atividades. A coordenadora me diz que antigamente após o almoço e escovação de dentes as crianças faziam relaxamento com música: deitavam nos colchonetes, ao som</p>	

de músicas suaves e depois iam para a quadra, para as atividades esportivas. Pergunto se os filmes são escolhidos com alguma intenção pedagógica, com temas para serem discutidos com as crianças, e elas respondem que não, que o objetivo é só a ludicidade mesmo e que são as crianças mesmas que escolhem e trazem os filmes. A coordenadora diz as crianças, durante o filme, que elas precisam escovar os dentes e cortar as unhas e tomar banho para não ficarem igual ao gigante, personagem sujo e feio do filme. A professora regente da sala que acompanha os alunos e assiste o filme junto, grita muito com eles e chama a atenção para prestarem atenção no filme. As crianças interagem com o filme, gritam e conversam nos momentos mais empolgantes (batalhas e fugas). Outras crianças ficam contando o que vai acontecer no filme. Um menino e uma menina começam a brigar: o menino é agressivo, e quer bater na menina e depois ele quer agredir um outro menino. A monitora separa eles. Às 12h:15min. o filme acaba. Começa a bagunça, coordenadora coloca outro filme. Dessa vez, um filme infantil, um desenho. O dvd começa com uma música que as crianças dançam alegres, mas rapidamente começa o filme: BOLT. Bolt é um cachorro que estrela uma série de TV, na qual possui superpoderes. Sua companheira é Penny, com quem vive diversas aventuras. Entretanto Bolt não sabe que o mundo que o cerca é falso, acreditando que realmente possui dons especiais. Quando, nas gravações de um dos episódios, Penny é sequestrada pelo dr. Calico, o vilão da série, ele consegue fugir do furgão em que vive e parte atrás dela. Ao lidar com a vida real é que, aos poucos, ele toma consciência de que não tem superpoderes e é um cachorro normal. Chega mais uma turma. Esta de crianças menores. São 4 meninos e 9 meninas, ambos sentam separados, meninas e meninos. São do primeiro e segundo anos, faixa etária de 6 e 7 anos. Falantes e agitados, demoram um pouco para se calarem. Na verdade conversam muito durante o filme. Começam duas brigas entre meninos e a monitora separa. Depois de um certo tempo de filme, as crianças vão para suas salas. Às 12h:50min. descemos para a quadra onde o professor de educação física do PROETI, vai começar a aula. A coordenadora e a monitora o auxiliam. Nessa turma tem alunos do sexto ao nono ano. São 9 meninas e 12 meninos. O professor divide os times para a queimada. A coordenadora me diz que as meninas participam de todas as atividades e gostam muito de jogar futsal. Tanto a queimada quanto o futsal são times mistos. Durante a queimada duas meninas não querem brincar e preferem ficar na arquibancada, elas dizem que não gostam de queimada. Os outros participam com muita empolgação. As meninas são muito

competitivas e não aceitam perder, reclamam muito com o professor. Às 13h:30min. o professor termina a queimada e a atividade agora é o futsal. O professor divide os times. Ele chama quatro meninas para ficarem a frente dos times e escolherem os meninos que vão completando: todos estão muito agitados. Começa o jogo e as meninas tem boa noção de jogo, interagem muito bem com os meninos. Um menino do lado de fora, faz um comentário: “E a maria-homem sai do gol”. Se referindo a uma menina que joga bem. A coordenadora logo o repreende. Todos falam muito palavrões. O time que tem uma menina leva dois gols e sai para o outro entrar. No time que entra, as meninas são mais agressivas em jogo, chutam com muita força e também disputam a bola com os meninos sem medo algum. A menina que ficou na arquibancada, lá continuou, segundo a coordenadora ela quase sempre não faz nada, não participa das atividades, prefere brincar sozinha ou com uma outra menina. O mesmo time faz dois gols novamente e entra um terceiro time para jogar com esse que permaneceu. No time que entrou, um menino reclama que tem muita menina no time e o professor mostra a ele que todos os times tem o mesmo tanto de meninas, esse time sai muito rápido porque levou dois gols em pouco tempo. Os times vão revezando a cada dois gols. Duas meninas saem do jogo e ficam na arquibancada. Duas meninas brincam de bola. Aquela que não gosta de participar das atividades é uma dessas e outra menina brinca sozinha com o jogo de xadrez, em seguida, um menino também sai do jogo. Às 14h:15min. o professor termina o jogo e pede para todos beberem água, irem ao banheiro e depois fazer a fila para o lanche. Após o lanche estão todos sentados a sombra de algumas árvores. Alguns brincam de bolinha de gude, inclusive meninas. A regente de turma pede que busquem mesas e cadeiras para fazerem as atividades e tarefas de casa ali mesmo. A maioria não quer se sentar para fazer as tarefas. Aos poucos vão guardando as bolinhas de gude e se acomodando para fazer as tarefas. A regente de turma vem conversar comigo sobre a dificuldade do trabalho e a falta de interesse dos alunos. Faltando alguns minutos para as 15h, a coordenadora e a monitora começam a arrumar as coisas para ir embora. Me despeço, agradeço e também vou embora.

APÊNDICE G
FICHA DE OBSERVAÇÃO – 7

Pesquisador: Aline Laila Gomes	
Local: núcleo do PST/Ubá (Escola Estadual)	
Professor/ Coordenador de núcleo:	
Monitor (a):	
OBS. Os nomes foram retirados para a preservação do anonimato dos participantes.	
Data: 21/05/2014	Local da aula: sala de vídeo e quadra
Horário Início: 12h	Horário Término: 15h
<p>Conteúdos da(s) aula(s): Chego a escola às 12h. Tem um problema na energia e está sem luz, o que não demora a ser resolvido. Assim que a luz volta, a coordenadora e a monitora começam a levar os alunos para a sala de vídeo. São duas turmas, crianças menores e maiores. A sala fica cheia, 5 meninas se sentam viradas de lado para a televisão e a coordenadora pede que elas se sentem viradas para a televisão. O filme de hoje é, na verdade, episódios de um desenho que se chama: Dragões - o presente do fúria da noite. Tem mais uma queda de energia e as crianças estão muito agitadas e conversam o tempo todo principalmente 3 meninas que a coordenadora coloca para se sentarem longe uma das outras. Apesar da conversa contínua, as crianças também prestam atenção na história do filme até que começam a conversar mais alto. Alguns meninos brigam e tem um menino que faz muita bagunça, grita e xinga além de falar muitos palavrões. A coordenadora coloca ele afastado, mas não adianta e ela prefere levá-lo para a diretoria porque ele começa a mexer com as outras crianças e vice versa. As crianças estão dispersas e muito agressivas: alguns brigam, se batem e se chutam. Duas meninas se aproximam para me perguntar o que eu estou anotando, digo que é sobre o filme. A coordenadora reclama da falta de disciplina e limites das crianças. Descemos para a quadra. No caminho algumas crianças me perguntam se sou a nova professora do quinto ano, respondo que não. Na quadra as meninas estão ansiosas pelo início do jogo e pedem ao professor para pegar a bola que os meninos brincam em quadra e dividir o time. O professor está fazendo a chamada. Cinco meninas estão fazendo brincadeiras obscenas, entre elas, na arquibancada. Vão chegando mais meninos e o professor chama todos para dividir os times, 1 menina fica na arquibancada brincando no celular, e em quadra temos 5 meninas e 11 meninos. Durante o jogo as meninas não se intimidam e partem pra cima o tempo todo. Da semana passada para essa têm algumas meninas diferentes e outras que faltaram. As meninas que saem do</p>	

jogo porque o time perdeu querem ficar brincando de bola na lateral da quadra enquanto esperam para jogar novamente. As meninas ficam se agarrando o tempo todo, inclusive uma que está em quadra nem presta muita atenção no jogo, prefere ficar conversando com as que estão do lado de fora e com o professor. As meninas agora começam a brincar de puxar o cabelo uma das outras. O professor e a coordenadora me relatam que essas meninas tem uma “sexualidade” muito aflorada que elas são muito desinibidas e saem na frente dos meninos quando o assunto é corpo; tem uma realidade de vida muito difícil, tanto eles quanto elas. Na grande maioria, não tem uma estrutura familiar, são filhos de pais separados, presidiários, prostitutas e alguns nem conhecem o pai. Segundo eles, têm muitos relatos de alunos e alunas que já sofreram algum tipo de abuso sexual. Às 14h:15min. o professor pede para beberem água, irem ao banheiro e fazerem a fila para o lanche. Na fila algumas confusões, não tem organização. Um menino joga água em uma menina que reclama com o professor e depois vai agredir o menino que jogou água nela. O professor chama a atenção de ambos. Após o lanche todos vão brincar a sombra das árvores: uns estão sentados conversando e outros brincando de bolinha de gude, inclusive 3 meninas. Eu passo e um menino fala um palavrão e, em seguida, me pede desculpa; “desculpa aí dona”. A regente da turma começa a chamar todos para irem para a sala, mas ninguém se mobiliza e continuam a fazer o que estavam fazendo. A coordenadora com jeito e muita conversa vai convencendo todos a irem para a sala, devagar, mas vão. Um menino vem me perguntar o que eu estou fazendo, digo que estou observando, ele me diz que eu estou olhando a aula para depois eu aprender. Pouco antes das 15h eles entram para a sala, me despeço, agradeço e vou embora.

APÊNDICE H
FICHA DE OBSERVAÇÃO – 8

Pesquisador: Aline Laila Gomes	
Local: núcleo do PST/Ubá (Escola Estadual)	
Professor/ Coordenador de núcleo: Monitor (a): OBS. Os nomes foram retirados para a preservação do anonimato dos participantes.	
Data: 28/05/2014	Local da aula: Sala de vídeo e quadra
Horário Início: 11h:30min.	Horário Término: 15h
<p>Conteúdos da(s) aula(s): Chego a escola às 11h:30min, hora do sinal para ir embora a turma da manhã. As crianças estão escovando os dentes e outras brincando. A coordenadora e monitora ficarão com turmas separadas hoje porque a vice diretora pediu para não juntar duas turmas. A monitora leva uma turma para a sala de vídeo onde vão assistir o filme “Wolverine imortal” que é protagonizado pelo mutante Logan, o Wolverine, considerado o personagem mais famoso da série X-Men, a história trata de uma batalha no Japão. O longa é baseado nos quadrinhos <i>Eu, Wolverine</i>. As crianças chegam a sala muito agitadas, gritando correndo e brigando. Três meninos começam a se agredir, e a coordenadora separa eles. As meninas conversam, mas são mais tranquilas. São alunos do terceiro e quarto anos. O filme começa com soldados se matando, as crianças ficam assustadas e surpresas. A coordenadora me diz que a classificação do filme é livre e que a diretora liberou que eles assistissem esse filme. Quando o filme não está em cenas de ação, as crianças não prestam atenção e ficam conversando. A monitora fica com essa turma e a coordenadora vai para a outra sala ficar com a outra turma. Eu acompanho a coordenadora. Lá as crianças estão brincando com pecinhas plásticas de montar. As meninas brincam separadas dos meninos, exceto uma que está brincando no grupo dos meninos. Um menino me vê tirando foto com o celular e me pede para tirar uma com o brinquedo que ele montou, tiro a foto e ele volta a brincar. Nessa turma tem 6 meninos e 8 meninas. As meninas brincam de casinha, mamãe e filhinho sem dar muita importância para as peças do brinquedo. Já o foco dos meninos é nas pecinhas de montar. Tem um menino afastado chorando e que não quer brincar no meio dos outros. Então a coordenadora pega algumas pecinhas para ele brincar na sua carteira. As meninas não querem dividir as peças, mas a coordenadora explica que tem que dividir. A coordenadora brinca com as meninas, tem duas que estão deitadas no chão, a coordenadora pergunta o que elas estão fazendo. Nesse</p>	

momento, vem outra menina e começa a gritar que elas estão “metendo”. A coordenadora pede a ela para não falar aquilo, mas ela insiste e repete várias vezes, rindo. As meninas que brincam deitadas dizem que estão brincando de salão de beleza. Essa turma é a dos menores. O menino que me pediu para tirar a foto dele vem novamente e me pede para tirar outra foto, nesse momento vem uma menina também para pedir pra tirar foto dela e me pergunta o que eu estou fazendo ali, respondo que estou observando as brincadeiras deles. O menino das duas fotos é muito comunicativo, e tem um irmão gêmeo. Ele me mostra o irmão dele que é bem mais tímido. Nessa turma, as meninas são mais bagunceiras: correm gritam e sobem em vários lugares. Já os meninos só brincam com as pecinhas. Duas meninas se aproximam de mim e uma me pergunta se tem joguinho no meu celular, eu respondo que não, ela pergunta se tem música, respondo que sim, ela pede para ouvir, eu digo a ela que a bateria está acabando e que eu preciso tirar mais fotos deles. As meninas começam a correr mais, a brincar de se agarrar, puxar o cabelo e sentar no colo na mesma cadeira. Às 12h:37min. a coordenadora pede para começarem a desmontar as peças e guardar. Um menino e uma menina ficam jogando as peças no chão. Uma menina me pede para eu cuidar da tiara de cabelo dela, outra se senta do meu lado e me diz que meu olho é muito bonito. Um menino pega a tiara de uma menina e duas meninas ficam falando que ele é “menininha”. Duas meninas ficam na minha frente me olhando escrever as observações e me pedem para escrever o nome deles: HIAGO, HELOARA e SARAH. Heloara me pede para mostrar que sabe escrever o nome dela com letra cursiva, eu deixo e ele escreve no meu caderno de campo. Nesse momento chegam outros que também querem mostrar que sabem e todos escrevem seus nomes com letras cursivas no meu caderno de campo. Enquanto isso, a coordenadora manda todos ajudarem a guardar as peças. Ela começa deixar saírem da sala aos poucos. Ajudo a coordenadora a organizar a sala. Bate o sinal para os alunos do turno da tarde entrarem para a sala. A coordenadora e eu vamos para a quadra: de um lado brincam só meninos e do outro brincam meninos e meninas brincam de chutar a bola a gol. O professor do PROETI não começa a aula porque terá uma palestra com um profissional da prefeitura. Dois meninos começam a brigar e uma menina entra no meio e separa. Neste dia temos 13 meninos e 3 meninas. O professor me diz que a horta está cada vez melhor (são as crianças do PST/PROETI junto com os professores que fizeram e cuidam da horta). O professor me diz que vão fazer um canteiro com plantas medicinais e que a diretora adorou a ideia. A professora

regente do PROETI vem me perguntar se eu não quero dar uma aula para a turma dela, e explico mais uma vez que estou ali para coletar dados da minha pesquisa. As crianças mesmas se dividem em times e começam a jogar futsal. Em cada gol tem uma menina. Às 13h:30min. o professor chama eles para a palestra. Chegamos na sala. As crianças conversam e brincam muito. Um dos meninos tem uma arma de brinquedo e uma toca. Ambos parecem confeccionados por ele mesmo. Ele brinca e depois esconde dentro da mochila. A palestrante pede silêncio, caso contrário vai pedir aos alunos que estão fazendo bagunça para se retirarem da sala. Na verdade não é um palestra. Ela começa passando um vídeo com o título: Os efeitos da droga. O vídeo tem imagens fortes, mas é bem rápido. Então, ela passa um segundo vídeo que parece uma dramatização feita por estudantes. Esse vídeo é mais realista e prende mais a atenção dos alunos. A profissional da prefeitura começa uma discussão sobre os vídeos, mas nada muito consistente: ela só fala para não usarem drogas, pergunta se os alunos tem alguma dúvida. Alguns interagem: um aluno diz que vai perder a mãe para as drogas e para o álcool, mas a palestrante parece querer que acabe rápido a atividade e já chama eles para tirar um foto, a maioria não vai tirar a foto. Começa a passar uma lista de presença para os alunos assinarem e, em seguida, descem para a fila do lanche e lá fazem mais bagunça. As 3 meninas acabam de lanche e vão brincar de bolinha de gude, debaixo das árvores. Um menino chega e fica assistindo, aos poucos outros vão chegando e também começam a brincar com elas. Mais afastado tem um grupo só de meninos brincando. Desde a hora que entrei na escola vejo meninos brincando com uma pipa pequena, muito bem feita e que ficava até alta e um por um tempo voando. Pedi a um menino para fazer uma pra mim, ele me dá a dele. Pergunto se ele fez sozinho ou com alguma professora, se foi uma atividade em aula. Ele me responde que fez sozinho e completa dizendo: “quem dera se as dona deixasse a gente fazer uma pipa dessa ou fizesse uma atividade assim comigo”. Como sempre os alunos relutam muito para entrar para a sala, um menino joga o chinelo arrebitado encima do telhado e a diretora vem para colocar todos para dentro da sala. As crianças mostram que alguém fez xixi na lixeira, a diretora fica nervosa, chama a atenção das regentes, mas a regente não consegue controlar os alunos que ficam saindo da sala o tempo todo. Eles e elas vão para a quadra sobem nas grades, e na arquibancada, correm pela escola toda, chutando lixo. Chega a hora da coordenadora e eu irmos embora, a diretora abre o portão para nós e me pede desculpas pela desordem das crianças.

APÊNDICE I
FICHA DE OBSERVAÇÃO – 9

Pesquisador: Aline Laila Gomes	
Local: núcleo do PST/Ubá (Escola Estadual)	
Professor/ Coordenador de núcleo:	
Monitor (a):	
OBS. Os nomes foram retirados para a preservação do anonimato dos participantes.	
Data: 04/06/2014	Local da aula: Sala de vídeo
Horário Início: 10h	Horário Término: 14h:20min.
<p>Conteúdos da(s) aula(s): Chego à escola e os alunos do quinto ano estão assistindo filme. É uma turma que ainda não observei. Uma menina vem me perguntar quem eu sou e se vou dar aula para eles. Respondo que meu nome é Aline e que não vou dar aula, vou só observar a aula deles. São 5 meninas e 8 meninos, que conversam bastante durante o filme “ O Homem de Aço” que trata de uma releitura do filme do Superman. O filme é cheio de cenas de ação e lutas. Às 10h:45min. a coordenadora pede para fazerem a fila para voltarem para a sala. É horário de almoço das crianças que depois vão escovar os dentes. Às 11h:50min. é hora de outra turma ir para a sala de vídeo. A turma começa a chegar, a coordenadora pede para fazerem fila. Todos entram correndo se sentam nas duas primeiras filas de cadeiras. O filme dessa vez é um infantil: “Nem que a vaca tussa” (a história começa quando a fazenda Caminho do Paraíso recebe uma ordem de despejo, seus animais vão fazer de tudo para conseguir o dinheiro da hipoteca. Para isso, querem capturar um perigoso ladrão de gado e pegar a recompensa). As turmas agora são do terceiro e quarto anos. Uma menina conversa muito e não fica quieta no lugar. Os outros, depois de um tempo começam a prestar atenção no filme. Às 12h:19min. chega mais uma turma. Essa de alunos menores. Até se organizarem nos lugares, tem muita bagunça e conversa. A menina que não fica quieta é colocada para fora da sala. Às 12h:49min. começam a voltar para as salas. É hora de ir para a quadra acompanhar o professor do PROETI nas atividades, mas hoje ela fará uma atividade diferente: uma oficina de Cibercultura com o tema Copa do mundo. Ele trouxe o videogame dele para as crianças jogarem. Os alunos chegam correndo. Os meninos conversam alto e falam muitos palavrões. Todos entram pegando colchonetes. As meninas arrumam os colchonetes no fundo da sala e se deitam, os meninos sentam bem próximos a televisão. O professor e a coordenadora arrumam a instalação dos aparelhos. Os meninos estão ansiosos e as meninas parecem não estar</p>	

muito interessadas. O professor avisa que será 5 minutos de jogo e que só podem escolher seleções que estão na copa do mundo. Poucas meninas querem jogar. Enquanto aguardam, elas ficam deitadas conversando nos colchonetes, no fundo da sala. Uma menina diz: “vou jogar também, mas não sei não, se os meninos podem eu também posso”. São 11 meninos e 6 meninas. A menininha que não gosta de participar de nenhuma atividade e que não interage com as outras, senta-se afastada e diz que não quer jogar. Todos ficam quietos e o professor até comenta: “só assim para eles ficarem um pouco quietos”. O professor diz às meninas que vai deixar os meninos jogarem primeiro porque eles são “fominhas” (termo utilizado para dizer que gosta muito disso). Duas meninas que querem jogar ficam perguntado pra que serve cada botão da manete e quais são as melhores seleções. Uma menina pergunta ao professor porque no vídeo game tem 11 jogadores de cada lado e não 5, o professor ri e explica que ali é futebol de campo, que o campo é bem maior que a quadra e precisa de mais jogadores. A mesma menina diz que não vai escolher o Brasil porque é a pior seleção “e tomara que eles percam e que vai perder”. Os meninos estão todos concentrados nos jogos. Aparece uma lagartixa no chão e todos param para ver e alguns tentar matar ela. O professor diz que não é para mexer com o bicho. O professor avisa às meninas que não dará tempo para elas jogarem e que na próxima vez que ele trouxer, elas vão começar jogando. Não tem reclamações, todos começam a sair para o lanche. Me despeço e agradeço a todos.

APÊNDICE J
FICHA DE OBSERVAÇÃO – 10

Pesquisador: Aline Laila Gomes	
Local: núcleo do PST/Ubá (Escola Municipal)	
Professor/ Coordenador (a) de núcleo: Monitor (a): OBS. Os nomes foram retirados para a preservação do anonimato dos participantes.	
Data: 07/05/2014	Local da aula:
Horário Início:	Horário Término:
Conteúdos da aula: Chego às 15h:20min. na escola e um funcionário me informa que as atividades do PST foram suspensas aquele dia porque a quadra estava em reforma. Agradeço e vou embora.	

APÊNDICE K
FICHA DE OBSERVAÇÃO – 11

Pesquisador: Aline Laila Gomes	
Local: núcleo do PST/Ubá (Escola Municipal)	
Professor/ Coordenador (a) de núcleo: Monitor (a): OBS. Os nomes foram retirados para a preservação do anonimato dos participantes.	
Data: 21/05/2014	Local da aula: Pátio coberto
Horário Início: 16h	Horário Término: 17h
<p>Conteúdo (s) da (s) aula (s): Chego a escola às 16h junto com o coordenador de núcleo. Procuo a diretora da escola para me apresentar e explicar ou que vou fazer. Ela não está, mas uma pessoa da secretaria me autoriza a fazer as observações. Na quadra está acontecendo um ensaio. O coordenador leva os meninos para um pátio coberto. Só tem meninos, ao todo 16, de diferentes faixas etárias. O coordenador me diz que esses meninos só fazem futsal, não aceitam outra atividade e que se ele tentar fazer algo diferente eles não vem. Ele divide em trios e distribui os coletes, marca o espaço com cones e eles fazem uma disputa de 3 contra 3 que dura três minutos e aí troca os times. O coordenador me relata que o núcleo já teve meninas, mas que esse ano elas sumiram, segundo ele, por motivos diversos, como elas estarem participando de outras atividades que são oferecidas na escola (dança e teatro), terem trocados de turno, terem que ajudar nos afazeres domésticos. Vão chegando mais meninos agora são 20. Continuando a conversa com o coordenador ele me diz que ano passado conseguiu variar bastante as atividades porque a turma tinha mais meninos menores e meninas. Ele disse que fez “cine pipoca” e “caminhada ecológica” entre outros. Uma cantineira traz uma bacia de bananas para o coordenador distribuir para os meninos. Os meninos são muito disciplinados, esperam sem reclamar a vez do seu time jogar e durante o jogo. Também não vejo nenhuma atitude mais agressiva ou falta mais forte e também não escuto palavrões ou xingamentos. Noto que alguns meninos ali também fazem atividades no núcleo do clube A que estou observando. Essa escola e esse núcleo estão localizados razoavelmente perto. A escola está toda mobilizada com os ensaios para a festa junina. O coordenador reclama porque uma professora traz sua turma para fora, para brincar justamente no pátio e as crianças correm e gritam muito, além de passar no meio da atividade do coordenador. Ele diz que sempre que está com atividade no pátio, outras professoras trazem seus alunos para fora da sala e algumas vezes a direção acaba</p>	

falando que são os alunos dele que estão fazendo muito barulho. Ele me diz que ano passado teve muitos problemas com brigas entre meninas: após as atividades elas brigavam na saída e ele tinha que separar as brigas. No decorrer da atividade e da nossa conversa chegam mais duas turmas para brincar no pátio. Às 17h acaba a aula da escola e o coordenador também termina a sua atividade e começa a distribuir as bananas. Um menino fala a frase: “somos todos macacos” e eles até brincam de simular a cena de Daniel Alves que ganhou repercussão mundial ao comer uma banana que lhe foi lançada durante um jogo num ato de racismo. Pouco depois, juntamos os materiais e vamos embora, eu imaginei que ainda teria atividade em quadra, mas não me teve, então me despeço do coordenador e agradeço.

APÊNDICE L
FICHA DE OBSERVAÇÃO – 12

Pesquisador: Aline Laila Gomes	
Local: núcleo do PST/Ubá (Escola Municipal)	
Professor/ Coordenador (a) de núcleo: Monitor (a): OBS. Os nomes foram retirados para a preservação do anonimato dos participantes.	
Data: 28/05/2014	Local da aula: Pátio coberto
Horário Início: 16h	Horário Término: 17h:30min.
<p>Conteúdos da(s) aula(s): Chego à escola e vou conversar com a diretora que é muito atenciosa. O coordenador chega e começa a arrumar o espaço para a atividade: marca o espaço com cones e coloca dois gols pequenos, divide os meninos (mais uma vez só têm meninos, ao todo são 18) em times de três de acordo com o tamanho e ou a habilidade. Os que não estão jogando aguardam sentados e quietos a sua vez. O jogo começa com os menores, o coordenador apita e passa algumas instruções. A escola está decorada para a festa junina e os ensaios estão acontecendo na quadra. Chegam mais meninos, agora já têm 22. Alguns jogam de tênis e outros descalços. O coordenador avisa que hoje iremos para a quadra. A aula da escola termina. Vamos para a quadra, lá ele separa os maiores dos menores e divide os times, distribuindo os coletes. O jogo começa pelos maiores. Essa escola é muito bonita e tem uma ótima estrutura. O coordenador me diz que lá tem o projeto “Mais Educação” que oferece diversas atividades, mas as que têm maior adesão são o futsal dele e o caratê que é ministrado por um outro professor. Os meninos além de só jogarem futsal só falam de futebol. Às 17h:30min. agradeço o coordenador e me despeço dele e dos alunos.</p>	

APÊNDICE M

Roteiro de Entrevista

Bloco I: caracterização dos participantes da pesquisa.

Nome:

Idade:

Sexo:

Por que escolheu a Educação Física para sua formação profissional?

Instituição de Ensino Superior que estuda ou que fez a formação:

Área de interesse na atuação profissional:

Como ingressou no PST?

Há quanto tempo atua no PST?

Qual era a expectativa para o trabalho no PST antes de ingressar no programa?

Como avalia o Programa (PST)?

Bloco II: Identificar se foi abordado na formação acadêmica/ curricular e na capacitação/ atuação profissional no Programa Segundo Tempo os temas Corpo, Gênero e sexualidade.

Durante a sua formação acadêmica você teve na grade curricular do curso de Educação Física, disciplinas que tratassem ou abordassem temas como corpo, gênero e sexualidade?

Caso não tenha sido durante a formação acadêmica, você teve contato com essa temática em algum outro momento? Em caso afirmativo, de que modo foi esse contato?

Você já havia atuado em outro(s) projetos inseridos nas políticas públicas de esporte e lazer?

Descreva as etapas e os processos (vídeo aula, equipe de colaboradores, viagem para capacitação, temas abordados) o que foi marcante, diferenciado, de identificação pessoal, se foi satisfatória ou não dentro da capacitação para atuar no PST?

Você conhece o livro de Fundamentos Pedagógicos do PST? Se conhece, qual é a sua avaliação/opinião sobre os temas/capítulos tratados no livro e as necessidades do programa na prática? São discussões importantes, temas pertinentes, tem relevância no trabalho nos núcleos?

Você identifica dificuldades, problemas e limitações presentes no seu trabalho no contexto do PST? Em caso afirmativo identifique- os.

Quais as satisfações presentes na sua atuação no PST?

BLOCO III: Verificar como as temáticas: Corpo, Gênero e Sexualidade estão presentes na intervenção pedagógica dos coordenadores do PST/Ubá/MG e os aspectos relacionados a inserção e permanência dos sujeitos nos núcleos.

Durante capacitação para o trabalho, o tema “corpo, gênero e sexualidade” foi trabalhado? Em caso afirmativo, de que forma o tema foi trabalhado, foi satisfatório? Por quê?

Você conhece o capítulo do livro de Fundamentos Pedagógicos do PST que trata da discussão de corpo, gênero e sexualidade? Se conhece, qual sua avaliação sobre?

São enfrentadas dificuldades para a inclusão de gênero em seu núcleo? Em caso afirmativo, quais dificuldades?

Você acredita que o sexo do (a) professor (a) pode interferir na aderência e permanência dos alunos ou alunas no PST?

Bloco IV: identificar e analisar a permanência de meninas e meninos nos núcleos do PST/Ubá, bem como os processos sociais que resultam em uma possível discrepância na participação entre os gêneros neste processo.

Como é a distribuição numérica de meninos e meninas no seu núcleo?

Quais os conteúdos/ atividades são trabalhados em seu núcleo?

Existe predominância de meninos ou meninas em alguma atividade em específico?

Como você trabalha os conteúdos com os meninos e meninas? Há alguma diferenciação, caso sim, em que se baseiam essas diferenciações?

Você percebe se fatores externos como: ajuda nas tarefas domésticas, violência urbana e além desses se há outros que você observou no seu trabalho, interferem no acesso e permanência das meninas nos núcleos do PST? Caso sim, descreva os fatores observados no seu núcleo.

APÊNDICE N
Entrevistado 1

P: Nome completo, por favor? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Idade?

R: 26 anos

P: Sexo?

P: Masculino

P: Por que escolheu educação física para sua formação profissional?

R: A:...mais ligação ao esporte mesmo, assim.

P: Instituição de ensino superior em que estudou ou fez a formação?

R: É:...Faculdade Governador Ozanam Coelho.

P: Área de interesse na atuação profissional?

R: Escolar e musculação.

P: Como ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: Através de um processo seletivo.

P: Há quanto tempo atua?

R: Um ano.

P: Qual era a expectativa para o trabalho do Programa Segundo Tempo antes de ingressar no programa?

R: A expectativa era muito grande né porque é um projeto do Governo Federal né que abrange o Brasil inteiro então a gente se sente importante em participar desse projeto.

P: E como que você avalia o programa?

R: Eu acho que ele é bom, mas ainda eu acredito que há falhas que possam ser melhoradas.

P: Durante a sua formação acadêmica você teve na grade curricular do curso de educação física disciplinas que tratassem ou abordassem temas como corpo, gênero e sexualidade? Caso não tenha sido durante sua formação acadêmica você teve contato com essa temática em algum outro momento?

R: Na formação acadêmica teve... teve disciplina voltada pra esse tema e que teve um período inteiro trabalhando esse tema porque ele é o dia a dia da gente que esta na escola né então não tem como fugir esse tema.

P: Você já havia atuado em outros projetos inseridos dentro de políticas públicas de esporte e lazer?

R: Já sim, o PELC né Projeto Esporte e Lazer da Cidade.

P: Descreva as etapas e os processos. Foi vídeo aula, equipe de colaboradores, viagem para capacitação; temas abordados? O que foi marcante? Diferenciado, de identificação pessoal? Se foi satisfatória ou não dentro da capacitação para atuar no Programa Segundo Tempo...

R: Então eu entrei, ele já tinha ocorrido a capacitação porque eu entrei através de desistência de professores né uma lista que foi feita eu só fiz uma capacitação no projeto Recreio nas Férias que é feito dentro do Programa Segundo Tempo durante as férias ai teve a capacitação através de vídeo-aula e através de aula prática que foi muito contribuinte porque a gente viu... sai um pouco da faculdade e vê o que as pessoas realmente fazem; pra mim foi muito interessante essa capacitação.

P: Veio uma equipe de colaboradores?

R: É:...veio apenas um professor da equipe do segundo tempo e que (ministrou) administrou toda a palestra toda a capacitação.

P: Você conhece o livro de fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo?

R: Conheço.

P: Qual é a sua avaliação, a sua opinião sobre os temas capítulos tratados no livro? E as necessidades do programa na prática? São discussões importantes, temas pertinentes, tem relevância no trabalho nos núcleos? Te ajudou no seu trabalho?

R: É... ajuda sempre ajuda né qualquer material a gente sempre (filtra) pra tirar os fatores mais importantes, o que eu vejo de critica no livro é que ele não tem a peculiaridade do núcleo acho que cada núcleo tem seu (fim) cada núcleo ele tem sua característica e no livro ele é geral então.

P: Cada cidade tem sua característica...

R: {cada cidade até a própria... até mesmo dentro do núcleo tem núcleo que é zona rural tem núcleo que é centro, dentro de escola fora de escola, então da pra gente filtrar e trazer pra nossa realidade.

P: Entendi... você identifica dificuldades problemas e limitações presentes no seu trabalho no contexto do Programa Segundo Tempo? Em caso afirmativo identifique-os.

R: É... a dificuldade é a carga horária porque a gente tem que esta com o aluno duas horas... então pra realidade nossa do núcleo, você ficar com um aluno duas horas dentro de uma quadra ou dentro de um pátio é complicado porque eles tem outros afazeres então essa carga horária é muito alta então tem menino que as vezes precisa ir na rua precisa fazer uma tarefa então ele deixa de vir; se fosse uma carga horária menor () daria pra esta fazendo mais atividade durante o horário vago dele.

P: Quais as satisfações presentes na sua atuação no Programa Segundo Tempo?

R: A::... Sem dúvida o contato com a criança com o adolescente, ver o sorriso no rosto é muito satisfatório isso.

P: Durante a capacitação para o trabalho o tema corpo gênero e sexualidade foi trabalhado? Em caso afirmativo de que forma o tema foi trabalhado? Foi satisfatório? Por quê?

R: Então, como eu tinha mencionado anteriormente eu já tinha entrado já tinha ocorrido a capacitação então eu só posso falar do, no caso... do recreio nas férias que eu fiz é... não foi abordado esse tema porque era mais voltado pro recreio nas férias atividades recreativas é::

P: Mais prático...

R: Mais prático e na capacitação tinha vários temas abordados voltados, por exemplo, pra comemoração dos dez ano do projeto então era mais voltado pra isso.

P: E... você conhece o capítulo do livro de fundamentos que trata da discussão de corpo gênero e sexualidade?

R: Sinceramente essa parte eu não li ela toda não então, eu não posso falar dela.

P: Tá... são enfrentadas dificuldades para inclusão de gênero no seu núcleo? Em caso afirmativo quais dificuldades?... É aquilo que você já falou lá atrás.

R: A minha dificuldade são duas; primeiro que o meu núcleo ele é muito competitivo os alunos já vem de uma escola, que inclusive era ministrada por mim as aulas de escolinha mesmo de futsal, de handebol, um projeto voltado pro esporte ta então, não o rendimento, mas próximo do rendimento, então eles já estão inseridos nesse meio... então fica às vezes monótono, chato pras meninas que não gostam desse né... falando questão de meninas, não gostam desse, de estar incluída nesse projeto e o outro problema é as atividades extras da escola que tem atividades voltadas pra dança, teatro, artesanato que teoricamente são coisas mais de meninas então por isso, esse choque de horário, deixou o núcleo mais vulnerável por esse fato.

P: Você acredita que o sexo do professor pode interferir na aderência e permanência dos alunos ou alunas no programa?

R: A::...sinceramente não acho que depende do sexo depende da personalidade eu conheço professores que trabalham mais com meninos, tem facilidade, outros tem dificuldades com meninas, eu por exemplo tenho mais dificuldade de trabalhar com meninas talvez também pode ser uma justificativa do meu núcleo ser vazio em questão de meninas

P: Como é a distribuição numérica de meninos e meninas no seu núcleo?

R: É... atualmente é só meninos.

P: Mas anteriormente?

R: Anteriormente eu tinha a turma fechada, primeiro horário de sete às nove eram meninas, cheguei a ter vinte e cinco meninas.

P: Quais os conteúdos atividades que são trabalhadas em seu núcleo?

R: É a gente trabalha com futsal com handebol e o atletismo muito pouco mais adaptado mesmo, brincadeiras porque como eu mencionei os meninos aqui, os alunos meus são

voltados pro rendimento, então a gente acaba também tendo que, entrando no meio que é só futsal só futebol porque se não se perde aluno, porque eles não querem as outras atividades.

P: Quando você tinha turma de meninos e meninas existia predominância de meninos ou meninas em alguma atividade em específico?

R: A::... a maioria era futsal pra menino e handebol pra menina.

P: Como que você trabalha os conteúdos com meninos e meninas? Há alguma diferenciação? Caso sim em que se baseiam essas diferenciações?

R: É quando eu trabalhava não tinha diferença não, por exemplo se a gente fazia uma atividade de corrida eu não separava filas de menino e nem de menina eu misturava quando ia separar times pra jogar jogo coletivo eu misturava as meninas e os meninos, só respeitava mais a idade, eu separava por idade porque a questão física acho que é a mais importante tanto menina quanto menino.

P: Você percebe se fatores externos como ajuda nas tarefas domésticas, violência urbana e se além desses há outros que você observou em seu núcleo, interferem no acesso e permanência das meninas nos núcleos do PST?

R: É... no meu caso eu posso falar experiência própria que tem uma vizinha minha que era aluna minha que a mãe dela foi lá em casa e falou, “professor ela não vai poder ir porque ela tem que fazer as coisas aqui em casa, porque eu trabalho então ela vai ter que parar”, ai eu falei tudo bem né, então eu, no meu núcleo eu acho que isso acontece sim, muito.

P: E tem algum outro fator desse que você falou que pode estar excluindo as meninas?

R: Creio... levantar assim acho que não.

APÊNDICE O

Entrevistado 2

P: Seu nome completo, por favor? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Idade?

R: 27 anos.

P: Sexo feminino... por que você escolheu educação física para sua formação profissional?

R: Porque::... sempre pratiquei esporte, gostei eu acho importante levar isso pra sociedade né saúde, qualidade de vida.

P: Qual instituição de ensino superior que você estudou fez sua formação?

R: É::... na FAGOC.

P: Qual área de interesse na sua atuação profissional?

R: É::...esporte i::...sau...no caso esporte e também a área de academia.

P: Academia?

R: É.

P: Como que você ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: Através de concurso público.

P: Tá... há quanto tempo você atua? Você parou antes do projeto acabar né... quanto tempo você ficou no (segundo tempo)?

R: Fiquei quase dois anos.

P: Quase dois anos?

R: É.

P: A tá... Qual era a expectativa para o trabalho no Programa Segundo Tempo antes de ingressar nele?

R: É de conseguir é... realizar o trabalho com (menos) dificuldade assim não vindo da minha parte, outras dificuldades é::... às vezes dos alunos quererem mesmo praticar é... apoio da escola dos coordenadores.

P: Entendi... Como que você avalia o programa?

R: Eu acho mui... excelente a metodologia dele entendeu? O objetivo que vem lá de cima do MEC se for colocar tudo em prática vale... vale muito a pena o projeto.

P: Entendi... Durante a formação acadêmica você teve na grade curricular do curso de educação física disciplinas que tratassem ou abordassem temas como corpo, gênero e sexualidade?

R: Teve.

P: Teve... Caso tenha sido durante a formação acadêmica e em outro momento você teve contato com essa temática?

R: Tive também nas aulas práticas no estágio também.

P: E como que foi esse contato? Eram discussões?

R: É::... no caso não tinha assim discussões... muito dialogo sobre isso com os alunos não, era mais prática é incluir misturar as aulas incluir as meninas junto com os meninos.

P: A tá.

R: Entendeu?

P: Entendi... Você já havia atuado em outros projetos inseridos nas políticas públicas de esporte e lazer?

R: Já trabalhei.

P: Em outro projeto?

R: Em outros projetos.

P: A tá... Da prefeitura?

R: É da prefeitura... Foi projetos assim mais rápidos de fim de semana.

P: A tá... entendi... Descreva as etapas e os processos: vídeo-aula equipe de colaboradores viagem para capacitação temas abordados. o que foi marcante diferenciado de identificação pessoal? se foi satisfatório ou não dentro da capacitação para atuar no Programa Segundo Tempo. Como que foi as capacitações?

R: Então as capacitações foram... foi excelente teve vídeo-aula livro é:.... aula prática lá com os coordenadores de núcleo...

P: Quantas capacitações você participou?

R- ...Então, não faltou a gente teve capacitação mesmo umas duas...duas assim num final de semana tendeu... E toda semana fazia tinha que fazer o plano junto com os coordenadores.

P: Então você acha que foi satisfatória?

R: Foi, foi sim.

P: Você conhece o livro de fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo?

R: Conheço.

P: Tá... Qual é a sua avaliação, sua opinião sobre os temas capítulos tratados no livro? E as necessidades do programa na prática? São discussões importantes? São temas pertinentes? Tem relevância nos trabalhos nos núcleos?

R: Então é importante sim tem relevância porque mostra ate assim qual atividade você pode passar levando aquela temática e:.... tem tudo o livro é bem completo ele explica detalhadamente.

P: Entendi... Você identifica dificuldades problemas e limitações presentes no seu trabalho no contexto do Programa Segundo Tempo?

R: É:.... muita dificuldades.

P: Quais, por exemplo?

R: É:.... as dificuldades que eu tive maior foi o trabalho, a equipe, tive dificuldade maior em ter trabalho em equipe, as vezes algum estagiário que não sabe receber ordem e ai você vai

reclamar na coordenação a coordenação também num é, como é que fala, é... apoia o erro do estagiário e acha que você que está errado, aquelas coisas assim.

P: Entendi... E com os alunos você teve alguma dificuldade ou foi mais com os estagiários mesmo?

R: Não, com os alunos a dificuldade tem é que são crianças né, carentes que vêm com uma educação às vezes... Não é só porque é carente não, mas é vem uma educação meia é::... como que eu posso falar... não são muito educados, não tem noção do que pode ou que não pode, mas a gente já sabe que vai enfrentar isso mais fora isso eles fazem o exercício se interessam.

P: Entendi... E assim quais são as satisfações presente durante sua atuação no Programa Segundo Tempo? O que você teve de prazer? O que você mais gostou?

R: De prazer?

P: É... de satisfação?

R: Então eu já entrei sabendo que era um projeto social e eu já pensava em trabalhar nisso eu acho muito importante projeto no país o país né ele é cheio de problemas assim sociais e estava gostando de trabalhar () por ser isso um projeto social.

P: A tá... E você tinha retorno das crianças?

R: Tive, as crianças é::... te abraça sabe, da presente, cartinha isso é um retorno né...

P: É.

R- ...Precisa de mais nada não.

P: Durante a capacitação para o trabalho tema corpo, gênero e sexualidade foi trabalhado?

R: Foi.

P: De que forma esse tema foi trabalhado? Pra você foi satisfatório?

R: Então é::... foi assim trabalhado indiretamente não abordei assim dialogo entendeu, trabalhado sempre fazendo as aulas mistas.

P: Tá... Mas na capacitação como que foi trabalhado pra vocês?

R: A::... na capacitação?

P: É.

R: Foi através de vídeo-aula eles explicaram entendeu? Assistimos um vídeo deu exemplo de algumas atividades falou explicou bem o tema.

P: E você acha que foi satisfatório? Suficiente?

R: Foi, foi sim, foi. É uma coisa... resumido, agora pra quem perdeu essa aula no curso superior as vezes não poderia não ter entendido bem, as vezes o estagiário ta começando também pode ter um pouco de dificuldade agora se você fez um bom curso superior aquele resumo ali você viu, entendeu?

P: Entendi... É são enfrentadas dificuldades para inclusão de gênero em seu núcleo? Quando você estava trabalhando você tinha dificuldade de incluir as meninas por exemplo?

R: Pouca dificuldade porque tem aquele negócio na parte do futebol os meninos querem () não querer deixar as menina mais conversar falar não deixa participar tem que ser junto aí já dava para fazer.

P: Eu pulei uma pergunta eu vou voltar ela... Você conhece o capítulo do livro de fundamentos pedagógicos do PST que trata da discussão de corpo gênero e sexualidade?

R: Olha é::... eu pegava, peguei o livro pra ler... mas é... li uma parte, lia outra eu sei do que se trata, mas falar assim...

P: Desse capítulo específico você lembra?

R: É::... não, não lembro.

P: Não, não, tem problema não...

R: Não porque eu saí do projeto né ((risos)).

P: Uauhum... Não... sem problema... É você acredita que o sexo do professor pode interferir na aderência e na permanência dos alunos e alunas no programa?

R: Se pode interferir? Pode... é::... de acordo com a aula né aula bem elaborada o aluno fica mais, permanece no projeto e pode estar buscando os alunos da comunidade também andando lá na comunidade conversando, então o professor tem influência.

P: Sim, mas aí é o perfil do professor, né. Mas você acha que o sexo, por exemplo, um professor, você acha que vai trazer mais menino pro núcleo ou mais menina pro núcleo? Porque isso ai que você falou é o perfil do professor né, tem professor que conseguem ser mais carismático tem outros que não, aí eu queria saber assim se a questão só por ser homem ou por ser mulher vai interferir na aderência de menino e menina? Você acha?

R: Por ser homem... um pouco acho que influencia um pouco por ser homem vai ter é mais homem por ser mulher vai ter mais mulher eu percebo... isso interfere.

P: Entendi... Quando você trabalhava, como era a distribuição numérica de meninos e meninas no seu núcleo?

R: É::... a maior parte... a maior parte por um tempo a maior parte foi... foi menina.

P: Foi menina?

R: É... muita menina... entendeu?

P: E depois mudou? Como que foi?

R: É::... aí depois é... o trabalho que eu fiz com outro estagiário lá... aí eles gostavam muito desse estagiário no outro grupo de alunos mais velhos maiores né tinha bastante menino, ele trabalhava muito futsal eles gostavam.

P: Entendi... Quais os conteúdos atividades eram trabalhados no seu núcleo?

R: Era futsal, handebol e bas... e atletismo... Mas aí trabalhava várias outras atividade também os principais era essas.

P: Esses três?

R: É esses três.

P: Existia predominância de menino ou de menina em alguma atividade em específica?

R: Não... No caso assim os meninos maiores... tinham uma tendência a ficar mais no futsal era difícil de passar outra atividade. Algumas vezes consegui fazer alguma coisa diferente né outras vezes eles insistia, cabeça deles é só futsal ((risos)).

P: ((risos)) É assim mesmo, no núcleo do entrevistado anterior só tem menino.

R: ((risos)) É.

P: Como que você trabalhava os conteúdos com os meninos e as meninas? Havia alguma diferenciação? Caso sim em que se baseavam essas diferenciações?

R: É:....

P: Você conseguia trabalhar meninos e meninas juntos? Você separava as aulas? Como que era?

R: Eu trabalhava sempre junto, sempre junto às vezes no final da aula poderia separar um pouco os meninos (ficavam)... fazendo atividades que ele gostavam mais lá e as menina o que elas preferiam no final da aula geralmente dava um espaço pra eles, mais espaço assim... de liberdade deixava eles mais a vontade.

P: Entendi... Você percebe se fatores externos como ajuda nas tarefas domésticas, violência urbana e além desses se tem outros que você observou interferem no acesso e permanência das meninas nos núcleos do PST?

R: A:.... interfere por... as meninas é:.... que não participava é porque:.... começa dentro de casa... Tinha que ficar ajudando a mãe a arrumar casa, olha o irmão e também as vezes os pais falam que é bobeira não sabem a importância da atividade física né i:.... prefere ficar lá em casa assistindo televisão então a família que apoia ou não.

P: Entendi... Incentiva ou não.

R: É isso aí.

P: Tá joia... Obrigada.

R: De nada.

APÊNDICE P**Entrevistado 3**

P: Nome completo? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Idade?

R: 28 anos.

P: Sexo?

R: Feminino.

P: Por que escolheu a educação física para a sua formação profissional?

R: Escolhi a educação física porque desde criança eu sempre fui doida com esportes e eu tinha muita vontade de trabalhar em escola gosto muito de criança... E por gostar mesmo de esportes de atividade física então assim é o que eu mais gosto de fazer e sou realizada no que eu faço.

P: Instituição de ensino superior que estudou ou fez a sua formação?

R: Faculdade Ubaense Ozanam Coelho em Ubá MG.

P: Área de interesse na atuação profissional?

R: É... eu gosto muito de trabalhar com idoso e crianças.

P: Como você ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: Eu fiz uma prova por meio de um concurso da prefeitura e nisso fui selecionado 15 coordenadores aí eu optei... escolhi o CA (escola onde o núcleo se situa)... conforme fosse a aprovação você poderia optar... a classificação você poderia optar pelo lugar que você gostaria de trabalhar.

P: Há quanto tempo você está trabalhando no programa? Desde o início?

R: Desde o início... vai fazer dois anos agora.

P: Qual era a expectativa para o trabalho no programa antes de ingressar nele?

R: () Como eu já tinha trabalhado no PELC um projeto né... um projeto que é também voltado para crianças e adolescentes e idosos... no caso aqui é voltado mais pra adolescentes de dezesseis e dezessete anos então assim é um trabalho que eu já vinha fazendo... Então eu acho que eu tinha muita expectativa no sentido de poder ajudar as crianças... eu gosto muito de trabalhar com dança então eu achava que eu poderia levar bastante coisa pra esses núcleos um trabalho meio social que eu gosto muito de fazer... então assim... eu acho que até atingiu as minhas expectativas.

P: Que bom! E como você avalia o programa?

R: O programa eu avalio assim que é super importante... essencial importância... Infelizmente ele tá terminando por causa né... agora com as eleições não pode renovar... eu acho que o programa ele é muito importante na vida de crianças e adolescentes e a escola tá perdendo demais com a finalização do projeto... tá todo mundo reclamando... as crianças desde o início até agora vem mesmo em massa... a gente atende as crianças em tempo integral... então assim... além de auxiliar os professores com as crianças... eles tem a oportunidade de fazer atividade esportiva e em vez de tá nas ruas né... em vez de tá em casa...então assim

P: E a escola recebeu você super bem?

R: Super bem... nossa desde quando a gente entrou com a (D) falou que o projeto foi um presente de Deus pra escola... depois nos tivemos a presença do (G) que ele apoiou ainda mais e a (E) todos três diretores que se passaram durante esses dois anos... teve assim... o projeto como algo... como um presente mesmo pra escola... porque ajudou demais... e eles estão lamentando... perguntando o que fazem pra... pra poder continuar o projeto... porque eu falei que não cabe agora porque seria possível se a prefeitura possivelmente pudesse pegar o ano que vem né... porque é um projeto do governo.

P: Certo! Durante a sua formação academia você teve na grade curricular do curso de educação física disciplinas que tratassem ou abordassem temas como corpo, gênero e sexualidade?

R: Tive... todas essas disciplinas.

P: E como foi esse contato? Foi só nessas disciplinas?

R: Não o contato mesmo é na prática entendeu... porque a gente lê muito texto... a gente planeja a aula né pra meninas e meninos... a faculdade tem as práticas tudo de ensino... mais é

na prática quando a gente vai pra realidade da escola quando a gente começa a dar aula aqui e gente mesmo aprende como que funciona tudo isso.

P: Você já havia atuado em outros projetos inseridos nas políticas públicas de esporte e lazer?

R: Sim... no Projeto de Esporte e Lazer da Cidade.

P: Descreva as etapas e os processos, que foi marcante, diferenciado, de identificação pessoal, se foi satisfatório ou não, dentro da capacitação para atuar no Programa Segundo Tempo? Aí você pode falar se foi vídeo aula, se foi equipe de colaboradores...

R: Olha veio uma equipe de colaboradores eles deram palestra... os cursos acho que sempre são bem-vindos sempre a gente tem alguma coisa pra acrescentar alguma coisa pra tirar de proveito... veio um outro palestrante também que ensinou na montagem de aulas... como a gente deveria fazer o recreio nas férias que foi um evento que atingiu todos os núcleos no período de férias... foi uma colônia destinada a eles como todo o material... camisa... lanche... então assim todas essas capacitações foram ótimas.

P: Foram quantas ao todo?

R: Acho que foram duas... uma inicial que foi no sábado e domingo e outra do recreio das férias... e agora ele voltou no final... e tipo assim fora as visitas técnicas... aqui no nosso núcleo foi uma visita só que veio um cara do ministério e avaliou as aulas... elogiou o trabalho tudo.

P: Você conhece o livro de fundamentos pedagógico do Programa Segundo Tempo?

R: Conheço... inclusive todos nós temos...eles deram um... um livro pra cada um.

P: Qual é a sua avaliação, opinião sobre os temas os capítulos tratados no livro e as necessidades do programa na prática? Você acha que essas discussões são importantes? São temas pertinentes? Tem relevância no seu trabalho nos núcleos?

R: Eu acho que sim... muitas coisas... como se diz... tem críticas e tem coisas positivas... e eu acho que muitas das coisas que não deu certo... tipo assim... nesses livros também tem citando plano de aula e as coisas...as sugestões que eles deram nem sempre o que acontece na prática e teve que acontecer do jeito que era... tanto que a gente foi fiscalizado para que tudo ocorresse conforme estava no livro... e eu acho que se tivesse essa oportunidade de sair um

pouco do livro a gente teria algo a contribuir também... porque meio ficou receita de bolo entendeu... tipo... você vai fazer isso... isso...e isso... aquecimento isso... isso e isso... o que a gente pode dar... igual eu comecei a dar dança...vôlei e futsal...e aí eu tive que tirar o vôlei e pôr o atletismo... porque com a dança foi considerado uma atividade coletiva e não individual... então assim... coisas que estavam dando certo no núcleo... mais que não tinha no livro era difícil de ser trabalhado... entendeu... e então eu acho que limitou muitas coisas no programa limitou por causa disso... no PELC a gente total liberdade de acordo com a idade, do lugar, do espaço... entendeu... aqui não... você tinha que escolher duas atividades coletivas e uma individual e tinha que seguir... tinha que entregar o plano de aula do jeito que era... tinha que ser... e quando tinha o coordenador pedagógico tinha que mandar por e-mail toda semana entendeu... do jeito... eu acho isso importante porque força a gente também fazer o plano de aula... que muitas vezes na correria do dia a gente não tem tempo...a gente simplesmente faz um esboço do que é a aula... mais eu acho, o que importa é na prática os meninos estão gostando... está sendo satisfatório... então eu acho que ficou um pouco preso... tem alguns pontos negativos.

P: Entendi! E você não é a primeira pessoa que fala isso. Você idêntica dificuldades, problemas e limitações presentes no seu trabalho no contexto do Programa Segundo Tempo?

R: Olha... graças a Deus eu conversei com outros coordenadores e muitos tiveram dificuldades... esse núcleo que eu escolhi eu tive total apoio da escola... da direção... então assim tudo que eu pude fazer eu fiz... fiz muitos eventos... carnaval... recreio nas férias... todo mês eu estava fazendo um evento... um grupo de dança... e tudo com liberação dos pais... da diretora... então não encontrei assim dificuldade... nem limitação... apesar de não ter espaço não ter quadra eu podia utilizar o espaço da AABB quando eu quisesse... (coordenadora geral) cedia piscinas de dois em dois meses pra gente fazer uma atividade extra de nadar então aqui os meninos aproveitaram bastante... bastante mesmo... a limitação assim que eu acho um problema aqui do bairro é o perigo... é um bairro que nesses últimos meses tem acontecido mortes... então assim... os meninos () tipo assim sofreram com isso porque foi irmão de meninos que estudam aqui... então assim violência... mas caso contrário comigo não aconteceu nada de mais... tudo ok.

P: Quais as satisfações presentes na sua atuação no programa? Seus prazeres?

R: () eu sou muito satisfeita assim de ver o retorno entendeu... das crianças porque são crianças carentes... mais que elas aprenderam alguma coisa com meu trabalho... aprenderam regras apesar de ser uma atividade voltada pro lazer eu vi que elas aprenderam as três modalidades... a dança é uma coisa... que tinha gente que nunca tinha praticado... tem uma aluna nossa que emagreceu vinte quilos... ela ficou tão assim em dançar e então assim a motivação deles, dos adolescentes e as crianças eu acho que é a satisfação do trabalho e o reconhecimento da direção porque a diretora elogia a gente o tempo todo... graças a Deus.

P: Isso é o melhor pro nosso trabalho. Durante a capacitação para o trabalho o tema corpo, gênero e sexualidade foi trabalhado?

R: Foi... os temas foi trabalhado mais assim superficialmente... as (informações) eu achei assim que foi bem rápidas... bem curtas... foi mais falando a respeito de como era o programa.

P: A próxima pergunta era... em caso afirmativo de que forma foi trabalhado... () se foi satisfatório... Você conhece o capítulo do livro de fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo que trata da discussão de corpo, gênero e sexualidade?

R: ((ruídos)) (...) então eu cheguei a ler o livro todo mais assim né... eu conheço... mais também acho que tá superficial assim... igual você tá fazendo mestrado aprofundando nisso... que o que tá citando lá... a gente vê em todos os livros que a gente vê na faculdade... mais na prática totalmente diferente.

P: Então não teria como você fazer uma avaliação desse capítulo?

R: Não... prefiro não...

P: São enfrentados dificuldades para inclusão de gênero em seu núcleo?

R: Não... aqui os meninos adoram fazer atividades com as meninas... no início a gente tinha esse problema do futsal... por ser mais agressivo... mas desde o início a gente foi criando regras... ó agora só as meninas que valem fazer o gol... se você for lá assistir os menores é mais tranquilos... mas os maiores fazem atividades tudo junto eles estão jogando uma queimada pra aquecer... o basquete é junto... futsal é junto... a dança é junto... então assim eu pude encaixar os três... até a divisão dos times são juntas.

P: Você acredita que o sexo do professor pode interferir na aderência e permanência dos alunos ou alunas no programa?

R: Eu acho que sim... porque principalmente na dança... como tinha eu como professora e o (V) como monitor... os meninos todos animaram a dançar... porque senão eles iam falar assim... ah é uma atividade que não é pra homem dançar... porque eu já trabalhei no (Patronato) e os meninos tiveram resistência e só tinha meninas... e aqui todos os meninos... os meninos dançam... apresentam...porque o meu monitor também dança... então assim é importante ter um professor e uma professora juntos... e no futsal é a mesma coisa... quando ele não tá... eu faço a aula... me respeitam... as vezes eu que apito o jogo e tem assim uma aceitação bem legal.

P: Eu vi no dia que eu observei sua aula. Como é a distribuição numérica de meninos e meninas no seu núcleo?

R: De meninos e meninas?

P: É.

R: Nós temos hoje mais meninos... porque... isso no caso dos maiores... porque a gente atende mais o tempo integral e tem mais meninos... não sei porque a prevalência maior de meninos... mais de manhã já é bem dividido.

P: Bem equilibrado...

R: Bem equilibrado.

P: Quais são as atividades e conteúdos trabalhados no seu núcleo?

R: Futsal... atletismo e a dança.

P: Existe predominância de meninos ou de meninas em alguma atividade em específico?

R: A predominância da dança das meninas é maior do que no futsal dos meninos que é o normal... mas todos participam.

P: Como você trabalha os conteúdos com os meninos e as meninas? Há alguma diferenciação? Caso sim, em que se baseiam essas diferenciações?

R: Olha de vez em quando eu até separo os times pras meninas terem mais contato com a bola... meninas e depois os meninos jogam... mais a maioria das vezes eu consigo colocar eles jogando juntos... ainda mais que assim... como eles estão aqui o dia inteiro no tempo integral eles já convivem já jogam junto... as meninas jogam igual menino mesmo... então assim...

teria aquela coisa né os meninos são mais brutos... igual eu falei eu consigo colocar outras regras e consigo inserir todo mundo

P: Entendi...

R: Mesmo que o tempo é curto então pra todo mundo jogar mais vezes eu coloco junto. Todo mundo quer participar então, eles aceitam.

P: Você percebe se fatores externos como ajuda nas tarefas domésticas e violência urbana, e se além desses á algum outro que você observou no seu núcleo interferem no acesso e na permanência das meninas nos núcleos?

R: Sim... mas tipo assim... as meninas ajudam a mãe arrumar cozinha... a aula é uma hora aí eu deixo chegar uma e meia entendeu... porque eu criei regras aqui de horários... de uniforme mais assim eu falo... que com bilhete pode chegar... então assim atraso das meninas por causa de ajudar em casa... os meninos não... violência já citei...

P: Violência você acha que atrapalhou também elas a virem?

R: Não atrapalhou a vir... porque tipo assim elas já vivem no âmbito ali que elas num tem medo de violência porque é do próprio bairro... porque se matou alguém geralmente é parente delas... entendeu... o que ocorreu assim de violência aqui... essas mortes que teve... tipo assim das pessoas faltarem por tá triste mesmo... por... agora questão de ter medo de vir a escola por causa disso não... porque as pessoas que frequentam a escola são aqui no bairro... então não tem problema... teve problema de que mataram um menino irmão do João Vítor e ninguém veio a aula em consideração a ele... nosso aluno entendeu... então assim violência desse tipo... do bairro.

APÊNDICE Q**Entrevistado 4**

P: Nome completo? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Idade?

R: 34 anos.

P: Sexo?

R: Feminino

P: Por que você escolheu educação física para sua formação profissional?

R: Porque desde criança eu me identifico com a... tipos de atividade física sempre fui incentivada a fazer é:... atividades mesmo voltadas pra prática tipo jazz é:... esportes coletivos eu sempre fiz desde criança, sempre gostei e já fui crescendo tendo essa ideia de fazer educação física quando fosse fazer algum curso é:... quando fosse fazer uma faculdade

P: Entendi... Qual instituição de ensino superior você estudou ou fez a sua formação?

R: A FAGOC.

P: Tá... Área de interesse na atuação profissional?

R: Eu me identifico mais com a área de personal trainer.

P: Tá... Como você ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: Foi através de uma prova né foi um concurso que teve, através da prova, processo seletivo

P: Tá... há quanto tempo você está no programa?

R: Tô desde o início. São dois anos.

P: Dois anos?

R: Dois anos.

P: Qual era a expectativa para o trabalho no Programa Segundo Tempo antes de ingressar?

R: A::... a expectativa era desenvolver um trabalho... é social igual em outros projetos mesmo ne pra tá favorecendo essas crianças algum tipo de::... atividade pra tirar eles da rua, de ideias negativas né, mesmo drogas do ócio mesmo tirar eles do ócio, sem ter o que fazer eles vem pra fazer o segundo tempo, então essa era a expectativa que eu tinha e que tá sendo alcançada.

P: Entendi... Como que você avalia o programa então?

R: Eu... eu acho que é de grande valia para a população, porém assim tem alguns pontos falhos é hum::... precisa entrar em detalhe?

P: Pode, se você quiser.

R: Eu acho assim que algumas coisas assim é::... algumas coisas que não são tão claras, mas eu acho assim que o contexto geral e o objetivo geral foi alcançado tá sendo alcançado né que é de beneficiar as crianças dessa escola.

P: Essas coisas que você acha que não são muito claras...

R: Não, eu não quero falar.

P: Tá joia... Então, durante a sua formação acadêmica você teve na grade curricular do curso de educação física disciplinas que tratassem ou abordassem temas como corpo, gênero e sexualidade?

R: Sim.

P: Tá... É... e como foi esse contato?

R: Na... na faculdade?

P: É... Foi através de uma disciplina?

R: Foram várias né que... algumas até se discutia é a questão da menina às vezes ser excluída de algum tipo de atividade, questão de preconceitos dos meninos, machismo mesmo é foi dentro de algumas disciplinas não lembro assim especificamente, mas sei que no futebol tinha muito é::... dança que também que é vice-versa que às vezes muitos meninos não gostam de fazer por achar que dança é só de menina.

P: Uhum... Entendi... Você já havia atuado em outros projetos inseridos nas políticas públicas de esporte e lazer?

R: Sim.

P: Qual?

R: Esporte e lazer PELC.

P: Descreva as etapas e os processos? O que foi marcante diferenciado e de identificação pessoal? Se foi satisfatório ou não dentro da capacitação para atuar no programa segundo tempo? Aí você pode falar quantas capacitações foram se foi vídeo-aula, se foi equipe de colaboradores e se você achou que foi suficiente se foi satisfatório...

R: Eu acho que, eu não lembro exatamente o numero não, mas eu acho que deveria ter mais é:... tipo um minicursos mesmo pra tá ajudando a gente porque é um tempo... é um período longo e pra não ter que ficar repetindo muitas coisas porque, ainda mais criança que gosta sempre de tá fazendo coisa diferente às vezes enjoa de certas coisas então eu acho assim que deveria ter mais, mas num é capacitação às vezes assim é minicursos mesmo pra tá ajudando a gente na nessa questão assim de ideias... de ideias mesmo.

P: Como se fosse uma atualização?

R: É... é uma atualização pra tá assim trazendo é novas atividades pra tá ajudando a gente a fugir sempre do tradicional porque o tradicional eles já estão acostumados

P: Entendi... Você conhece o livro de fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo?

R: Eu acho que não.

P: Ta... Tem problema não tá... Aí a segunda pergunta era se você conhece e qual a sua avaliação?

R: Não eu acho que eu não conheço não...

P: Tá.

R: Eu não lembro porque a gente recebeu os três livros eu não sei se é fundamentos pedagógicos eu não lembro tem algumas coisas que a gente até fez na capacitação tirou e até discutiu algumas coisas, mas eu não lembro se é esse livro aí não.

P: Tá... Você identifica dificuldades problemas e limitações presentes no seu trabalho no contexto do programa segundo tempo?

R: Sim.

P: Em caso afirmativo identifique-os?

R: É eu acho questão de violência, assim... eu mesma já passei por um... por assim, por ser bairros é:.... por programa acontecer em bairros de:.... risco social então eu acho assim que os professores eles tem pouca segurança questão disso eu mesma já fui até... sofri tentativa de assalto em outro projeto também já foi assaltado então eu acho essa dificuldade que às vezes a gente vem trabalhar com medo, mas assim com relação aos alunos, essas coisas normal, mais é a questão da violência.

P: E a outra pergunta é quais as satisfações presentes na sua atuação no programa segundo tempo?

R: É... a questão que eu acho positiva é que o objetivo que a gente propõe no início tá sendo alcançado, assim né que a gente tem muitos beneficiados e a gente assim vê que tá fazendo bem pra esses alunos de alguma forma e você percebe também que eles são cativados então isso já é uma satisfação.

P: Entendi... Durante a capacitação para o trabalho o tema corpo, gênero e sexualidade foi trabalhado?

R: Foi.

P: De que forma esse tema foi trabalhado?

R: Através de brincadeiras mesmo na capacitação exemplos de brincadeiras também que por exemplo, futebol colocava as meninas colocava as meninas pra fazerem o gol pra não serem é:....

P: Mas primeiro você assistiram alguma vídeo-aula?

R: Não... é tinha vídeo-aula e tinha a parte prática também.

P: Ah tá... E você acha que foi satisfatória?

R: Foi sim.

P: Tá... E por quê?

R: A porque ajudou a clarear também ajudou a gente ter novas ideias como essa questão ai da aula prática do futebol mesmo às vezes a gente esquece então a gente, são aulas práticas que a gente usa na no nosso dia a dia aqui com os alunos mesmo

P: Tá... Você conhece o capítulo do livro de fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo que trata da discussão de corpo gênero e sexualidade?

R: Ah eu já... eu lembro que a gente viu só que não tô lembrando assim agora não.

P: Então... a próxima pergunta é se você faria uma avaliação sobre o isso.

R: Não eu não lembro, eu não lembro.

P: Você enfrentou alguma dificuldade para inclusão de gênero no seu núcleo?

R: Não.

P: Não?

R: Não.

P: Você acredita que o sexo do professor pode interferir na aderência e permanência dos alunos e alunas?

R: Não... aqui nesse caso não, aqui nessa escola acho que não, porque nunca vi nenhuma dificuldade, tanto professor porque a gente tem monitor também e tem professor de educação física do sexo masculino eu acho que não encontra dificuldade.

P: A tá... E tipo assim você acha que se for um professor homem vai ter mais aderência de meninos?

R: Não aqui nessa escola eu não vejo não vejo essa diferença não.

P: Tá... E como é a distribuição numérica de meninos e meninas no seu núcleo?

R: Aqui na... na maioria das turmas são mais meninos a maioria meninos.

P: A tá... Quais os conteúdos as atividades que são trabalhadas no seu núcleo?

R: É::... futsal, vôlei e dança.

P: Existe predominância de meninos ou de meninas em alguma atividade em específico?

R: É a dança geralmente as meninas participam mais e no futsal mais os meninos, da mais quantidade no dia da aula, tem mais quantidade de alunos.

P: Como você trabalha os conteúdos com os meninos e meninas? Há alguma diferenciação? Caso sim em que se baseiam essas diferenciações?

R: Não. Não é diferenciação a gente tenta integrar os dois da mesma forma sendo que as atividades não são pra grupos separados e sim pros meninos e meninas juntos aí a gente tenta fazer de como assim que não haja querendo ou não tem algum menino que fala que questão de dança pra menina e futsal pra menino mais ai a gente conversa e eles participam aqui nesse núcleo é bem tranquilo.

P: Você percebe se fatores externos como ajuda nas tarefas domésticas, violência urbana e se além desses, se há que você observou no seu trabalho interferem no acesso e permanência das meninas no PST?

R: Sim muitas vezes as meninas ou chegam, pedem pra chegar atrasado ou as vezes não vem por tá ajudando a mãe em casa já, acontece direto isso.

P: E a questão da violência você acha que já tá sendo um fator ()

R: Não, não, a violência não tanto assim porque entre eles eu acho que não acontece muita violência tem esse caso sim do bairro igual no caso que eu comentei no início de pessoas que são fora do bairro, igual acho que entre eles mesmos os alunos com a comunidade eles não tem problemas não.

P: Então é mais as tarefas domésticas mesmo?

R: Mais tarefas domésticas.

P: Ta ótimo. Obrigada.

R: Nada.

APÊNDICE R

Entrevistado 5

P: Nome completo? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Idade?

R: 27 anos.

P: Sexo?

R: Feminino.

P: Por que escolheu a educação física para a sua formação profissional?

R: ((ruídos)) Ummmm no início eu não seria educadora física... no início é, eu tinha intenção de fazer psicologia mais aí na época a psicologia saiu mais caro... aí a minha mãe trabalhava na FAGOC e aí conseguiu um desconto pra mim, mandou eu olhar um curso lá e escolhi educação física.

P: Se arrependeu?

R: Não... não me arrependi.

P: Instituição de ensino superior que estuda ou que fez a formação?

R: FAGOC.

P: Área de interesse na atuação profissional? O que mais você se identifica?

R: Hidroginástica.

P: Como ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: Eu fiz o processo seletivo... não fui chamada... aí depois apareceu uma vaga e eles me chamaram... eu estava lá na sequência, na lista né... porque eu sei que era pra Ubarí e não tinha ninguém querendo ir pra Ubarí, parece, e eles foram chamando as pessoas que estavam na lista e eu aceitei.

P: Você começou em Ubarí e depois que você veio pra esse núcleo?

R: E acabou que não tive que ir pra Ubarí que acabou o núcleo lá... eu vim pra cá porque o coordenador saiu.

P: E há quanto tempo você tá atuando no programa?

R: Um ano e cinco meses (um pouco confusa com o tempo).

P: Qual era a expectativa para o trabalho antes de ingressar no programa?

R: Minhas expectativas?... as melhores possíveis né... e é uma coisa que eu gosto lidar também com crianças... adolescentes ((risos)) e eu gosto muito de criar então o projeto ele... ele me dá essa liberdade de criar atividades... sabe... eu gosto disso.

P: E então, como você avalia o programa?

R: É você fala em relação a minha participação?

P: Sim... o programa de forma geral...

R: De forma geral?... o programa ele é um programa muito bom que atendeu a muitas crianças infelizmente ele tá acabando né... mais... é... tirava muita criança da rua... aqui quando nós começamos tinha duas turmas de trinta e cinco alunos aí depois que veio o CRAS aí nós ficamos meio divididos... perdemos um “mucado” de aluno pra cá (CRAS) porque aqui tinha lanche né... na época tinha um lanche muito bom né, aí os meninos preferiram vir pra cá... mais alguns ficaram lá e outros fazia o projeto e depois vinha pra cá fazer o CRAS também... fazia as duas coisas.

P: Durante a sua formação acadêmica você teve na grade curricular do curso de educação física, disciplinas que tratassem ou abordassem os temas como corpo, gênero e sexualidade?

R: Corpo e gênero sim... sexualidade também... né... sexualidade também.

P: Se caso não tivesse sido na formação acadêmica se foi em algum outro momento, então em caso afirmativo de que modo foi? Você lembra se foi alguma disciplina em específica? Se as disciplinas de forma geral tratavam o assunto? Como que foi, você lembra?

R: Num lembro... só lembro que foi o João Paulo (professor do curso de educação física na FAGOC) que deu... falava de gênero.

P: Trabalhou com textos?

R: Isso... trabalhou com textos... gênero... educação física... num lembro muito bem não... mas eu lembro que foi o João Paulo que deu falando de gênero.

P: Mas foi durante a sua formação acadêmica?

R: Foi durante a formação.

P: Você já havia atuado em outros projetos inseridos nas políticas públicas de esporte e lazer?

R: Eu trabalhava no esporte e lazer da cidade.

P: PELC ?

R: PELC.

P: Descreva as etapas e os processos da capacitação, o que foi marcante pra você, o que foi diferenciado, o que foi de identificação pessoal, se foi satisfatório e se você acha que realmente ajudou no trabalho dentro do programa?

R: A capacitação?? Eu só fiz uma né...

P: Você só fez uma porque você entrou depois né?

R: Eu só fiz uma capacitação.

P: E como que foi? Foi com vídeo aula?

R: E essa capacitação foi até pro recreio nas férias que teve no, em julho do ano passado... foi satisfatório mais poderia ter sido mais... porque nós não tivemos aula prática... foi só lá teoria na vídeo aula e o professor explicando .

P: Entendi... Teve palestras depois ou alguma atualização?

R: Que eu me lembre não ().

P: Você conhece o livro de fundamentos pedagógicos do programa?

R: É... tem lá em casa ((risos)).

P: Então conhece... já teve um primeiro contato.

R: () Tem lá em casa.

P: Se você conhece, que é o caso, qual a sua avaliação, sua opinião sobre os temas, os capítulos tratados no livro e as necessidades do programa na prática? São discussões importantes, temas pertinentes e tem relevância pro trabalho nos núcleos? Se você falar comigo assim olha eu só conheço ele de vista também não tem problema.

R: É... esse é o fato... só conheço ele de vista mesmo... eu peguei e deixei lá bonitinho... eu acho que cheguei a folhear algumas vezes... mas já tem muito tempo... não sei... porque eu recebi ele depois né... depois que eu entrei... aí eu acabei pegando... eu não li... não entrei em detalhes não.

P: Não tem problema... Você identifica dificuldades, problemas e limitações presentes no seu trabalho no contexto do Programa Segundo Tempo? Em caso afirmativo identifique eles pra mim.

R: Problemas... limitações?

P: Espaço físico... às vezes violência do bairro... indisciplina dos alunos... cada bairro tem um problema ...

R: É... mas pra indisciplina dos alunos... porque assim questão de local... foi... nós começamos... nós ficamos aqui... tinha esse espaço aqui... quando o sol estava quente aí vinha pra cá e depois descia e ia lá pra quadra... e nós sempre tivemos a quadra... no início a gente tinha a quadra... não... não tinha a quadra... era esse espaço aqui... tem o problema da quadra também que no início nós não tínhamos a quadra porque a quadra era da escola estadual... aí depois que nós começamos a dividir, uma semana a escola estadual... e uma semana o projeto... então, a questão da quadra e a indisciplina dos alunos.

P: Entendi... E quais são as satisfações presentes na atuação do programa?

R: Ah... ver é... o desenvolvimento das crianças... vê a evolução deles... sabe... em questão de comportamento pra alguns... em questão de habilidade também sabe... socialização () de socialização.

P: Durante a capacitação para o trabalho, você só teve a do recreio nas férias né, então você pode falar sobre ela. Foi trabalhado o tema corpo, gênero e sexualidade?

R: Não... num lembro não... corpo... gênero e ()... porque essa capacitação foi voltada pra falar quais seriam os temas que a gente ia trabalhar né... de sustentabilidade e as brincadeiras.

P: E o capítulo do livro que trata sobre a discussão de corpo, gênero e sexualidade você chegou a folhear, você conhece?

R: Não.

P: São enfrentadas dificuldades para a inclusão de gênero em seu núcleo?

R: Eu acho que não seria a questão... gênero... mas sim, menos habilidade... menos habilidade... a menina que tem menos habilidade e a menina que tem mais habilidade... porque igual nessa parte da tarde tem as meninas igual a () que são as únicas três... as únicas meninas que tem elas participam muito e tem umas que jogam futebol... que elas gostam... futebol... outra que ficam no gol também e tem as que jogam o handebol também... então os meninos eles sabem que elas são boas eles já escolhem elas... sabe... de manhã já tem as que tem menos qualidades físicas sabe... do que em relação a outras meninas ou em relação aos próprios meninos... e num corre muito e sempre fica excluída né... mais eu acho que é por isso... nem que seja diferença de gênero mas sim da qualidade.

P: Você acredita que o sexo do professor pode interferir na aderência e na permanência dos alunos e alunas no programa?

R: Eu acho que não.

P: Você acha que não... independente de ser homem ou mulher né... fazendo o trabalho...

R: Eu acho que não... a partir no momento que você tá fazendo um trabalho bem feito né... eu acho que não.

P: Como é a distribuição numérica de meninos e meninas no seu núcleo?

R: Mais meninos do que meninas

P: Tanto de manhã quanto a tarde?

R: Eu acho que de manhã tem um número maior de meninas né... e tem (ultrapassado) hoje por exemplo (nome de alunas)... de manhã na primeira turma tem mais meninas do que meninos... é... tem mais meninas do que meninos... a tarde mais meninos do que meninas.

P: E quais são os conteúdos, atividades que são trabalhadas nesse núcleo?

R: Eu trabalho com futsal... handebol e atletismo

P: Existe predominância de meninos ou de meninas em alguma atividade em específico? Por exemplo, futsal predomina os meninos ou as meninas participam também?

R: Elas jogam também... é uma ou outra que não gosta... mas a maioria delas participa que aí é as vezes eu faço só as meninas jogando futebol e só os meninos jogando futebol eles são muito violentos né e são muitos “fominha” também né... são muito “fominha” então eu deixo separado... mas todo mundo joga... aí quando tem pouca gente assim, aí eu misturo ponho todo mundo pra jogar junto, mas eles gostam.

P: Você já respondeu mais ou menos a próxima pergunta, como você trabalha os conteúdos com os meninos e as meninas? Há alguma diferenciação? Caso sim, em que se baseiam essas diferenciações?

R: É isso aí... os meninos são muito “fominha” tanto no futsal... no futsal ainda é mais... duas vezes mais... no handebol também só que aí eles... as meninas jogam junto () no handebol eu coloco as meninas pra tá trabalhando junto com os meninos... mais no futsal geralmente eu deixo mais isolado... por essa questão mesmo... aí eu separo as turmas.

P: Você percebe se fatores externos como ajudar nas tarefas domésticas, violência urbana e além desses se há outros que você observou no seu núcleo interferem no acesso e na permanência das meninas no PST? Caso sim, descreva os fatores observados no seu núcleo.

R: Das meninas?

P: É.

R: Tem uns meninos que vão arrumar casa... arrumar cozinha pra mãe...

P: Meninos ou meninas?

R: Meninos... mais as meninas já teve um tempo... agora não porque tá diminuindo né... mas tinha algumas meninas que falavam que não vinham porque estava arrumando casa pra mãe

P: E a questão do bairro, é um bairro violento?

R: Violento?

P: Assim a ponto das crianças não virem por medo de alguma coisa...

R: Não... nessa questão não... de não vir por causa de alguma coisa não... tem aí uns uns tráficos da vida aí... escondidos por aí... mas falar que não veio porque alguma coisa impediu de chegar até aqui, não.

APÊNDICE S

Entrevistado 6

P: Nome completo? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Idade?

R: 29 anos.

P: Sexo?

R: Feminino.

P: Por que escolheu a Educação física para a sua formação profissional?

R: Na verdade eu não escolhi a educação física para a minha formação profissional... eu ganhei uma bolsa... duas bolsas no ENEM pelo PROUNI aí eu comecei a fazer faculdade de administração o horário não estava sendo bom pra mim e aí resolvi trocar pelo de educação física mas não foi pela escolha teve mais a ver com a bolsa do que pela minha aptidão pela profissão.

P: Instituição de ensino superior que estuda ou que fez a formação?

R: É FAGOC... Faculdade Ubaense (Governador Ozanam Coelho).

P: Área de interesse na atuação profissional?

R: Educação Física Escolar.

P: Como ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: É a gente participou de um processo seletivo e eu passei.

P: Há quanto tempo atua ou atuou no programa?

R: Um ano e oito meses.

P: Qual era a expectativa para o trabalho no Programa Segundo Tempo antes de ingressar no programa?

R: Olha antes de ingressar no programa... eu tinha muitas expectativas... primeiro porque eu gosto de trabalhar com criança eu gosto de dar aula... ainda mais que eu sabia que o público seria um público carente né as crianças e adolescentes mais necessitadas e eu fiquei mais empolgada ainda porque eu ia atuar no bairro onde eu moro ou seja eu conhecia meu público alvo.

P: E como você avalia o programa de forma geral?

R: O programa segundo tempo é assim, é um ótimo programa é uma oportunidade única que as crianças e adolescentes deveriam ter para participar só que as diretrizes não são totalmente seguidas pelo menos aqui em Ubá nós tivemos muitos... muitos problemas na execução do projeto... desde o início da elaboração do projeto até o final a gente não teve muito apoio da prefeitura... posso falar?

P: Pode falar, sem problema nenhum.

R: nós não tivemos apoio da prefeitura, é coordenador pedagógico, no início é a gente começou assim a ter problemas na coordenação pedagógica com a coordenação geral ficamos sem ter coordenador pedagógico praticamente o projeto todo... e assim é a falta de apoio mesmo eram núcleo sem banheiro sem água... o núcleo que eu trabalhei por exemplo a gente não tinha banheiro a gente não tinha água pros meninos beberem a gente ficava exposto ao sol o dia inteiro fora a criminalidade, a gente pedia... pedia... pedia apoio pedia ajuda e a gente nunca era ouvido.

P: Isso aí não tem problema nenhum você expor tá.

R: Num vai falar meu nome não né ().

P: Não. Durante a sua formação acadêmica você teve na grade curricular no curso de educação física disciplinas que tratassem ou abordassem temas como corpo, gênero e sexualidade?

R: Ah... eu tive sim, mas bem pouco.

P: Então você acha que foi superficial? Como que você acha que foi esse contato.

R: Foi superficial sim.

P: Você já havia atuado em outros projetos inseridos nas políticas públicas de esporte e lazer?

R: Já sim no PELC.

P: Descreva as etapas e os processos como foi: marcante, diferenciado ou de identificação pessoal se foi satisfatório ou não a capacitação para atuar no Programa Segundo Tempo. Você pode falar se foi vídeo aula, equipe de colaboradores, se vocês viajaram ou se eles vieram.

R: Olha a nossa capacitação foi muito enjoada porque só foi através de vídeo aulas e mesmo assim a capacitação foi dada depois de um ano que o projeto já estava funcionando... a gente estava funcionando e depois de um tempão que vieram pra fazer essa capacitação... é no dia mesmo da capacitação nós fizemos as críticas construtivas que tinha que ter mais prática... tinha que ter mais... como é que vou falar... é mais assim histórias, mais exemplos... mais vivências do que a vídeo aula... vídeo-aula é muito chato é muito maçante... os professores usaram uns livros com capítulos assim que trabalhavam até mesmo a questão do gênero... é muito bom só a forma que foi passado é que eu não achei adequado.

P: Certo. Você conhece o livro de fundamentos pedagógicos do Programa Segundo tempo?

R: Conheço.

P: Se você conhece qual sua avaliação, sua opinião sobre os temas, capítulos tratados e as necessidades do programa na prática? São discussões importantes, são temas pertinentes, tem relevância no trabalho dos núcleos?

R: Tem sim... tanto o livro quanto uma outra apostila que a gente recebeu são bons... o que falta mesmo é o que eu falei, é uma capacitação mais dinâmica são assim... porque o livro ele tem muita teoria mas você não tem exemplos, muitas coisas como por exemplo, trabalhar a questão de gênero numa aula de educação física você aprende ou na prática né que é a forma mais correta no seu dia-a-dia mais pra você aprender na prática você já deveria ter tido exemplos e a gente não teve isso é o que falta no material e também esse apoio do coordenador pedagógico que nós não tivemos e a capacitação também que foi só essa parte teórica a gente não teve prática mas o livro... as apostilas... as vídeo aulas são excelentes... o material é bom a forma como é passado que não é bom.

P: Quando você trabalhava, você identificava dificuldades, problemas e limitações presentes no seu trabalho no contexto do programa segundo tempo? Você já começou a falar algumas né... então pode continuar identificando.

R: Olha primeiro a nossa coordenação geral é, não sei se por se tratar de uma pessoa que não é um profissional de educação física é... ela nunca entendia as nossas necessidades outra dificuldade que a gente teve é que gente demorava mais tempo pra conseguir colocar disciplina pra conseguir que os meninos escutassem a gente do que pra dá aula... a gente num tinha um apoio nenhum da escola que eu... na quadra que eu trabalhei por exemplo a gente tinha adolescentes que não frequentavam a escola... a gente pedia o conselho tutelar... pedia a... o apoio né da prefeitura a gente nunca teve... então assim a maior dificuldade que eu enfrentei além da estrutura física de não ter a água... de não ter o banheiro foi essa falta de apoio porque a gente sabia que tinha verba... a gente sabe que a verba veio pra prefeitura, porém a gente nunca pôde utilizar bem esse dinheiro e a prefeitura também não apoiava em nada.

P: E assim quais eram as satisfações presentes na sua atuação no programa?

R: As minhas satisfações? Olha mesmo com todas essas dificuldades a gente sempre assim, porque a gente tinha como obrigação manter o nosso núcleo cheio... então a nossa maior satisfação era fazer uma aula boa... para as crianças e os adolescentes mesmo pelo que eu já falei que são crianças e adolescentes que eu conhecia porque são do meu bairro... minha maior satisfação era ver que de alguma forma eu estava ajudando a preencher o tempo daquelas crianças que na maioria das vezes não tinham nem uma outra opção de lazer a não ser ali nas atividades do segundo tempo.

P: Durante a capacitação para o trabalho você lembra se o tema corpo, gênero e sexualidade foi trabalhado?

R: Foi.

P: Em caso afirmativo de que forma o tema foi trabalhado? Pra você foi satisfatório?

R: Olha não foi satisfatório pelo o que eu acabei de falar... é teve um capítulo do livro... esse capítulo do livro pra você ter uma noção ele foi lido... as vídeos aulas eram nada mais nada menos que a leitura dos capítulos dos livros a pessoa... o autor, as vezes nem era o próprio autor... eram professores que liam o capítulo na frente da câmera e isso foi passado pra gente... tanto que a gente tinha o livro em mão e a gente foi o quê... seguindo o que a pessoa

estava falando no vídeo a gente ia lendo pra não ficar tão maçante... pois eu não acho que foi satisfatório não pelo que eu te falei... faltou exemplos... faltou muita coisa (**P: Exemplo prático né**). Prático é.

P: Você conhece o capítulo do livro de fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo que trata da discussão de corpo, gênero e sexualidade?

R: Ah... eu não conheço assim pra... eu fiz a capacitação e a única vivência que eu tive com esse capítulo foi na capacitação.

P: Você poderia fazer uma avaliação sobre ele?

R: É como eu falei é um capítulo bom se um profissional pegar ler e tiver alguma dificuldade ele ajuda bastante só falta exemplos mais práticos... a prática no dia-a-dia... mas avaliando assim de um forma geral ele é bom sim...o material é bom.

P: Você tinha dificuldade para a inclusão de gênero no seu núcleo? Em caso afirmativo quais dificuldades?

R: No início eu tinha sim... porque de acordo com as diretrizes do segundo tempo é nós tínhamos que trabalhar duas modalidades coletivas e uma individual... a individual eu trabalhava atletismo não tinha problemas meninas faziam e os meninos faziam... é o handebol eu também não tinha tanto problema... agora no dia que era o futsal eu tinha problema porque os meninos por já conhecerem o esporte... por já terem mais vivência gostavam muito... faziam muito as aulas e as meninas mesmo as que tinham vontade tinham interesse por não ter tanta vivência não serem assim tão boas elas ficavam meio com vergonha não queriam fazer e a atitude que eu tomei pra poder incluir as meninas e os meninos de uma forma geral, assim mista nas minhas aulas foi, eu separava os alunos que eram mais habilidosos não só os meninos mas as meninas também em um grupinho... e dava atividade... o meu monitor dava atividade... e o grupinho dos que eram menos habilidosos tanto os meninos quanto as meninas eu também dava atividade () separando eu via que as meninas ficavam com menos vergonha e participavam mais... porque quando colocava tudo junto, aqueles meninos que se destacavam faziam e os outros que tinham dificuldade e principalmente as meninas ficavam de fora... quando eu comecei a separar por questão de habilidade mesmo elas começaram a participar mais porque elas começaram a perceber também que não eram só elas que tinham dificuldades e que haviam meninos com dificuldades também... e outra forma também que eu fazia para que elas participassem e não tivesse tanta vergonha foi fazendo uma troca... falando

não... vocês participam dessa atividade que depois eu dou uma outra atividade no final da aula que vocês gostam mais... é a forma que eu achei de incluir elas na atividade.

P: E você acredita que o sexo do professor pode interferir na aderência e na permanência dos alunos e alunas?

R: Olha... isso vai depender muito do professor... lá no meu núcleo eu tinha uma turma que eram de acima de dezessete anos.... dezessete a dezoito anos que de acordo com as diretrizes podia seguir só uma modalidade coletiva que no caso era o futsal é... eu percebia que os meninos nessa faixa etária eles gostavam mais de participar da atividade sendo ela dada pelo meu monitor que é homem e gosta muito de futsal e pratica muito e entende muito... muito mais além até do que eu que, já sou formada nessa modalidade, do que comigo... agora os meninos mais novos que era a primeira turma de seis a dez anos e a segunda turma de dez a quatorze num influenciava em nada não... eles gostavam mais até... na minha opinião... eles gostam mais até da professora, sexo feminino do que do sexo masculino.

P: Como que era a distribuição numérica de meninos e meninas no seu núcleo?

R: Olha... é... não precisa falar o número não né...

P: Não precisa falar o número exato não... a predominância.

R: É meninos.

P: E assim, quais os conteúdos, quais as atividades que eram trabalhadas no seu núcleo?

R: Eram uma modalidade individual que era o atletismo e as duas coletivas... na quinta-feira o handebol e na sexta-feira o futsal.

P: Existe predominância de meninos ou de meninas em alguma atividade em específico?

R: Conforme eu falei antes o futsal a maioria era os meninos... o handebol era um público mais misto e o atletismo também era um público misto... mas com certeza o meu núcleo enchia muito mais na sexta-feira que era dia de futsal e o público predominantemente masculino... tanto que minha turma de dezessete anos acima de quinze anos... de quinze a dezessete não tinha nenhuma menina nenhuma () adolescente.

P: Como você trabalhava os conteúdos com os meninos e as meninas? Havia alguma diferenciação? Caso sim, em que se baseavam essas diferenciações?

R: Eu não fazia nenhuma diferenciação com relação aos meninos e as meninas... a forma que eu achei mais correta pra eu incluir esses alunos nas minhas atividades é, foi como eu falei antes, era dividir a turma em dois... para os que tinham mais dificuldade não ficassem tão constrangidos com aqueles que tinham mais facilidades nas atividades que eu propunha... eu não separava por menino e menina... separava por... como que eu vou explicar... por dificuldade... grau de dificuldade pra execução das tarefas.

P: E você percebe se fatores externos como ajuda nas tarefas domésticas, violência urbana ou além desses dois, outros que você observou no seu núcleo interferiram no acesso e na permanência das meninas?

R: Olha com certeza... no meu núcleo eu tinha assim, no início algumas... umas três meninas que... elas falavam assim... ó tia hoje eu não vou na aula não porque eu tenho que arrumar casa pra minha mãe... ô tia eu não vou na aula hoje não porque eu tenho que na padaria pra minha mãe... no mercado pra minha mãe... e tinham umas duas que até já trabalhavam como babás... elas tinham assim uns doze... treze anos e olhavam os menininhos de dois aninhos... um aninho, eu percebi isso... com certeza influenciou porque mesmo ela querendo tá ali... tinha uma outra aluna também tinha que ficar em casa pra olhar os quatro irmãos mais novos... quando a mãe não liberava pra levar os meninos ela tinha que ficar... já tinha casos que a irmã estudava na escola próxima a quadra e queria participar e a forma que ela encontrou foi essa... ela levava todos os irmãozinhos pra participar ficava lá o dia inteiro eu acho que tem muito a ver sim

P: E a questão da violência você acha que em algum momento impediu as meninas de participarem?

R: Impediu porque o que eu acontecia lá na minha quadra é... ficavam uns adolescentes lá usando droga... é mexendo com as meninas... incomodando as meninas... até comigo também tive problemas foi até o que me levou a abandonar o projeto antes da hora... porque a gente não tinha policiamento eram adolescentes indo armado pra quadra... se eu falava que hoje é handebol se eu falasse que não fosse dar futsal eles me ameaçavam... então com certeza aí as próprias mães ouviam né esses acontecimentos que estavam tendo na quadra e começavam também a proibir os filhos de participarem do projeto.

R: Entendi. Muito obrigada.

APÊNDICE T**Entrevistado 7**

P: Nome completo? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Idade?

R: 31.

P: Sexo?

R: Feminino

P: Por que você escolheu a educação física para a sua formação profissional?

R: Porque eu sempre fiz atividade física sempre me identifiquei com os professores que me davam aula e teve uma professora que me deu aula na terceira série que era professora de Educação física e que me marcou muito assim... então aí na época que surgiu aqui em Ubá a possibilidade de fazer... eu até tentei fazer fora daqui mas... achei e me identifiquei com as atividades com a professora então escolhi pra mim uma forma de me realizar profissionalmente beneficiando outras pessoas com a atividade física.

P: Qual instituição de ensino superior que você estudou ou fez sua formação?

R: Na FAGOC.

P: Área de interesse na atuação profissional?

R: () (faço) de tudo ((risos))...

P: Mais qual você se identifica mais?

R: Eu hoje me identifico mais com a parte escolar porque eu acho... antes que eu achava assim que era mais... que tinha uma parte que era mais importante que a outra... mas a educação se a gente não começar na escola de... do princípio do início não adianta depois você querer acrescentar.

P: Concordo... Como você ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: Eu ingressei... eu fiquei sabendo... porque eu já trabalhava em um outro projeto da prefeitura que era o (DANTE) que era atividade física nos PSF e aí esse projeto ia renovar mas eu vi o edital do segundo tempo... eu me interessei mais...porque eu já estava já buscando já né essa parte de da educação física na escola...de uma coisa mais voltado para a escola aí interessei fazer por causa disso.

P: Foi por processo seletivo né?

R: Foi processo seletivo.

P: E há quanto tempo você tá atuando no programa? Desde o início?

R: Desde o início.

P: Então vão fazer dois anos.

R: Dois anos.

P: Qual era a expectativa para o trabalho no Programa Segundo Tempo antes de ingressar no programa?

R: () Antes de fazer o processo seletivo eu li sobre o programa... busquei na internet e até mesmo a diretriz que eles deram para a gente estudar para fazer o processo seletivo ...assim eu fiquei maravilhada com o projeto né... tudo que ele contempla... é... o objetivo do projeto então assim... acho que eu... o professor de educação física fica maravilhado... assim nossa consegui trabalhar em um projeto desse... beneficiar os alunos né... áreas de vulnerabilidade social... então a gente acha assim... que vai tudo vai tá nosso favor ali para poder trabalhar... a expectativa era muito grande assim de trabalhar de começar logo... todo mundo estava mundo ansioso e demorou ainda um tempo para começar em função de eleição que ia ter aqui municipal... mas a minha expectativa era muito grande pro projeto.

P: Entendi... E como que você avalia o programa de forma geral?

R: Eu avalio... assim... eu acho o programa muito positivo... o objetivo do programa é muito bom... eu acho que é um programa que contempla várias vertentes assim da parte política... social educacional é... o programa reconhece é... as diferenças social que a gente tem no nosso país e de educacional e acho que ele tenta igualar isso... né... com... né... várias camadas sociais assim então eu acho que o programa ele é muito bom... o objetivo dele é muito bom mas é a... na pratica algumas coisas que depende né da região... depende de cada núcleo então

no... às vezes um lugar funciona melhor que o outro...é mas eu acho que no todo ele é muito bom.

P: Durante a sua formação acadêmica você teve na grade curricular do curso de Educação Física disciplinas que tratassem ou abordassem temas como corpo, gênero e sexualidade?

R: Eu tive... no início quando no primeiro semestre que a gente fez que tinha parte de psicologia que é a professora abordou com a gente essa parte tive depois na... no... mais no final com a Silvinha (professora da FAGOC) parte de prática pedagógica ela abordou com a gente também... se não me engano teve também a professora Adriana a (Molica) que abordou com a gente em sociologia também.

P: Uhum... Entendi... Você já havia atuado em outros projetos inseridos nas políticas públicas de esporte e lazer? Você até já falou um né...

R: É eu trabalhei no (DANTE)... (projeto municipal) e eu comecei mas não fiquei muito tempo no... no esporte e lazer na cidade...

P: PELC?

R: É no PELC.

P: Descreva as etapas e os processos: o que foi marcante, o que foi diferenciado, de identificação pessoal e se foi satisfatório ou não dentro da capacitação para atuar no programa segundo tempo? Aí você pode falar se foi vídeo aula...se veio uma equipe de colaboradores, eu quero que você fala pra mim se foi suficiente se você acha que foi satisfatória...

R: É no início... é em função de ter esse atraso... a gente assistiu né os vídeos que foi criado pelo pessoal do... lá em Brasília do Ministério e depois a gente foi... ficamos uns quinze dias indo lá na AABB e um... um coordenador dando aula pro outro... pros demais e o Rodrigo que na época era o coordenador pedagógico que estava corrigindo, estava dando nota.. isso eu acho que ajudou muita gente... depois... aí iniciou o projeto... a gente né... veio cada um pro seu núcleo fizemos divulgação começamos dar as aulas e aí... veio a equipe né colaboradora... a equipe doze... que veio e deu a capacitação pra gente... deu... é... dois dias de capacitação... teve parte teórica e parte prática... até eles explica como aplicar aqueles... aquelas atividades que estão no livro que isso a gente não teve com o Rodrigo... o que a gente viu a gente buscou

ver o que aprendeu e... o que a gente já sabia e um deu aula pro outro... então isso ajudou bastante sim como que seria inserir aquele conteúdo que tá no livro ali nas nossas aulas... que acho que fez também uma diferença essa equipe doze ter... vindo aqui... porque até na época acho que eles estavam cogitando de fazer por vídeo conferência e tal mas aí acabaram que eles acabaram vindo aqui dois professores... ajudou bastante... foi bem positivo... porque aí a gente pôde tirar dúvida... eu já estava tendo problema de disciplina com os meus alunos... aí a (outra coordenadora) também teve lá aonde ela estava na quadra...então, a gente procurou ver como que a gente ia trabalhar com alunos fora de faixa... que na época eu tinha bastante aluno fora de faixa e estavam né... bem misturado os alunos... aí ajudou muito a capacitação.

P: Entendi...Você conhece o livro de fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo?

R: Conheço.

P: Tá... Qual é sua avaliação, a sua opinião sobre os temas e os capítulos tratados no livro e a necessidade do programa na prática? São discussões importantes? São temas pertinentes? Têm relevância no trabalho nos núcleos?

R: Eu acho que o livro é muito bom... né... as temáticas ali que... que é abordados são importantes... porque é o que a gente encontra assim na prática... a maioria daqueles temas ali a gente encontra só que tem... a forma ali que eles dão para gente lidar.. com o aluno... com aquelas atividades nem sempre funciona... às vezes... igual o... é... vamos dizer assim... igual por exemplo aqui no meu núcleo que as meninas são mais voltadas são mais sexualizadas... mais é... tem um nível de violência maior... então assim por um lado eles são muitos infantis e por lado são muitos desenvolvidos assim... então eles prestavam atenção assim dez minutos... cinco minutos naquelas atividades a gente tentava abordar daquela forma mas num ((ruídos)) nem sempre deu certo... mas é... serve de... é de direcionamento... mas não pode ficar só naquilo ali a gente tem que buscar mais coisa.

P: Você identifica dificuldades, problemas e limitações presentes no seu programa trabalho no contexto do Programa Segundo Tempo?

R: É... eu acho assim... que (identifica) assim... por exemplo nos núcleos que funciona em escola a gente tem a limitação de né... de depender do diretor... dos professores... do horário da escola... mas também os núcleos que funcionam fora nem sempre tem estrutura... que a escola oferece né... as vezes não tem banheiro... não tem bebedouro... não é a quadra

coberta... então por um lado aqui igual a escola até oferece que a gente pode usar o material da escola... mas também eu fico presa também as vezes às temáticas que a escola quer trabalhar com os meninos pede pra gente trabalhar conteúdos que eles estão vendo né... em sala de aula... então a gente num dá assim pra ficar só dentro do segundo tempo... das coisas né... dos horários também por causa disso... da interferência que a gente tem.

P: Entendi... E quais são as satisfações, os prazeres presentes na sua atuação no Programa Segundo Tempo?

R: Ah... eu acho assim que a gente... que eu estou vendo assim... é que eles aos poucos é um coisa que assim... é uma semente você que tá plantando... mas dentro igual desses dois anos assim eu já vi né... que eles melhoraram a parte de coordenação motora... de aprendizagem... um pouco de disciplina melhorou... assim bastante no sentido de respeito... de educação... que a gente procura trabalhar... procura né ver com eles... de senso () de reciclagem... de alimentação deles mesmo... de cuidado com eles... né... a gente busca trazer a comunidade também pra tá trabalhando junto com a gente pra participar os pais que é uma coisa que não acontece muito... né... a gente conseguiu ver esses pontos positivos... mas isso é uma coisa assim... que depois de dois anos consigo olhar lá trás e ver... se o projeto as vezes durasse mais tempo e não tivesse né interrupção as vezes a gente conseguiria ver mais coisas mais... isso é... é aos pouquinho é muito pouco assim que a gente consegue ver... mais já (tem uma) mudança.

P: Entendi... Durante a capacitação para o trabalho o tema corpo, gênero e sexualidade foi trabalhado?

R: Foi.

P: De que forma esse tema foi trabalhado?

R: É... quando os professores... até que a gente teve duas capacitação... uma no início e a outra com o recreio das férias... todas as duas vezes os professores é... né deram atividades... buscaram assim dar atividades... mostraram pra gente das atividades que estavam no livro que podia tanto os meninos e as meninas participarem eles sempre pediram pra gente fazer turma mista... não fazer turmas separadas... porque igual no caso, mas acho que tinha até um núcleo acho que antes... do (coordenador) era separado era menino e menina... na época lá (bairro) ele não tinha muitos alunos assim então ele separou os meninos das meninas... mas eles pediram para não separar... buscar é... desenvolver atividades que ambos os sexos

participassem... que houvesse uma satisfação dos dois gêneros... porque aí falou que é... igual o caso do futsal para as meninas e da queimada as vezes para os meninos... buscar para a gente trabalhar no núcleos também esporte misto igual o vôlei... é trabalhar basquete... handebol... atletismo... então a gente... eles procuraram direcionar a gente na questão de dúvidas também e da sexualização assim também que num () a gente não podia trabalhar nem né... separado um do outro mas também que a gente sempre conversasse... explicasse as diferenças hormonal né... a capacidade de um de outro desenvolverem determinadas atividades por causa das faixas... das faixas etárias então isso sim eles orientaram bastante a gente

P: E você acha que foi satisfatório?

R: Eu acho que foi satisfatório... por que igual aqui no () com as meninas aqui me ajudou bastante... por que né eu com o outro professor no início a gente sentou conversou com as meninas aí né... junto com a professora de ciência a gente fez palestra já na aqui escola... seminário sobre hormônio... sobre (contraceptivo)... tudo assim que... mudança hormonal que passa a gente buscou esclarecer isso pra eles pra poder conversar assim de forma educativa e objetiva pra eles... pra eles entenderem o que que tá acontecendo e também (não vulgarizar).

P: Entendi... Você conhece o capítulo do livro de fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo que trata desta discussão de corpo gênero e sexualidade?

R: Conheço.

P: E como você avalia esse capítulo em específico?

R: Igual no... no vídeo e no livro eu acho assim que eles até direcionam mais falam mais de crianças e de faixas etárias de crianças mais novas... igual no caso a gente que tinha os alunos fora de faixa e maiores eu acho que eles poderiam abordar situações de alunos assim mais... mais velhos igual é de faixas etárias de meninas de quinze a dezessete anos que na época que a gente contemplava assim alunos maiores então acho que nesse quesito assim que eles falam mais das atividades que a gente pode dar mas pra faixa etárias menores até acho que onze anos se não me engano assim... então fica e pros maiores assim... a gente ficou...

P: ...Até por que a sexualidade tá mais aflorada...

R: ...Tá mais aflorada nessa () e aí é que tem mais dificuldade assim porque aí tem (menina) que não quer jogar bola quer fazer outras coisas que quer ficar () os meninos até fazem mas

elas ficam mais desmotivadas nessa faixa etária de doze... treze pra cima... interesse delas o foco delas é outro.

P: São enfrentadas dificuldades para a inclusão de gênero no seu núcleo?

R: É igual eu estava falando... as meninas... as mais novas... elas fazem atividade... mas assim... não quer tá sempre fazendo atividade junto com os meninos, elas... né... tem o grupo delas e o deles... mas elas ainda assim fazem né...tem muita competitividade entre menino e menina... mais elas participam... agora as mais velhas já tem uma dificuldade maior delas estar fazendo as atividades físicas... os esportes educacional... então assim fica mais difícil de ser mais atrativo pra elas o programa... elas começam querer abandonar... agora os meninos fazem (entendeu) eles parece... a maturação deles é mais lenta, eles participam bem mais.

P: Você acredita que o sexo do professor ou da professora pode interferir na aderência e permanência de alunos e alunas?

R: Eu acho que até as vezes pode interferir dependendo do núcleo... do lugar assim onde tá... inserido assim... se for as vezes igual por exemplo... aqui no início eu tive dificuldade em função de ter outros alunos fora de faixa mais o meu monitor... na época o monitor que começou comigo era né... do sexo masculino então ajudava fazia um contraponto assim e ajudava também na parte do respeito... porque os meninos no início né... num dava confiança no que a gente fala e existe assim... tinha mais problema de violência entre eles tudo eles queriam brigar... bater... então assim eu acho que se tiver um coordenador e um monitor assim né cada um de um sexo eu acho que ajuda mais... ainda mais assim... igual no caso eu como coordenadora tinha né o monitor homem e ele dava um respaldo maior do que eu falava assim porque mais alto homem se () e se impõe assim... então no início eu senti uma dificuldade assim com os meninos maiores em faixa etária né de igual eu tive catorze até dezesseis... dezessete anos... eu senti que aí... eu:: ainda mais eu nessa grande estatura que eu tenho ((risos)) eu falava e o menino tá nem aí pro que eu estou falando... então o monitor me ajudava muito... mais depois... com os mais novos não... eles num tem problema não só com os mais velhos.

P: E como é a distribuição numérica de meninos e meninas no seu núcleo?

R: No início tinha... tinha mais meninas... agora... veio caindo assim... no número assim... agora tem mais... menos... mais meninos e menos meninas assim... mas até porque eu estou vinculado... presa no projeto da escola né... no tempo integral... e porque antes no início a...

participaram alunos que eram da comunidade... e que não eram alunos da escola né... e mais aqui... depois ficou só pros alunos tempo integral e os que estão matriculados também no tempo integral são mais meninos do que meninas.

P: E qual são os conteúdos e quais são as atividades trabalhadas aqui no (núcleo)?

R: Aqui a gente escolheu futsal... atletismo e basquete.

P: Existe predominância de menino ou de menina em alguma atividade em específico?

R: Tinha no atletismo, as meninas gostam mais participam mais... interessam e no futsal também interessante assim a turma de até doze... quatorze anos as meninas participam bastante num tem assim... vamos dizer uma... predominância igual no atletismo... mas elas participam elas gostam de futsal...que eu acho interessante que na maioria das vezes não acontece.

P: E como você trabalha os conteúdos com os meninos e as meninas? Você faz algum tipo de diferenciação? Caso sim, em que se baseia essa diferenciação?

R: Olha...eu igual agora né num tem mais os alunos de fora de faixa... a maioria dos alunos é até:: quatorze anos... treze assim... eu procuro trabalhar igual... explico... dou as mesmas atividades... as vezes tem ainda aquela questão da rivalidade de as vezes fica uma fila só de meninas ou só de meninos... eu procuro misturar... procuro fazer equipe mista... em todas as atividades... procuro trabalhar se as vezes... as meninas num querem fazer uma atividade... aí eu falo com elas... vão fazer essa atividade aí depois vocês escolhem uma... né... eu deixo vocês escolherem... vocês vão fazer uma que vocês quiserem fazer... mas sempre assim procurar... eu procuro trabalhar com eles junto... pra não ficar um () pra num ficar uma equipe mais fraca falo com os meninos para não chutar... para não ter com as meninas assim atividades assim coisas agressivas... para não ficar agarrando... apertando... até com bola também num ficar chutando forte nas meninas... igual a gente até uns dias para trás trabalhou agora nas férias deu o vôlei pra eles não ficar cortando a bola em cima das meninas... até na queimada... para não ficar fazendo isso assim e elas também num ficar também assim...que elas usam de outra forma né... elas... procuram constranger eles... então procuro trabalhar tudo junto com eles porque acho que quanto mais diferenciação a gente fizer... mais... que se a gente não mostrar a eles essa diferença assim... num apontar eles convivem... vão convivendo bem... até ali eles descobrirem o próprio corpo coisa assim... eles convivem bem... com suas

diferenças assim... e na verdade um completa o outro né... porque um (num) tem o outro tem... então procuro trabalhar com eles como equipe... eles trabalhando junto... procuro fazer assim.

P: E você percebe se fatores externos como: ajuda nas tarefas domésticas, violência urbana e além desses se há outros que você observou no seu trabalho interferem no acesso e na permanência das meninas nos núcleos?

R: Tem muito isso... é... tem assim ainda né... um estigma né... um paradigma que né... as meninas tem que ajudar mais em casa... igual tinha casos de alunas que... saiu porque... saíam no meio da aula pra levar o irmão na creche... na escola... e né... voltava de... fazer tarefas domésticas e aí por isso paravam de vir... e tem outras coisas que traz que eles começam a trazer de casa esses é... uns preconceitos... ah de que tem atividades de menina... e atividades de menino ... ah que menino né num pode usar determinada cor... num pode fazer determinada coisa... igual menina usa rosa e menino não pode usar... que os meninos por exemplo ficam muito com uma ou no meio delas... ah que é gay... então assim eles trazem isso de casa... assim né os pais parecem que passam esse comportamento esse preconceito... aí (assim)... agora quando a gente começa trabalhar e mostrar e falar que não tem nada a ver... que existe uma mudança... que igual as meninas que jogam bola... que chutam bem ou que se destacam assim no futsal... ah... é Maria homem... eles começam a... ou algum menino que faz que é participa de queimada... eles começam e estigmatizar aquele ali então isso tem... mas é trazem da educação que recebem em casa... do mesmo jeito que falam né do gordinho né... da outra que é magra... da outra do cabelo anelado... se é ruiva se é isso... essas questões assim eles trazem de casa.

P: Muito Obrigada, se você quiser colocar mais alguma coisa.... falar mais alguma coisa pode ficar a vontade.

R: (não) eu estava te falando antes eu acho que o projeto é muito bom... mas né ele ajuda muito né essas crianças... que a gente tem esses né que a gente fala os beneficiados... eles realmente são beneficiados mais né depende muito da onde que... no meio social que eles estão inseridos... depende muito da estrutura que o núcleo tem para oferecer... e u acho que né o ideal assim na parte pedagógica é os matérias que o projeto né manda pra gente é muito bom... tem como a gente trabalhar bem... porque num falta material... uniforme... é tudo... só que eles nem sempre aproveitam bem isso por causa do meio que eles estão inseridos... então esses sim... mas e também nem a gente pode usar só o que tá lá no livro... porque... as vezes tem umas coisas que tá lá que serve só de início depois... né... pro restante do projeto as vezes

...você consegue aplicar aquilo em seis meses o restante você tem que buscar em outro lugar... buscar outras coisas... porque se não fica repetitivo... fica maçante aí eles começam a querer a abandonar...sempre tem que ter uma novidade...e eu acho que o projeto aqui foi muito bom...é...não só né em função dos coordenadores de núcleo dos também ajuda muito os estagiário...se você não tiver um profissional bom te ajudando num tem jeito de você fazer sozinho porque são muitas crianças...então eu acho que tem falar também...ressaltar que os estagiários são muito importante pra gente pra tá dando apoio e também a coordenação igual a gente ficou sem coordenação pedagógica a Fernanda ajudou muito a gente acho que num fosse o conjunto de coisas assim... num né... num dá certo... se faltar uma coisa num funciona...e aqui né o projeto é grande que é quinze núcleos e eles funcionaram não é...e eu acho que é muito bom assim... ter essa parte do Ministério ter um projeto desse mais se num tiver igual capacitação por vídeo conferência eu acho que num...num é uma coisa boa... num... porque igual eles vieram aqui... eles tiveram as dúvidas...conheceram a nossa realidade...conheceram a cidade... tiraram as nossas dúvidas né...porque aí explicou coisas do livro coisas que a gente fez e eles passaram a experiência deles também como profissional pra gente...então eu acho assim que quanto mais né presente eles puderem tá...e acompanhando o projeto melhor vai ser o andamento do projeto... () até que aqui eu acho que aqui eles visitaram bastante mais...eu acho que trocar eles deram e-mail pra gente...oportunidade da gente ligar...da gente tirar a dúvida da gente né... precisar qualquer coisas assim eles deram essa abertura pra gente também... não sei se é em função da gente tá sem coordenador pedagógico...mas deram essa abertura pra gente... eu cheguei algumas vezes mandar e-mail pro Duda...eles me mandou mais atividade... me mandou um outro caderno lá do segundo tempo...aí a gente tirou mais coisa...eu passei pro pessoal... a gente também no início criou um e-mail do segundo tempo aqui e aí todos os coordenadores postavam... me mandavam ali o seu planejamento... então um podia trocar com o planejamento do outro... a gente fez isso também que ajudou bastante no início...aí... então isso que eu queria deixar que às vezes pode ajudar outros... **(P: É pra renovar o projeto)**. É pra renovar... eu acho que é valido renovar... porque aqui em Ubá não tem um projeto que vai atender tantas crianças igual o segundo tempo e eu acho que vai fazer falta não só né pros professores também forma né de tá dando trabalho pros professores de educação física... a gente tem um monte aí formando na área... mas também pros alunos... então eu acho que isso é válido de deixar registrado.

P: Com certeza, pode finalizar? Obrigada.

APÊNDICE U

Entrevistado 8

P: Seu nome completo? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Idade?

R: 28 anos.

P: Sexo?

R: Masculino.

P: Por que você escolheu a educação física para a sua formação profissional?

R: Bem... a princípio... no início eu tinha até assim um pouco de dúvida... na época do vestibular... ou fazia administração... ou fazia enfermagem... fisioterapia... mas... mas uma coisa que me identificava... gostava de praticar esportes... na época estava um pouco mais jovem estava mais voltado assim a prática da musculação... então sempre me interessou... em relação também na época quando... não ter tido uma boa educação física no ensino regular na escola... mas uma coisa que sempre me chamava atenção então na partir do momento que eu fixei a ideia... não... vou fazer o curso (na hora vai escolhendo) fiz vestibular tanto em Viçosa como em Juiz de Fora... acabei que passei em Juiz de Fora optei pra ir pra lá mesmo.

P: E dentro da Educação física qual que é sua área de interesse de atuação profissional?

R: A minha área de interesse... aí... já trabalhei em vários campos... a primeira parte como na época ainda de estágio interessei muito na parte de treinamento desportivo mesmo... na parte de musculação... trabalho de personal trainer... então aquele treinamento mais individualizado... com todo tipo faixa etária... já trabalhei com um pouco mais jovem... com grupo de meia idade... adulto... ou então um grupo mais idoso... e posteriormente... ai na época de estágio...tive um contato com escola...gostei também do ambiente escolar...surgiu oportunidade...ai fiz um concurso passei e ingressei... ai só que no primeiro momento não tinha essa ideia ainda clara de trabalhar com esse grupo com deficiência... a princípio de trabalhar com crianças ditas normais... só que aí () oportunidade... vou abraçar vou encarar... gostei... quero permanecer por um bom tempo ainda.

P: E como você ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: Foi através do concurso mesmo... do edital publicado pela prefeitura... que teve o comunicado no site oficial e alguns fatores de contato... trabalhava no ambiente de academia com outros profissionais um foi passando para o outro... a gente fez a prova... uma prova teórica e depois análise de currículo.

P: E há quanto tempo você está, desde o início?

R: Eu estou desde o início... lá, se não me engano... lá na APAE eles fizeram um período de treinamento... então se não me engano eles começaram em setembro... mas desde agosto de 2012 eu estou na APAE... vai completar agora no final... dois anos.

P: Qual era sua expectativa para o trabalho no Programa Segundo Tempo antes de ingressar no programa?

R: A minha expectativa teoricamente era boa... mas eu tinha um certo receio... porque lá em Juiz de Fora na época que eu estava cursando a graduação... cheguei a conhecer de perto o programa... tinha algum núcleo que se dava lá... que passava as atividades lá na própria universidade... na época antes da reforma... então... assim as aulas eram bem ministradas... tinha um certo apoio... só que aí conversando com as pessoas nós sentíamos que em outros locais não tinham um certo interesse... professor ia... faltava... não tinha uma preocupação com os alunos... não tinha assim o interesse de proporcionar aulas diferentes... ficava sempre aquele rola bola mesmo... aí dependendo do bairro mais... hostil com questão de violência... ou então de depredação... a pessoa acabava abandonando então havia muita desistência dos alunos... então assim que também na época eu questioneei pra eles nem sabia e que acabou acontecendo aqui em Ubá que era a criação do núcleo central vamos supor... com uma parte administrativa e outra pedagógica... mas lá em Juiz de Fora na época que eu perguntei eles falavam assim... tinha assim...u m mês só que encontrava com o coordenador mas assim era muito solto... não tinha um ()... não tinha... vamos supor um trabalho de tirar dúvidas... trabalho de aprofundamento maior em relação a planejamento das aulas... e aqui em Ubá isso foi uma coisa que a gente teve um certo apoio foi legal... mesmo assim... igual principalmente na minha área...os materiais que a gente recebeu dos vídeos ...das vídeos aulas...e do material didático... eu tive que procurar muita coisa por fora... tanto com professores de educação física da APAE mesmo o professor da APAE me passou alguns materiais alguns livros e questão de adaptação das aulas porque do material te ensina ele tinha alguma coisa falando só

com deficiência... mas assim uma experiência que um ou outro local no Brasil fez... mas nada assim... mais detalhado... mais sistematizado.

P: E como que você avalia o programa de forma geral?

R: Eu avalio o programa de forma geral muito bom.... só que ainda tem algumas ressalvas.. principalmente alguns locais fala da experiência aqui de Ubá... que a gente percebeu que ter conseguido ampliar bem uma gama... um bom número de alunos... só que... vamos supor... uma quadra descoberta... que aí sofre com problema da chuva do calor... que por exemplo não tem um vestiário... não tem bebedouro... entendeu... aí () vamos supor tem alguns bairros que queriam inserir o programa que são muito violentos... muitos violentos mesmo... então criou... o legal que sempre comentava nas reuniões tinha dificuldade da quadra tá aberta de roubar os materiais... () intimidar os alunos... ah vocês não vão fazer mais nada disso não... a gente vai tomar a quadra agora e a gente vai ficar por conta da quadra...entendeu...então acaba eu não tive esse problema graças a Deus... mas alguns comentavam... e eu acho que o projeto... claro... é um projeto social... que tem abrangência() mesmo nos bairros menos favorecidos com um certo grau de violência só que a gente teria que ter um aporte melhor e ter uma pesquisa bem feita bem detalhada antes de inserir o projeto naquele local...() no nosso caso aconteceu muito isso... o projeto começava numa quadra numa determinada quadra numa determinada escola... até que na escola o projeto foi bem aceito...a gente teve...até que o pessoal comentou até com alguns diretores...no início tinha até algumas pessoas que não aceitavam...mas depois eles viram que o projeto estava sendo bem estruturado sendo bem feito eles acabaram ()... mas alguns locais de quadra... principalmente assim bairros tinha esse problema...o líder comunitário tinha ajudado os professores e dado o apoio aos alunos... mas assim... como lá ele não estava todo dia não sabia os problemas né... então alguns coordenadores tiveram certa dificuldade... mas em relação ao projeto pra mim... pelo que já perguntei pros diretores da APAE... pros alunos... pra eles foi muito significativo... com relação a metodologia de aula... fugir daquela aula só do rola a bola... só esportiva... procurar fazer uma atividade mais lúdica... uma atividade mais reflexiva eles gostaram bastante.

P: Tá. A Instituição de ensino que você estudou?

R: A UFJF... a Universidade Federal de Juiz de Fora

P: Durante a sua formação acadêmica você teve na grade curricular do curso de Educação Física disciplinas que tratassem ou abordassem os temas como corpo, gênero e sexualidade?

R: Tá... em relação ao corpo... gênero e sexualidade na parte... na nossa faculdade na UFJF tinha assim... tinha algumas disciplinas que trabalhavam com a professora Maria Elisa... se não me engano era e a professora na época era a professora Maria Elisa que trabalhava algumas temáticas desse gênero... o professor Carlos Coelho dava aula de ginástica trabalhava essa temática que tinha de sexualidade se não me engano também a Edna nossa diretora teve uma época também nas disciplinas dela... só não me recordo o nome... tratava também questões de gênero... do corpo... mas a princípio era isso mesmo que a gente teve mais contato nas disciplinas era com o professor Carlos Coelho... com a Edna diretora () pouco mas também a gente teve uma temática com a professora Maria Elisa.

P: Você já havia atuado em outros projetos inseridos dentro de políticas públicas de esporte e lazer?

R: Não... essa foi a primeira experiência.

P: Descreva as etapas e os processos: vídeo aula, equipe de colaboradores, viagem para capacitação e os temas abordados. O que foi marcante, diferenciado, de identificação pessoal se foi satisfatório ou não dentro da capacitação para atuar no programa?

R: Em relação esta primeira pergunta que você me fez aqui ó... a viagem para capacitação a gente fez os coordenadores de núcleo não foram... a primeira equipe que fez essa viagem para Brasília foi o coordenador pedagógico... o coordenador geral e o coordenador administrativo... eles fizeram essa viagem lá... a partir desse momento eles vieram com alguns materiais já foram instruindo a gente como seria mais ou menos a metodologia que seria aplicada... e logo em seguida veio a capacitação dos coordenadores gerais... que veio o pessoal de fora... pessoal que não me engano de Montes Claros... Belo Horizonte...

P: Do Duda.

R: Isso... que fez a capacitação aí foi bacana... teve a vídeo aula... teve esclarecimento de algumas dúvidas... teve algumas assim algumas situações que eles colocaram pra gente... problematizaram... como é que poderia ser... como é que seria a atuação... alguma questão de comportamento dos alunos... como é que você poderia tratar... se tratar com eles como é que

seria esse contato direto com as alunos... então com relação a mim... a minha pessoa foi bem... foi bastante significativo.

P: Você acha que foi satisfatório?

R: Foi satisfatório... só que em relação igual eu te falei... em relação aos materiais... material didático pedagógico pra mim foi de grande valia... só que eu como eu trabalhei no público que é com alunos com necessidades especiais eu tive que procurar materiais externos... igual eu te falei... contato com outras pessoas... pessoas que já estavam trabalhando nessa área... então na APAE foi o professor que trabalha com eles há oito anos... com a professora que trabalha com eles a temática de dança que também é professora de educação física... alguns com outros profissionais também lá da parte pedagógica a gente foi uma conversa informal... fui perguntando saber como é que é o relacionamento com cada aluno e então além disso alguns livros que eles me passaram para fazer algumas leituras e aquele trabalho mesmo do dia-a-dia... você planeja uma aula vê como é que vai se lidar... não... os alunos tiveram uma certa aceitação aquilo você pode modificar... aquilo não foi bem aceito... aquilo não surtiu efeito...
() para modificar a cada dia...

P: Você aprendendo na prática também né... Então, você conhece o livro de fundamentos pedagógicos?

R: Isso... conheço.

P: Qual é a sua avaliação, a sua opinião sobre os temas, os capítulos tratados no livro e as necessidades do programa na prática? Você já falou que no seu caso que trabalha com deficientes teve um pouquinho de falha, aí você acha que essas discussões são importantes, os temas são pertinentes, tem relevância nos trabalhos dos núcleos?

R: Tem... tem... a temática igual lá nesse próprio livro aborda a questão do gênero... da sexualidade... que são além disso... igual tem até um capítulo que aborda a temática da pessoa com deficiência... são o que eles mesmo falam que é um trabalho que sempre foi experimental em alguns certos núcleos...alguns certos lugares... então eles mesmo falam que sentiu falta de uma coisa mais sistematizada mais programada... mas que a experiência que eles tiveram a () foi muito boa... os alunos tiveram melhoras significativas em relação ao comportamento a própria mesma prática de atividade física na questão de se tornar mais prazerosa... os próprios profissionais que ingressaram nessa temática tiveram um bem trabalho satisfatório com boas avaliações do público dos alunos... dos pais... da própria... ou

escola inserida... ou local onde estava inserido... entendeu... então essa temática do gênero tem sido bastante trabalhado... igual no meu caso... tenho certos alunos tanto menino quanto meninas que tem essa sexualidade mais aflorada ou então menos aflorada então isso é importante a gente ficar sempre atento a essas questões para não deixar passar despercebido... porque a gente pode achar que é algum trato de um aluno com o outro... não é uma coisa... é um abraço... ou um simples abraço... pode ser uma coisa simples no nosso comum no nosso dia-a-dia... mas pra ele... pra um... pra um certo aluno pode ser uma coisa que tá querendo ser... se tornar uma coisa além... uma coisa mais agressiva mais íntima, então a gente tem que ser... ter cuidado sim é importante... ter sempre essa atenção.

P: Você identifica dificuldades, problemas e limitações presentes no seu trabalho no contexto Programa Segundo Tempo?

R: Tá... assim... alguma limitação... não sei se é até limitação o nosso caso a gente não teve tanto problema porque na instituição onde eu fui inserido na APAE de Ubá desde o primeiro contato a gente foi muito bem recebido... tanto a diretoria quanto os professores as coordenadoras viram com muito bom grado a nossa inserção lá... então em relação a isso a gente não teve problema... então... nosso ambiente de trabalho é uma quadra coberta... então assim que o programa... a quadra já estava sendo antes do programa se iniciar a quadra já estava pronta... foi uma conquista que eles tiveram... a quadra... então a quadra é uma quadra coberta... então a questão dos vestiários... os materiais são bem guardados... os banheiros... então em relação a qualquer tipo de problema que a gente teve... vamos supor... de ordem médica... de ordem () eles davam esse apoio... precisasse de qualquer tipo de urgência podia conversar com eles... não tinha nada que dava interferência no nosso trabalho... nosso trabalho foi totalmente aberto... eles não nos impuseram alguma coisa...você tem que fazer dessa...dessa forma... eles perguntavam como é que tá... se tinha alguma dificuldade... aí qualquer coisa que a instituição fizesse alguma coisa eles faziam questão da nossa presença... quando tinha reunião com os pais a gente era convidado a participar das reuniões com os pais... uma coisa que eu até comentei na época com a nossa coordenadora que assim o programa podia melhorar foi a questão dos uniformes... uma coisa eu tive maior defeito foi isso... os materiais em si foram muitos bons a gente utiliza... beleza... só que os uniformes principalmente pro nosso público que lá no nosso caso o nosso núcleo era núcleo especial trabalhar com criança acima de quinze anos é a maioria... quase noventa por cento dos meus alunos eram o que... uns dos maiores e alunos com obesidade... ou masculina ou feminina... então a questão dos uniformes a gente foi de bom grado... shorts e as camisas fornecidas... só

que poderia ter sido os materiais principalmente nessa questão dos uniformes ter chegado no início do programa demorou um certo tempo para chegar esses materiais e ter essa preocupação de ter os uniformes tamanho um pouco maiores... diferentes para ter uma ()... principalmente no nosso núcleo a gente fez solicitação... a coordenadora geral fez solicitação no início do projeto ao Ministério do Esporte... só Ministério do Esporte não teve essa preocupação de tentar fazer essa mudança pra gente... então o material que chegou a gente utilizou todos... só que aí no caso...os shorts e camisa quem pôde utilizar os alunos maiores lá da APAE rural utilizaram... os que não puderam utilizar a gente trouxe aqui pra APAE cidade que são crianças menores de até quinze anos... aí então todos os materiais foram utilizados... só que nosso caso lá... nos alunos da APAE rural a gente trabalha com eles dia-a-dia a gente sentiu essa falta...eles sempre cobram pra gente...um boné...uma camisa...um short...tudo para eles assim faz muito (significativa)... entendeu... então isso pra eles ficaram sentindo falta... o professor que dia vai ficar pronto o uniforme?.... a gente falava assim: não daqui a pouco vai chegar... só que acabou que chegou e não chegou acabando.... não chegou de forma adequada para atender aquela gama de alunos que tinha no núcleo... mas em relação a isso... fora esse pequeno problema dos uniformes... os outro materiais... esses matérias físicos mesmo... a questão das bolas e redes tivemos nenhum problema.

P: Tá...Então quais são as satisfações, os prazeres presentes na sua atuação no programa segundo tempo?

R: Bem... a minha satisfação no prazer... primeiro trabalhar igual no nosso caso lá além da experiência com pessoas com deficiência... na época das férias da APAE eu trabalhei no núcleo lá do:: com a professora:: lá se não me engano no Cândido... no Cândido não... uma escola... eu esqueci o nome dela...

P: Cesário Alvim?

R: Não... não... lá no:: perto do Agrocélis ali... professor... outra professora... na época era a (nome da coordenadora) a coordenadora.... aí aqui com o (nome do coordenador) aqui na Praça de esporte com os alunos também que eram lá do núcleo da Cibraci... então assim... então no meu caso eu passei pelos dois casos... pelo núcleo com pessoas com deficiência e os alunos sem deficiência então não tive nenhum problema os alunos respeitaram a gente muito bem a gente teve muito respeito um contato direto com eles... então pra mim foi uma coisa satisfatória... porque... trabalhar igual ao nosso caso lá no meu caso na APAE eu trabalho com diferentes deficiências então pra mim é um desafio é uma coisa que sempre procuro estou

procurando estudar mais... entender um pouco mais da deficiência no trabalho com eles no dia-a-dia estou procurando a cada dia mais melhorar... em relação também a questão da estrutura dos alunos... aí tem essa satisfação além disso como é uma coisa que na faculdade a gente teve algumas disciplinas voltadas para pessoas com deficiência eu nunca imaginei trabalhando logo de cara assim recém-formado com esse público então é uma coisa que eu abracei e me sentiu... foi muito prazerosa pra mim...eu tive bom retorno com os alunos e eles tiveram bom retorno ao meu trabalho...então é uma coisa que me deixou muito satisfeito e tanto nisso que eu procurei inserir agora nessa pós-graduação pra trabalhar...e procurar ainda mais...procurar conhecimento para trabalhar mesmo com atividade física para pessoas com deficiência.

P: Durante a capacitação para o trabalho o tema corpo, gênero e sexualidade foi trabalhado?

R: Foi... foi trabalhado na vídeo aula e algum tópico do livro... mas assim... só igual eu te falei uma vídeo aula e um tópico do livro.. a gente fez a leitura e foi aquele debate mesmo aquela discussão:: se alguém tinha experiência um outro projeto ou na própria escola de () integrado a escola regular... se teve algum problema... se é detectado algum aspecto de desvio de comportamento... de gênero... de sexualidade... foi aí... foi um trabalho de conversa mesmo.

P: Você acha que foi satisfatório? Ou poderia ter aprofundado mais?

R: Eu acho que até certo ponto foi satisfatório mas aí acho que poderia ter sim mais aprofundado entendeu com algum tipo de... não sei se mais algum vídeo... algum questionário... algum mesmo assim uma coisa mais científica já segmentada mais sacramentada que poderia ainda mais contribuir para a melhoria dessa discussão e também da melhoria da capacidade do conhecimento do nossos de nós coordenadores em relação a essa temática.

P: E você conhece o capítulo do livro de fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo que trata dessa discussão né (que falou comigo) se você conhece, qual é a sua avaliação sobre esse capítulo?

R: Tá... pra mim... eu... em relação a esse capítulo do livro sobre a questão do gênero e sexualidade foi uma avaliação igual comentei anteriormente... avaliação significativa... até boa... só que aí entendeu acho que poderia ser um pouco mais aprofundada mostrando algum

exemplo alguma postura de algum professor ou algum local que detectou aquela dificuldade e como ele solucionou aquele problema... então... assim na questão do capítulo aprofundar vários exemplos que já foram bem sucedidos... alguns mal sucedidos... pra gente ter essa noção de até aonde a gente pode caminhar até aonde a gente não pode caminhar... até aonde vai o papel do professor... até dentro do papel... vamos supor o dos pais... ou da diretoria da escola... ou então de outro organismo do governo... ou então outras que era da prefeitura... aí nesse aspecto.

P: São enfrentadas dificuldades para a inclusão de gênero no seu núcleo?

R: dificuldade de inclusão de gênero não... porque no nosso caso lá a APAE no caso a APAE de (Ubá) já trabalha com essa metodologia de ter turmas com inserção de meninos e de meninas... só que lá eles tem um trabalho tem esse certo cuidado porque são... tentar... não são todas turmas... todos alunos tem a mesma deficiência... alguns mesmo da mesma turma tem deficiência diferentes só que aí eles levam para outro aspecto... aspecto comportamental... aspecto de convívio entre os alunos... que aí qualquer alteração de comportamento... questão de violência...ou então não tá se adaptando aos esquemas das aulas ou com a gente ou com outros professores acaba gerando essa troca... sempre preocupado com essa troca... para manter um com convívio entre os alunos... entre os alunos com os professores e os demais colegas.

P: Mas as turmas são sempre mistas?

R: Lá na APAE rural eles trabalham em forma também de oficinas profissionalizantes aí tem turmas... igual no caso... alunos da horta só meninos... corte e costura só meninas... mas em relação a outras turmas trabalhos manuais ou trabalho de montagem de kits ou de pregadores aí não as turmas são mistas... entendeu... igual a turma que trabalha com material reciclado faz a questão do papel reciclado turma mista... então eles tem essa preocupação.

P: Tá... E nas suas aulas também?

R: Também nas nossas aulas também que a gente acaba mantendo essa inserção também dos alunos... meninos e meninas na mesma aula...turma mista durante as aulas.

P: E você acredita que o sexo do professor ou da professora pode interferir na aderência e permanência dos alunos do programa?

R: Questão do sexo do professor? Aí eu acho que (...)

P: É... questão de homem pode...

R: Sei é... no nosso caso lá a gente sempre procura ter um bom relacionamento com os alunos mas a gente antes de começar o projeto lá os próprios professores () já comentavam isso com a gente... a gente no caso no meu caso de ser homem a questão das meninas algumas meninas tem esse... tem esse problema de sexualidade vão querer se aproximar um pouco mais... vão querer ter esse contato... então... isso tem que procurar tentar com respeito e impor um certo limite porque senão acaba atrapalhando nosso trabalho e o relacionamento com os alunos... mas em relação a isso igual no meu... nosso caso lá eu trabalho como coordenador e tem uma monitora mulher a gente não teve esse problema que a gente acabou tendo um contra peso das certas meninas assim... tentarem se aproximar um pouco mais de mim e se aproximaram um pouco mais dela... mas no final a gente conseguiu né... a gente não teve grandes problemas conseguiu ter um bom convívio com ambos... então a gente já vez com eles viagens... competições fora a Volta Redonda a Dores do Turvo em olimpíadas e competições mais a nível nacional... não tivemos esse problema de viajar entendeu...de tá mais próximo ali no dia-a-dia... ao longo do dia na relação nos trabalhos e das tarefas a gente não teve nenhuma dificuldade em relação a isso no.

P: Tá...E como é a distribuição numérica de meninos e meninas no seu núcleo?

R: Você tá falando assim... questão do alunos...

P: Qual que tem mais? Tem mais meninos ou meninas?

R: A gente tem mais meninas...

P: Meninas...

R: Meninas.

P: Ah...Tá.

R: Só que isso... depende porque lá igual eu te falei...na () como a APAE é conjunta tem duas sedes... na cidade e na rural... aí eu não te vou falo lá a () exata de quantos alunos tem em meninos e meninas indo lá... mais na nossa lá... no nosso caso rural a gente não tem quase uma () número () de meninos e meninas e eu acho que tem um pouquinho mais de meninas.

P: Meninas...Ah tá. E quais são as atividades, os conteúdos que são trabalhados no seu núcleo?

R: Uhum... A gente trabalha com eles lá... trabalhou metodologia dos esportes o handebol... o futsal... do basquete e do vôlei... além disso... atividades lúdicas... recreativas... atividades que () aí que a gente também trabalhou atividades em gerais que trabalham que é muito importante com eles trabalhar coordenação... equilíbrio... propriocepção é... tomada de decisão... então a gente fez essa mescla...e u nunca fiz um... uma temática muito rígida... por exemplo... esse mês vou trabalhar só com handebol... que aí eu sempre preocupo de diversificar ou semana ou no mês...então a gente fez também esse inseriu com eles também... continuou inserção da natação... do aspecto da higiene pessoal que foi o cuidado com a higiene que pra entrar na piscina... a conduta ao entrar na piscina... a conduta que tem que ter durante as aulas... a preocupação deles a gente sabe que é dificuldade... mas assim... procurar ir com os uniformes... ir com o calçado... aí em relação a algum... por exemplo... algum contato com o colega que machucou... aí chega lá ter um boa educação com o colega pedir desculpa... entendeu...então a gente procurou isso evitar... a gente... igual no nosso caso... a gente teve problemas de apelidos a gente procurou sempre explicar pra eles no início o apelido a gente não quer nas nossas aulas e isso fora do ambiente da escola... no ambiente escolar aqui a gente prega o respeito aos professores são os próprios colegas... então a gente procurou é... também a questão de cidadania como ter bom comportamento... igual na questão das viagens como não consigo abranger um (público) muito grande nas viagens que a própria competição delimita aí eu sempre faço com eles um acordo... durante aquele processo pré-competição os alunos tiverem um bom comportamento boa participação nas aulas aí eu entro em contato com a professora deles em sala de aula e com a coordenadora pedagógica...aí em relação a escolha desse ou determinado aluno se ele tá apto a poder ir com a gente na competição se ele não tá... porque aí acaba tendo... () o aluno... no caso o nosso menino e menina tem que conscientizar que...eu participo das aulas certo só que isso não vai me dar direito futuramente pra participar da competição se não tiver comportamento também fora do ambiente da educação física... o ambiente da própria sala de aula mesmo... sempre trabalhou isso com eles.

P: Existe predominância de meninos ou de meninas em alguma atividade em específico?

R: No nosso caso lá uma coisa que me surpreendeu em relação () aqui em Ubá em () locais que já fui essa questão me surpreendeu porque lá em Juiz de Fora na época dos estágios isso era mais visível essa separação... lá em Juiz de Fora na época dos estágios as meninas não

gostavam de futsal... era só os meninos... e vice-e-versa que só o vôlei alguns praticavam vôlei mas a maioria era o público feminino... aqui em Ubá no nosso caso da APAE no caso com o coordenador na Praça de esporte... em outro local que fui professor também a gente não tem esse problema as meninas gostam de participar de futsal... não só futsal entre elas mas futsal também com os meninos aí eu sempre trabalho com os meninos a questão de ter... de tomar cuidado com as meninas a questão do choque do contato... do uso da força excessiva... então elas adoram isso lá... as meninas () gostam... elas pedem...o professor... vamos fazer um campeonatinho aqui ou então dia de aula na semana um confronto nosso contra os meninos... aí eu procuro ou fazer um time misto ou então fazer o primeiro tempo só as meninas () só os meninos então lá depois eu faço a inserção dos dois grupos a aí eu divido faço um campo reduzido aí diminuo um pouco a questão do desgaste físico então em relação a isso também nas outras aulas do atletismo uma temática a gente trabalha é importantíssima que tanto os meninos tanto as meninas adoram... todas as provas () prova de () masculina elas gostam também de participar... que quer aprender...() fazendo porque que eu não posso fazer...aí a gente em que explicar quando é arremesso de peso... lançamento... a questão do peso então algumas meninas tem mais dificuldade... mas em relação disso a gente não teve nenhum problema... é que isso na época eu até perguntei isso pro professor quando a gente estava iniciando lá... ele também tinha essa preocupação... ele trabalhava com isso... e isso foi um processo a longo prazo que ele incluiu nos alunos só que nessa idade como lá.. .os alunos participarem das aulas de futsal as meninas e meninos.... meninas e meninas entre elas... meninos e meninas entre eles e também essa questão de ter turma mista... (jogando) participando do futsal sem questão de preconceito de ser principal de homem ou de mulher e ela sendo um bom contato um bom vivência do esporte.

P: A próxima pergunta é mais ou menos isso que você já respondeu. Como você trabalha os conteúdos com os meninos e as meninas? Há alguma diferenciação? Caso sim, em que se baseia essas diferenciações?

R: A única coisa assim que eu leve em consideração... igual eu te comentei com você anteriormente... questão disso sempre tem essa preocupação por exemplo um pouco mais com as meninas então antes de começar as aulas eu reúno os meninos e falo pessoal tá lembrado dos nossos combinados... num tão... tão... ok... tomar cuidado no choque com as meninas... questão de chutar a bola muito forte se tiver uma goleira tentar chutar a bola um pouco mais leve mais fraca... entendeu... tentar não ficar tocando a bola só entre eles... tentar também fazer um jogo... interação com as meninas... ou então num outro esporte... como por exemplo

que tenha um contato a questão da natação que a turma é mista... a questão de evitar aquele contato mais próximo não ficar aquela piadinha... qual menina tá de biquíni tá de maiô ou o rapaz tá de sunga ou então tá de short... então evitar essas piadinhas a gente sempre trabalhou essa questão com eles... uma outra coisa importante que a gente ficou importante que a gente trabalhou isso com eles foi uma temática que eles aceitaram bem... foi a questão do incentivo... por exemplo... tem uma competição um determinado aluno não se saiu bem... não ficar com piadinha... com piadinha... com algumas menosprezo com relação com o resultado alcançado... procurar incentivar o colega... entendeu... numa determinada tarefa...ou por acaso o aluno tá com dificuldade não ficar rindo do colega que tá com dificuldade que futuramente ou outro aluno pode ter determinada dificuldade ali na frente... outro aluno que já teve e não tenha mais... então a gente procura sempre trabalhar isso com eles também... a questão do respeito um com outro.

P: Com o colega né... É você percebe se fatores externos como ajuda nas tarefas domésticas, violência urbana e além desses se há outros que você observou no seu núcleo, interferiram no acesso e permanência das meninas? No seu caso acho que não... porque a maioria é menina né... mas você já ouviu falar alguma história assim de que alguma menina não participa porque tem que ajudar em casa ou por questão de violência?

R: Não. A gente teve esse problema lá em alguns casos... porque lá a APAE disponibiliza transporte para os alunos... só que tem algumas... alguns locais que a APAE não... dependendo como o número de alunos é muito grande não consegue ir lá buscar os alunos...

P: ...Na porta de casa...

R: ...Na porta da casa buscar os alunos... então alguns casos acontece isso... alguns pais em determinada época do ano...que a gente não sabe em questão do trabalho alguma coisa acontece na família deixa de levar o aluno a escola... então ele acaba não participando do projeto... aí algum caso... algum caso é acontece com os meninos ou então as meninas... algum caso acontece isso também... as meninas acabam mudando o turno porque por exemplo a família tá com problema de desemprego ou então vamos supor... ou algum parente tá necessitando cuidados médicos ou então o irmão mais novo essa aluna acaba trocando mesmo o horário... quando tá num certo momento no turno da manhã ela passa para o turno da tarde... por que para ajudar a mãe nos serviços domésticos ou nos trabalhos de casa mesmo isso acontece... alguns casos também aconteceu com alguns alunos... dos meninos... por exemplo

alguns ajudavam os pais em um determinado trabalho um turno e passaram... trocaram de turno no outro horário da escola pra poder ajudar o pai naquele trabalho ou no trabalho de casa ou no trabalho de... vamos supor... alguns tem trabalho na roça... ou um trabalho assim... mais braçal mesmo... a gente tem esse problema com alguns alunos... mas esse problema nosso em relação até diminuído que a APAE tem essa questão de buscar os alunos na porta de casa... tem esse controle com questão dos psicólogos... dos pedagogos de tentar diminuir esses problemas mesmo da não adesão do aluno a escola ao programa... mas aí a gente passou por essas dificuldades também... alguns alunos dependendo dessa época igual dessa época agora que teve as férias alguns alunos viajam com os pais aí viaja muito tempo e acaba os pais esquecendo que as aulas retornaram... demora a incentivar ao aluno de novo até ele entrar no ritmo das aulas a gente tem esse problema também.

P: A minha parte acabou se você quiser falar alguma coisa ou alguma consideração a respeito do projeto você pode ficar à vontade tá.

R: Tá ok... não assim o que eu... eu queria deixar registrado... que igual no nosso caso pra mim foi de grande valia a inserção desse projeto do Programa Segundo Tempo aqui em Ubá principalmente no nosso núcleo lá no nosso caso da APAE... eu só queria assim que o programa fosse mais permanente né que num fosse só um projeto de dois anos... entendeu... e que... eu acho que é um projeto muito válido como a gente professor teve algumas dificuldades... tem dificuldades principalmente tentar a cada projeto... cada âmbito tentar diminuir essas dificuldades e tentar mesmo... ampliar mesmo essas questão mesmo das discussões sob o planejamento... sobre os materiais fornecidos... e na experiência de um com outro... de um coordenador com outro... não... no meu núcleo a gente tenta algumas reuniões só que foram poucas... acho até que poderia ter aumentado o número de reuniões que aí um relato de experiência de um profissional com o outro acaba gerando uma... gerando uma melhoria no seu trabalho... gerando uma ajuda no trato com os alunos com os meninos ou com as meninas dependendo de alguma questão que ocorreram em um núcleo ou em outro... mas fora isso... foi de grande importância... pra mim foi muito significativo.

P: Até se identificou com uma área de trabalho, né?

R: Com certeza.

P: Obrigada.

APÊNDICE V**Entrevistado 9**

P: Seu nome completo? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Idade?

R: 30.

P: Sexo?

R: Feminino.

P: Por que você escolheu Educação Física para sua formação profissional?

R: Bom... porque é uma coisa que eu gosto... da área... foi até uma prima minha que me:: me incentivou mais a fazer porque eu estava na dúvida, mas é a área que eu gosto

P: E qual a Instituição de Ensino que você se formou?

R: Na FAGOC.

P: Área de interesse na atuação profissional?

R: Na escola.

P: Como você ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: Através da prova de processo seletivo.

P: Tá. E a quanto tempo você está atuando?

R: ...Tem um... quase dois anos.

P: Desde o início...

R: Desde o início... desde quando começou.

P: Qual era a expectativa para o trabalho no Programa Segundo Tempo antes de ingressar no programa?

R: Assim... eu já trabalhei com um programa parecido então... a expectativa era boa porque eu ia estar vindo pra Ubá (que) cidade onde eu estou morando que antes eu tinha que ficar pra lá e pra cá... mas é o melhor possível

P: E como que você avalia o programa de forma geral?

R: Muito bom, muito bom... assim estou com os meninos da APAE, então assim agente faz trabalho diferenciado num tem problema de drogas essas coisas de briga assim nas aulas coisas que em outros núcleos sabe que tem, mas acho que é um programa muito bom porque caba tirando eles da rua né tem uma coisa para fazer ainda mais hoje que tem tantas crianças na rua fica né a droga essas coisas porque pai e mãe também... num tem... não incentiva a participar fazer alguma coisa

P: Uhum. Durante a sua formação acadêmica você teve na grade curricular do curso de Educação Física disciplinas que tratassem ou abordassem temas como... corpo, gênero e sexualidade?

R: Sim.

P: Você lembra quais eram as disciplinas mais ou menos? Como que foi esse contato?

R: Não... Não lembro assim nome, assim as disciplina agora... mas lembro assim... que foi trabalhado... essas coisas de gênero, sexualidade com agente na época

P: Tá.

R: Mas tem tanto tempo...

P: ((riu)). Você já havia atuado em outros projetos inseridos em políticas públicas de esporte e lazer?

R: Sim...No Minas Olímpica nova geração.

P: Tá. Descreva as etapas e os processos; vídeo-aula, equipe de colaboradores viagem para capacitação e os temas abordados? O que foi marcante o que foi diferenciado de identificação pessoal e se foi satisfatório ou não dentro da capacitação do PST?

R: Assim da capacitação que eles fizeram?

P: Do que eles fizeram e depois você fala pra mim se foi satisfatório ou não.

R: Eles fizeram capacitação com a gente... que a gente até participou do recreio nas férias e assim...coisas que marcou tal e:: que era sobre a sustentabilidade e foi satisfatório a capacitação

P: Antes do recreio nas férias vocês tiveram outra?

R: Tivemos bem no início pra fala do programa como que era o programa...

P: Ah tá.

R: ...No início que começou... acho que foi em dezembro.

P: E ai foi uma equipe de colaboradores ou foi o:: coordenador pedagógico?

R: Não... foi a equipe de colaboradores que veio.

P: Ah tá... entendi.

R: Nós tivemos um final de semana de capacitação.

P: Tá. E você conhece o livro de fundamentos pedagógicos...

R: Sim.

P: ...Do programa? Qual é a sua avaliação sua opinião sobre os temas sobre os capítulos tratados no livro? E as necessidades do programa na prática? Você acha que são discussões importantes? São temas pertinentes? Tem relevância no seu trabalho no núcleo?

R: São... são importantes... tem sim...só que é (aquela) coisa e como estou com os alunos da APAE então caba sendo diferente do que quando você pega esses outros núcleos.

P: Uhum.

R: Até mesmo porque no núcleo do Primavera você vê que é diferente... porque na APAE agente acaba tendo que adaptar também de acordo com eles... num é só, igual os outros você põe e pronto... lá tem... isso depende também porque agente pega por turma, então tem as deficiências que são diferentes também

P: Então a questão é a especificidade do seu núcleo.

R: É isso... do núcleo, mas é muito bom.

P: Entendi. Você identifica dificuldades, problemas e limitações presentes no seu trabalho dentro do PST?

R: Não.

P: Não... Quais são as satisfações os prazeres presentes na sua atuação?

R: Muito boa... também não sei também, porque tipo assim caba sendo diferente por ser lá no início assim (senti) nunca tinha trabalhado com criança assim, então tinha aquele medo, mas hoje... é... tranquilo e assim:: como que eu posso te falar... na verdade a APAE é uma lição de vida pra gente.

P: Uhum.

R: Muito bom.

P: Entendi. E durante a capacitação para o trabalho o tema corpo gênero e sexualidade foi trabalhado?

R: Foi.

P: Tá. É de que forma que o tema foi trabalhado? Você lembra?

R: Foi...

P: ...Vídeo aula::

R: ...Foi através de vídeo aula e também a gente fez prática também.

P: Ah tá... E na sua opinião foi satisfatório?

R: Foi.

P: Por que você acha que foi satisfatório?

R: Ah... assim do jeito que eles passaram, porque assim, na verdade caba tudo que as vezes você vai falar disso eu acho não só no PST né do jeito que falou e assim as atividades que eles colocaram eu acho que foi assim... a capacitação satisfatória.

P: Tá. E você conhece o capítulo específico do livro de fundamentos que trata de corpo, gênero e sexualidade?

R: Não... específico, específico não ((risos)).

P: Tá. São enfrentadas dificuldades para inclusão de gênero em seu núcleo?

R: São... tem atividade que tem menina que não quer fazer como tem atividade que você vai dar e tem meninos que não quer.

P: Então você acha que a principal dificuldade é o interesse?

R: É o interesse mesmo.

P: Tá. Você acredita que o sexo do professor ou da professora pode interferir na aderência e na permanência dos alunos?

R: Eu acho que não.

P: Independente de for homem vai atrair mais menina...

R: Não eu acho que não tem não.

P: Tá.

R: Eu acho que pode assim não por ser homem ou mulher, mas de acordo como que vai da aula... o perfil do professor mas não assim o sexo do professor.

P: Entendi. E como que é a distribuição numérica de meninos e meninas em seu núcleo? Qual que tem mais? Qual que tem menos?

R: ...Tem mais meninos.

P: Meninos?

R: Meninos.

P: Ah tá. E quais os conteúdos? Quais são as atividades que foram escolhidas e são trabalhadas no seu núcleo?

R: Futsal, handebol e atletismo.

P: Tá. Existe predominância de menino ou de menina em alguma atividade em específico?

R: Tem, por exemplo se eu for dar futsal tem... a maioria das meninas não querem agora os meninos já da... por exemplo as meninas gostam muito se você for dar queimada tem menino que já não faz mas handebol porque assim ai agente caba a APAE fazendo atividade diferente também não fica só no futsal, da campeonato de queimada porque tem meninas que gostam, então agente vai fazendo uma troca com eles ai caba tendo.

P: Entendi. E como que você trabalha os conteúdos com os meninos e meninas? São turmas mistas, são turmas separadas?

R: São turmas mistas porque lá, assim não foi agente que dividiu os alunos agente já pegou por turma tal professor porque pra não ficar tira aluno de um professor... então ia ser.

P: Uhum.

R: Mas, por exemplo que a gente vai ficar, cada sala pega... tanto numa, tanto na outra pra não dificulta, não atrapalha pros professores, então agente pega turma mista assim.

P: Tá. Então as turmas são mistas?

R: São mistas.

P: Ai na hora da atividade você não faz nenhuma separação

R: Também não, não.

P: É...Você percebe se fatores externos como ajuda nas tarefas domésticas violência urbana e além desse você observou algum outro interfere no acesso e permanência das meninas no seu núcleo?

R: Não, lá agente não tem esse problema.

P: Não tem?

R: Não tem.

P: O ônibus pega né?

R: Pega... porque fica na APAE rural o ônibus pega sete horas...sai daqui sete e quinze da APAE cidade leva e volta onze horas e a tarde vai uma hora e volta quinze para as cinco então assim eles já vem pra aula então não tem esse problema porque não é uma atividade extra turno porque agente já pega eles no horário por conta da condução.

P: Entendi... Minha parte acabou se você quiser falar mais alguma coisa sobre o projeto pode ficar a vontade.

R: Não... Não obrigada.

P: Então tá, tranquilo, eu que agradeço obrigada.

APÊNDICE W**Entrevistado 10**

P: Seu nome completo? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Sua Idade?

R: 34.

P: Sexo?

R: Masculino.

P: Por que que você escolheu a educação física para a sua formação profissional?

R: Porque eu sempre gostei de esporte e pra mim atuar na área do esporte, eu acho que a educação física seria o melhor caminho.

P: Instituição de ensino superior que estudou ou fez a formação?

R: FAGOC.

P: Área de interesse na atuação profissional?

R: A minha área de interesse é trabalhar em fisiologia... com fisiologia e treinamento esportivo, principalmente.

P: Como você ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: Através de uma prova que foi... de um concurso público municipal.

P: E há quanto tempo você está atuando? Desde o início?

R: É... dois anos.

P: E qual era a expectativa para o trabalho no Programa Segundo Tempo antes de ingressar no programa?

R: A expectativa era que... tipo assim que o programa oferecesse é uma experiência pra mim no ramo profissional e que eu pudesse tá começando a trabalhar com essa parte de

treinamento né... mas é o programa ele não permite que trabalhe assim o treinamento mesmo é mais quase que um programa recreativo o segundo tempo.

P: E como você avalia o programa de uma forma geral?

R: O programa é bom... é importante mais... é eu acho que ele ao mesmo tempo que ele é bom ele... tem algumas exigências que tipo assim acaba atrapalhando é porque por exemplo... acaba atrapalhando tanto o profissional que trabalha quanto o aluno... porque um exemplo o profissional tem que trabalhar de manhã e de tarde... são dois horário aí impede que você trabalhe em outro serviço... tem outro emprego e apesar da carga horária ser até pequena e as exigências é que você não pode dar qualquer tipo de esporte de modalidade por exemplo... é tem algumas modalidades que são proibidas e às vezes modalidades que as crianças gostam de fazer e se há um programa que não objetivo de alto rendimento é não tem tanta necessidade também de ficar fazendo é::: como se diz...() o planejamento que ele exige... entendeu tipo assim... é... esqueci a palavra agora fugiu da minha cabeça aqui... mais é...()

P: A metodologia?

R: É... a metodologia... que ele exige não é coerente com que o programa exige na minha opinião e eu acho que a pessoa que... as pessoas né... que fizeram o segundo tempo num... num foram feliz nessa parte... entendeu.

P: E você acredita que na verdade o objetivo é mais fazer um esporte recreativo, mas a metodologia acaba influenciando para que o esporte seja mais de alto rendimento?

R: É porque a metodologia dele exige que você faça é... um treinamento com as crianças que seria mais já um treinamento mais pra...pro nível mais elevado... é a palavra que me fugiu aqui... esqueci é... esqueci mesmo... fugiu da minha cabeça aqui agora a palavra mais é um... se é um programa recreativo aí eu acho que não tem problema você dar queimada... xadrez... é várias modalidade né... peteca é... e tem algumas dessas modalidade por exemplo que o programa é não aceita...

P: Vocês tem que escolher três modalidades...

R: Tem que escolher apenas três modalidades e a criança ficar pressa naquilo ali durante dois anos entendeu... e eu acho que... ah... eu lembrei da palavra... eles exigem que você dê fundamentos técnicos né de cada modalidade e criança que vai (competir) de fazer um esporte recreativo que não tá ali com esse compromisso de... de competição, de alto rendimento ela

não quer ficar fazendo aqueles fundamentos básicos do esporte por exemplo... no vôlei tem a manchete... o saque... (bloqueio) né... é no futebol passe... cabeceio... essas coisas assim e criança não quer fazer isso... quer chegar e jogar futebol... jogar queimada... jogar peteca... jogar vôlei e eu acho que essa parte do... do segundo tempo não é muito coerente com que o programa exige.

P: Durante a sua formação acadêmica você teve na grade curricular do curso de educação física disciplinas que tratassem ou abordagem temas como gênero e sexualidade?

R: Sim... tive.

P: Em caso afirmativo, de que modo que foi esse contato?

R: É foi... acho que foi um... uma experiência boa né... nessas disciplinas que deu pra tipo assim... deu pra assimilar bem né... o que você tem que fazer como profissional pra... como vou dizer... pra não... tá... é... sucumbindo... num tá é... ultrapassando limites que a barreira da... que as barreiras exigem né... tipo assim que... por exemplo... questão da sexualidade às vezes você vai trabalhar como eu trabalhei no segundo tempo onde tinha crianças que eram homossexuais aí você tem que por exemplo é estar preparado pra poder lidar com essa situação porque sempre tem a piadinha dos colegas... você tem que sempre tentar é coibir né ações discriminatórias quanto a isso e aí essa disciplina que... que foi dada na minha grade eu achei importante por isso pra você aprender lidar com essa situação.

P: Entendi... E você já havia atuado em outros projetos inserido dentro de políticas públicas de esporte e lazer?

R: Já... é... é... inclusive eu... ainda quando eu era estudante eu atuei como é...

P: Monitor?

R: Monitor do Programa de Esporte e Lazer da Cidade... por um ano.

P: O PELC?

R: PELC.

P: E descreva pra mim quais foram as etapas e os processo da capacitação, se foi vídeo aula, se foi equipe de colaboradores, se vocês fizeram alguma viagem. Os temas

abordados, o que foi marcante, o que foi diferenciado, o que foi de identificação pessoal. E depois você vai dizer pra mim se acha que foi satisfatório ou não para atuar no Programa Segundo Tempo.

R: ((ruído)) As etapas do processo foram é através de vídeo aula realmente com equipes é... que vieram é pra () até de outros estados se não me engano acho que de Montes Claros... aliás de outras cidades né... Montes Claros é pra poder tentar capacitar da melhor forma possível pra trabalhar no Programa Segundo Tempo... na verdade assim e na minha opinião a capacitação é... foi quase que uma perda de tempo porque eles falaram, falaram, falaram o dia inteiro lá acho que durante dois ou três dias a gente teve que ficar lá fazendo essa capacitação e num teve assim é algo de novo, que a gente já sabia como diz na linguagem popular foi mais encher linguiça e pra mim assim é... questão da capacitação... temas abordados é tudo coisa que eu já sabia mesmo foi a repetição do que já sabia pra mim não teve assim nada marcante não... e nem... nem diferenciado aliás não foi só eu que comentei sobre isso até os meus colegas do segundo tempo que trabalhavam comigo também acharam assim meio sem.. meio sem motivo nenhum... aquela capacitação porque eram...eram coisa que a gente já sabia né...já tinha visto inclusive em faculdade em outro projeto que já tinha trabalhado já.

P: E você conhece o livro de fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo?

R: Ah...eu conheço o livro mais assim eu... eu num cheguei a ler ele não entendeu... mais assim... teve um contato assim... dei uma lida breve assim mais assim... a... os fundamentos pedagógicos mesmo assim... como eu já havia falado eu acho que num é... num são muitos coerentes com o que exige o segundo tempo né.

P: A próxima pergunta é justamente sobre isso, você acredita que os temas, os capítulos tratados no livro e as necessidades do programa na prática são condizentes, são discussões importantes, temas pertinentes tem relevância no trabalho dentro no núcleo?

R: Então como eu te falei eu não cheguei a ler o livro assim dos fundamentos pedagógicos mais se for é da forma que a capacitação foi feita () na capacitação eles falaram que exigência do segundo tempo era isso, era aquilo é não aceitavam que você desse opiniões assim de forma que pudesse assim talvez fazer uma aula melhor entendeu... é... são... eram muitos exigentes né... naquilo que o segundo tempo é tinha programado... eu acho que se for dessa forma que está no livro num é tão pertinente e não teria tanta relevância do núcleo porque se você tem que fazer uma coisa já é... que tá ali determinada e essa forma que foi determinada é... aquela que eu te falei eu acho que num tem tanta relevância não no núcleo não... a gente

que com a... com o que a gente já sabe com a experiência na área do esporte de tentar de fazer uma coisa diferente pra poder atrair as crianças senão é com certeza num teria quase que público nenhum.

P: Entendi...e você identifica dificuldades, problemas e limitações no seu trabalho no contexto do programa segundo tempo?

R: Sim.

P: Quais?

R: Principalmente é falta de espaço pra estrutura física né é pra fazer aulas que seriam assim de uma forma mais adequada né... por exemplo é eu participei...eu trabalhei no programa numa quadra é onde o sol batia de manhã até () o cair da noite e num tinha um banheiro num tinha uma água num tinha nada era muito quente aí praticamente não tinha aluno quase nenhum aí mudei pra outros lugares que também num tinham um espaço bom... o último lugar que trabalhei agora foi um lugar um pouco melhor onde tinha um espaço bem melhor aí foi um público de crianças maior também mais eu tive que fazer muita divulgação pra isso e por exemplo e... a parte de atletismo que é uma modalidade individual que o pessoal estava dando, não existe por exemplo você dar um atletismo dentro de uma quadra e o pessoal estava dando atletismo dentro de quadra, uma criança pode machucar pode ter uma lesão pelo impacto né... que o próprio cimento da quadra é um muito duro não tem um calçado adequado se cair vai cair no cimento e vai machucar e pessoas que não tem experiência na área do atletismo por exemplo achavam que pode dar atletismo dentro da quadra e isso não existe.

P: Entendi... e quais são as satisfações, os prazeres presentes na sua atuação no Programa Segundo Tempo?

R: Satisfação é... ganhar experiência na área de...nessa área né de trabalhar com pessoas de trabalhar com criança principalmente e tipo assim receber o carinho das próprias crianças também.

P: Durante a capacitação para o trabalho você lembra se o tema corpo, gênero e sexualidade foi trabalhado?

R: Foi.

P: Em caso afirmativo, de que forma foi trabalhado? E se foi satisfatório?

R: É nessa parte que foi bem trabalhado que foi bem satisfatório como eu já disse anteriormente também é... teve... teve essa tema sobre sexualidade falando como que você deveria trabalhar quando encontrasse algum problema de criança por exemplo homossexual ou discriminação... que poderiam essas crianças sofrer...

P: aí durante a capacitação eles trouxeram alguns exemplos ou só leram o capítulo do livro?

R: Ah... que eu me lembre é só foi mais lido slide, só mesmo e comentado alguma coisa sobre o assunto.

P: Ah tá... mais pra você foi satisfatório ou você acha que poderia ter sido um pouco mais aprofundado?

R: Na verdade poderia ter sido um pouco mais aprofundado.

P: Entendi... Tá... E aí porque você acha assim que ficou um pouquinho vago?

R: É porque o exemplo que eles deram apesar de tocar no tema é foi só mais exemplo assim é... cotidianos né... num teve nada de mais assim mais especial, que a gente já tinha aprendido na faculdade.

P: E você conhece o capítulo do livro de fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo que trata dessa discussão corpo, gênero e sexualidade? Você disse que ele foi tratado na capacitação né e aí se você conhece qual é a sua avaliação sobre o capítulo?

R: Pra te falar a verdade eu não conheço porque eu não cheguei a ler esse livro entendeu.

P: Ah tá... Então você só viu na capacitação.

R: Eu li...eu só vi na capacitação eu não posso falar sobre... sobre um... num posso ter uma discussão de um capítulo que eu não cheguei a ler né.

P: Entendi... não tem problema... São enfrentadas dificuldades para a inclusão de gênero no seu núcleo?

R: Ah... eu acho que um pouco sim... mas não tanto.

P: Ah... tá... E qual dificuldade assim que você nota?

R: Por exemplo, as meninas, por exemplo elas é:: às vezes tem alguma dificuldade por exemplo porque tem futebol aí elas não querem jogar futebol... os meninos por exemplo se for dar uma aula de queimada eles num quer...vôlei eles num quer... peteca eles num querem e as meninas tipo assim elas num querem nem brincar junto com os meninos aí quase que você tem fazer uma turma de menino e outra de meninas.

P: E você acredita que o sexo do professor pode interferir na aderência e na permanência dos alunos e alunas? Por ser homem vai atrair mais menino e por ser mulher vai atrair mais menina, você acredita nisso ou não?

R: Eu creio que tipo assim principalmente na parte se o professor for mulher aí vai atrair mais meninos eu acho que (quanto) o professor for homem não tem tanto interferência se atrai mais meninos ou mais meninas...

P: Mas mulher você acha que atrai mais meninos?

R: Isso... principalmente quando é mulher acho que atrai mais porque tipo assim... eles estão naquela fase de desenvolvimento sexual né... essa adolescência principalmente e eles... principalmente se a professora for bonita eles vão praticamente pra ficar vendo a professora... inclusive é assim foram até minhas colegas que trabalhavam no segundo tempo que me relataram isso entendeu.

P: Entendi... E como que é a distribuição numérica de meninos e meninas no seu núcleo? Você não precisa me falar exatamente os números, mas o quê que predomina?

R: Por exemplo, na faixa que vai de seis a dez anos é praticamente assim... quase que cinquenta por cento pra cada sexo tanto menino quanto menina...

P: Não tem discrepância não né?

R: Não... agora na faixa já de onze a dezessete anos praticamente noventa por cento eram meninos... entendeu... e pouquíssimas meninas... principalmente nessa faixa as meninas não tem tanto interesse por praticar esporte.

P: E quais são os conteúdos, as modalidades, as atividades que foram escolhidas para serem trabalhadas no seu núcleo?

R: Futebol... aliás futsal... vôlei e atletismo.

P: Existe predominância de meninos ou meninas em alguma atividade em específico?

R: Como eu falei anteriormente os meninos é preferem o futebol... as vezes quando era aula de vôlei por exemplo quase que nem iam e as meninas por exemplo já iam mais na aula de vôlei... de atletismo elas gostavam bastante.

P: E como você trabalha os conteúdos com os meninos e as meninas, você faz turma mista, separada, você faz alguma diferenciação? Caso sim, em que se baseia?

R: Eu tentava fazer é... sempre eu fazia é turmas mistas né tanto com os meninos quanto as meninas até porque tipo assim o... pela exigência do programa você não pode não pode ficar fazendo turmas separadas... aí procurava fazer sempre turmas mistas e tentava trabalhar da melhor forma possível orientando no caso do futebol os meninos pra não machucarem as meninas não... por as vezes eles acham... pensam que é uma competição... eles acham que tem que jogar futebol como se fosse uma competição e as meninas não estão tão acostumadas... no vôlei também eu tentava orientar os meninos por exemplo que a aula de vôlei também era uma aula importante que é um esporte que vem crescendo muito no Brasil e no mundo né... e::: assim que fui levando né... durante esses dois anos da melhor forma possível.

P: E se você percebe se fatores externos como ajuda nas tarefas domésticas, violência urbana ou talvez algum outro que você notou no seu núcleo interfere no acesso e na permanência das meninas nos núcleos?

R: Nessa parte eu acho que não... porque por exemplo é... questão de violência contra meninas... tarefas domésticas nunca tive nada de relato sobre esses temas lá no núcleo que eu trabalhei não.

P: Você acha que é mais desinteresse das meninas que você relatou anteriormente que afasta elas do esporte?

R: Eu acho que na verdade é nessa fase é principalmente a partir dos doze anos de idade elas tão muito preocupada é em procurar namorado aí elas num tem tanto interesse às vezes nem com o próprio estudo né com a prática esportiva é que eu ouvi das meninas que iam era só pra falar em homem... às vezes eu tinha até que ficar corrigindo elas direto falando com ela que lá não era lugar pra ficar falando tocando assunto de homem porque era uma aula de esporte () é como se elas tivesse na aula dentro de uma sala de aula também e a maioria delas iam para falar em homem... falar em namorado falar só esses assuntos que não tinham nada relevância com o projeto.

P: Se você quiser colocar alguma coisa, falar alguma coisa sobre o projeto pode ficar à vontade tá, a minha parte aqui acabou.

R: É... o que eu tenho pra falar é que apesar de todas as dificuldades pra mim foi muito bom trabalhar no segundo tempo como experiência também né... e como eu falei apesar de ser um projeto que eu acho que algumas coisas é errada...num tem num condizem com o projeto por exemplo esse negócio o professor ter que trabalhar de manhã e de tarde... por não ser um trabalho tão bom é num poderia ter essa exigência trabalhar são vinte horas mais você tem que trabalhar de manhã e de tarde que você não pode trabalhar em outro lugar... você tem que ficar por conta do projeto e até pros próprios alunos também você não poderia é dar aulas todo dia e ter aqueles fundamentos técnicos e só são três modalidades eu acho que deveriam ter várias modalidades de preferência aquelas que os alunos mais gostam né... que como eu citei peteca... vôlei... basquete... brincadeiras de roda né... e no mais eu acho que foi bom uma pena que o projeto tá acabando como sempre por causa de política... que a política infelizmente é uma das piores coisas que tem no nosso Brasil e os políticos, por exemplo eles sempre se dão bem e quem trabalha e quem batalha na verdade sempre se dá mal né... porque eu acho nada a ver esse projeto acabar por causa de ser ano eleitoral... deveria ter continuidade já que é um projeto importante... que ajuda a tirar crianças da rua diminuindo principalmente o uso de entorpecentes... drogas no caso né... porque muitos que estavam lá no projeto é durante aquele tempo eles num estavam é na rua fazendo bagunça... brigando... eu acho que é isso.

APÊNDICE X
Entrevistado 11

P: Nome completo? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Idade?

R: 26 anos.

P: Sexo?

R: Masculino

P: Por que você escolheu a educação física para a sua formação profissional?

R: Eu sempre fui apaixonado por esporte, sempre gostei muito e gostaria muito de ter (continuado) nessa área esportiva como professor... orientador... um treinador dessa forma.

P: Qual instituição de ensino superior que você estudou? Fez a sua formação?

R: Na FAGOC.

P: Qual a área de interesse na atuação profissional?

R: A área esportiva trabalhar com equipes é minha área de maior interesse.

P: Como que você ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: É... através de um processo seletivo uma prova... () é ocorreu a prova, você fazia a prova e depois... né estaria entre os classificados, entre os quinze classificados.

P: E há quanto tempo você tá atuando no programa?

R: É::: agora você me apertou...

P: Desde o início?

R: Desde o início né... no caso vai.... dois anos isso... vinte e três meses () não...vinte meses alguma coisa assim.

P: Qual era a expectativa para o trabalho no Programa Segundo Tempo antes de ingressar no programa?

R: É... eu já havia é... (sabia) sobre o Programa Segundo Tempo há bastante tempo por conta de já ter visto reportagem na televisão falando sobre o projeto como funcionou no Rio de Janeiro tudo mais... só que a... houve bastante mudança principalmente depois do problema com o Ministro da... dos Esportes... mais eu sei que teve... gerou mudanças muito grande nele... é::: agora particularmente minha expectativa... pelo cargo que eu (pleiteei) eu imaginava que eu seria como era coordenador; no projeto esporte e lazer você coordenaria o profissional atuando... você coordenaria o núcleo... mas basicamente eu faço a mesma coisa que eu fazia no outro... não importa o nome...() simplesmente eu dou aula como no outro.

P: Entendi... É... e como que você avalia o programa de forma geral?

R: O programa () muito bom... ele é muito bom é... a questão da gente... igual da gente da área, os materiais são excelentes...mil por cento no material do Esporte e Lazer (PELC) sempre tem algumas falhas... sempre é importante mudar...sempre é importante bater nessa tecla se uma turma faz aula duas vezes na semana é obrigatório ter três horas de aula... é muito... muito puxado é muito pesado principalmente até pros alunos é a forma que eles querem que seja atuação, você do início colocar tudo que vai ser trabalhado e a forma como é que vai ser trabalhado... sempre tem diferenças é... na vida real do que no papel.

P: Outras pessoas já relataram isso. É... durante a sua formação acadêmica você teve na grade curricular do curso de educação física disciplinas que tratassem ou abordassem os temas como corpo, gênero e sexualidade?

R: Sim... embora se você me pedisse especificamente quais... os nomes delas... mas sim... tivemos sim aulas com discussões e tudo mais do tipo.

P: Ah tá... então não precisa lembra a disciplina exata, mas eu queria saber de como o modo que foi esse contato então você tá falando que foi através de textos né...

R: Texto é professor abordava as discussões né... conversava... falava...explicava pra gente né... que geralmente como acontecia...() sempre teve sim.

P: Então teve sim... Então tá joia... Você já havia atuado em outros projetos inseridos nas políticas públicas de esporte e lazer?

R: Sim... no projeto de esporte e lazer.

P: No PELC né?

R: Isso... fui monitor no PELC.

P: Tá... Descreva as etapas e os processos da capacitação. Foi vídeo aula, foi equipe de colaboradores, vocês fizeram alguma viagem e os temas abordados. Eu quero saber, pra você o que foi marcante, o que foi diferenciado, de identificação pessoal e se na sua opinião foi satisfatória ou não para atuar dentro do Programa Segundo Tempo?

R: Tá... é... a gente teve sim capacitação é... não tivemos no início, no início do projeto... o início do projeto foi muito conflituoso... num lembro as etapas certas não mais é... então a gente teve a capacitação nossa, nós mesmos profissionais a gente reunia na AABB era proposto pra né, determinadas pessoas por dia, cada um trazer atividades pra gente poder se capacitar e depois do início do projeto é eu acredito que em janeiro... dezembro se eu não estou enganado, agora me falha um pouco a memória, o projeto começou em outubro... dezembro ou janeiro a gente teve a capacitação já funcionando e foi bastante marcante por conta que muitas coisas que a gente imaginava que seria foi totalmente diferente, capacitação chegando porque coisas que não eram exigidas antes começaram a ser exigidas é... questão até do próprio coordenador de fazer seu projeto de trabalho... nós mesmo teríamos que fazer na parte da internet e tudo mais e antes a gente passava pro coordenador pedagógico (tudo) que ele pedia... tudo que estava lá pedindo na internet só que ele transcrevia no computador... ele passava pro computador e era pra gente tá fazendo aquilo... aí teve sim as vídeo aulas com todo o material que o esporte e lazer ele passa... esporte e lazer não perdão... o segundo tempo ele passa até os textos são muito importantes... muitos textos, muitos vídeos, muitas aulas pra mim muito chato muito...

P: Maçante?

R: ...Não só maçante... é viver numa utopia... é imaginar que é tudo lindo e perfeito foge um pouquinho da realidade, quem trabalha sabe, mas outros vídeos são muito importantes são muito bons eu particularmente eu (vi do Pablo Greco) é... ele excelente a parte que ele traz de que ele mostra mesmo a parte prática que ele traz exercícios já havia feito aula com ele, então já conhecia um pouco do trabalho... agora () isso eu tenho que falar mesmo que os profissionais que vieram são muito bons os debates com eles eram muito bons pessoas estavam capacitadas e também eles sabiam o que estava acontecendo na vida real e as vezes o quê que o vídeo estava apresentando eles também já tinham atuado no projeto funcionam nas

idades deles então o convívio assim essa parte de passar experiências né do dia-a-dia foi muito legal.

P: Essa troca foi melhor né... foi com a equipe de colaboradores?

R: Foi melhor do que vídeos... isso o nome não me peça que eu não vou lembrar.

P: Pessoal de Montes Claros do Duda?

R: Isso de Montes Claros.

P: Então, aí você acha que essa capacitação demorou pra acontecer pelo que você tá falando?

R: Isso... isso é correto por conta que você tem que se capacitar antes de começar e não depois de começar.

P: Esse fato eu não sabia... tanto é que eu achava que a capacitação era antes de vocês começarem a trabalhar.

R: Isso a gente né... debatem durante a capacitação e tudo mais...

P: Porque vocês estavam fazendo de uma forma e eles chegaram e mostraram que nem tudo estava certo que você tinha que fazer de outra forma.

R: Você estava trabalhando três meses e depois... não... joga três meses fora e vamos começar de novo.

P: De novo?

R: Basicamente isso né... não tudo joga fora, mas...

P: Não... essa é uma crítica bastante construtiva eu acho que também tem que ser antes a capacitação é pra atuar tanto que a pergunta foi feita em cima disso.

R: Capacitar para atuar... depois que tá fazendo não...

P: Muito, bom. Você conhece o livro de fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo?

R: Conheço sim... tenho em casa... não conheço totalmente a fundo é muito grande o livro.

P: Você já começou a responder a próxima pergunta, mas só pra frisar, qual sua avaliação sobre temas e capítulos trabalhados no livro e a necessidade na prática do seu núcleo? São discussões importantes? São temas pertinentes? Teve relevância no seu trabalho no dia-a-dia?

R: Sempre tem, todo material que venha para agregar conhecimento é sempre importante a gente tem que saber sempre ler... sempre pensar no seu núcleo a medida que você está lendo você pensar no que você vive na realidade e tudo mais... agora os temas específicos assim num vou saber colocar os nomes e tudo mais... mais sempre tem... sempre tem as partes que remete ao que você está trabalhando ao local que você está trabalhando tudo mais.

P: E têm as outras também que às vezes são fora da realidade do seu núcleo.

R: Do meu núcleo mais... () quando a gente reunia todos os coordenadores a gente sempre via que às vezes o que não tinha no meu era um pouco longe do meu... mas em outro núcleo acontecia... então é uma questão importante tem que abordar sim nessa questão que eu falo que às vezes não é pertinente a mim mas as vezes sempre a outro núcleo ainda mais na cidade com quinze núcleos igual a nossa sempre tem diferença de local pra outro.

P: E quais as dificuldades, isso se você identificar, problemas, limitações, no seu trabalho no contexto do Programa Segundo Tempo?

R: Olha o que eu digo que é muito triste da gente no trabalho no segundo tempo é que acaba é...

P: Não tem continuidade.

R: Não... e por ser um programa esportivo isso que a vezes eu fico um pouco... um pouco resabiado porque a gente não pode trabalhar mais a fundo com as crianças e tudo mais... () quer que você ensina o esporte... quer que se apaixone pelo esporte... mas se eles quiserem aprender mais a fundo o projeto ele não visa muito isso e na minha situação foi um pouco ruim também por conta que eu era do núcleo próximo e por conta que precisaram de uma mudança então eu tive que mudar de local... então eu trabalhei mais de um ano e meio em um local fiz um trabalho com as crianças e estavam fazendo um trabalho todo então, aquilo foi praticamente jogado fora e () vim para um novo núcleo começar tudo do zero.

P: E aí essa mudança foi por falta de estrutura física?

R: Isso é... a mudança no caso foi por conta que meu núcleo estava tendo uma quantidade baixa de crianças mas eu sempre falei que época de férias dá pouca criança em qualquer lugar que seja...

P: Uhum.

R: ... e o local onde eu trabalho hoje que é a Praça de esporte... ela precisa... ela tem uma estrutura física melhor tinha uma demanda de crianças melhor... maior... não melhor... maior e estava sem profissionais do projeto que acontecia antes não sei nem qual o nome do projeto... então, não fui obrigado a vim... me perguntaram se eu gostaria, mas pelo entender a situação do projeto e saber como que funciona se tiver uma demanda baixa de crianças... a gente tem que ir pra onde tem mais crianças... só que nesse ponto e as vezes é que eu falo que eu tenho muita dificuldade que eu não sou um recreacionista... não gosto de ficar só de brincadeira... de queimada... de pique... de não sei o que... eu sou mais treinador... sou voltado para a área esportiva de ensinar e tudo mais.... foi tanto que era uma falha minha não tanto inserido nessa forma de só brincar e tudo mais eu sei ensinar o esporte através das brincadeiras... mas só ficar brincando não é muito a minha praia... aprendi bastante essa parte procurei... estudei tudo mais... só que não é aonde gosto tanto de atuar... eu gosto de ensinar os meninos a praticar esportes basquete... handebol... futsal... essa área tudo e (pedir)... eu acho o projeto uma falha muito grande também é a insistência no esporte individual eu sei que necessita no país de um trabalho nos esportes individuais... o atletismo... a nataçao tudo mais... porém...é você tem que dá uma estrutura física pra fazer isso... não adianta eu querer ensinar pro menino atletismo eu vou ensinar ele na parte lúdica do atletismo mais se eu quiser mesmo desenvolver um talento ou então quiser que a criança se interesse pra aquilo tem que dar uma estrutura física para trabalhar e dentro da quadra... não é local disso...

P: É... outras pessoas já relataram isso também. E agora quais são as satisfações presentes na sua atuação no Programa Segundo Tempo?

R: A satisfação maior é sempre tá com a garotada... com as crianças () isso aí num tem...

P: Retorno?

R: ... isso aí é o melhor de tudo.

P: Durante a capacitação para o trabalho você lembra se o tema corpo, gênero e sexualidade foi trabalhado?

R: Foi... foi trabalhado sim... eu me lembro...

P: E de que forma que foi trabalhado?

R: Nas vídeo-aulas têm um vídeo específico sobre essa parte né... de corpo e gênero e sexualidade... mas depois sempre dos vídeos a gente fazia o debate entre os né... a equipe de apoio... como é que chama? ...

P: Equipe pedagógica.

R: ... Equipe pedagógica com a gente e sempre... e esse é um dos temas que a gente mais discuti essa parte é muito importante por conta que a gente sai um pouquinho do vídeo e joga na vida real como é que funciona mesmo na prática... aí a gente vê como que... não importa se a gente tá fazendo no sul no norte do estado... no leste... no oeste que infelizmente as tendências são as mesmas.

P: E aí você acha que foi satisfatório?

R: Foi muito bom... muito bom mesmo.

P: É... você conhece o capítulo do livro de fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo que trata dessa discussão então, porque ele foi feito através da vídeo aula pra vocês. E qual a sua avaliação sobre esse capítulo? Você já falou um pouco da importância.

R: Então é... o capítulo é muito bom... traz coisas pertinentes...s ó que como eu digo às vezes falta um pouquinho durante né... a elaboração do livro, da vídeo aula... pensar um pouquinho na realidade, vê um pouquinho a realidade que é...

P: Trazer mais exemplos práticos?

R: ... Isso, mais exemplos práticos é e também ver o que é a realidade... às vezes quando a gente trata a questão de gênero e tudo mais... nós sabemos a dificuldade que é trabalhar com a questão das meninas e tudo mais... então o vídeo (floreia) muito o que todo mundo, você vai ter cinquenta meninas trabalhando de todas as idades e a gente sabe que não tem... infelizmente não tem.... muito difícil também questão de trabalhar com criança... não é a gente trabalhar com criança que tá com questão da sexualidade... mas muitas as vezes quando o menino tá se descobrindo também na homossexualidade ele não procura muito fazer o projeto ele não quer ser () junto com os outros meninos... é difícil pra ele a barreira ele gostaria de

fazer aula junto com as meninas... mais... aí ele sabe que ele for pra lá... é sempre uma questão muito complicada.

P: E você enfrentou alguma dificuldade na inclusão de gênero no seu núcleo?

R: Sim... não mais pra... pra inserir no núcleo a questão de gênero... quando começou o projeto eu tinha muitas meninas muitas... estava muito legal foi uma coisa diferente porque eu nunca tinha tantas meninas fazendo o projeto... o problema foi a continuidade porque os próprios pais colocam barreiras pras meninas fazerem meu projeto e isso é uma questão muito ruim as vezes você quer conversar com o pai e o pai num quer nem conversar com você... é uma questão muito chata às vezes uma menina tá fazendo o projeto ela gosta muito... tive situações disso que gosta muito e ver a menina até chorar porque o pai não queria deixar mais ela fazer que isso não é coisa de menina fazer... e então, não tá fazendo nada demais estava indo divertir junto com outras meninas.

P: E você acredita que o sexo do professor ou da professora possa interferir na aderência e na permanência dos alunos ou alunas? Você acha que se for homem vai atrair mais menino e se for mulher vai atrair mais (menino) ou não interfere?

R: Não acredito que não... não faz diferença...vai fazer diferença se você for um bom profissional ou não... mas se... masculino ou feminino tanto faz.

P: E como é a distribuição numérica de meninos e meninas no seu núcleo? Você pode falar quando começou e agora.

R: Nossa é... como eu disse como eu trabalhava em outros núcleos os números vão ser um pouco diferentes né... mas eu cheguei a ter turma de vinte e cinco meninas... era uma turma específica de meninas... é... mas em questão de meninos era muito maior assim... tinha uma turma de vinte e cinco meninas eu devia ter mais quinze a vinte em na outra turma mista isso dá aí quarenta... cinquenta num chegava a cinquenta meninas nunca chegou a ficar cinquenta a cinquenta não.

P: Entendi... Então sempre tem mais um pouco de meninos mesmo.

R: Sempre tem mais meninos mesmo...

P: E quais são as atividades, os conteúdos, as modalidades que foram escolhidas para serem trabalhadas no seu núcleo?

R: No núcleo anterior futsal... basquetebol e atletismo... e agora nesse novo núcleo tá trabalhando futsal... handebol e mais a natação... o atletismo também mais a natação que o clube oferece a piscina então pras crianças é uma coisa diferente.

P: Entendi... e existe predominância de menino e de menina em alguma atividade em específico?

R: Não... sempre tem porque tenho turmas separadas... então eu tenho uma turma só de meninos acima de doze anos... tenho uma turma mista de menino e menina e outra turma de meninos e meninas

P: A próxima pergunta é essa e como você trabalha os conteúdos com meninos e meninas? Se você faz alguma diferenciação, e caso sim, em que se baseia?

R: Ah... sim... não... tenho duas turmas mistas mas os conteúdos são trabalhados na mesma forma não há exclusão a de se é menino vai fazer agora... se é menina vai fazer... as vezes por questão de... de idade o núcleo onde eu trabalho o colégio onde eles estudam tem diferenças e tem meninos com cerca de quinze anos que estudam a tarde e fazem aula na parte da manhã como também tem meninos de sete anos que estudam a tarde e fazem aula na parte da manhã então... um pouco pro fim da aula eu costumo separar os maiores dos maiores até pra eles poderem brincar mais à vontade... uma forma mais lúdica pra eles poderem brincar no fim da aula... por conta de perigo de contato... menino muito maior do que o outro menor, mas questão de gênero não tem... se você tem determinada idade você pode fazer junto com os meninos da mesma idade você vai fazer se você não tem você vai fazer com os outros da mesma idade.

P: Você percebe.... você até falou um fator aí que as vezes é a questão dos pais não permitirem que as meninas venha né...mais eu queria saber se você percebeu outros aqui no núcleo, por exemplo, ajudar nas tarefas domésticas ou talvez violência urbana, se isso interferiu na aderência e permanência das meninas?

R: Sim... é a questão do serviço doméstico sempre tem em qualquer lugar que seja infelizmente é destinado apenas às meninas os afazeres domésticos e a cobrança é muito maior em cima delas... até por conta disso meu núcleo é dessa forma... eu trabalho de sete às nove da manhã com a turma de meninas e meninos menores mais por conta que elas não poderiam fazer em outro horário porque tem que pra casa fazer almoço levar o irmão mais novo que vem com elas pro projeto... então como eu sei, pra não perder os meus alunos pra

não perder elas, adiantei o horário das aulas delas... então não é questão de é... como é que a gente pode ()... discriminação... ah elas por serem elas são meninas maiores, mas elas não podem fazer junto com os meninos maiores... não... é por conta que eu sei se eu não colocar elas não fariam por causa do horário aí elas viriam só trazer o irmão mais novo mais cedo e depois ia buscar e ia pra casa pra fazer os afazeres... infelizmente é um problema... questão de violência urbana eu... num sei... às vezes... eu trabalhei num núcleo que a gente tinha um problema com essa questão aí... questão de drogas de ter ponto de drogas perto... mais as meninas faziam o projeto da mesma forma o nosso horário não batia com o horário mais tarde da noite que acontecia esse problema... questão mesmo é infelizmente o preconceito dos pais... alguns pais de cabeça mais fechada então () que esporte não é coisa pra menina fazer e que aquilo estaria atrapalhando nos afazeres domésticos dela... que ela tinha que buscar o irmão... que ela tinha depois que arrumar casa... que ela tinha que fazer tarefa e as meninas dão conta de fazer tudo isso mesmo assim fazer o projeto infelizmente a cabeça fechada num deixa é muito triste... aí você quer conversar com os pais também...

P: Às vezes não tem abertura.

R: ... Não, eles não querem nem conversar decisão dele é o pai ele manda... infelizmente.

P: A minha parte acabou se você quiser fazer alguma consideração a respeito do projeto pode ficar à vontade tá.

R: É... Aline como eu disse o projeto é muito bom infelizmente questão, a gente desde o início sabia, questão da continuidade questão de quando acabaria o pessoal né que trabalha reclama todo mundo sabia não tem criança que tá trabalhando assim já sabe disso mas... falo por conta das próprias crianças que fazem o projeto... é ruim a falta de continuidade pra elas também... e uma coisa que eu falo em todos os projetos não é só no segundo tempo o PELC ou qualquer projeto que existir... é infelizmente eles teimam em ficar trabalhando durante as férias das crianças... onde a demanda delas é muito menor... questão de dezembro e janeiro... é não sei... insistência demais... eu sei que tem que cumprir determinada carga horária... mas as crianças não vão... isso não adianta... férias é estão de férias de tudo... de escola do projeto... elas querem ir pra rua brincar de jogo delas... elas querem ficar em casa joga o videogame quer ir pra casa da avó... ou casa do tio... e as vezes igual aconteceu do projeto... veio avaliação pra fazer avaliação dos núcleos... vem em janeiro onde a demanda é menor... época de chuva é você trabalha igual eu trabalho num núcleo que tem uma quadra coberta... mas era quadra aberta e chove tem que rapar quadra... você tem que... os meninos já eles

mesmo não vão ficam em casa... vai descansar... hoje em dia a gente tem que pensar como é que a gente tá... o ano que a gente tá... o século que a gente tá... então crianças tem muitas coisas que pode se distrair elas sem ser o projeto... tem internet... tem videogame... tem televisão com agora a facilidade de muitas coisas pra eles... então a gente fica insistindo as vezes batendo na mesma tecla a gente tem que fazer um pouco mais diferenciado tentar fazer alguma coisa diferente... por conta que senão daqui uns tempos num vão... a gente não vai ter mais criança também pra ficar trabalhando.

P: Uhum... Entendi... Tá ótimo... obrigada.

APÊNDICE Y
Entrevistado 12

P: Nome completo? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Idade?

R: 26 anos.

P: Sexo?

R: Masculino.

P: Por que você escolheu a educação física para a sua formação profissional?

R: Porque a parte que eu mais me identifico... porque eu jogo bola...adoro criança...adoro trabalhar com a terceira idade e a coisa que eu mais me identifico na área e por isso que (foi) ela.

P: Instituição de ensino superior que você fez a sua formação?

R: Senador Levindo Coelho.

P: Governador né?

R: Isso.

P: A FAGOC... você já terminou?

R: Ah tá... FAGOC... achei que era ensino médio... FAGOC já licenciatura... terminando bacharel e pós-graduação agora.

P: E dentro da Educação física qual que é a sua área de interesse? Academia? Escolar?

R: Eu prefiro trabalhar com criança... mais escolar...mais tenho certeza que vai ser na área de academia, não academia, musculação mais, salão pra dança... zumba... essa parte mais... lutas.

P: E como que você ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: Através de processo seletivo... fui... é foi... como foi... não passei no início como foi desistindo pessoas aí eu fui chamado.

P: E há quanto tempo você está atuando?

R: Há sete meses.

P: E qual era a expectativa para o trabalho no Programa Segundo Tempo antes de ingressar no programa?

R: Olha antes de ingressar... como eles me falaram como que era eu achei muito legal... muito bom mesmo... programa... mas só que teve alguns problemas aí que o projeto vai ter que acabar e é complicado né... sair de um serviço pra ir pra ele e como garantia de muito tempo de trabalho e num vai ter... parou do nada.

P: E como você avalia o programa de forma geral?

R: Olha o programa é ótimo... ótimo... muito... me identifico demais... muito bom ajuda demais... tanto o salário, como crescer profissionalmente... não sei porque tá parando agora... deve ser questão política... mais... não... por mim não acabaria...muito bem organizado é organizado e não achava... acho que não deveria ter acabado...podia ter prorrogado isso aí.

P: E durante a sua formação acadêmica você teve na grade curricular do curso de educação física disciplinas que tratassem ou abordassem o tema corpo, gênero e sexualidade?

R: Sim... tive.

P: E como que foi esse contato? Você acha que ele foi positivo?

R: Sim... foi muito positivo... além do mais a gente teve as aula prática... aula teórica... tivemos aula prática também pra gente ver mesmo sentir na pele como que é em algumas escolas esse fator... que eles discriminam mesmo...como devemos abordar chegar perto dos meninos e conversar.

P: E você já havia atuado em outros projetos inseridos nas políticas públicas de esporte e lazer?

R: Sim... no PELC.

P: Programa Esporte e Lazer da Cidade.

R: Isso.

P: Você participou do processo de capacitação do Programa Segundo Tempo?

R: Não.

P: Então você não conhece o livro de fundamentos pedagógicos?

R: Não... pois como eu entrei depois já havia o programa e precisava urgente de mim e já, só me explicaram mais ou menos o lugar que eu ia trabalhar... fui lá... e a menina que estava no meu... que eu ia entrar, no lugar dela me explicou como ela trabalha no local.

P: Então não tem como você fazer uma avaliação do livro nem dos capítulos do livro né... porque você é...

R: Não... não tive acesso.

P: Não teve acesso... Você identifica alguma dificuldade, algum problema, alguma limitação no seu trabalho no contexto do PST?

R: Não... dificuldade eu num achei não... mais eu acho que deveria ter só mais um pouquinho de organização de... de nos avaliar de olhar... se a gente tá tendo um bom trabalho se a gente num tá tendo... porque alguns núcleo o acompanhamento... alguns núcleos ficaram um pouquinho meio de lado pela distância... porque eles não tinha... a prefeitura as vezes não liberava o transporte pra eles ver se a gente tá ou se não tá...

P: Isso também porque o coordenador pedagógico não...

R: ... Não tinha coordenador pedagógico.

P: O cargo estava vago né... e essa função é do coordenador pedagógico então como o cargo estava vago não teve acompanhamento no trabalho de vocês...

P: E quais são assim as satisfações presentes na sua atuação no Programa Segundo Tempo? Te dá mais prazer?

R: Me dá mais prazer é trabalhar com as crianças... porque é bom demais... porque eu amo esporte... e trabalhando com as crianças até mesmo os professores da escola dando apoio a gente... a gente fica muito satisfeito... eu amo... amo trabalhar com criança... amo trabalhar com os adolescentes e a gratificação é eles... é chegar no trabalho lá... eles vim correndo me abraçar me beijar querer tirar foto e quando estou indo embora eles fica triste... fica triste

mesmo... já aluno, mãe de aluno ligou pra mim falando que aluno... que você vai embora e que vai acabar o programa e tá chorando demais e quer que você fica na escola.

P: O seu núcleo funcionava dentro de uma escola né... e pra escola como que foi a recepção do programa? Foi bom? A diretora gostou, apoiou?

R: Isso... pelo...pelo pouco tempo que estou lá... pelo menos na minha parte ela... ela me elogia muito fala que o programa é bom que não atrapalha em nada na escola... pelo contrário ajuda os alunos que eu ainda, como eu sou homem eu estou... tem um pouquinho mais autoridade que a antiga professora... que ela ainda... os meninos meio que não obedeciam muito e eu como sou homem... lá acho que pra ela foi melhor, os meninos obedece mais... as crianças têm mais respeito.

P: As próximas duas perguntas é sobre o tema de corpo, gênero e sexualidade e o capítulo do livro que trata desse tema. Então não tem como eu fazer pra você porque você entrou o processo já tinha passado e não teve nenhuma capacitação pra você. Eu quero saber se são enfrentadas dificuldades para a inclusão de gênero em seu núcleo?

R: Olha dificuldade eu não vi... não vi dificuldade nenhuma porque eu já... quando começou aparecer um ou outro eu já intervinha... eu já chegava já conversava e num chegava não... sempre os aluno respeitando ao outro... brincadeira sempre tem... apelido sempre tem... mas exclusão lá não... sempre cheguei trabalhar com eles junto... turma mista... ou um ou outro turma só ()... turma mais velha assim... quando as mulheres são mais...são mais fraquinhas que os meninos as vezes a gente procurava dar um esporte que conseguia abranger todos como o voleibol... agora no futsal eu não colocava não porque podia machucar mesmo...voleibol conseguia adaptar pra jogar todo mundo junto.

P: E você acredita que o sexo do professor pode interferir na aderência e na permanência dos alunos ou das alunas?

R: Sim... acredito no caso no início como a dança... que eu dava a dança lá... no início eu acredito sim... porque foi () que as meninas não queriam fazer no início comigo só os meninos... por eu ser homem ficavam tímidas de fazer certas coreografias... mais após um mês no máximo as meninas já gostaram já me conheceram já viu que eu era um professor bom na área e elas gostavam e foi assim.... no início sim por eu ser homem que tinha uma mulher lá e faziam só meninas... a mulher que dava aula de dança lá... aí faziam só meninas e meninos não faziam... como eu entrei meio que as meninas ficou meio receosa de fazer e os

meninos já vieram mais pro meu lado por eu ser homem... mas depois abrangeu todo mundo... a turma mista deu pra trabalhar legal.

P: Então na verdade depende mais do perfil do professor né?

R: É.

P: Você consegue ser mais carismáticos com os dois públicos... E como é a distribuição numérica de meninos e meninas no seu núcleo?

R: No meu núcleo eu trabalho com... distribuição... dividido meio a meio... é mista mesmo com os meninos mais novos... já os alunos mais velhos de quatorze a dezessete anos é mais difícil porque é mais meninos do que meninas.

P: E quais os conteúdos, atividades que foram escolhidos para trabalhar no seu núcleo e quais que você trabalhou durante o tempo que você ficou lá?

R: Olha a atividade proposta no início foi futsal... voleibol... atletismo... futebol e atletismo e dança... o voleibol e o futsal ficava dividido pra ajudar... eles não queriam fazer, então pra agradar eu dava um pouquinho de futsal no final... mas era mais voleibol.

P: E aí você foi incluindo outras atividades?

R: Incluindo conforme foi precisando mesmo... inclui capoeira... inclui um pouquinho de handebol e jogos e brincadeiras mesmo... diversas.

P: Entendi... E existia predominância de menino ou de menina em alguma atividade em específico?

R: A predominância que existia só no futsal que os homens preferiam mais, só também os mais velhos... mas com os mais novos todos faziam... todos gostavam sem problema.

P: Como você trabalhava os conteúdos com os meninos e as meninas? Você já começou a explicar um pouquinho que as turmas menores não tem separação e as turmas maiores no futsal você separa né... isso que eu queria que você explicasse um pouquinho qual a diferenciação que você faz e em que se baseia?

R: Eu me baseio no próprio... como é que eu vou te falar...

P: Segurança das meninas ((risos))).

R: ... A segurança das meninas e senão elas vão machucar mesmo... os meninos são mais fortes que as meninas... então mais pro lado da segurança mesmo das meninas pra não machucar.

P: Queria saber, se você percebe que fatores externos como a ajuda nas tarefas domésticas e violência urbana talvez algum outro que você tenha notado no seu núcleo interfere no acesso e na permanência das meninas. Caso sim descreva esses fatores pra mim.

R: Olha por as meninas não tá indo... o certo mesmo lá é fator de elas trabalhar em casa... pois pai e mãe trabalham... noventa por cento de pai e mãe lá trabalha e eles ficam em casa por conta da tarefa de casa... como é na parte da manhã que elas iam... elas num iam porque tinham que tomar conta da casa ou até irmão mais novo... que muitos tem... a maioria tem irmãozinhos mais novos e tinha que cuidar e as vezes dava pra ir quando estava a vó ou o parente em casa pra cuidar ou num dava mais era difícil de ir... é muito poucas meninas... muitas faltavam por causa do trabalho dentro de casa mesmo.

P: A minha parte acabou, eu deixo esse espaço aberto, se você quiser fazer alguma consideração sobre o projeto você pode ficar à vontade.

R: Eu só queria mesmo que o projeto continuasse né... que eles assinassem a carteira da gente pra gente ter uma segurança e continuasse o projeto... mais infelizmente já bateram lá o martelinho que já vai acabar e eu já estou tentando ingressar em outro já... já até ingressei em outro projeto da prefeitura que é a saúde... saúde de lazer... que eu acho, que é isso mesmo que é no Peluso que é uma quadra ao ar livre... uma quadra que tem exercício () academia ao ar livre que vai ter lá e vou ser instrutor lá... que agora já assinei contrato e quero só esperar começar o quanto antes pra mim não ter que ficar parado... mas em relação ao projeto não era pra acabar... o projeto muito bom os profissionais lá são ótimos... faltavam alguns profissionais lógico pra acompanhamento melhor mais eu não queria que acabasse... mais infelizmente acabou e vai voltar... certamente deve voltar porque é um projeto bom e vão ver quem sabe volta melhor do que foi agora.

APÊNDICE Z
Entrevistado 13

P: Nome completo? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Sua idade?

R: 35.

P: Sexo?

R: Feminino.

P: Por que você escolheu a Educação Física para a sua formação profissional?

R: Ah... eu sempre gostei de atividade física... de esporte... mas assim nem estava muito nos meus planos fazer educação física não... aí cabei passando no vestibular e resolvi entrar no curso e aí gostei... entrei assim meio tipo... vamos ver no que vai dar... se eu gosto ou num gosto... mas acabei gostando demais... e resolvi formar em educação física.

P: A instituição de ensino que você estudou?

R: FAGOC.

P: E qual a área de interesse na atuação profissional?

R: Área de interesse? Se é licenciatura ou...

P: É... se é escola ou academia?

R: Ah...eu gosto dos dois assim... mas eu prefiro a área de licenciatura.

P: E como você ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: Foi através de um processo seletivo que a gente fez.

P: E quanto tempo você está atuando?

R: Ah... já há 22 meses.

P: Desde o início né?

R: É isso... desde o início.

P: E qual era a sua expectativa para o trabalho antes de ingressar no programa?

R: Ah... já tinha trabalhado em programa social antes, mas não como coordenadora como estagiária... então assim já tinha uma noção de como funcionava e tudo mais... é... eu tinha expectativa assim de querer mesmo é... tentar influenciar a comunidade, os alunos tentar assim é... através do esporte melhorar um pouco... tanto a qualidade de vida no sentido de é... de trazer um pouco de recreação de lazer de... conhecimento esportivo pros meninos... mas também assim de tirar da rua de preencher o tempo das crianças com e adolescente no caso... o projeto atende os dois... é com o esporte mesmo... porque por ser área de vulnerabilidade social eles ficam muito susceptível a influência negativas né... então foi isso também.

P: E como que você avalia o programa de forma geral?

R: Eu acho bom... eu acho um programa interessante... é... bem, bem mais organizado do que o outro que eu já tinha trabalhado... durante o período todo... houve fiscalização do ministério do esporte... houve muita cobrança também por parte da coordenação geral do programa é... da divisão de esporte da cidade... porque assim realmente queria que fosse feito uma coisa legal... uma coisa que atingisse esses objetivos de atender bem a comunidade que a gente estava trabalhando... então assim eu acho que foi válido sim... foi é... produtivo... acho que poderia ter sido melhor em muitas coisas... mas num balanço geral eu acho que foi positivo.

P: Durante a sua formação acadêmica você teve na grade curricular do curso de educação física disciplinas que tratassem ou abordassem os temas como corpo, gênero e sexualidade?

R: Tivemos sim.

P: Como que foi esse contato? Você lembra?

R: Ah... eu acho muito bom... é um assunto que eu gosto bastante... eu acho que o professor de educação física é, dentro da escola, uma das nossas funções é justamente essa questão social... e pra você é... ter uma noção assim de como trabalhar no social você num pode discriminar... você tem que ter uma visão mais ampla é das diferenças... entendeu... as pessoas são diferentes... você vai ter um publico muito diversificado pra você trabalhar em todos os sentido e eu acho muito importante e por ser uma disciplina que a gente trabalha com o corpo o tempo inteiro, então o professor de educação física ele tem que ter um conhecimento disso...

ele num pode ter tabus... ele num pode discriminar... ele tem que ter... é conhecimento do corpo... tanto no sentido físico.... tanto no sentido psicológico... social e eu acho que ele pode influenciar muito o aluno é pra ser menos tímido... pra se soltar mais... pra é... pra saber interagir melhor com o meio através da expressão corporal né... e pra isso eu acho fundamental você ter conhecimento de gênero... de sexualidade... e do corpo como um todo.

P: E durante a faculdade você teve essas discussões...

R: Tivemos... a gente teve é... é disciplinas ligadas a antropologia... a filosofia... a psicologia do esporte... e todas elas sempre a gente teve esse tipo de abordagem sim.

P: A próxima pergunta você já começou a falar que é se você tinha atuado em outros projetos dentro de políticas públicas.

R: Sim...

P: Quais que foram?

R: Eu atuei no PELC... Programa de Esporte e Lazer da Cidade.

P: Agora eu vou perguntar sobre o processo de capacitação pro Programa Segundo Tempo, eu queria que você descrevesse as etapas pra mim, tá, se foi vídeo aula, se foi equipe de colaboradores se vocês fizeram alguma viagem, tá... e eu queria que você dissesse também o que foi marcante pra você, o que foi diferenciado e de identificação pessoal? Aí depois faz um balanço, se você acha que foi satisfatório ou não para atuar no programa, se poderia ter sido melhor se poderia ter sido mais aprofundado.

R: A gente teve... a gente teve a capacitação sim... algumas... umas duas eu acho... e tanto teve é... a parte de vídeo aulas esse tipo de coisa como as palestras também... eu achei que podia ter sido melhor... eu achei que os palestrantes ficaram muito presos... a... passar os DVDs pra gente e muitas vezes assim... ficou assim só no DVD... então assim, se eles quisessem podia ter sido mais abrangente entendeu...() eles poderiam ter dado uma dimensão maior aos temas que foram escolhidos... mais foram capacitações interessantes... geralmente são professores que né... atuam há muito tempo nesses projetos e tal... então eles tem... a gente percebe que eles tem muito conhecimento... muita experiência... muita vivência... mais é... eu acho que poderia assim ter sido mais abrangente..

P: Tá... você acha que poderia ter (trago) mais exemplos... trago mais discussões... ?

R: É... eu que acho sim... poderia ter tanto ter... colocado mais os temas é... pra serem discutidos como as próprias palestras também... ao invés de ficar tão preso ao DVD é os palestrantes falarem mais assim do que eles conhecem e do que eles vivenciam também no projeto ou em outros lugares sobre... sobre o assunto... mais pra mim, assim pessoalmente eu acho que foi bom também porque a gente sempre tem alguma coisa que dá pra aproveitar... a gente tem sempre uma coisa que a gente aprende que a gente acrescenta é... de conhecimento mesmo.

P: E você conhece o livro de fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo?

R: Sim... foi passado pra nós.

P: Na sua opinião, se você pudesse fazer uma avaliação, os temas, os capítulos tratados nesse livro e as necessidades do programa na prática, são discussões pertinentes, são importantes, tem relevância? Ou às vezes é uma utopia...

R: Eu acho que... o programa social assim, tanto livro... quanto as palestras que foram passadas pra gente... eu acho que muitas vezes confrontam com a realidade... entendeu... num... o que eles passam pra gente é muito diferente do que você tá lá no núcleo na hora da prática... entendeu...então assim realmente é um pouco utópico é um pouco aquela coisa é... eles passam muito o que deveria ser... só o que deveria ser no dia-a-dia muitas vezes não consegue aplicar... não por culpa do professor... nem por culpa do projeto... nem por nada disso... mas é por... por... pelo sistema mesmo... pelos alunos a forma que eles recebem... então muitas vezes o professor tem que ter essa sensibilidade pra pegar a parte pedagógico que foi passado... seja o que você recebeu na faculdade... seja o que você aprendeu na capacitação ou no livro... mais pra você pegar isso e vamos dizer assim adaptar... pra realidade que você tá inserido... porque senão fica realmente aquela coisa que num... é... na teoria é de um jeito e na hora da prática completamente diferente.

P: E quais as dificuldades, se você identificar alguma, os problemas e as limitações presentes no seu contexto de trabalho dentro do programa segundo tempo?

R: eu acho no meu caso lá... no meu núcleo... eu acho que o problema começou pela infraestrutura mesmo... a gente tinha uma estrutura muito precária para trabalhar (é mais ou menos isso a pergunta?) e então assim... eu acho que teve pouco apoio...

P: O seu núcleo é dentro ou fora de escola?

R: ... O meu núcleo... ele é dentro de uma escola... mais é uma escola que tem dois professores de educação física... é uma escola que tem acho que mais que trezentos alunos... então tem uma quadra pra isso tudo...

P: Então vocês tinham que revezar?

R: É...fica () muito competitivo... você ter que dividir essa quadra com outros professores... principalmente é no caso dos alunos maiores... adolescentes... que tem aí... treze... quatorze... quinze... dezesseis anos... você dá aula em meia quadra fica muito complicado... então a gente utilizava as vezes um espaço que tinha ao lado da quadra... mas esse espaço como eu estou falando ele é muito precário... tinha era... era chão batido... tinha muitas vezes pedra... então ficava um tanto difícil pra gente é... ministrar a aula porque é por exemplo assim... você queria dar uma aula de handebol... como é que você vai ensinar um... quicar a bola se você tá trabalhando no chão... entendeu... e pros alunos também as vezes ficava incômodo... tinha atividades que a gente tinha muito medo de... ir mais profundo na atividade se por exemplo assim se dependesse de correr... você fica preocupado uma criança pequena descoordenada... cai... machuca... então assim é uma responsabilidade da gente também... então assim eu acho que faltou assim... desde da questão é... é..() a princípio que mais pesou foi isso... a questão da infraestrutura... agora quanto o material a gente teve e realmente a gente mesmo é que tinha que... vamos dizer assim... se virar né... pra... dar as aulas... pra bolar as atividades... a gente num teve acompanhamento de coordenador pedagógico... então os planos de aula é... era a gente mesmo que fazia baseado no que a gente ouviu na capacitação ou alguma informação que a própria coordenadora é... geral passava pra gente... alguma coisa assim... porque a gente não teve coordenador pedagógico... então assim teve alguns... algumas coisas que se tivessem sido melhores estruturadas eu acho que tanto pra nós professores como pros alunos teriam sido mais motivador.

P: Entendi. E quais são as satisfações presentes no seu trabalho? Prazeres...

R: Ah... eu acho que:: quando os alunos demonstram interesse é um fato motivador... porque qualquer professor fica desmotivado quando você quer... por mais que você tenha elaborado uma aula legal... e você chega lá... você num vê interesse por parte dos seus alunos você desmotiva... então eu acho que assim () o meu público lá... é a gente teve muita dificuldade... teve área de vulnerabilidade social... as vezes era difícil questão de violência... é... até...com a gente mesmo... então assim você tinha que ter muito jogo de cintura pra trabalhar... mais eu tinha também alunos muito bons... muito interessados... que... queriam aprender... queriam

fazer um jogo... claro que sempre tem aquela coisa do futsal ser muito forte... então você tem que negociar e tudo... mas havia interesse... havia boa vontade dos meninos e a gente teve um apoio legal também da direção da escola... entendeu... que é muito importante porque né... direção da escola pesa muito... então assim é... esse lado aí foi muito bom.

P: Entendi. E durante a capacitação para o trabalho você lembra se o tema corpo, gênero e sexualidade foi trabalho?

R: Não muito a fundo... mas foi.

P: A próxima pergunta era essa, se foi satisfatório e não e por quê?

R: Eu acho que foi sim é... é foi trabalho... foi muito visto essa questão de você agregar ao invés de excluir... é... a palavra muito usada era essa de agregar... de trazer o aluno é... pra... pro meio... e despertar também nos outros, quando havia alguma diferença, despertar nos outros o respeito... a consideração com o colega... é... mais assim... é... eu acho como as capacitações eram geralmente final de semana... então quer dizer uma coisa mais corrida... então não tinha como ir muito a fundo no tema né... e você também espera que o professor já tenha isso do curso da graduação... entendeu... mas assim eu acho que poderia ter é... tido um pouco mais de ênfase por parte de quem ministrou as palestras sobre o assunto... até porque um assunto que hoje em dia é relevante em qualquer lugar né... mais teve e... assim o que a gente sempre foi orientado pra isso nunca excluir mas agregar todo mundo.

P: Uhum... E você conhece o capítulo do livro de fundamentos pedagógicos que trata da discussão de corpo, gênero e sexualidade?

R: ((ruídos)) Num tô lembrando não...

P: Ele foi uns dos que foi passado em vídeo né?

R: ((ruídos))

P: Você lembra assim de ter visto...

R: Lembro, lembro, do vídeo eu lembro.

P: Mas aí no livro mesmo você num chegou a ler não?

R: ((ruídos)) Eu num lembro de ter lido no livro não.

P: Ah tá... Mas pela vídeo aula desse tema você consegue avaliar mais ou menos esse capítulo?

R: Mais assim... é... avaliar em que sentido que você tá falando?

P: Se ele foi bom... se ele foi meio superficial...

R: ((ruídos)) Eu acho que... eu acho que assim é... tratou de uma forma mais superficial sim... num foi assim igual eu falei... num foi aquela coisa assim que foi muito aprofundado... é... até porque eu acho eles esperam que a gente tenha o conhecimento sobre o assunto... mais é... foi... foi tratado foi discutido o assunto e sempre é... é incentivando também é... contato físico durante a aula... essa questão de né... de expressão corporal de saber como... eu lembro que foi dito assim... como é conduzir... porque as vezes tem aluno que extrapola um pouco... entendeu... então como que a gente deveria conduzir isso durante a aula.

P: Tá... E no seu núcleo você enfrenta alguma dificuldade para a inclusão de gênero?

R: De gênero sim... um pouco.

P: Pode citar algumas, por favor?

R: É por exemplo... às vezes os meninos implicam é com as meninas na hora de praticar uma determinada modalidade esportiva... se a gente como professor não tomar cuidado elas nunca jogam, por exemplo... porque os meninos querem a quadra o tempo todo... é... então... é claro que não são todos... tinha turma que havia () harmonia muito legal... que são várias turmas... então assim tinha turma que era tranquilo os meninos tratavam as meninas bem... respeitava... agora tinha turma que eles queriam se apossar da quadra...

P: Deve ser os maiores? Ou não? Não tem... essa relação?

R: ... Médio mais ou menos assim aluno de sexto ano... sabe... os mais velhos mesmo não tinha muito esse problema...

P: Entendi.

R: ... E por parte dos pequenos... das crianças aquela implicância né de ser ((risos))... menino que tem com menina... que menina tem com menino as vezes num quer brincar junto e tal... então assim a gente tentava né... contornar da melhor forma.

P: Entendi... e você acredita que o sexo do professor pode interferir na aderência e na permanência dos alunos e alunas? Por exemplo, homem vai ter mais menino no núcleo e mulher vai ter mais menina.

R: Eu acredito que não... pelo menos no meu núcleo isso não aconteceu não.

P: E como é a distribuição numérica de meninos e meninas no seu núcleo? Você não precisa falar o número exato, eu quero saber o que tem mais (proporção).

R: É... é... bem... é bem equilibrado... é bem equilibrado... mas tem mais meninos.

P: Quais são os conteúdos, as modalidades, as atividades que foram escolhidas para serem trabalhadas no seu núcleo? Pode ser essa que vocês escolheram e pode ser essa que você trabalhou para agregar também.

R: Sim... lá aconteceu o seguinte... é no segundo tempo a gente foi orientado a escolher duas modalidades de esporte coletivo que no meu caso foi handebol e futsal... e uma de esporte individual que no meu caso foi atletismo... mas no decorrer do projeto... são quase dois anos de projeto... então se percebe que vai ficando maçante aquilo e a gente ainda teve é... o programa tempo integral trabalhando em parceria com o segundo tempo... então assim o tempo integral também tinha as atividades que o outro professor queria ministrar... então o que a gente fez... a gente sempre acordava... então além desses que eu citei foi dado ping-pong... foi dado tênis de quadra... a gente baixava rede de vôlei e... e fazia... ensinamos pra eles um pouco de tênis de quadra... foi dado voleibol... é::: xadrez... é tinha muito lá na escola os meninos gostam muito dessa parte de cyber cultura né...esses joguinhos... de... computadores e tal... então assim a gente tentou misturar isso tudo até pra não ficar aquela coisa também cansativo de dois anos futsal... handebol... e atletismo.

P: E existia predominância de meninos e meninas em alguma atividade em específico?

R: Não... é no... eu até pensei no início quando eu fui pra lá que o forte seria futsal pra meninos e handebol pras meninas mais não...

P: Você foi com essa ideia ((risos))

R: ...É eu fui com essa ideia... mas não lá o futsal é muito forte tanto pros meninos quanto pras meninas... todos os dois gostam demais do esporte e assim é... eu acho que foi mais por uma questão de... de predominância foi de preferência mesmo por eles gostarem de futsal então tanto os meninos quanto as meninas tinham essa preferência.

P: Tá... E como que você trabalha os conteúdos com meninos e meninas, aula mista, aula separada, você faz alguma diferenciação? Em caso sim, em que se baseia essa diferenciação?

R: Não... geralmente eu opto pela mista.

P: Pela mista.

R: Eu gosto... eu gosto mais de trabalhar o misto até porque eu acho que se você separa é parece que você tá incentivando essa... essa discriminação que muitas vezes acontece até pela cultura de machismo mesmo... entendeu... então eu acho que assim... é os meninos tem que entender que as meninas tem potencial também... claro que respeitando força física... respeitando diferenças fisiológicas e tal mais que elas também tem potencial de aprender tanto quanto eles...tanto na parte de cognitiva quanto na parte da precisão do movimento também... elas tem condições de executar um bom movimento... então eu sempre optei pela... pela aula mista... eu acho que até é pra... incentivar esse respeito.

P: Tá... E se você percebeu algum fator como ajuda nas tarefas domésticas, violência urbana, se esses fatores influenciaram na aderência e na permanência das meninas no núcleo?

R: Sim... tinha muito isso... às vezes alguma menina começava a...a frequentar a aula... inscrevia e começava a frequentar a aula... e de repente precisava parar porque a mãe tá trabalhando e tinha um irmãozinho pequeno e tinha que tomar conta ou é... tinha que ajudar a mãe em casa... ou as vezes pegavam um... um trabalho de babá ou numa casa ou numa coisa assim pra... pra ter um dinheiro delas ou pra ajudar mesmo na família... então os meninos realmente tem mais disponibilidade.

P: Tá... e além desse, se você acha que violência urbana atrapalhou em algum momento?

R: É... não eu acho que assim com relação a frequência não... é mais... era mais essas questões domésticas mesmo.

P: Tá...() a minha parte acabou se você quiser deixar alguma coisa registrado pode ficar à vontade tá... quiser falar alguma coisa sobre o projeto... alguma crítica construtiva pode ficar a vontade.

R: É eu acho que foi falado que realmente é... faltou foi um pouco mais de... de apoio tanto na parte pedagógica quanto na parte estrutural (por conta de não ter o coordenador) mais eu acho

que assim fazendo um balanço final foi bem desenvolvido foi tranquilo... é teve alguns problemas de violência mais graças a Deus a gente teve o apoio da direção da escola... é a polícia militar também em alguns momentos assim mais críticos no decorrer do projeto a polícia estava duas ou três vezes por semana lá na escola então teve esse apoio também... então eu acho que no balanço final foi... valeu muito a pena.

APÊNDICE AA**Entrevistado 14**

P: Nome completo? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Idade?

R: 35.

P: Sexo?

R: Masculino.

P: Por que você escolheu Educação Física para sua formação profissional?

R: Porque... é:.... eu acho de extrema importância eu passar conhecimentos a respeito de saúde para a população seres humanos em geral.

P: Qual instituição que de ensino você fez a sua formação?

R: FAGOC.

P: Área de interesse na atuação profissional? Escolar? Academia?

R: Ah:.... as:: diversas.

P: Ah tá... Como você ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: Através de concurso.

P: Processo seletivo?

R: Processo seletivo.

P: E há quanto tempo você está atuando?

R: Fazem quase um ano.

P: Quase um ano... então você não entrou desde o início não?

R: Não, não.

P: Ah tá... qual era sua expectativa pro trabalho antes de ingressar no programa?

R: Minha expectativa::... era de atender um grande número de beneficiados e poder proporcionar a eles é:: vários benefícios não só da educação física quanto questões sociais também

P: Entendi... e como que você avalia o programa de forma geral?

R: Excelente... excelente, de extrema importância pra...pra esta apoiando ai desenvolvendo a educação física e a questão social mesmo de integração... muito... de muito benefício pra eles

P: Entendi... durante a sua formação acadêmica você teve na grade curricular do curso de educação física disciplinas que tratassem ou abordassem temas como corpo, gênero e sexualidade?

R: Sim.

P: Como que foi esse contato?

R: Ham... tem muito tempo da, da (questão) da minha formação mas...

P: Sim... você lembra... não precisa lembrar qual disciplina que foi mas foi através de discussão de texto, foi algum filme você lembra como que foi? Como que foi tratada essa temática?

R: É foi... foi através de filmes através de atividades mesmo, atividades é:: atividades práticas os professores é executavam pra gente nas aulas práticas e até mesmo com imagens trabalhos dinâmicos que eles desenvolviam conosco

P: Você já havia atuado em outros projetos sociais inseridos nas políticas públicas de esporte e lazer?

R: Não.

P: É a primeira vez numa política pública?

R: Primeira vez.

P: Tá... Descreva quais que foram as etapas e os processos? como você entrou depois você passou por alguma capacitação?

R: Passei por capacitação interna...

P: Interna...?

R: É.

P: Ah tá... E como que foi essa capacitação? Eles te passaram alguns vídeos? Como que... Te forneceram algum material?

R: Exatamente... foi fornecido o livro é:... vídeo e instruções do nosso coordenador geral né

P: Ah tá... E você acha que foi satisfatório pra sua atuação?

R: Ah:: com certeza principalmente o livro.

P: Ah tá... Então você conhece o livro de fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo?

R: Conheço.

P: Tá... Se você conhece qual que é sua avaliação sobre os temas, sobre os capítulos tratados no livro e as necessidades do programa na prática? Você acha que as discussões são pertinentes são importantes e tem relevância no seu trabalho?

R: Com certeza muita.

P: Ajudaram no seu trabalho?

R: Ajudaram bastante... bastante.

P: Você identifica dificuldades problemas e limitações no seu trabalho no contexto do programa segundo tempo? Essas limitações podem ser espaço físico, indisciplinas das crianças alguma coisa que você quiser identificar.

R: No caso, espaço físico não e nem material também eu não posso questionar, reclamar dessa questão é:: a questão do comportamento dos alunos sim mas é:... com o término do trabalho agora acredito que lá no núcleo onde nós trabalhamos nos obtivemos bastante sucesso

P: O seu núcleo funcionava dentro ou fora de uma escola?

R: Dentro de uma escola.

P: Então vocês usavam o espaço da escola?

R: Exatamente

P: E quais são as satisfações presentes na sua atuação profissional dentro do Programa Segundo Tempo?

R: Satisfação pessoal?

P: É.

R: Muitas, muitas () muito satisfeito... muito mesmo.

P: O retorno que você tinha das crianças?

R: Retorno de, de... dentro do objetivo traçado que nós é planejávamos é::... questão de...principalmente dessa questão que eu particularmente observo muito tento trabalhar bastante na questão social de educação... resultado satisfatório quase que total

P: Tá... E você me disse que você fez uma capacitação interna, você não participou daquela capacitação que todo mundo fez né... porque ela foi anterior a sua entrada.

R: Isso, isso.

P: Então você sabe me dizer se durante a capacitação para o trabalho... que foi feita com você o tema corpo, gênero e sexualidade foi trabalhado... em específico?

R: Foi mas é::... foi muito pouco.

P: Ah tá... Então próxima pergunta é se você acha que foi satisfatório ou não? e por que?

R: Aham... eu acho que por eu ter começado já é::

P: Com o programa em andamento?

R: Exatamente com o programa em andamento é::... as informações...o curso assim vamo por assim () foi muito rápido acho que quem entrou no início foi beneficiado melhor com essa questão de (informação).

P: Tá... E você conhece o capítulo do livro de fundamentos pedagógicos que trata da discussão de corpo, gênero e sexualidade?

R: Capítulo?

P: É... porque o livro ele é formado por vários capítulos aí eu gostaria de saber se você conhece esse em específico, se você teve a oportunidade de ler?

R: Lemos sim.

P: Ah tá... E qual que é a sua avaliação sobre esse capítulo?

R: É::... são vários capítulos né... que a gente tinha que abordar em (nosso planejamento) de aula é muito bom, muito bom ajudou bastante nosso desenvolvimento pra passar essas questões pros alunos né principalmente no núcleo que a gente trabalha que o bairro ali precisa de bastante formações pra esta ajudando (a eles) nessas questões

P: Tá... E você enfrentou alguma dificuldade na inclusão de gênero no seu núcleo?

R: Não... não.

P: Tanto menina quanto menino participava sem problema nenhum?

R: Sem problema nenhum.

P: Ah tá... E você acredita que o sexo do professor pode interferir na aderência e na permanência dos alunos ou alunas? Você acha que por exemplo ou homem atrai mais menino e mulher mais menina? Ou isso não interfere?

R: Hum::... acredito que seja essencial o fator principal que isso possa atrair ou até manter os alunos lá depende de cada profissional que esta trabalhando com os alunos

P: Entendi... E como que era a distribuição numérica de meninos e meninas no seu núcleo? Você não precisa falar o número exato, mas o que tem mais meninos ou meninas? Ou é equivalente?

R: não com certeza meninos é um número maior.

P: Quais são as modalidades conteúdos atividades que foram escolhidas e são trabalhados em seu núcleo?

R: Handebol, atletismo e futsal.

P: Essas foram as três escolhidas e durante esse tempo você ficou, você acrescentou mais alguma?

R: Sim acrescentou o basquete.

P: Basquete... tá... Existe predominância de menino ou de menina em alguma atividade em específico? Por exemplo no handebol pratica meninos e meninas ou prevalecem (as meninas)?

R: Ham... no handebol pratica os meninos e meninas no futsal também só que o futsal normalmente o publico masculino é:.... eles tem essa prioridade.

P: Predominância?

R: É predominância.

P: E como que você trabalha os conteúdos com os meninos e as meninas? Há alguma diferenciação? Caso sim em que se baseia essa diferenciação? Você faz turma mista? Você separa por idade?

R: Não, nós trabalhamos com turma mista, nós trabalhamos com turma mista

P: Todas as atividades?

R: Todas as atividades, atletismo principalmente que as meninas no nosso caso elas gostam bastante também.

P: Entendi... E você percebe se fatores externos como ajuda nas tarefas domésticas, violência urbana e além desses se há outros que você observou no seu trabalho interferem no acesso e na permanência das meninas nos núcleos PST? Você acha que o fato de ter menos meninas pode ser devido ao fato delas trabalharem em casa? Ou ao fato delas terem medo? Os pais não deixarem participar?

R: É... não aqui na afirmação, esses fatores que na pergunta tem são os principais com certeza e tarefas domésticas acredito que até mesmo os próprios pais pode interferir nessa questão de achar que vai esta fazendo com turma mista pode esta, os pais podem esta interferindo sim nessa questão acredito sim.

P: É a minha parte acabou ai se você quiser expor alguma coisa falar sua opinião sobre o projeto sobre a continuidade dele ou não pode fica a vontade tá.

R: Bem... eu acho muito válido é:.... a gente, acredito que todos os coordenadores até coordenador geral não sabe se nós vamos estar continuando ano que vem com esse projeto eu

acredito que seria de extrema importante sim essa continuidade desse projeto porque aqui em Ubá no caso são se não me engano quinze se nós colocarmos cinquenta beneficiados em cada que é pouco, no meu caso tem até muito mais que cinquenta a sociedade vai estar perdendo muito ai com principalmente atividade física que ajuda muito em várias questões vamos vê ai se ano que vem vamos continuar com o projeto porque não depende da gente.

P: Então tá certo. Obrigada

R: De nada.

APÊNDICE AB**Entrevistado 15**

P: Nome completo? OBS. O nome foi retirado para a preservação do anonimato do participante.

P: Idade?

R: 23 anos.

P: sexo?

R: Feminino.

P: Por que você escolheu Educação Física para sua formação profissional?

R: Porque... eu gosto da prática esportiva, da qualidade de vida que oferece a Educação Física

P: Em qual instituição de ensino superior que você fez a sua formação?

R: FAGOC.

P: Qual a área de interesse de atuação profissional?

R: É... escolas.

P: Como ingressou no Programa Segundo Tempo?

R: Através do processo seletivo.

P: Tá... E há quanto tempo está atuando?

R: Dois anos.

P: Qual era expectativa para o trabalho antes de ingressar no programa?

R: Melhorar é... no... deixa eu pensar... mudar o meio social dos alunos... pela parte esportiva com mudança no meio social que ele estava inserido.

P: Entendi... Como você avalia o programa de forma geral?

R: A proposta é boa, depende dos profissionais que vão exercer essa proposta né... no meu núcleo eu consegui mudar a realidade dos meninos não tanto quanto eu queria, mas eu

consegui trazer eles pra lá, no horário que estão comigo não estar fazendo outras coisas lá ne usando drogas, ociosos que está é a proposta do segundo tempo transformar o meio social que ele esta inserido da comunidade de risco então pelo menos três horas diárias eles ficavam comigo nessas três horas eu me preocupava com eles e tentava transformar essas três horas em práticas esportivas, sociabilidade... essas coisas

P: Entendi... Durante a sua formação acadêmica você teve na grade curricular do curso de Educação Física disciplinas que tratassem ou abordassem temas como corpo gênero e sexualidade?

R: Sim.

P: E como foi esse contato?

R: Foi rápido.

P: Você não precisa lembrar a disciplina não, mas você lembra se foi filme discussão com texto?

R: Foi discussão com texto, mais debate.

P: E você já havia atuado em outros projetos sociais inseridos nas políticas públicas de esporte e lazer?

R: Não.

P: No PELC você não trabalhou não?

R: Não.

P: Quais foram as etapas e os processos da capacitação pra trabalhar no segundo tempo? Vídeo aula, equipe de colaboradores queria que você dissesse se foi satisfatório ou não? O que te marcou mais?

R: Foi vídeo aula, também teve capacitação é... porque foi... pro recreio nas férias que foi com o pessoal lá mesmo do ministério que veio da essa prática pra gente... teve pontos positivos e negativos né... para iniciar a gente não teve capacitação a gente teve depois... depois de quase um ano já praticando que agente teve a capacitação ela veio retardada ((risos)) retardatória ai... é... muito rápido, algumas dúvidas a gente trouxe e os coordenadores não souberam responder pra gente, continuou a mesma coisa e quando vem nos avaliar cobrou o que não

havia explicado né... ressaltou só os pontos como...na minha avaliação pelo menos é:: o que ele ressaltou gente? ah ta... formatação de planos de aula não pego a como é que eu falo? o modo grosso do negócio não, ele ficou focado nos mínimos detalhezinhas, não nos benefícios não nos beneficiados que estavam ali não no que estava sendo o agente transformador não, isso ai não, ele só pegou os detalhes mínimos e transformou isso na avaliação.

P: Entendi... E você conhece o livro de Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo?

R: Conheço...

P: Tá... Qual a sua avaliação a sua opinião sobre os temas capítulos tratados no livro e a necessidade do programa na prática? Você acha que as discussões são importantes? São temas pertinentes? Teve relevância? Te ajudou no trabalho nos núcleos?

R: Ajudou... ajudou sim.

P: Então você avalia ele positivamente?

R: Avalio positivamente...s ó que tem a questão das... das diferenças de lugar pra lugar né tem que adaptar isso ai, lá pede que o programa seja padrão, mas não é padrão cada lugar tem uma diferença uma peculiaridade, mas dificuldade menos dificuldade igual funciona dentro de escola ou só em bairro em bairro não tem o amparo da escola então o menino faz o que quer com os professores mais riscos né porque o fundamento é trabalhar com as crianças em risco muitas vezes usuário de drogas vai é... ameaçar o professor né e lá esta padrão, mas não é padrão não é não padrão, deveria adaptar isso ai

P: entendi... É... Quais as satisfações presentes na sua atuação profissional no Programa Segundo Tempo?

R: Eu gosto muito de dar aula lá, esta acabando eu gosto dos meus alunos é... vejo a diferença quando tem aula quando não tem aula é... a cobrança que eles me fazem e o que eu cobro deles é recíproco também eu cobro muito e eles me cobram demais também e esse ponto é positivo eles aprenderam, desenvolveram bastante ao logo desse tempo que a gente trabalhou lá é..

P: E as dificuldades problemas e a limitação que você encontra?

R: (uma pausa de novo? Tem alguém me ligando a cobrar aqui) Ham?

P: Eu estava te perguntando sobre as dificuldades e os problemas que você encontra no seu trabalho? pode ser estrutura física alguma (coisa que você nota).

R: Fisicamente eu não tenho problema eu trabalho dentro da escola quadra nova a diretoria e a escola e a comunidade da o maior apoio é... a única dificuldade é de manter o número de cem beneficiados sendo que o projeto é social então vai quem quer eu não posso obrigar ninguém a ir ai tem que manter a meta a pressão de ter os cem beneficiados no programa de mantê-los ali sendo que uns iam uma vez por mês ou dois em dois meses aparecia, essa cobrança essa dificuldade em manter os alunos interessados ali... a estrutura só tem um problema que a quadra não é coberta ai sol, ou então muito sol ou muita chuva.

P: E durante a capacitação para o trabalho você lembra se o tema corpo, gênero e sexualidade foi trabalhado?

R: Foi... tá... mas tardia né foi depois de um ano e meio.

P: Ah tá (capacitação) foi tardia...

R: Isso.

P: De que forma esse tema específico foi trabalhado? Você lembra?

R: Não...

P: Tá.

R: Eu lembro que falamos disso da diferença na adolescência dos meninos como trabalhar eles unificado, menino com menina pra não por em prática separada...

P: Passaram a vídeo aula?

R: ...Não passou isso não, ele só comentou mesmo.

P: Ah tá... tá joia... E você conhece o capítulo do livro que trata sobre corpo, gênero e sexualidade?

R: Não.

P: Tá... São enfrentadas dificuldades para inclusão de gênero no seu núcleo? Menino e menina.

R: Não... socializam bem.

P: Tá... Você acredita que o sexo do professor pode interferir na aderência e permanência dos alunos? Homem vai atrair mais (menina)?

R: Não, eu acredito que não vai depender da postura dele.

P: Tá... E como que era a distribuição numérica de meninos e meninas? Você não precisa falar a quantidade exata.

R: Eu tinha mais... eram três turmas de manhã mais meninas na primeira turma na segunda equilibrava e na terceira muito mais meninos (nos maiores).

P: Na turma dos maiores a predominância era de meninos?

R: Isso, Isso.

P: E quais os conteúdos? As modalidades as atividades que eram trabalhadas no seu núcleo?

R: Vôlei, futsal, handebol, basquete e atletismo.

P: Tá.

R: E jogos intelectuais: dama, xadrez.

P: E existia predominância de menino ou de menina em alguma atividade em específico?

R: Não porque eu fazia misto.

P: Tá... E como que você trabalhava os conteúdos com as meninas e os meninos?

R: Mesma forma.

P: Tudo misto, né?

R: Uhum::

P: E você percebe se fatores externos como ajuda nas tarefas domésticas, violência urbana e além desses se há outros que você observou em seu núcleo interferiram no acesso e na permanência das meninas?

R: Sim... não das meninas não.

P: Não?

R: Dos meninos sim, que é o caso das drogas.

P: Ah tá... Você acha que a droga atrapalhava sim?

R: Sim... é porque chegava um dia ou outro ia ou então quando a gente começava a fazer, o outro chamava para usar droga e ele queria sair de qualquer maneira e eu não pude ficar retendo ali, tive que deixar ir.

P: Ah tá... Mas quanto assim questão de tarefas domésticas?

R: Não... elas iam as mãe deixavam elas irem, quando terminasse, elas terminavam de fazer o serviço doméstico.

P: Ah tá... Então tá joia... O espaço está aberto se você quiser falar mais alguma coisa sobre o programa, seu nome será preservado e de antemão eu já agradeço a participação.

R: Tá joia... tranquilo.

P: Obrigada.

APÊNDICE AC

ENTREVISTA – Professora Silvana Vilodre Goellner

Aline: Então professora... antes de mais nada eu quero agradecer a oportunidade, não estava contemplado no projeto, mas é uma ótima oportunidade, eu tenho certeza que vai contribuir muito e aproveitando que a senhora tá aqui a gente vai conversar um pouquinho sobre a inserção do caderno de corpo, gênero e sexualidade no livro pedagógico do PST. Quais foram as dificuldades, as discussões como que se iniciou, aí eu queria que a senhora contasse um pouquinho dessa trajetória.

Silvana: Certo, é... a discussão sobre gênero no PST ela já inicia na primeira, na primeira publicação que foi acho que 2008 talvez tem que olhar depois confere a data (Aline: tá eu confiro) que é o capa verde, né (Aline: isso) aquele livro de capa verde que é quando assume é... na a coordenação pedagógica quem assume é professor Amauri Bássoli de Oliveira daí conversa com o professor Ricardo Peterson assume a organização estrutural, digamos assim, desse projeto de capacitação com as universidades envolvendo acho que na época dez universidades e esse material então já foi já apareceu num texto uma discussão sobre gênero junto com a discussão sobre deficiência, a convite do professor Amauri para a professora Ruth Cidade e o professor Alexandre Carriconde que fizeram um texto que tematiza as questões de gênero, é... imediatamente acho que dois anos depois tem um novo, um novo material de formação que são os Fundamentos Pedagógicos e daí nesse processo eu fui convidada pra escrever sobre gênero, a discussão se deu também numa apresentação que foi feita na UFRGS do Programa Segundo Tempo pelo professor Amauri que ele explicou aos professores o que era o programa, quais as linhas como que estava se desenvolvendo e nessa, apresentação eu perguntei e chamei a atenção que achava que tinha que ter uma discussão mais aprofundada sobre as questões de gênero porque existia um número de meninas muito menores que o número meninos acho que aproximadamente não chegava a trinta por cento e que eu achava que a discussão tinha que ser potencializada no sentido de tentar estratégias pedagógicas que as meninas aderissem ao programa e permanecessem no programa e acho que sei lá uns seis meses depois eu fui chamada pelo próprio Amauri e pelo Ricardo a escrever um texto sobre gênero pro Fundamentos Pedagógicos e a participar nas capacitações daí então iniciou esse processo da inserção sobre a dinâmica de gênero nessa ocasião eu falei que também trabalharia com as questões de corpo, gênero e sexualidade porque são três temas que não tem como fazer muito em separado. Paralelo a esse movimento a Leila Mirtes do Ministério do Esporte me chamou para escrever um material pedagógico para o PELC,

Programa de Esporte e Lazer na Cidade, quando eu recebi esse convite, já tendo uma parceria antiga com a Ludmila, eu chamei a Ludmila pra gente pensar junto esse material e também participaram o Votre, o Sebastião Votre e a Márcia Figueira que na época era minha orientanda de doutorado, lá em Porto Alegre, então a gente produziu aquele material que não sei se vocês tem aqui que é aquele do olhinho... (Aline: É uma cartilha, sim eu já tive acesso a ela). Silvana: ...É uma cartilha, aquele material é um material básico que a gente produziu em conjunto que parte dele acaba se desdobrando em outras ações do PST, então parte desse material também está no material do PST que daí a gente publicou junto com a Ludmila, o Votre e a Márcia um texto na revista Licere, publicamos um capítulo de livro sempre originário dessa compilação que a gente fez, então eu participei dos Fundamentos Pedagógicos do Segundo Tempo que foi um material e o processo foi muito interessante construção desse livro porque a gente escreveu os textos, todos os autores com as temáticas, temática do lazer, do esporte e a gente fez um encontro em Maringá no qual os autores apresentaram pra todos os outros autores os seus textos (Aline: os capítulos) pra equipe pedagógica do Programa Segundo Tempo e a gente discutiu cada texto e refez o texto a partir desse material, desculpa, dessa reunião. Então, por exemplo, a sugestão de atividade, sugestão de filmes que acaba contemplando ali naquela discussão dos Fundamentos Pedagógicos, é... sugestão de perguntas pra fazer pra alunos surgiu desse debate a partir disso o PST começou a ampliar suas ações e apareceu a possibilidade, uma das ações é o Recreio nas Férias, o projeto recreio nas Férias, então houve o Recreio nas Férias fez um vídeo de capacitação pros seus monitores que eu participei eu acho que eu devo ter gravado uns quatro vídeos tanto pro PST quanto pro Recreio nas Férias. O Recreio nas Férias produz também um livro produziu livros um sobre lazer, um sobre jogos olímpicos, outro sobre sustentabilidade e o do lazer ainda não estava participando do Recreio nas Férias, mas tanto o de sustentabilidade e o comemorando os dez anos de PST e o de jogos olímpicos tem um texto também chamando a atenção para questão da discussão de gênero dentro dessas temáticas, então foram esses processos e também teve um curso de educação a distância que eu participei com a temática e uma vídeo conferência no Ministério da Educação naquele Programa Mais Educação que eu também fui e participei, então, o que eu acho legal assim de ressaltar é como que o Ministério do Esporte assumia discussão de gênero como uma discussão de importância nos seus programas sociais, então tanto o PST quanto o PELC fazem, tem a discussão. Eu participei também isso deve ter sido em 2010 de todos os encontros regionais do PELC, de formação do PELC, que foram cinco discutindo sempre gênero e sexualidade e o que foi bem legal assim de destacar é que quando eles fazem aquela avaliação que eles chamam de pizza com as coloridas: gostou? não

gostou? aquela coisa, o tema de gênero e sexualidade era o que tinha maior aceitação que eu acho que é exatamente por ser... ninguém fala sobre isso, as pessoas não se sentem capacitadas pra fala então tu ver alguém falando chama a atenção então teve todo esse processo do PELC, o PELC agora está fazendo uma formação a distância que vou também fazer a formação com eles eu participei a duas semanas atrás já do encontro dos formadores do PELC sobre... não era sobre gênero e sexualidade, mas eu acabei...era esporte e lazer em diferentes contextos sociais daí eu trabalhei com as coisas de raça e etnia, trabalhei com saúde e acabei trabalhando também com gênero e sexualidade ao final do encontro os coordenadores vieram me chamar pra fazer a discussão de gênero e sexualidade na formação a distância que vai ter , então eu acho que essa discussão impacta e é importante nesse sentido, agora eu quero chamar a atenção assim o Ministério do Esporte, pela primeira vez, o governo federal assume dentro do campo do esporte essa discussão como uma discussão pertinente, isso acho que é bem positivo .

Aline: E sobre as capacitações aí você trata direto do tema corpo gênero e sexualidade (Silvana: exatamente) para depois os outros formadores repassarem pros monitores?

Silvana: Existem vários processos de formação né tem a capacitação presencial, tem a capacitação a distância, capacitação pelos vídeos então a gente geralmente trabalha com os coordenadores das equipes pedagógicas que depois trabalham com os coordenadores de núcleo e que trabalha com os monitores, então eles que fazem essa capacitação e daí utiliza o texto e utiliza os vídeos, a gente tem eu acho que quatro vídeos produzidos.

Aline: E vocês têm algum retorno dessas capacitações dentro lá da prática nos núcleos? é porque é isso que eu quero investigar.

Silvana: É... eu acho que é isso que tu tem que investigar, acho que...como o projeto é muito grande, atende mais de dois milhões de crianças eu não sei quantos números de núcleos, não tem uma avaliação tão forte; agora em Brasília, pro encontro que teve em Brasília foi feito, as equipes colaboradoras fizeram um exercício de ir nos núcleos avaliar como que alguns temas estão sendo trabalhados... o do, a discussão sobre gênero e sexualidade foi uma discussão que apareceu como importante, porém com dificuldades para trabalhar com “tinha que ter mais exemplos”. Agora o Ministério do Esporte tá preparando todo um material que é pra capacitação que vai ser a distância que é sobre o esporte, mas dentro de cada tema do esporte já entra a discussão de gênero junto quem está produzindo é a professora Suraya Cristina Darido; então... eu acho que sim, mas não tem uma avaliação sistemática assim, tem um

exercício avaliativo que foi feito e que foi considerada uma discussão importante, mas que precisa enfim ser mais aprofundada, ou ser mais... não tanto ser aprofundada do ponto de vista teórico, mas como então fazer com que as meninas permaneçam lá? Como que eu faço quando chega um aluno com problemas de assédio sexual ou que sofreu violência sexual... essa dificuldade que eles tem, me parece. (Aline: Entendi! Porque esse é o meu objeto de investigação). Silvana: É acho que é isso que tu tem que investigar, que é muito legal de saber como que esse material ele chega ele é aplicado nas atividades. (Aline: Se é aplicado... se os monitores têm conhecimento...). Silvana: Se conhecem, se fizeram a capacitação, as dificuldades que encontraram na capacitação, como que eles repercutem ne ou reproduzem ou pensam aquilo que eles ouviram na situação concreta de aula acho que isso é o positivo de tentar avaliar.

Aline Entendi! Bom, eu acho que era isso. João (João Paulo Fernandes Soares, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, campus Governador Valadares), quer perguntar mais alguma coisa?

João Paulo: Bom, professora tem mais uma questão é... geralmente nas capacitações o que agente percebe é que uma discussão sobre inserção e permanência das mulheres é muito forte, e que existe até uma certa timidez em tratar da questão dos homossexuais, a discussão é de como que esses sujeitos estão inseridos nesses projetos e como que essa condição de gênero pode fazer com que elas evadam do projeto é... como que foi essa elaboração dentro do caderno pedagógico que você criou e como que isso foi aceito pelos formadores de forma geral?

Silvana: Não... foi aceito porque não tinha como dizer não, e assim o jeito que eu falo, vocês viram foi um jeito muito... não vem muito com a teoria então... eu sempre tento traduzir de uma forma bem tranquila pelo menos o mais simples, entender aquilo que eu estou falando e sempre vem com muita brincadeira no final sempre tem alguém que faz uma piada alguma coisa assim daí eu digo, daí eles brincam “tá vendo, isso é coisa pra Silvana resolver”, eu digo, como assim... isso é coisa pra gente está atento. Eu acho que a discussão... o importante é que a discussão se faz acontecer; eu vejo que tem resistência, é óbvio que tem todo mundo fica olhando, as vezes arregala um tamanho, um olho desse tamanho, às vezes eu dou uns exemplos bem radicais pra impactar mesmo; pra ver a reação... eu sinto que uma discussão de sexualidade incomoda não é uma discussão fácil, mas assim não tem nenhuma, tipo “não pode fazer”, mas ao mesmo tempo talvez ela não seja trabalhada nas capacitações

porque não é fácil de se trabalhar porque implica muitas coisas , implica preconceito , implica conceitos historicamente construídos né, implica suas próprias crenças, quer dizer e aí é muito claro e mexe com situações difíceis, a gente vê o menino ou a menina que às vezes tem uma certa orientação ou que se pressupõe que tem, que às vezes nem está isso na criança, o adulto que já está olhando, já vai estigmatizando aquilo... ele é objeto de insulto ou ela de insulto de brincadeira, que a brincadeira nada mais é do que uma forma disfarçada do insulto, então... é presente, mas assim nem um momento a equipe pedagógica disse: “olha, esse tema tu não pode abordar”, não... sempre tive muita liberdade pra escrever aquilo que eu queria escrever pra dizer aquilo que eu quero dizer. É um tema polêmico assim, e acho que talvez uma das dificuldades de trabalhar é exatamente daí, se pensar em todo esse movimento que houve a partir do Marcos Feliciano de um certo... recrudescimento e da cura gay, da conversão gay, da patologização, que dizer... isso é bem difícil de ser observado, até porque muitas das pessoas que estão na plateia são, compactuam dessa visão e eu sei que é difícil, o pensamento religioso, é uma coisa que não tem... não se questiona, por isso que é uma... o pensamento religioso é isso... se acredita piamente naquilo, não dá liberdade de pensar de modo diferente, de trabalhar com outros horizontes, a não ser tentar minimizar um pouco os danos, eu acho que a maior discussão crítica é essa e é por isso que está no PST, essa discussão, porque efetivamente são pessoas que sofrem nos projetos sociais; os meninos gays, por exemplo, tem muitas dificuldades de aderir aos projetos sociais porque eles até entram, e a permanência não se dá porque o insulto, a chacota, o tempo inteiro, muitas vezes a gente já presenciou situação no projeto da professora deixar um menino gay lá fora, não chamar ou... eu vi uma aula de capoeira uma vez que tinha um menino que a professora não se dirigia a ele porque ele era um menino que tinha todo um... gestual muito feminino, ele se chamava de madona, queria que chamasse ele de madona, e ela recorria, ela olhava todo mundo, corrigir não é a palavra, mas orientava o movimento de todo mundo ela não dava atenção para o menino, não deu outra, o menino não foi mais, ele não se sente aceito, não se sente reconhecido, não se sente bem (Aline: parte daquele grupo) parte daquele espaço, então... acho que essa é a questão que é importante sim de tá atento, que é pensar que as diferenças no mínimo precisam ser respeitadas e não toleradas só, quanto eu tolero o outro eu me sinto ainda melhor que o outro eu apenas te tolero e não te respeito esses são temas que eu acabo trabalhando goste ou não goste, pactue ou não pactue não posso simplesmente evitar que alguma pessoa participe de um projeto social gratuito para crianças em situação de vulnerabilidade que não tem acesso as práticas corporais e muitas vezes ao lanche que eles

comem lá porque enfim não atendem as normas de gênero ou sexualidade, então um pouco dessa discussão que a gente vai fazendo...

João Paulo: Professora, só uma outra questão, é... o projeto da Aline ela tem percebido que existe um certa dificuldade na orientação dos cadernos (livro de fundamentos pedagógicos do PST), nas capacitações chegar ate a ponta que são os monitores, como no PST todos os monitores são estudantes de Educação Física e os coordenadores são formados em Educação Física , isso poderia aponta ate para uma limitação do currículo no curso de Educação Física... (Silvana: Não tenho a mínima dúvida) eu gostaria que você falasse um pouco sobre isso...

Silvana: Não tenho a mínima dúvida, os cursos de formação não trabalham com essa temática, e o que eu percebo, porque eu coordeno também o projeto memórias do PST, então no Centro de Memória do Esporte a gente tem repositório digital com os materiais, por exemplo, todos os livros do PST estão lá, todos os vídeos do PST estão lá, vários documentos, fotos, não sei o que... os livros do PST são os documentos, mais baixados da universidade toda, isso tem um impacto, ou seja, quem que recebe o livro do PST, ele não é um livro que é vendido, ele é entregue gratuitamente pelo Ministério do Esporte pros núcleos que tem o PST, então não está nas universidades, mas a temática ela é referência para as universidades então os muitos alunos, professores, baixam fazem o downloads, desses materiais, e é isso, essa formação, essas discussões não passam na formação, grande medida não passam se não tem algum pesquisador ou pesquisadora que trabalha com essas temáticas no corpo docente, mesmo as questões, a questão com raça e a etnia, não passa, não passa, passa batido; não existe a discussão, não existe; então acho que mostra claramente a deficiência dos currículos de formação pra trabalhar com essas temáticas, porque elas não estão colocadas, eu tenho clareza e daí eu acho de novo que o PST tem um legado importante, uma contribuição importante ne, que é produção destes materiais, que eles estão, eles ficam para além do projeto porque a gente inclusive disponibiliza eles pra que eles possam ser acessados e não se pague por eles, não tem como ter o livro do PST se não tá vinculado ao PST, ao Programa Segundo Tempo, mas o currículo de formação é isso... e assim ali hoje de manhã (palestra feita no “II fórum de mulheres no esporte” da UFJF) a temática me parece que foi bem aceita, provavelmente eles não viriam isso se não tem aula com a Kalyla (Professora do curso de Educação Física da UFJF) que vai discutir raça e etnia alguma coisa ou passe por e não tem aula com a Ludmila, nunca nem vão ouvir, mesmo que já exista uma resolução que essa discussão tem que estar presente, mesmo que exista um movimento que a anos se faz da discussão de gênero, não

acontece na Educação Física, parece que ela não é importante, mesmo que desde 96, tem os Parâmetros Curriculares Nacionais que tem lá no termo orientação sexual a discussão de gênero, ela não aparece, porque quem não se sente familiarizado com o tema ou acha que, é uma questão menor, ignora, ignora, diz que isso é papo de quem não tem o que fazer, sei lá, que isso é complicado que é qualquer coisa, mas não é, são temas políticos por isso que o teu trabalho tem uma importância bem legal assim de ver como que esse material está sendo utilizado se ele consegue chegar na ponta, porque uma coisa é idealizar o projeto e outra vê como que ele acontece lá, se as pessoas se apossam se utilizam desse material, pra discutir as suas temáticas... bem bom, é isso?

João Paulo: Ok, gostaria de agradecer a professora.

Aline: Muito Obrigada.

Silvana: Nada, imagina, estamos na parceria.